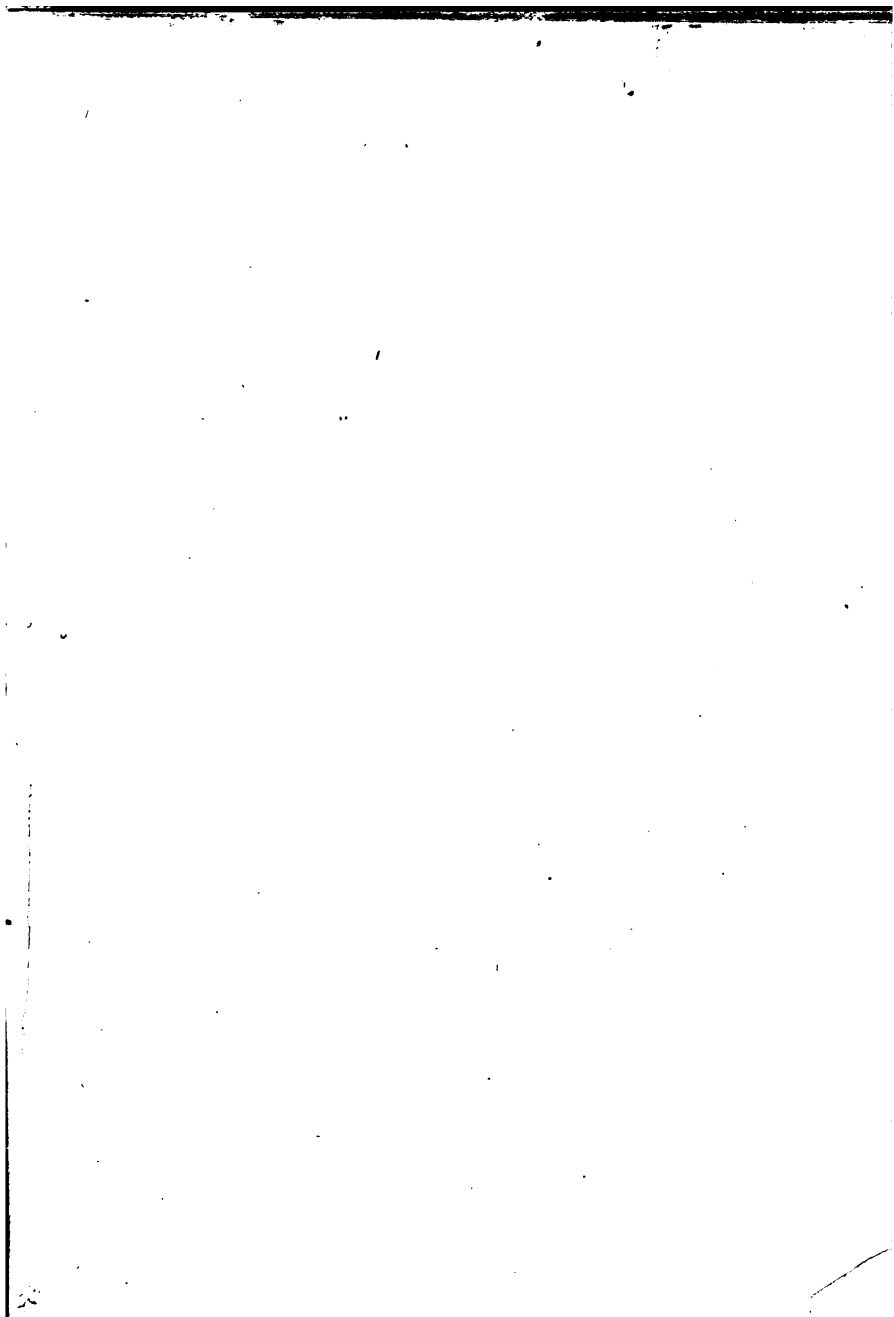
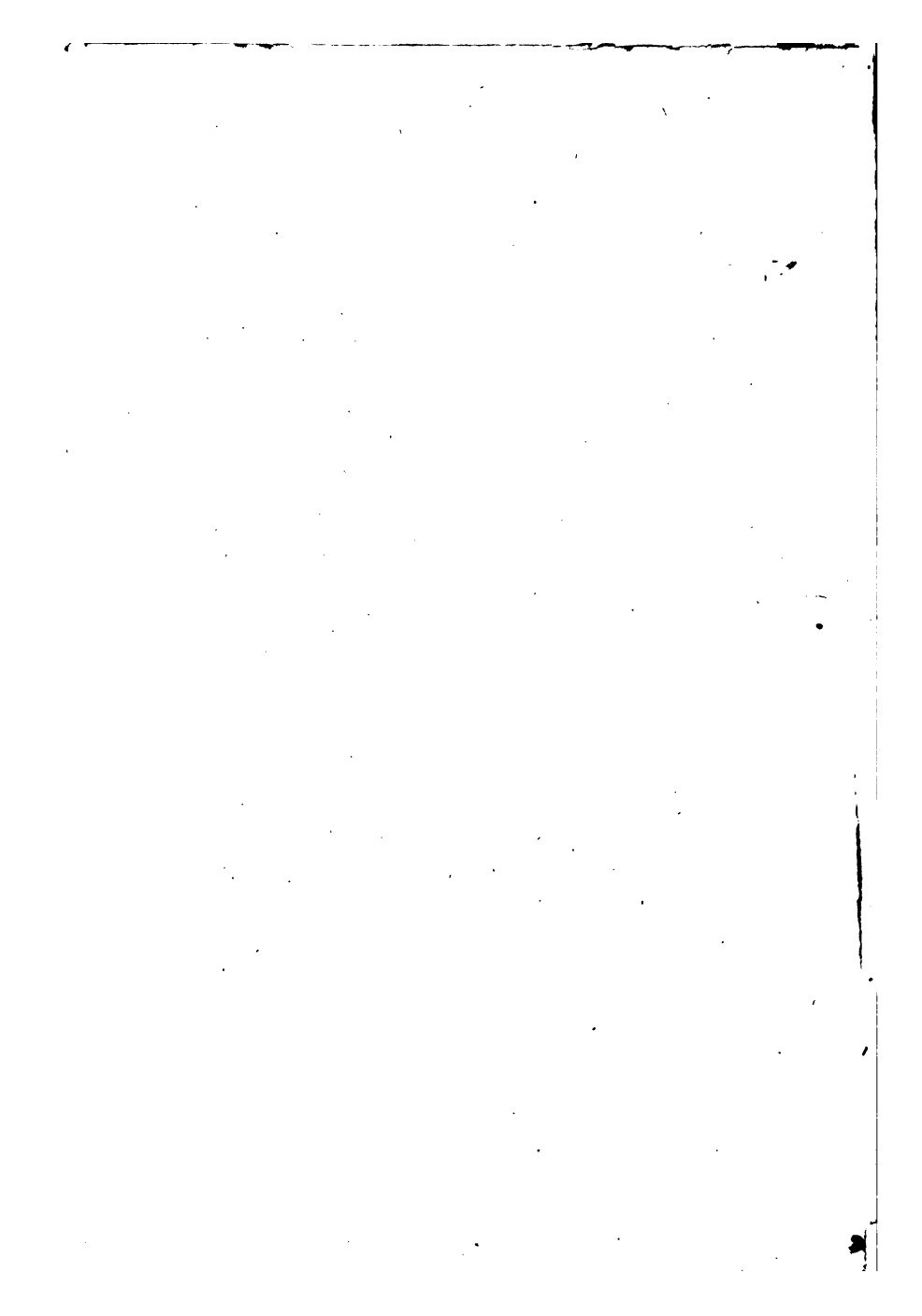
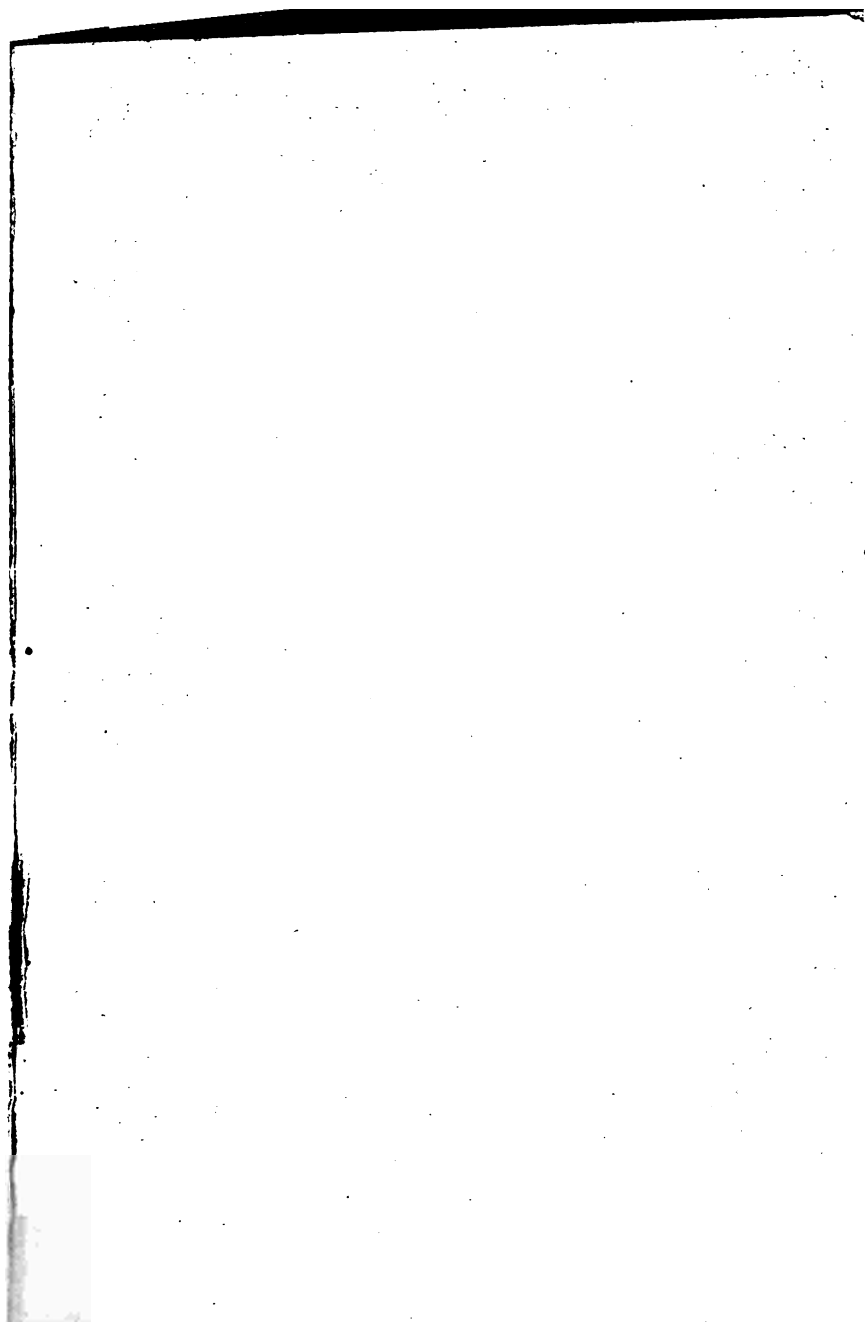
NO QUARTO CENTENARIO

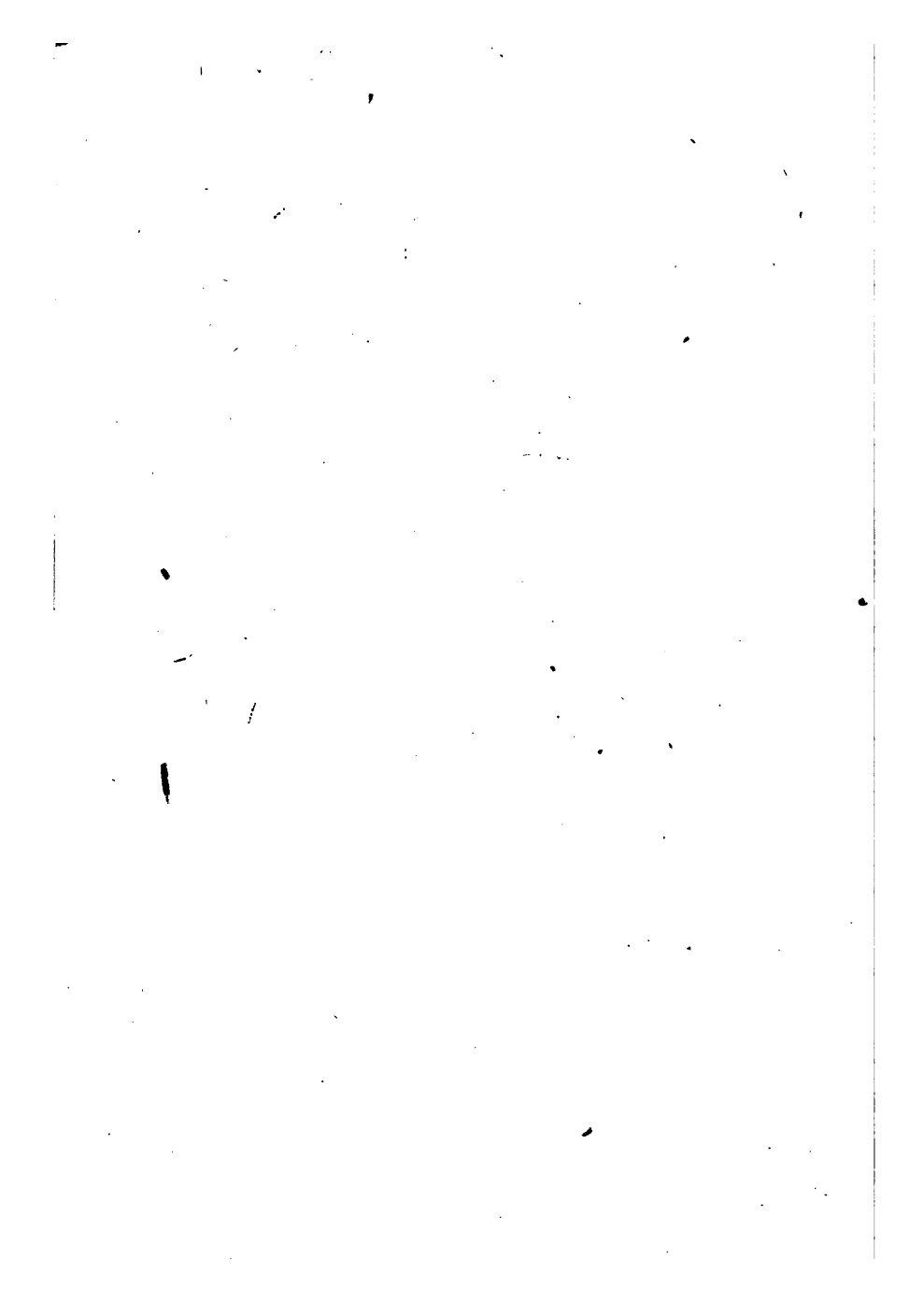
HISTORIA

DO

BRASIL

PARA USO DAS
ESCOLAS E LYCEUS ES
CRITA POR JOÃO RIBEIRO
PROFESSOR DE HISTORIA
DA CIVILISAÇÃO E
HISTORIA DO BRASIL
DO GYMNASIO NACIONAL

RIO DE JANEIRO EDITOR
JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS
(LIVRARIA CRUZ COUTINHO)
1900

RODOLFO AMOEDO—O ultimo tamoyo.

HISTORIA DO BRASIL

HISTORIA

DO

BRASIL

ADAPTADA AO

ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO

POR

JOÃO RIBEIRO

PROFESSOR DE HISTORIA DA CIVILISAÇÃO E HISTORIA
DO BRASIL DO GYMNASIO NACIONAL

1900

LIVRARIA CRUZ COUTINHO

DE

JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS, *Editor*

76 - RUA S. JOSÉ - 76

RIO DE JANEIRO

Typ. Benuzzi & Bedeschi, rua de S. José, 25

pp Francisco Alves & Cia
Ernesto Grieve

NO

QUARTO CENTENARIO

INTRODUCÇÃO

Quando me propuz escrever este pequeno livro pensei em retornar á antiga tradição dos nossos chronistas e primeiros historiadores que ás suas historias chamavam de *Noticia* ou *Tratado* do Brasil. Com isso queriam significar o modo como suppriam a escassez de factos politicos com o estudo da terra e das gentes que a habitavam.

Este bello costume logo se perdeu porque adquirindo o Brasil os fóros de nacionalidade, a sua historia começou a ser escripta com a pompa e o grande estylo da historia europea ; perdeu-se um pouco de vista o Brasil interno por só se considerarem os movimentos da administração e os da represalia e da ambição estrangeira, uns e outros agentes da sua vida externa. Era

da natureza d'esses agentes transformarem-se em equivalencias novas, tão distinctas das primitivas, que seria difficil reconhecel-as. O que resta entre nós dos hollandezes? nada, senão os effeitos do monopolio e uns começos de sensibilidade pessoal e autonoma que nos produziu a irritação da lucta. Qual o vestigio dos hespanhões em 60 annos de dominio? a possibilidade de formar sem contestação o Brasil maior e romper o estreito obice do meridiano da demarcação. Nenhum dos dous grandes resultados é caracteristicamente hollandez ou hespanhol e a elles podiamos chegar por outros instrumentos do nosso destino.

Ao contrario, nas suas feições e physionomia propria, o Brasil, o que elle é, deriva do *colono*, do *jesuita* e do *mameluco*, da acção dos *indios* e dos *escravos negros*. Esses foram os que descobriram as minas, instituiram a criação do gado e a agricultura, catechiquisaram lonquinquas tribus, levando assim a circulação da vida por toda a parte até os ultimos confins. Essa historia a que não faltam episodios sublimes ou terriveis, é ainda hoje a mesma presente, na sua vida interior, nas suas raças e nos seus systemas de trabalho que podemos a todo o instante verificar. Dei-lhe por isso uma grande parte e uma consideração que não é costume haver por ella, n'este meu livro.

Em geral, os nossos livros didacticos da historia patria dão excessiva importancia á acção dos gover-

nadores e á administração, puros agentes (e sempre deficientissimos) da nossa defeza externa.

E' certo e é difficilimo attender a todos os elementos que entraram na composição do Brasil, marcar-lhes o grau de collaboração em que agiram.

Seria preciso attender a um só tempo ao trabalho de toda a cultura collectiva, na vida official e na do povo.

A intelligencia que podesse abranger todo esse systema de equações differenciaes simultaneas, só essa teria o exacto e perfeito sentimento da nossa historia, como disse Du Bois Reymond, a proposito da historia do mundo.

Pelo exclusivo conhecimento das guerras nunca poderemos conhecer os povos, como nunca lograremos conhecer a victima pelas informações do algoz.

N'este livrinho onde aliás não caberiam dissertações philosophicas, creio que ha uma ou outra d'essas idéas geraes. Liguei a historia das primeiras luctas internacionaes á grande causa economica da expansão européa, á causa do commercio livre.

Foi a causa do commercio livre que nos trouxe o jugo hollandez; só uma esquadra poderia defender-nos dos *rouliers de la mer* e essa foi a hespanhola, e depois foi ainda, indirectamente, a ingleza. Nem nós, nem Portugal comnosco, conseguiriamos tamanho resultado.

Pelas divisões adoptadas da *Historia commum* e

Historia local (partes IV e V.) quiz indicar, se me é permittida a expressão que acredito clara, as quatro cellulas fundamentaes que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo: a de **Pernambuco** que gera os nucleos secundarios da Parahyba, R. G. do Norte, Ceará e Alagoas e a cujo influxo maternal sempre obedecem (na guerra dos mascates 1710-12, na revolução de 1817, na confederação do Equador); a da **Bahia** que absorve Ilheos e Porto Seguro e gera Sergipe; a de **São Paulo** donde evolve todo o oeste, com os bandeirantes, Goyaz, Minas, M. Grosso; a do **Rio** que pelo elemento official em lucta com os hespanhóes faz nascer, e já tarde, as capitanias do extremo sul; a do **Maranhão** ou **Pará** que gera as unidades administrativas do extremo norte, e sempre viveu separado do Brasil e até pelos portuguezes lhe foi lembrado no tempo da independencia que poderia manter, como um novo Canadá, o lealismo á Corôa.

Esses são os nucleos primitivos do organismo nacional. Todos os demais são secundarios e recentes. Se a federação fosse menos politica e philosophica do que historica, attender-se-ia a essa importante consideração.

Cada um d'esse focos tem o seu sentimento caracteristico; o da *Bahia* é o da religião e da tradição; o de *Pernambuco* é o radicalismo republicano e extremo de todas as suas revoluções; o de *S. Paulo* (Mi-

nas e Rio) é o liberalismo moderado (acclamação de Bueno, as «provincias colligadas» que sustentaram a independencia com a monarchia etc); o da *Amazonia*, demasiado indiano, é talvez o da separação como o é no extremo sul o Rio Grande (a formação recentissima), demasiadamente platino.

Expuz que sempre houve nos nossos movimentos de emancipação politica duas correntes liberaes separadas: uma dos *mamelucos* que desde o seculo XVII almeja em suas revoluções a republica, o federalismo e mesmo o abolicionismo; outra, da sociedade colonial que faz o constitucionalismo, o imperio e com elle a centralisação e a unidade.

Esta ultima corrente tende a desapparecer da politica pela progressão das raças nacionaes; a independencia foi para ella como que a suppressão de suas fontes e d'aqui a pouco o que resta do seu *substratum*, da sua base physica, terá desapparecido.

A monarchia é o ultimo vestigio da sociedade e do liberalismo colonial, é ao mesmo tempo o mais delicado e o mais tenue; era da sua natureza extrema e fragil dissipar-se como espirito. D'aqui por diante, como os europeus depois dos arabes, perdendo os seus ultimos preceptores, o Brasil terá que andar sosinho, e deshabituado do trabalho, ganhar o pão amargo da vida chamada independente.

Não passei além da proclamação da republica (1889); os successos são ainda do dia de hoje e seria prematuro julgal-os n'um livro destinado ao esquecimento das paixões do presente e á glorificação da nossa historia.

INDICE GERAL

I

O descobrimento

II

Tentativa unitarista e Organisação da defeza

III

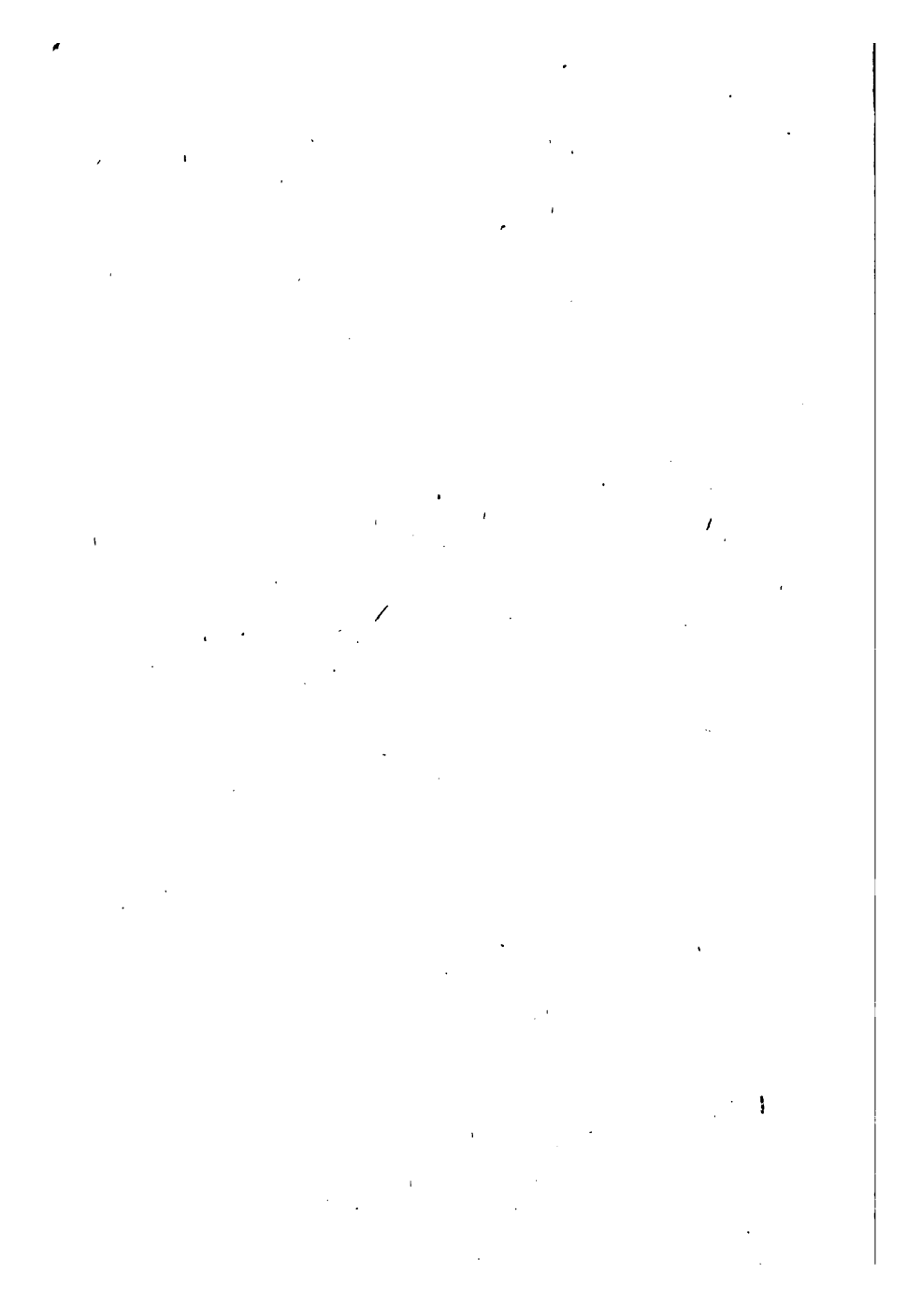
Lucta pelo Commercio livre contra o monopolio.

IV

A formação do Brasil. A) A Historia commum.

I

O DESCOBRIMENTO

> Esta terra, Senhor... é em toda praia praina, chan e mui formosa... Em tal maneira é graciosa, que querendo-a aproveitar dar-se-á n'ella tudo.
>
> PERO VAZ CAMINHA
> Carta, no 1· de Maio de 1500.

1.

Os dous cyclos dos grandes navegadores

O primeiro impulso que arrastou os portuguezes ás terras incognitas da Africa foi a escravidão. Não haviam ainda os turcos fechado o caminho do Oriente, no fundo do mediterraneo e já os portuguezes eram os grandes navegadores occidentaes. A caça do homem negro levou-os a arrostrar o *mar tenebroso* e desfazer a lenda medieval que considerava inaccessivel ao homem a zona tropical africana.

Mais tarde o ouro da Costa foi mais um incentivo alem da escravidão. Ainda o proprio Bartholomeu Dias que descobriu o cabo das *Tormentas* (depois da *Boa Esperança*,) não sabia sequer que havia attingido o extremo meridional do continente negro e foi muito alem d'elle pelos mares suppondo que tinha a esquerda a costa africana; pouco a pouco porem foi velejando e subindo para o norte e teve a revelação jocunda de que havia contornado a Africa.

Desde esse momento firmou-se a idéa de attingir a India, pelo meiodia; o que Vasco da Gama realizou com inteira gloria.

Seria a America fatalmente descoberta pelos portuguezes dentro de pouco tempo, ainda que Colombo não existira; porque elles, por experiencia dos mares africanos, affastavam-se sempre para oeste com o fim de evitar as calmarias da costa de Guiné ; o proprio Vasco da Gama na sua cele-

bre viagem bem perto passou das terras brasileiras e tal vez só por acaso não percebeu qualquer indicio dellas. Cabral emfim que seria o Colombo portuguez, primeiro dos navegadores da India, avistou a terra americana a 22 de Abril de 1500. E' que elles seguiam a *corrente oceanica* que corre no Atlan.ico do lado das nossas praias.

O descobrimento do Brazil,pois, foi o que seria igualmente o da America, *um episodio do periplo africano*.

Por outra parte e de modo differente, desde os trabalhos de Marco Polo e dos cosmographos mais habeis, os espiritos livres haviam retomado a tradição antiga da Atlantide. A idéa predominante era mesmo que entre *Cathai* (China) e a Europa, o atlantico se estenderia apenas por 90 graos.

Por isso mais tarde a *Antilha* foi considerada um trecho de *Zipangu* (Japão). Colombo partilhava d'essas idéas ainda que não primasse pela illustração, e escrevesse algures que o seu descobrimento nada dependeu da geographia, astronomia, mappa ou qualquer indicação da sciencia; era obra divina e providencial. Fôra porem tenaz nas suas emprezas, talvez por ser tocado de fanatismo religioso. A sua intenção seria catechisar a gentilidade e extrahir ouro bastante para reconstruir a Santo Sepulchro. Não deixou elle de ter imformações mais ou menos precisas do pensamento de seus contemporaneos quanto á possibilidade da circumnavegação. Mas comtudo isso e seja como fôr, a sua gloria de realisar o grande commettimento é toda inteira d'elle e incomparavel.

Com a viagem de Colombo abre-se um novo *cyclo de navegações que tendem a attingir o oriente,* não pelo periplo da Africa, *mas directamente pelo poente.*

O resultado foi a descoberta da America. Mas tal era a attração da India que ainda mais tarde foi tentado o periplo da America pelo extremo sul para chegar-se ao oriente-asiatico, tentativa louca e dispendiosa, attenta a vastidão da viagem que equivalia a uma circumnavegação do globo. Esse momento, vel-o-hemos, tem importancia na nossa historia.

O Brazil tambem necessariamente teria de ser descoberto n'uma dessas viagens do *cyclo occidental* e de facto o foi. Ojeda e Vespuccio tocaram a terra brasileira no Rio Grande do Norte em 1499; Vicente Janez Pinzon e Diego de Leppe attingiram o Brasil em Janeiro, Fevereiro e talvez Março de 1500, precedendo a Pedro Alvares Cabral, o descobridor portuguez.

A descoberta do Brasil foi pois feita quasi ao mesmo tempo por hespanhoes e portuguezes, por isso que o Brasil achava-se na interferencia dos dois cyclos dos navegadores, o *cyclo atlantico occidental* e o *cyclo atlantico sul*, o dos descobridores do Novo Mundo e o dos do caminho da India que se cruzavam uns e outros na linha equatorial.

Os primeiros procediam *á priori* pretendendo a circumnavegação segundo um paralello intertropical; os segundos *a posteriori* acompanhando a costa africana e só depois de terem verificado que era possivel contornal-a. A uns guiava a theoria da esphericidade da terra; a outros a experiencia e a pratica da navegação que elles proprios iam creando ao redor da Africa.

2.

O descobrimento do Brasil pelo cyclo dos navegadores de oeste — Janez Pinzon e Diego de Leppe.

Alonso, Francisco e Vicente Pinzon eram tres irmãos ricos, de importante familia andaluza, que collocaram os seus haveres em emprezas maritimas de grande ousadia. Foram sempre dedicados a Colombo e com elle descobriram a America; Alonso commandava a *Pinta* e Vicente a *Nina*. Mais tarde, sete annos depois sem romper os laços de affeição com o descobridor do Novo Mundo, Vicente Janez Pinzon equipou uma frota de 4 caravellas e veio em procura de ter-

ras ainda não descobertas. Descendo ao sul da linha attingiu a costa do Brasil, reconhecendo um cabo que denominou de *Santa Maria de la Consolacion* a 20 de Janeiro de 1500. Esse ponto extremo do continente americano foi logo depois chamado o cabo do *Rostro hermoso* e pelos portuguezes cabo de Santa Cruz (nome do Brazil) e afinal cabo de *Santo Agostinho* (Pernambuco). Pinzon partira de Palos em principios de Dezembro. Attingindo a terra americana seguiu a costa pelo norte por onde foi deixando signaes de occupação, inscripções nas arvores e nas rochas e segundo a narração dos chronistas hespanhoes, succedeu-lhe e aos seus sanguinolenta aventura com os selvagens que se lhes antolharam grandes e fortes como germanos. No rio Meary observou, e foi o primeiro, a *pororóca* e navegou o *mar d'agua doce* do Amazonas.

Perdendo de vista o Brasil viajou Pinzon por outras terras americanas e só chegou a Palos em setembro de 1500, sendo logo depois creado — Governador das novas terras descobertas — E' facto porem que d'ellas nunca tomou posse, nem fez valer os seus direitos. D'ahi por diante a sua vida é obscura; é companheiro de Solis na viagem ao longo da America do Sul em 1508; porem de 1523 em diante não se sabem mais noticias suas...

Poucas semanas depois de Pinzon, entre fevereiro e março de 1500, aportou ao Brasil outro navegador hespanhol de Palos, Diego deLeppe, que reconhecendo o cabo de Sto. Agostinho navegou algum tanto para o sul verificando então que a linha da costa corria na direcção do sudoeste. Volta depois para o norte e segue igual rumo de Pinzon. Depois d'essas viagens de Pinzon e Leppe ficou verificada a configuração piramidiforme do Brasil pelo conhecimento da inha da costa ao norte e a sua curva para sudoeste.

Pelo que acabamos de relatar, não ha duvida alguma que os hespanhoes tiveram a prioridade historica ou chronologica no descobrimento do Brasil. Outras razões, porem haviam de prevalecer, sobre tudo entre essas, o accordo diplomatico entre Hespanha e Portugal, sob o arbitrio da Santa Sé.

Quando se descobriu a America, então supposta India, houve um estremecimento entre as côrtes catholicas da Hespanha e Portugal. Este, a quem o Papa havia doado a India oriental (tal se doavam a principes defensores da fé as nações de gentios) julgou-se lesado nos seus direitos. Tornou-se preciso regulamentar a conquista do occidente; n'esse sentido imaginou-se a *linha de marcação (1493)* que limitava a esphera da acção portugueza até 100 leguas alem de Cabo Verde; esse limite cohibia demasiado a expansão portugueza; era a obra de um papa hespanhol (Alexandre VI) e o rei de Portugal esteve a ponto de pegar em armas e de com uma esquadra tomar a viva força as descobertas de Colombo. Ainda a intervenção do papa, ajudado pela sagacidade de Fernando de Castella, conseguiu conjurar o conflicto e depois de muitas negociações celebrou-se o *tratado de Tordezillas* de 1494, pelo qual a linha definitiva da demarcação deveria correr a 370 leguas a oeste de Cabo Verde. Como os papas não aceitavam a theoria da redondeza da terra, julgavam que assim de modo nenhum seria lesado o interesse da Hespanha.

Em vista d'esse tratado as terras descobertas por Pinzon e Leppe do cabo de Santa Maria de la Consolacion até o *mar d'agua dulce* (Amazonas) cahiam sob a esphera da posse portugueza. É é por isso que a prioridade d'esse descobrimento, feito cinco annos depois do tratado, não poderia prevalecer. A verdade porem é que a Hespanha nunca occupou o norte do Brasil; nem hespanhóes nem portuguezes conseguiram colonisar essas terras no seculo XVI; ao findar este seculo, o dominio portuguez no Brasil ia pouco alem de Itamaracá e todo o litoral do norte até o Oyapoc estava vago e entregue aos piratas e ao gentio. E demais, toda a reclamação foi-se tornando impossivel desde que já em 1581 Portugal e o Brasil cahiam sob o dominio da Hespanha.

O Brasil foi para os portuguezes uma dadiva de sua diplomacia.

3.

Descobrimento do Brasil pelo cyclo dos navegadores do Sul — Pedro Alvares Cabral.

No dia 9 de março de 1500, sahia do Tejo em demanda da India, para proseguir na conquista encetada por Vasco da Gama, uma grande armada de treze caravellas e mais de mil homens de guarnição. Propositalmente, desviou-se do rumo habitual, diz-se que para evitar as calmarias africanas e é possivel tambem crêr que pelo instincto de novos descobrimentos a oeste que já os havia e eram sabidos de todos. Commandava a frota Pedro Alvares Cabral, fidalgo e amigo de Vasco da Gama e por este recommendado a el rei D. Manuel para succedel-o na conquista do oriente.

Tambem fôra experiencia e conselho de Gama esse novo rumo, para oeste das terras africanas; parecia-lhe melhor descer todo o atlantico, sempre ao largo, até a latitude do cabo da Boa Esperança, para só então dobral-o e demandar os mares orientaes. Assim o fez Cabral; mas de tal modo se affastou da costa africana que aos 21 de abril teve indicios de terra proxima e no dia 22 avistou um monte de forma redonda a que deu o nome de «Monte Pascoal». No dia seguinte velejou, com os navios menores a frente, até

que a sondagem accusou pouco fundo junto ao rio do Frade; procurou entretanto melhor abrigo e seguindo sempre para o norte poude achar um porto «muito bom e mui seguro»» que foi provavelmente a enseada hoje de Santa Cruz. N'um ilhéo que havia dentro do porto foi celebrada a primeira missa a 26 de abril, domingo da pascoela. Outra missa foi celebrada no dia 1º de maio, em terra firme e na presença dos indios que, em grande numero, espantados, assistiam as cerimonias do culto examinando as vestes insolitas dos portuguezes e a grande cruz de madeira que ajudaram a erguer ao pé do altar. A terra supposta ilha foi chamada da «Vera-Cruz, ao depois «Santa Cruz». Prevaleceu porem o nome de Brasil, pois que a terra da Santa Cruz desdenhada quasi pelos seus descobridores só chamou a attenção do mundo e d'elles proprios quando os attrahiu o commercio do «pau brasil» de que era a região muito abundante.

Dez dias estiveram em aguas e terras do Brasil, tomando provisões e entretendo-se com os naturaes da terra que lhes pareceu rica de vegetação mas sem ouro e inculta. A 2 de maio aprestaram-se para a partida e deixando em terra dous degradados na esperança de mais tarde utilisal-os como interpretes, velejaram para a India, sendo mandada uma não a Portugal para levar a noticia do descobrimento. Esta não se sabe bem, foi a de André Gonçalves ou a de Gaspar de Lemos; e levou a relação da descoberta escripta pelo escrivão da armada Pero Vaz Caminha.

4.

Questões e duvidas.

BAHIA CABRALIA. O nosso historiador Varnhagem talvez um pouco vaidosamente para justificar o seu titulo (já então o possuia) de Visconde de Porto Seguro, procurou demonstrar que o primeiro desembarque de Cabral não foi na *Coroa vermelha*, ilhéo da Bahia de Santa Cruz, mas no actual Porto Seguro. As suas razões são porem mal deduzidas da carta de Vaz Caminha que é o unico documento do tempo e de auctor presencial dos successos e cuidadoso, pois era a sua profissão, em narral-os. Gabriel Soares diz que foi no desembarque no rio de Santa Cruz; e a enseada d'este nome está para o rio do Frade na distancia de «obra de dez leguas» assignaladas por Vaz Caminha. Alem de que, o ilhéo da Coroa vermelha d'aquella bahia não deixa a menor duvida que é o mesmo descripto pelo escrivão da armada «ilhéo grande que de baixa-mar fica mui vasio» sendo o carão da praia fechado por um recife. Essa é a opinião de Mouchez, Rohan, sem falar em antigas auctoridades da geographia patria como Ayres do Cazal, entre todas. A enseada de Santa Cruz tambem modernamente se denominou «Bahia Cabralia.»

SANTA CRUZ E BRASIL. Os nomes «Vera Cruz e Santa Cruz» desappareceram logo ao tempo da primeira colonisação do paiz. Os escriptores sobre tudo os de condição ecclesiastica conservaram-n'o contra a opinião do tempo e por motivos de sentimento religioso; era essa entertanto, mas sem rigor, a denominação official. O

nome «Brasil» era já conhecido na Europa talvez desde o seculo IX senão mesmo em epocas anteriores «Bresill, Brasilly, Braxilis, Bresilium , Presill, Pressilli» etc. encontram-se em varios documentos medievaes. Um pau de tinturaria assim conhecido vinha do oriente e foi de certo introduzido pelos arabes que o chamavam «bakkam» que traduziram no latim «bresilium», procurando a analogia da raiz semitica «bak-kam» (ardente) com a aryana «bradsch» (port «braza», it. «brace», fr. «braise»). D'elle fala o geographo viajante Abuzeid El Hacen (IX seculo) e Edrisi (1153). A geographia mythica da edade media admittia uma ilha oceanica *Brazir*, *Bersil*, ao occidente, creada e devorada por um volcão, sem que a respeito d'ella mais nada se soubesse; por suppol-a existir entre os paralellos da Irlanda e dos Açores, dous nomes depois fixaram-se na geographia moderna que o indicavam, a rolhado Brazil (*Brazil Rock*, na Irlanda) e a ponta do Brasil, na ilha Terceira. No dizer de Humboldt o nome Brasil emigrou de Sumatra até o extremo-oeste na America, gastando nesse percurso quasi mil annos.

ACASO, TEMPESTADES, na viagem de Cabral. — Havia proposito (e era a recommendação de Vasco da Gama), de affastar-se da costa africana; havia sciencia de que os mares a oeste na largura de 18 gráos (tratado de Tordezillas, 1494), eram de puro dominio portuguez; havia desejo de obstar aos progressos da expansão hespanhola no Atlantico e isso ia sendo causa de guerra dois annos antes do tratado; era pois natural que no interesse de explorar os seus proprios mares os portuguezes não hesitassem em varrel-os com as suas esquadras; e n'uma epoca de tantos e successivos descobrimentos, a esperança de se haver com outros era naturalissima. Na viagem de Cabral que tinha rota certa para a India não reinava o mesmo espirito divinatorio, unico que podia alentar a frota de Colombo. Não havia proposito de descobrir o Brasil, mas menos havia ainda o acaso ou a surpreza no descobril-o. Quanto a versão de que Alvares Cabral foi

arrojado para o occidente por *tempestades* é inverosimil. Não se encontra essa noticia nos primeiros documentos do tempo na relação da *Coll. Ramusio*, nem na carta de Vaz Caminha (que se abstem de relatar, é verdade, os successos da travessia) nem nos escriptores portuguezes do seculo XVI que trataram do assumpto, João de Barros, Damião de Goés, G. Correa etc. Aquella affirmativa acha-se pela primeira vez em Rocha Pitta, *Historia da America portugueza* escripta no seculo XVIII e de modo que não merece grande credito.

QUESTÃO CHRONOLOGICA. A data de 3 de maio para o descobrimento do Brasil é inteiramente arbitraria; não a justifica a correcção gregoriana que se tem allegado em falso para legitimal-a. A data verdadeira é a de 22 de abril em que se avistou a terra e sobre esse dia nunca houve duvida que merecesse consideração. A correcção gregoriana se fosse aceitavel tratando-se de facto anterior a ella, daria a data de 2 de maio.

Ignorada nos primeiros tempos a data verdadeira, o sentimento religioso imaginou-a a 3 de maio, dia da Invenção de Santa Cruz.

GASPAR DE LEMOS? A carta de Vaz Caminha que é o documento por excellencia da descoberta não é explicita e não diz quem levou a noticia a Portugal, mas é verosimil que o portador seguindo o rumo do norte procurasse conhecer a extensão da costa e fosse o mesmo escolhido para dirigir a primeira expedição exploradora que em rumo certo veiu *não a Porto seguro, mas ao cabo de S. Roque* e desceu costeiando o litoral, o que parece itinerario de *pessoa já sabida* alguma cousa n'essas paragens. Essa consideração não é entretanto de grande peso, porque da expedição fez parte A. Vespuccio que já conhecia de viagens anteriores (a viajem de Hojeda) o relevo da parte norte da America do sul, em parte e já sabia da linha da costa sudoeste (viajem de Cabral); e vindo de Sevilha para essa exploracão de 1501 já tinha noticia da viagem de Pinzon que chegou a Palos no anno an-

terior em setembro. Não lhe faltava mais que reconhecer a curva a norte e leste do Brazil. — Os escriptores portuguezes falam de Gaspar de Lemos e André Gonçalves; Gaspar Corrêa cita o ultimo, mas Castanheda e os escriptores officiaes que em geral o repetem (João de Barros e D. de Goés) mencionam Gaspar de Lemos. Ainda que os chronistas officiaes tenham em seu favor o facto de que poderiam consultar os archivos, são sempre pouco cuidadosos no que diz respeito do Brasil, ao passo que Gaspar Corrêa é sempre consciencioso, se entendia melhor e pessoalmente na materia.

5.

A primeira exploração

A noticia da descoberta da Terra de Vera Cruz causou grande e alegre surpreza na côrte de D. Manuel, o rei afortunado. Era mais uma esperança de riquezas imprevistas: A grandeza que d'essa terra dizia Vaz Caminha fez com que logo se aprestasse uma esquadra para reconhecer o paiz e as suas costas. Ainda mesmo não se tratasse que de regiões incultas sem interesse directo para a especulação do commercio, era de inestimavel preço esse ponto de repouso e de apoio, a meio caminho da India. A primeira expedição de tres navios deixou o Tejo em maio de 1501; não se sabe hoje quem a commandava senão que seria provavelmente o mesmo que levara a noticia. Seja como fôr, a pessoa mais eminente que n'ella embarcára foi de certo Americo Vespuccio, o piloto e marinheiro mais instruido do seu tempo e que foi tambem

o primeiro orgão de descredito da nossa terra. Não achou que a região valesse muito; sem ouro, sem povos productores, parecia-lhe uma propriedade mesquinha e dispendiosa; apenas notava a existencia do pau brasil, producto mediocre quando comparado ás especiarias; serviria a terra para abrigo pelos seus portos numerosos com boa aguada e lenha para as provisões. A frota de exploração encontrou a de Cabral que voltava da India na altura de Cabo-verde, e veiu tocar a costa basileira no cabo de S. Roque, e correu-a toda de norte a sul até o cabo de Santa Maria (Uruguay); por onde foram passando, deram os exploradores conforme o calendario os nomes de santos aos accidentes geographicos: cabo de S. Roque (16 de agosto) cabo de Santo Agostinho (28 de agosto) Rio S. Francisco (4 de outubro) B. de todos os Santos (1 de novembro) C. de S. Thomé (21 de dezembro) «Rio de Janeiro»? (1º de janeiro de 1502) Angra dos Reis (6 de janeiro) São Vicente (22 de janeiro); esmorecendo o chefe da expedição, Vespucio tomara o rumo de sueste, depois de viagem tempestuosa e chegou a Lisboa a 7 de setembro de 1502.

Depois d'essa exploração fecunda quanto aos progressos da geographia, mas inutil aos interesses do commercio portuguez, a terra de Santa Cruz foi relegada a verdadeiro olvido. Foi preciso que a ambição estrangeira viesse acordar o sentimento ou o apetite dos seus descobridores.

6.

O Brasil esquecido

Depois da primeira exploração de 1501 as terras do Brasil tornaram-se constante theatro da piratarîa universal. Especuladores francezes, allemães, judeus e hespanhoes aqui aportam, commerciam com o gentio ou asselvajam-se e com elle convivem em egual barbaria. Os navegadores de todos os pontos ahi se aprovisionam ou se abrigam das tempestades. Aventureiros aqui desembarcam; e vivem á ventura, na companhia de degradados e foragidos.

O que preoccupa a côrte portugueza de D. Manoel são as riquezas do oriente. Se ainda alguma expedição aqui toca e se demora como a de Gonçalo Coelho e Vespuccio, a que pelo naufragio e tempestade se divide em duas e estabelecem feitorias, uma no Rio de Janeiro, outra em Santa Maria (Cabo Frio) 1503, não é o Brasil quem as attrahe mas sim ainda a fascinação do oriente. A expedição de Gonçalo Coelho marca um *momento historico* distincto e importante : verificada como foi por Vespuccio a configuração continental do Brasil tão parecida com a da Africa, pensou-se em realisar o *periplo brasileiro* e contornar a nova Africa para chegar a Malaca, á «feira universal» do oriente ; — tentativa fascinadora, o levante pelo sul, egual á de Colombo *el levante por el poniente*, empreza d'um tempo em que se julgava a terra menor do que era realmente e que o seu circuito apenas excederia de uma centena de graos.

Não devemos pois contar a expedição de G. Coelho como destinada ao reconhecimento das terras brazileiras.

Outras visitas ao Brasil eram as das esquadras da India que vinham refrescar nos bellos e pittorescos portos: taes as de Affonso de Albuquerque,a de D.Francisco de Almeida e outros. Em todo o reinado do rei venturoso nunca mais se fallou da nova terra americana que era o posto dos traficantes: n'esses vinte annos de abandono perdeu-se o nome official da terra (Santa Cruz), e formou-se o unico que aos extranhos a fazia lembrada: a região do *pau Brasil.*

O vacuo produzido por esse desdem originou as lendas aventurosas proprias dos paizes primevos e sem historia, e assim formou-se a epopea do *Caramurû*, o dragão do mar — um portuguez que naufraga na Bahia e exerce grande predominio sobre os selvagens. Na lenda o segredo d'esse predominio é a arma de fogo que atemorisa o gentio. E' certo que Diogo Alvares (Correa) o *Caramboró* ou *Caramurú* é um personagem importante ainda nos meiados do seculo XVI; é á sombra e a protecção d'elle que se colonisa a Bahïa. E' falso porem que estivesse na corte de Henrique II e fizesse ahi baptisar a linda esposa *Paraguassú*. A verdade provavelmente está em que a historia do *Caramurû* fundiu-se com outras de piratas francezes, sobretudo de Dieppe, que traficavam com os selvagens, carregando saguins, papagaios e brasil. Os escriptores do seculo XVIII e bajuladorés genealogista- aceitaram o mytho e o embellezaram com outras interpola, ções. D'ahi nasceu o bello poema epico de Santa Rita Durão, que faz entretanto Paraguassu

De cór tão alva como a branca neve
E d'onde não é neve, era de rosa.

— Outra personalidade heroica é a de um velho degradado ou naufrago João Ramalho que os colonisadores de S. Vicente vieram encontrar com grande familia pa-

triarcal fundada entre os indios. As suas extensas relações com os indigenas do littoral *tupiniquins* e os de serra acima, *guaianazes*, determinaram logo os dous pontos da primeira colonisação. Tambem a sua influencia foi grande e a lenda d'esse homem que morreu centenario faz remontar a sua vinda a uma época precolombiana. Seria elle o verdadeiro descobridor da America, segundo essa invenção aproveitada por varios escriptores e ainda n'este seculo revivida por Gaffarel.

A verdade é que muito pouco se poderia saber de um paiz entregue ao acaso. O reinado de D. Manuel é o periodo mythico da nossa historia. Ninguem nem o rei nem a sua côrte futil e incapaz (onde na cidade Lisboa sobre duas mestras de leitura havia 8 perfumadores de luvas) poderia perceber a importancia do Brasil; era Portugal n'esse tempo a nação da grande riquesa e da grande miseria; o ouro portuguez corria em todas as partes da Europa; o *cruzado* circulava como a libra esterlina hoje, e Shakespeare escrevia no *Othello* (III, 4).:

> I had rather have lost *my purse*
> *Full of cruzadoes.*

Mas ao lado do ouro, nunca a penuria nem a ignorancia foram tão profundas. Com esse estado de espirito ama-se a dissipação e nunca a previdencia. Colonisar o Brasil seria dispendioso e sem lucro immediato. E o deserto florido da nova terra foi entregue ao esquecimento.

7.

Os indios selvagens

A terra então descoberta era habitada por uma gente da mais infima civilisação; vivia da caça e pesca, não conhecia outras armas de industria ou de guerra senão o arco e a clava e andava em completa nudez. Entregues á natureza, não conheciam Deus nem lei, pois não era conhecel-os possuir o terror da superstição e o dos mais fortes. A feição dos indios, diz o escrivão da armada de Cabral, é serem pardos, a maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos». Quando se disse a primeira missa na terra firme, ajudaram a elevar a Cruz e eram uns cento e cincoenta que se misturaram aos christãos.

A principio suppoz-se que eram todos os indios do Brasil da mesma estirpe; mas dentro em pouco se percebeu que se distinguiam muito, uns de outros, pela diversidade dos costumes, sempre incultos, pela indole pacifica ou feroz ou ainda pelo habito de comerem a carne humana o qual não era de todas as tribus; e distinguiam-se egualmente pela variedade das linguas. Mas na região do littoral que foi a melhor e mais cedo conhecida, predominavam pelo numero e valentia, os «tupis:» eram differentes tribus, de sul a norte, com

differentes nomes; mas a lingua d'ellas era com poucas differenças a mesma, d'onde se lhe chamou merecidamente mais tarde a «Lingua geral». E' certo que os padres jesuitas, ao depois, e por necessidades da catechése, enriqueceram e aperfeiçoaram a lingua dos tupis e guaranis, e n'este sentido não fizeram mais que os poetas e escriptores que fixam em toda a parte a supremacia de um dialecto que elles proprios ennobrecem sobre todos os demais. Em todo o caso ainda hoje não se sabe bem em quantas familias distinctas se dividem os indios de todo o paiz; são muito conhecidos os tupis e foram quasi os unicos que mais ou menos se approximaram das povoações civilisadas, que outros mais «bugres», os tapuyas, por exemplo, nunca poderam supportar sem rancor.

Portuguezes e indios practicavam-se mutuamente crueldades, porque não se entendiam e nem se podiam entender attentos os differentes gráos de civilisação. O indio tinha o sentimento da «propriedade collectiva» (da tribu) mas não o tinham da «propriedade privada»; o indio não julgava fazer mal, roubando; e assim muitos crimes que o eram para os christãos para elles nada significavam. Por outra parte, qualquer ultrage feito a um indio por um só portuguez, d'elle eram considerados responsaveis todos os portuguezes onde os encontravam, o que fazia parecer, má fé, traição ou ferocidade gratuita da parte dos selvagens. Os civilisados entretanto ainda hoje, na guerra, responsabilisam povos inteiros pelos erros ou crimes de poucos individuos.

Tinham os conquistadores na conta de homens sobrenaturaes, phantasmas vindos do

mar, «caraibas» e era natural que fossem submissos ante o invasor. Esse porem pensou logo em transformal-os em escravos; a escravidão não era uma injuria para a consciencia dos negros, muito menos para a dos indios; mas era um acto, e o principal effeito da guerra.

A escravidão era tambem o trabalho e o castigo corporal, e o indio de natureza indolente, não podia e não gostava de trabalhar. D'ahi nasceram muitos tumultos e vinganças atrozes.

A acção dos padres jesuitas que logo no primeiro seculo diligenciaram civilisar os indios não os tornou mais christãos do que o podiam ser; mas conservou-os agremiados, sem exigir maior trabalho que o que podiam dar e sobre tudo em muitos casos poupou-lhes a degradação, os horrores da crueldade, das doenças e da morte ao contacto dos conquistadores, a cujo captiveiro preferiam o suicidio.

8.

A ethnologia brasilica.

O problema da ethnologia brasileira, depois dos ultimos estudos, de origem allemã, apresenta já certos aspectos claros e definidos e pontos de apoio que se podem considerar definitivos desde já, quaesquer que sejam as lacunas que infelizmente ainda existem,

Ainda modernos investigadores entre os quaes sobresahe Martius, não poderam achar a classificação definitiva dos

indios brazileiros, mas em verdade accumulárão um grande e substancioso material de factos que dentro de pouco tempo se tornou possivel affrontar sem excessiva timidez um ensaio de generalisação.

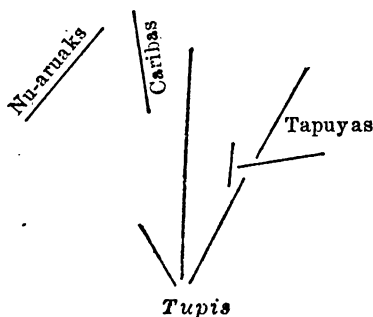
O sentimento mais primitivo e rude que se havia formado sobre os indios é que elles constituiam uma só familia, dilacerada em tribus apparentemente diversas, pouco importando as differenças de lingua e muito menos de civilisação e de cultura que entre ellas se podiam notar. O systema tinha a vantagem de trazer uma grande simplificação, embora á custa da verdade sacrificada. Entretanto, muitas das tribus differiam entre si mais do que differem européos e africanos actuaes no ponto de vista da cultura geral; o povo *tupi*, comtudo representava como o judeu, o povo cosmogenico a que todos os mais se reduzião, máo grado a Babel das linguas. Era uma *raça geral*, a exemplo da *lingua geral*. Contribuia para isso o facto de ser o Brazil civilisado uma unica unidade politica e os espiritos acostumavão-se a vêr debaixo do Brazil portuguez um só Brazil indiano. A prehistoria devia subordinar-se á historia.

A verdade, porém, era outra. Pouco a pouco estudadas as tribus nos seus multiplos aspectos appareceu desde logo a irreductibilidade de muitas dellas.

Hoje *pelo menos* podemos assegurar que *quatro grandes nações* de indios são absolutamente distinctas. E são ellas: a *tupy*, a *tapuya* (ou *Gé*), a *Nuaruak* e a *cariba*. Fóra d'esses grupos existem ainda tres de menor importancia.

Alem desses grandes grupos principaes ficão ainda varias tribus mui pouco estudadas e cujos caracteres, pelo que são conhecidos até hoje, não comportam uma reducção ao *schema quadruplo* que acabamos de indicar. E' esse justamente, o lado obscuro da ethnologia brasilica e é o que provoca o ardor e a diligencia dos nossos investigadores.

Para figurar-se uma distribuição geographica das principaes nações indianas, basta-nos fazel-o a largos traços. Os *Tapuyas* acham-se localisados no planalto de léste do Brasil, não muito longe da costa; entre 5 e 20 gráos de latitude sul e 40 a 55 gráos de longitude occidental (meridiano de Greenwich). Os *tupis* se estendem pelo littoral do sul a norte e pelas regiões do Xingú e do Tapajós. Os *caribas* encontram-se principalmente nas Guyanas de léste e na Venezuela oriental. A nação *Nu-aruak* espalha-se no sentido do nordeste desde a Bolivia até a costa do norte de Venezuela atravez do Brazil e entre os limites de 60 a 75 gráos de longitude occidental. Tambem se chama *Maipure* (L. Adan).

Podemos represental-os pelo seguinte diagramma que se imagina superposto a uma carta da America do Sul:

Por esse diagramma percebe-se que os *tupis* partindo do sul onde se conservam mais puros (guaranis), penetraram pelo Brazil em tres direcções e correntes: a corrente oriental seguindo a costa e donde provavelmente

expelliram os *tapuyas*, isto é, os barbaros; a corrente central e a occidental que parecem menos importantes.

As migrações das varias nações indianas não se deram em direcções uniformes e a difficuldade de determinal-as não é pequena.

Que os *tupis* migráram do sul para o norte parece cousa liquida, e por muitos motivos. Mesmo nos tempos da descoberta já se podia observar essa direcção e sempre os colonisadores poderam observar que os tupis subiam o littoral, quer por impulso natural, quer tambem para evitar a occupação européa. Ao mesmo tempo sabe-se que a massa de tupis do sul, os guaranis, conservam uma lingua mais primitiva, mais contrahida, ao mesmo tempo que revelam inferiores aptidões e estado inferior de cultura.

Tambem ha todas as probabilidades em favor da direcção léste-oeste seguidas pelos *tapuias* ou *Gês*, não só porque o gráo de cultura delles vai ascendendo nessa direcção como porque sendo expulsos pelos guerreiros tupis e sendo-lhes impossivel atravessar o mar, não tinham outro caminho a seguir que o de oeste.

A migração dos *Nu-aruaks* devia ter-se realizado em sentido contrario á dos *tupis*. Elles deviam ter descido do Norte para o Sul; o seu nucleo principal se acha localisado entre o Alto Amazonas e o Rio Negro.

O movimento dos *caribas* seguio a direcção de Sul para Norte. Elles occupavam a região das Guyannas e já tinham effectuado, pelo mar, a conquista das pequenas Antilhas. De onde teriam vindo? E' aqui o lugar de mencionar-se a principal descoberta de K. von den Stein. Este com Ehrenreich conseguio determinar a patria primitiva dos *caribas* nas fontes do Xingú. E' ahi que se encontram as hordas mais primitivas dessa nação e as tribus mais meridionaes; dahi pois é que se estenderam para o Norte, pois é nessa direcção que se encontram as pégadas cada vez mais numerosas do *cariba*.

Além da questão das migrações levanta-se outra, a

da fixação das épocas em que ellas se realizaram, e que é naturalmente muito mais delicada e difficil. O terreno é muito largo para as hypotheses, e eis porque é muito difficil apurar um accordo entre os ethnologos; essa discordancia prova, aliás, que no estado dos nossos conhecimentos a esse respeito estamos muito longe da verdade. E' possivel, entretanto, esperar-se que essa, como outras difficuldades, sejam resolvidas ao menos em uma medida satisfactoria quando os estudos anthropologicos e linguisticos chegarem nesse dominio a um gráo de precisão de que ainda hoje carecem.

O Dr. Carlos von den Stein pensa que houve tres épocas pré-européas quanto ao movimento das populações aborigenes.

A *primeira época* é representada pela expansão da raça *Nú* pelo continente e do *Aruak* sobre as pequenas Antilhas. Deve-se considerar a primeira essa época por não haver dados em contrario e por haver documentos de que as outras migrações são posteriores.

A *segunda época* é representada pelo desenvolvimento de poder dos *caribas*, que partindo do centro do Brazil marcharam para o norte e através do mar conquistaram aos Aruaks as pequenas Antilhas. O fundamento dessa segunda época se acha no facto de que, quando os Européos descobriram as pequenas Antilhas notaram maravilhados que as *mulheres* fallavam uma *lingua differente* da dos *homens*. Os varões erão *caribas* que matando os primitivos occupadores apossaram-se das mulheres da tribú vencida, conservando-as como despojos.

A *terceira época* é da expansão multipla dos *tupis* seguindo varias direcções do sul a norte, nomeadamente pelo littoral. Essa ultima época que entra pelo periodo européo da America é a mais segura e fundada em testemunhos, quer dos indigenas, quer dos primeiros colonisadores. Ao mesmo tempo que os *tupis* migravam para o norte, os *Gês* vencidos e alcunhados de *tapuias* (barba-

ros) pela raça conquistadora, iam-se recolhendo para o occidente e para o fundo das florestas.

Será essa a verdade definitiva? Não o cremos, quaesquer que sejam as probabilidades que em favor dessa theoria militam.

Tudo parece indicar que essas tres epocas reduzem-se talvez á historia de um seculo quando muito, a do seculo XV, e não póde ir muito além. O movimento dos *tupis* e dos *caribas* é quasi do tempo da descoberta, e a conquista do littoral pelos *tupis* nada tinha absolutamente de definitiva. Talvez posteriores ao inicio della nem quatro gerações houvesse decorrido. Ainda menos poder-se-ia affirmar da occupação das pequenas Antilhas pelos caribas de Venezuela e da Guyanna.

O estudo do planalto oriental boliviano no seu declive até Matto-Grosso deveria ser mais cuidadosamente feito e não seria de admirar que dahi nos viessem revelações surprehendentes.

Desse foco ethnico, se lá existio, poderiam radiar-se todas as raças que compõem as nações tropicaes, porque é natural que ellas seguissem o curso dos rios, como talvez os tupis ao mesmo tempo pela bacia do Amazonas e pela bacia do Paraguay, como os Nu-aruak pelo Amazonas superior e os caribas que sem duvida vieram posteriormente. O impulso dessa emigração remotissima podia talvez achar-se ou na presença de uma civilisação superior como a que occupou o Perú e expellio os barbaros, ou em algum formidavel cataclisma não muito inverosimil na região vulcanica boliviana. A verdade é que só nessa região que comprehende as fontes das grandes bacias fluviaes da America do Sul, é que se encontram vestigios simultaneos dos grandes grupos ethnicos que povoam o Brasil; lá e só lá, em uma area menor, se podem circumscrever o *Tupi*, o *Cariba* e o *Nu-aruak*, sem fallar de outros grupos até hoje irreductiveis ao schema já mencionado.

Passemos, agora, a caracterisar, embora sem grande individuação, os grupos principaes.

1. Os TUPIS. Os TUPIS constituem o tronco ethnico mais conhecido e pelas suas aptidões guerreiras o que mais se expandiu e se misturou com outros. E' pois essencial distinguir os *tupis puros* dos *mesclados*. Entre os primeiros estão os Guaranis do Paraguay e da Argentina ao sul, e a oeste e norte os Chiriguanos e Guarayos (Beni e Mamoré), os Apiacás e Parentintins (entre Tapajoz e Madeira) os Ouampis e Tembés (embocadura do Amazonas) e os Omaguas e Kocamas (entre o Napó e Ucayali). São esses que no schema mencionado se suppõem ter partido do sul, do Paraguay, e seguido varias direcções pela costa e pelo centro sempre em procura do norte.

Os tupis mesclados como os Jurunas, Manitsauás, Mundurucú, e Anetò (região do Xingú e Tapajoz) conhecem-se e caracterisam-se principalmente pelo dialecto impuro que fallam misturado de palavras de outras linguas.

Os *tupis mesclados* são muito interessantes sob todos os aspectos. Os *Jurunas* de pelle escura foram civilisados nos seculos XVII e XVIII e por effeito da catechése, se a allegação não era calumniosa, perderam o habito da anthropophagia.

Os *mundurucûs* tão bem descriptos por Martius excediam na arte decorativa, nos artefactos de pennas e ornavam suas cabanas de multidão de trophéos, ossos de quatis, onças e porcos.

A qualidade proeminente de todos os tupis, além da paixão da guerra que era nelles constante, era a arte da navegação. Todos são canoeiros habilissimos.

2. Os GÉS. E' o nome que lhes dão Martius e tambem Ehrenreich, utilizando a palavra suffixa *gés* de muita frequencia na lingua d'elles A denominação *Tapuyas* em vez de *Gés* é, como se sabe, do origem tupi. Essa nação, se bem que não completamente estudada, e na opinião de Ehrenreich a mais interessante de todas as que povoam o Brasil, até porque é aquella que

mais nitidas nos revela as phases de sua cultura. Os *Gés* de léste são os mais primitivos; caçadores rudes e primevos, não conhecem a agricultura, não praticão a navegação, não sabem coustruir casas, desconhecem a ceramica e a tecelagem, não conhecem o uso da rêde.

O facto verificado pelo ethnologo citado, de que a cultura dos *Gés* se desenvolve, ao passo que se caminha para oéste, prova que effectivamente foi nessa direcção que elles emigraram.

Os *Gés* decompõem-se em varias tribus todas ferozes e em todo tempo encaradas com terror pelos colonisadores. Taes são os *Botocudos* e os *Aymorés*.

Entre os *Gés* occidentaes e conseguintemente mais cultos, notão-se os *Suyás* do curso médio do Xingú que já sabem navegar, construir suas cabanas colmeiformes e fabricar varios utensilios de barro, e o que é caracteristico, já não usam o bodoque nem deformam os labios, o nariz e as orelhas como os rudes tapuyas seus parentes de léste.

3. Os NU-ARUAKS. São assim denominados por causa do prefixo *Nû* que deixa vestigios e apparece em varias tribus affins que se estendem, como diz v. d. Stein, do Xingú aos Andes e do Paraguay ao Amazonas. A esse grupo pertencem no Brasil os Kustenaús do alto Xingú que usam rêdes de palmeira (e não de algodão como os caribas), os Moxós, Baures, os Paumarys, interessante tribu aquatica e ichthyophagá que vive nos rios e lagôas quasi sempre em suas canôas, segundo o testemunho de Ehrenreich.

Os indios *Aruaks*, propriamente ditos, perdéram a antiga supremacia que estendiam até ás pequenas Antilhas e depois da conquista dos Caribas, de sua primitiva importancia apenas restam algumas tribus desoladas em esquinhas; em Venezuela e na Guyana ingleza; nenhuma dellas habita o Brasil.

4. OS CARIBAS. Os *caribas* que ao tempo da descoberta dominavam as Guyannás e haviam conquistado as pequenas Antilhas, suppunham-se provir do centro do Bra-

sil e já vimos que o Dr. K. von de Stein localisa a patria primitiva dessa nação nas cabeceiras do Xingú. Foi ahi que o illustre ethnologo allemão encontrou varias tribus *caribas*, no mais baixo degráo de cultura como os *Nahuquas* e os *Bakairis* que não conhecem sequer o ferro, nem as bebidas espirituosas, nem a banana.

Pelos caracteres anthropologicos e linguisticos essas tribus aliás cercadas de tapuyas, nu-aruaks e tupis, ligam-se ao grupo dos caribas cuja massa principal deslocada para o norte habita hoje a Guyanna oriental.

Os *bakairis* parecem ser os mais antigos pelo estado puro e rude da lingua e da cultura; mas ha ainda tribus de caribas no Madeira (os *Palmelas*) e no sul do Piauhy (os *Pimenteiras*).

Os *bakairis mansos* ao dizer de von den Stein levam uma vida idyllica e bucolica; lavram e criam, vestem-se á européa e na sua lingua transparecem ás vezes vocabulos portuguezes. Ao contrario, *bakairis bravios* andam nús e miseravelmente, de arco e flecha e em condições inferiores de vida e de trabalho. Os *Pimenteiras* que desde 1775 aterrorisam os fazendeiros e criadores do Piauhy, parece que vieram de oeste e o seu dialecto não tem o suffixo *otò* do dos caribas que estacionam longe no Ucayali e no curso superior do Amazonas.

Nações não classificadas. Se a classificação acima reduz a poucos grupos um sem numero de tribus, é preciso confessar que ainda fora della mais cinco grupos já deliminados pelos estudos recentes: a *Karajá*, o *Pano*, o *Miranha*, e o *Guaycuru* os sobreviventes do extincto Goytacaz, os *Puris*. São em todo o caso menos importantes que os quatro grupos mencionados, acima dos ainda não classificados.

Citaremos entre estes os *Juris*, os *Tekunas* e *Uapes* no oeste amazonico, os *Trumais* no Xingú, os *Carajás* e os *Bórórós* na região do Araguaya, os *Guatós* no Rio S. Lourenço e o interessante povo hoje extinto dos *Kiriris* na região superior de S. Francisco.

Os *bororós* de lingua sonóra são caçadores incultos. Os *carajás*, já meio civilisados, ostentam aldêas e arruamentos de casas sobre os bancos arenosos do Araguaya, e fazem-se notar como criadores de araras, gallinhas e patos, e outros animaes como cães, porcos do matto, macacos, etc.

9.

A colonisação. Capitanias hereditarias.

O reinado de D. Manuel escoou-se inutil mente para a terra; mas já nos ultimos annos, attenta a pirataria dos traficantes de pau brasil, mau grado o monopolio portuguez, impunha-se uma das duas alternativas: ou colonisar a terra ou perdel-a. Embalde reclamava-se contra os corsarios de Honfleur e Dieppe. Quando subindo ao throno D. João III (1521-1557) o novo rei lançou vistas mais resolutas sobre a colonia indefeza e abandonada. O seu primeiro acto foi a constituição de uma esquadra que devia estacionar e cruzar ao longo das costas brasileiras e ao mesmo tempo servir, quanto podesse, ao povoamento. Foi d'ella commandante Christovão Jacques, e compunha-se de seis náus. C. Jacques fundou uma feitoria em Pernambuco e fortificou-a. Seguindo para o sul, na bahia de Todos os Santos bateu e aprisionou 300 francezes que levou para a Europa. Um anno mais tarde um galeão francez vingava esse desastre assolando a nova feitoria.

Tudo parecia recair no olvido, quando corre a Europa a noticia da abundancia de prata vista nas mãos dos selvagens do rio descoberto por Solis. A ambição despertou de novo a apathia antiga e a duvida de que esse rio estaria dentro da linha de demarcação fez logo equipar a esquadra que com Martin Affonso de Souza, armado de poderes absolutos, conjunctamente com Pero Lopes seu irmão, partiu para o Brasil. A acção de Martin A. de Souza limitou-se ao littoral brasileiro onde foram collocados marcos do dominio portuguez.

A exploração ordenada a Martin Affonso de Souza e a seu irmão Pero Lopes (1530) foi a mais precisa nos resultados: tocou successivamente no cabo de S. Agostinho, em Pernambuco, Todos os Santos, Rio de Janeiro, Cananéa; Pero Lopes, só, foi até a ilha das Palmas (Rio da Prata); em todos esses lugares demorou-se algum tempo, e de volta, fundou S. Vicente e penetrou no interior até S. André da Borda do Campo (S. Paulo); ahi recebeu Martin Affonso o titulo de donatario de São Vicente. Logo ao chegar ao cabo Santo Agostinho destacou uma nàu para oeste que explorou o litoral do Norte até o rio Gurupy, no Maranhão. Esse foi portanto o explorador que achou a expressão mais nitida da curva atlantica do Brasil, no curso de uma só exploração. E' provavel que Pero Lopes se adiantasse até o Rio da Prata, emquanto Martin A. de Souza restava em S. Vicente, verificasse a nenhuma existencia de minas no Rio de Solis, ou mesmo fazendo as observações astronomicas, concluisse que este rio estava fóra da linha da demarcação. Voltaram ambos a Lisboa em 1533.

Tendo já no Brasil trez feitorias - Pernambuco, S. Vicente e Piratininga - D. João III desde o anno antecedente resolvera practicar o systema de colonisação, que Christovão Jacques, natural da Madeira, já desde a expedição precedente havia de accordo com o letrado Diogo de Gouvéa proposto em 1527. Era o systema das capitanias hereditarias antes applicado na colonisação da Madeira e dos Açores.

Christovão Jacques ainda que o houvesse pedido, não foi contemplado. Fram-n'o e de modo excepcional os dous irmãos Souzas, Pero Lopes, e Martin Affonso.

No Brasil, a coroa portugueza não encontrava povos bastante cultos para limitar-se a subjugal-os e impor-lhes o protectorado como na India. Aqui seria mais facil o trabalho da conquista pela fraqueza da resistencia; mas era preciso povoar a terra inutil, pesquizar-lhe as riquezas ainda ignoradas, em uma palavra, fundar a sociedade e organisal-a. O governo acoroçoaria aos que quizessem vir a essas terras, portuguezes especuladores e aventureiros, a leva voluntaria do povoamento; disporia de condemnados que mandaria a esse degredo e de forças de caracter militar que guardariam a posse da terra. Foi esse ultimo alvitre que prevaleceu, pois quando se soube o Brasil acossado de estrangeiros que negociavam, com o gentio, foi que D João resolveu crear postos de defeza entregues como *doações* a differentes fidalgos e capitães illustres portuguezes. Foi dividido o paiz em lotes de cincoenta leguas de costa até a linha de demarcação pela terra a dentro. Cada lote d'estes

coube a um *capitão-mór* (e ás vezes mais de um lote) o qual deveria cuidar da povoação e prosperidade das suas terras, exercendo sobre ellas direitos senhoriaes quasi absolutos. Essas *capitanias* eram hereditarias e foram doze, à saber: *S. Vicente, Santo Amaro,* (1) *Parahyba do Sul, Espirito Santo,, Porto Seguro, Ilhéos, Bahia, Pernambuco,* e quatro capitanias ao norte da capitania da Parahyba até o limite extremo do Maranhão. Eram desiguaes, mesmo quanto a linha da costa e algumas nem se quer foram povoadas ou mesmo visitadas. Esses fidalgos não eram bastantes ricos para tomar a hombros tão dispendiosas emprezas, ainda podendo cobrar dizimas, escravisar o indio, retalhar as terras em sesmarias e não responder de tudo quanto fariam senão ao rei e em pessoa. Desde logo denunciou-se a fraqueza essencial do systema: em terra tão vasta as capitanias, indifferentes entre si, não attendiam ao perigo constante da invasão corsaria franceza que aqui e alli as atormentavam. Faltava-lhes a unidade e o sentimento do interesse commum. Isso juncto aos insuccessos de muitas d'ellas, determinou o rei de Portugal em 1548 a abolir as excessivas franquias que gozavam e subordinal-as a um Governo Central que teve a sua séde na Bahia. — A Bahia ficava quasi no meio mathematico da linha de costa melhor conhecida então e que ia da *Laguna* (em Santa Catharina) até o rio *Gurupi* (Maranhão) Propriamente, porem, o Brasil habitado, e

(1) Este era um dos tres lotes : Sant' Anna, Santo Amaro e Itamaracá, doados todos a Pero Lopes de Souza.

com grandes claros estendia-se apenas de Cananéa a Itamaracá.

10.

O drama e a tragedia das capitanias

A idéa de povoar o Brasil pelo regimen feudal das doações partiu de Diogo de Gouvea, portuguez de grande instrucção que dirigia um collegio em Paris d'onde sahiram os fundadores da companhia de Jesus e que fez parte mais tarde da Universidade de Bordeus. Diogo de Gouvea associou-se a Christovão Jacques, no pedido de concessões para colonisar o Brasil em 1527. Não se sabe bem porque, não foram attendidos; mas a idéa, alguns annos depois, fructificara.

Não era aliás cousa nova, esse regimen já antes applicado aos Açores e a Madeira; mas era um golpe ousado nas leis e no proprio interesse do absolutismo real a tanto custo conseguido contra os privilegios dos senhores e fidalgos. Presumivelmente não quereriam os conselheiros da corôa que a iniciativa d'esse golpe partisse de vassallos. D. João III não hesitou em vibral-o contra a propriarealesa entregando a colonia as olygarchias soberanas apenas temperadas pelo protectorado da corôa, fraco e a tão larga distancia, quasi inutil.

Mas era preciso adoptar uma resolução prompta antes que os aventureiros se apossassem da terra; e para um paiz de pequena população não haveria talvez outro recurso senão aquelle para fomentar a povoação da nova colonia

Às capitanias eram independentes entre si e n'ellas o donatario era pouco menos que o senhor absoluto. Pouco reservou para si a corôa, o quinto dos metaes e pedras preciosas (de cuja existencia aliás nada se sabia), e o

resto do systema tributario quasi todo de imposto directo (dizimos, vigesimos da producção, da pesca etc.) revertia na maior parte ao interesse da colonia. Adoptavam-se as leis da metropole, mas interpretadas com liberalidade considerando prescriptos os crimes commettidos além do oceano, não fossem traição ou moeda falsa, e alargando-se sem limitação o direito de asylo. Essas medidas favoreciam a colonisação porque as leis criminaes portuguezas (o livro V das *Ordenações*) eram de tal modo draconianas e absurdas que quasi ninguem lhes escapava: pequenas faltas eram alli tidas por crimes graves e a phraze *morra por ello* era a sentença commum de qualquer delicto. Apesar d'isso a população de Portugal que attingiria a 3 milhões d'almas e a preferencia da emigração para a India, a perspectiva do deserto que era a terra americana, amesquinhavam a corrente do povoamento. Vinte annos depois de constituidas, as capitanias hereditarias não sommariam *tres mil colonos*. A terra era desprezada e mesmo mal vista porque os degredos menores levavam á Africa, e os maiores ao Brasil.

Logo ao se estabelecerem foram os colonos, longe da civilisação adaptando-se á vida selvagem e aceitando muitos dos usos dos indios. Em pouco tempo trocaram os alimentos tradicionaes pelos da terra e em vez do pão, a farinha da mandioca. Aprenderam por vezes a manejar o arco e flexa, a governar as *igaras* pelos rios, a dormir em *redes*, a fazer a *covaira*; para essa assimilação contribuiam, na falta de mulheres brancas, as uniões com as indias com as quaes constituiam familia. Tambem facilitava essa barbarisação de costumes a presença do negro africano logo cedo importado, mais docil e submisso ao branco a cujo serviço trabalhava. Logo as plantas tropicaes uteis da Africa e da India, o *aipi*, a *pimenta*, o *cará*, juntaram-se á *mandioca*, ao *milho* e a *banana* indigenas. O Brasil não possuia mamiferos domesticaveis e foi o gado introduzido das ilhas portuguezas; introduziu-se então e egualmente a cultura da *canna de assucar* em S. Vi-

cente em 1532 e d'ahi se espalhou por todas as capitanias. Essa era a grande agricultura, em tal clima e tempo, só possivel com os escravos que no mesmo momento vinham de Guiné. A grande propriedade começou com a escravidão e foi a causa de tumultos com os indios, cuja escravisação dubiosamente legal não tinha assumido caracter de importancia. E' o tempo dos *sesmeiros*, em que são solicitados e concedidos pelos donatarios tratos de terra (*sesmarias*) a particulares que lhes devem vassalagem. A fusão das raças branca, negra e vermelha traduzem-se em varios typos de cruzamento (*mameluco, mulato, cafuso*) branco-indio, branco-negro, indio-negro, nos costumes e na linguagem que se apropriou de vocabulos africanos e indigenas.

Os colonos, porem, dentro em pouco conheceram o perigo de tanta confusão. A sociedade mesclada, incapaz de unir-se, se enfraquece e se corrompe. Em breve os indios os incommodam e è preciso organisar escaramuças em que nem sempre são vencedores. Por outra parte, os corsarios francezes atacam as povoações depredando-as, e entre o perigo do mar e de terra, o colono, sitiado, estabelece-se de preferencia a meio caminho da floresta virgem, um pouco affastado da embocadura dos rios e, egualmente, em alguma eminencia. As primeiras cidades do Brasil começam pelos morros e só tarde descem á planicie e nunca se formam á borda do mar e mesmo nos rios só nos lugares onde não chega o navio de longo curso — essa é a prudencia dos fundadores no seculo XVI e no seguinte, que foram uma lucta interrompida pela posse da terra. Assim fundaram-se S. Christovão, Olinda, S. Vicente longe-perto do oceano, Bahia e Rio (Morro do Castello) nas eminencias; cidades á boca do oceano como Fortaleza, Maceió, Desterro, Aracajú etc., são recentissimas. Esse problema foi logo resolvido em S. Vicente por Martim Affonso que ao lado d'esse porto creou Piratininga, no planalto, serra acima, asylo contra o corsario e guarda avançada contra a floresta povoada de indios.

Não se pode sustentar (o que tem aliás sido feito) que o regimen das capitanias fosse um desastre, só pelas dolorosas tragedias de que foram theatro; ao contrario, foi a salvação certa da colonia. Ainda hoje o Brasil resente os germens das oligarchias locaes que, como então, apenas toleram o protectorado do principe, vencedoras umas vezes, vencidas outras. Toda a nossa historia é o desenvolvimento d'esse duello original. Revezam-se cada seculo. As capitanias apparecem no seculo XVI; a união necessaria pela guerra hollandeza domina no seculo XVII; o espirito das capitanias volta de novo a emancipar-se no seculo XVIII, com as minas; a união com a monarchia subjuga-as no seculo XIX. Parece que o seculo XX se abrirá de novo com o particularismo feudal.

Não ha que recriminar contra esse rythmo natural da nossa historia, do qual o principio da unidade tentado com Thomé de Souza, realisado com a monarchia, tenderá sob qualquer forma prevalecer no futuro.

Naquelle tempo a depravação dos costumes era grande e foi a praga das cidades; a falta de escrupulos, a impunidade dos crimes novos juncta a dos prescriptos, a libertinagem occasionada pela presença de raças consideradas indignas, a quasi ausencia da religião n'esses primeiros ensaios de estabelecimento, accrescidos ás calamidades do mar indefeso e do matto virgem representam o quadro imperfeito d'essa lucta gigantesca dos donatarios.

Alguns sacrificaram a fortuna, a saude e todos os bens sem excluir a honra e a memoria dos nomes nobilissimos que traziam.

Muitos d'elles succumbiram tristemente na tarefa; outros nem chegaram a inicial-a, assaltados logo pelo infortunio. A expedição que viera colonisar o Maranhão (J. Barros) naufragou ou dispersou-se pelo mar; os colonos salvos vagaram pelas costas, á fome; fabricaram frageis embarcações e entregues ao oceano foram parar ao Haity onde lhe prohibiram sequer voltar

patria; apenas conseguio João de Barros rehaver dous filhos que estavam entre os desmandados. Entretanto por causa d'essa expedição quasi ia havendo uma grande guerra; quando ella se organisou em Lisboa com grande luxo de armas e material de guerra, correu o boato, e era verdade, que pretendiam chegando ao Maranhão conquistar a terra por ella dentro até ás regiões do ouro do Perú que então fascinava o mundo e acendia a cupidez dos aventureiros. O embaixador hespanhol n'aquella cidade chegou a communical-o ao seu rei. E eis o triste fim d'essa aventura criminosa!

Tambem foi uma tragedia a historia do donatario da Bahia, Francisco Pereira Coutinho. Homem já de edade, doente, tardo e irresoluto, foi um dos ultimos a colonisar o seu feudo (1537); já ahi encontrava um nucleo de homens livres que assenhorearam-se da terra (o *Caramurú* e outros) Em breve os seus proprios sesmeiros e vassalos unidos aos indios revoltam-se e põem em sitio apertado ao velho donatario. Chega um clerigo impostor que traz um falso documento de prisão do capitão-mór que desamparado refugia-se em Ilhéos donde volta, um anno mais tarde, a chamado dos seus falsos amigos; mas naufraga na ilha de Itaparica e é devorado pelos canibaes.

Essa aventura repercutiu dolorosamente na côrte de Dom João III, onde outras agruras não faltavam.

Todos esses contratempos e outros que ainda houve seriam, como foram, inevitaveis ao povoar um paiz sem immigração expontanea, sem animaes, sem trigo, com plantas que ainda não tinham a tradição do uso e sem recursos e ao mesmo tempo ameaçado dentro e fóra do seu ambito. Apesar de tudo, esse regimen foi adoptado por outros paizes colonisadores e os donatarios brasileiros correspondem aos *Seigneurs* francezes do Canadá, aos *Patrone* das colonias hollandezas, ao *Staroste* inglez da Carolina etc. O systema devia ser mantido e o foi; cumpria aparar-lhe os exaggeros que a experiencia mostrára inconvenientes e principalmente a excessiva interin-

dependencia das capitanias que as faziam indifferentes senão inimigas, e reforçar o laço commum d'ellas por um governo tambem presente e capaz de protegel-as realmente e defendel-as de todas as eventualidades. Os proprios donatarios que eram os orgãos naturaes do particularismo, sentindo proxima a hora da total ruina foram os mesmos que em clamor universal reclamaram a união. A 12 de Maio de 1548 escrevia Luiz de Goes, de S. Vicente a D. João III:—Venha V. A. em nosso auxilio: em breve esta terra se perderá e os francezes que a tomarem tomarão depois a Africa e irão atacar a Azia portugueza; e se esses presagios não movem V. A. tenha V. A. compaixão e piedade de tantas almas christãs d'esta terra. —

No mesmo anno creou-se o *Governo Geral* (1548) e foram cumpridos assim os desejos de todos.

Drama e *tragedia* das capitanias, dissemos, ao caracterisar esses primeiros annos do provamento. Só a *comedia* de facto não existia porque era o accordo de todos que a terra era "triste e melancolica" sem prazeres e divertimentos, rude, ignota "e desconsolada". A grandeza da paisagem asphixiava o homem; os vis insectos, venenosos reptis, as doenças e todos os males da luxuria e da ambição pareciam aqui prosperar e recrudescer com a nostalgia da patria distante.

11.

Synthese final. O humanismo e o renascimento

A epoca dos descobrimentos da qual não fizemos mais que descrever em detalhe um dos seus episodios, é a grande éra do *humanismo* e do *renascimento*. E' o triumpho

dos ideas classicas que o obscurantismo da edade media havia sepultado no olvido.

Nesse momento critico domina a lado das ideas pagãs o mysticismo religioso. A «nova cavallaria do oceano» beata e atroz, é ao mesmo tempo mystica religiosa fanatica e cruel; — em todas as regiões o seu escopo é *dilatar a fé*, mas não sem antes de tudo *dilatar o imperio*. A elevação e a indignidade, a crueldade e a doçura, o commercio de escravos com a cathese dos inficis, Las Casas e os Pizarros e Almagros, Anchieta e os Gamas e Albuquerques, os apostolos e os aventureiros, santos e heroes florescem todos d'esse momento de transição para a historia moderna.

Mesmo isoladamente nos individuos essa contradição persiste entre a religiosidade e o livre pensamento. A viagem de Colombo é uma heresia *el levante por el poniente;* e Colombo entretanto é religioso até á superstição: Orenoco é para elle o caminho do paraiso terrestre de Adão e dil-o convencidamente. Parece que toda a sciencia de Colombo deriva de um mediocre tratado *De Imagine Mundi* de Pierre d'Aelly.

No entanto o que o distingue além da fé e tenacidade, diz Humboldt, é a sua penetração, a extrema finura com que elle aprenhende os phenomenos externos. Torna-se, pois, no seu tempo o orgão do humanismo classico, o grande renovador das ideás antigas e na geographia as ideás antigas deixadas no grande olvido medieval preocupado de fervor christão, eram que existia um mundo ao occidente. A esphericidade da terra estava na doutrina de Pythagoras, em Aristoteles que a cria redonda porém pequena, na tradição da *Atlantida*, continente submerso de que deviam existir fragmentos esparsos (talvez as ilhas africanas de certo visitadas pelos phenicios). Seneca escrevera esses versos propheticos:

Venient annis sœcula seris
Quibus Oceanus vincula rerum
Laxet, et ingens pateat tellus,

Tethysque novos detegat orbes
Nec sit terris ultima Thule.

«Seculos virão em annos distantes em que o Oceano relaxará os laços das cousas; ver-se-ha então immensa a terra, Thetys mostrará novos mundos e entre as terras Thule não será mais a ultima.» Havia sido já a opinião de Platão no *Timeus* e o foi de toda a antiguidade culta. A America foi pois tambem a obra da renascença.

Egualmente o foi o periplo da Africa. Iniciou-se pelo commercio de escravos no seculo XV, mas já no seculo seguinte soffreu o influxo dos estudos classicos. Effectivamente já os phenicios haviam longos seculos feito a circumnavegação do continente negro—seis seculos ao menos, antes de Christo. Herodoto narra a viagem de alguns phenicios a mandado do Pharaó Néco, em circunstancias que não se podem contestar; elles desceram o Mar Vermelho e voltaram pelas columnas de Hercules, verificando que a Africa era isolada das outras terras excepto ao norte do Egypto. D'essa viagem resultou a ordem de abrir-se um canal do mediterraneo para o Mar vermelho. (616—600 A. C.) Segundo Herodoto essa viagem durou tres annos e analysando-a, diz Peschel que duvidar d'essa empreza é injustificavel pois os marinheiros phenicios não estavam mais atrazados que os navegadores dos seculos XV e XVI e antes, a difficuldade da navegação vindo de leste é menor porque é feita no sentido da corrente sul do oriente e o unico trecho realmente difficil é a travessia de Cabo Verde a Gibraltar, quasi o ultimo da circumnavegação. — Tambem os carthaginezes com Hannon (480—470 A. C.) exploraram a costa africana até além de Guiné onde capturaram uma Chimpazé femea que tomaram por mulher natural da região. Do *periplus* de Hannon se gravou uma inscripção carthagineza, de que possuimos a traducção em lingua grega.

Se bem que os navegadores, exceptuando talvez Vespuccio, não tivessem grande erudição, todavia faziam essas idéas parte da cultura universal e achavam-se disseminadas

por todos os espiritos. Não era pois de estranhar que a «cavallaria do oceano», embora inconscientemente, fosse levada a pôr as suas ambições e energias ao serviço da sciencia renascida. A segunda metade do seculo XV decuplicou a area conhecida do mundo, revelando a immensidade da terra incognita. O trabalho dos navegadores excitava no seio das universidades européas a febre da erudição antiga onde se ia buscar a chave de tamanhos mysterios tanto tempo obscurecidos.

Inaugurando a colonisação do Brasil pelo systema feudal das doações, tambem não fizeram os portuguezes cousa differente do que já haviam experimentado os colonisadores greco-phenicios da antiguidade. Essa analogia talvez não seja de todo fortuita; Diogo de Gouvea, de Paris, o autor da proposta do regimem colonial, professor universitario, theologo e leterado, era de facto um grande conhecedor das letras classicas. No seu collegio em Pariz e posteriormente na Universidade de Bordeus, Diogo de Gouvea occupava lugar conspicuo entre os homens de espirito do seu tempo.

Elle de certo sabia que n'uma das colonias da antiguidade (que se suppõe Malabar,) era o sandalo como o páo brasil exclusiva materia de permuta nos primeiros tempos. Depois do orientê o commercio expandiu-se pelo Mediterraneo, com o *ambar* e os metaes. Parecia-se esse caso com o da «terra do brasil» o só lhe faltavam os entrepostos phenicios, as feitorias de propriedade privada sem as quaes não se poderia crear o commercio.

Os greco-phenicios tinham colonias de duas sortes: as *Apoekias* que eram formadas e mantidas e defendidas por iniciativa de donatarios e as *Kleruchias* que eram de todo submettidas e preservadas pelo estado. Como lá, nós evoluimos da *Apoekia* para a *Kleruchia*, do particularismo feudal para o absolutismo da corôa.

II

Tentativa Unitarista e Organisação da defesa.

...Está capaz para se edificar n'elle um grande imperio.

GABRIEL SOARES *Trat. do Brasil.*

1.

O Triumpho da America

O meiado do secculo XVI marca um momento original da historia humana: O polo da attenção universal declinou de chofre para a America. Foi uma declinação gigantesca que abalou o mundo; desfez-se a magia do oriente com o sandalo e as especiarias, e a ella succedeu agora a fascinação do ouro em massa e da prata do Mexico e do Perú, envoltos nas façanhas sangrentas e inauditas dos conquistadores. A' realidade que já era assombrosa juntaram-se lendas ainda mais inverosimeis, e talvez sem ellas o povoamemto do novo mundo fôra impossivel.

Para nós foi um momento decisivo. Ao norte do Brasil é que se collocava o imaginario paiz do *El-Dorado* ficção maravilhosa de um reino encantado cujo principe, ungido ao anoitecer de oleo, pela manhã ao levantar-se revolvia-se em pó de ouro resplandecente. *El-Dorado* tinha palacios de esmeraldas e saphiras e os seus dominios eram fechados por cordilheiras de cristal. Essa legenda abriu o apetite dos aventureiros, já preparados pelas riquezas magnificas dos Incas. E punha-se essa região encantada, como em geral succede, no trecho então menos conhecido da America do Sul, entre o Oyapoc e o Maranhão e pelo interior d'essas terras e d'ellas por oeste até os confins das cordilheiras. Foi para achar o paiz assombroso que Orellana desceu do Perú, e foi o primeiro,

2.

O Governo Geral, Thomé de Souza e Duarte da Costa

A experiencia da fraqueza das capitanias e da desmoralisação e depravação d'ellas e a ameaça constante dos piratas, na maior parte francezes, que impunemente commerciavam com os indios e procuravam estabelecer-se na terra, induziram D. João III a crear o *Governo geral do Brasil.*

Comprou-se para séde d'esse governo a capitania da Bahia, á familia do donatario que ahi fôra victima dos selvagens, ponto magnifico pela excellencia do porto como por estar quasi no meio das costas já aqui e alli occupadas desde Cananéa até Itamaracá.

Foi primeiro governador nomeado **Thomé de Souza** (1549-1553) homem prudente e sisudo, como era sua fama, e que chegou a 29 de Março de 1549 e logo assistido de portuguezes o *Caramurú* e outros que ahi estavam e dos indios, lançou os fundamentos da *Cidade do Salvador* na chapada da montanha no logar que hoje se chama *cidade alta.*

Thomé de Souza era um bastardo, porém de grande estimação entre a nobreza pelos seus serviços e por "ser um homem sério", cousa pouco vulgar entre os homens de menos esmerada educação.

Com elle vieram um *Ouvidor-mór,* Pero Borges que tinha a seu cargo os negocios de

justiça; um *Procurador* Antonio Cardoso de Barros que devia arrecadar os impostos e mais dinheiros da corôa, e um *Capitão-mór da costa*, Pero Goes da Silveira, que devia viajar e guardar o litoral. O governador geral era, como os capitães-mores das capitanias, tambem o commandante das tropas.

Em companhia de Thomé de Souza vieram seis Jesuitas sob a direcção do Padre Manoel da Nobrega. Vinham para cathechisar os indios e prestar á colonia os serviços da religião e dos bons costumes então quasi abandonados.

A administração de Thomé de Souza foi habil e de muito fructo. Organisou a defeza das colonias, fortificando-as e tornando obrigatorio por toda parte o serviço militar, mas sem excesso. Protegeu-os indios, mas não sem castigal-os severamente quando necessario; de uma feita, tendo estes massacrado e devorado dous portuguezes, aprisionou dous *murubixabas* (assim chamam aos chefes) atou-os á bocca de uma peça que fez disparar em seguida. Essa crueldade foi bem inutil e parece inexplicavel n'um homem como Thomé de Souza que para poupar a população ou augmental-a revogava a seu arbitrio as leis penaes das *Ordenações*, perdoando a facinoras e criminosos de toda casta. Assim accumulou muitas difficuldades para os seus successores. Percorreu varias vezes as capitanias, dando auxilio e conselho, creando povoações (Conceição de Itanhaen e Santo André) promovendo a expulsão dos hespanhóes que commerciavam já pelo sertão do rio Paraná.

No seu governo o Brasil foi feito bispado

separado do do Funchal de que dependia e o primeiro Bispo foi D. Pero Fernandes (Sardinha) que chegou em 1552.

Logo no anno seguinte completando quatro annos que era o tempo designado, pediu para recolher-se ao seio da familia que deixara na patria. Em todo o resto da vida, porem, foi sempre o conselheiro do governo nas cousas do Brasil.

Duarte da Costa — (1553-1558) foi o successor de Thomé de Souza. Prestou egualmente serviços de valia, mas estava longe de ser como o seu antecessor. Deve-se-lhe entretanto fazer justiça notando que a sua administração foi muito mais tempestuosa que a de Thomé de Souza; no seu tempo os indios, em grande alliança sob o commando de um terrivel cannibal *Cunhã-bebe*, desde o Cabo Frio até a Bertioga, levantaram-se fazendo grandes mortandades e zombando dos portuguezes.

Tambem francezes calvinistas se estabeleceram numerosos na bahia do Rio de Janeiro (1555) com o seu chefe Nicoláo de Villegagnon que se fortificou na ilha que tem o seu nome hoje.

Duarte da Costa pedia recursos que nunca chegavam e não podendo combater ficava na inacção, preferindo-a á vergonha da derrota certa.

Tambem vieram com elle novos jesuitas e entre esses José de Anchieta, o apostolo do Novo Mundo, a quem se deve ter chamado á civilisação milhares de homens embrutecidos pela selvageria, e ter promovido a paz entre elles e os colonos com risco de vida e

com grandes, constantes e penosos trabalhos nos quaes consumira a existencia, pondo em prova a sua admiravel caridade e amor dos homens.

Na administração de Duarte da Costa, deram-se divergencias entre o bispo e o governador, sobretudo pela desmandada conducta do filho d'este, Alvaro da Costa, moço de grande coragem porem de costumes soltos. Outras razões haveriam além d'esse pretexto e por isso formaram-se, entre os colonos, partidos de um e outro lado que ameaçavam perturbar a ordem. O rei fez chamar o bispo. Pedro Fernandes effectivamente embarcou em 1556; mas ainda nas costas do Brasil, nos baixos chamados de D.Rodrigo, perto do rio Cururipe, naufragou, e com outros que iam, foram devorados pelos Caetés. A consternação produzida por essa desgraça ao menos poz termo a todas as disputas.

Em 1558 Duarte da Costa terminou o seu governo. O caracter de Duarte da Costa resentia-se de egoismo e de parcialidade em tudo que dizia a si proprio ou á familia. Por causa do filho deixa lavrar a contenda com o bispo e fomenta-a desmoralisando perante o rei ao velho sacerdote. Não abandona o governo sem reservar para si as melhores sesmarias.

Um anno depois morria na Bahia o celebre *Caramurú*, já muito carregado de annos e que fora a testemunha dos grandes acontecimentos da terra, nos quaes tivera não pequena parte.

3.

A fundação da Cidade

A fundação de uma cidade não era problema novo para os portuguezes; muitas viram elles nascer nas ilhas e na Africa ao redor dos fortes ou ao pé das feitorias; aqui na America dar-se-ia o mesmo mais tarde, e as cidades surgiriam umas das missões e aldeias dos indios, outras das feiras do sertão, dos pousos de passagem e travessia dos grandes rios, muitas ao pé dos fortes que asseguravam as *entradas* pelo interior, como os *bourgs*, os *caster* e as *abbadias*, e os *vada* dos rios, os mercados (*kermesses*) dos tempos medievaes.

Em todas essas, a primeira consideração intuitiva era a da defeza contra a ameaça externa. Thomé de Souza hesitou na escolha entre differentes pontos e decidiu-se pelo local que é hoje o da cidade. Transferiu o nucleo de portuguezes que já ahi estavam e habitavam quasi ao pé da barra, na *Villa Velha*, mais para dentro e para o *alto da montanha* que, ingreme do lado do mar, seria por isso mesmo facil de defender. Na praia, que mais tarde o commercio povoou, havia excellente aguada para os navios.

E com firmeza metteu mãos á obra.

Foi logo aberta uma estrada pela montanha que conduzia ao sitio escolhido na esplanada; fez logo uma grande cerca de páo a pique a modo de trincheira provisoria que mais tarde se melhorou fazendo-a de taipa para que a sua

gente toda e soldados que trabalhavam na edificação ficassem ao abrigo do gentio; foram depois arruadas as casas que eram cobertas de palmas de coqueiro e abertas as praças onde se foram fazendo as casas maiores do governador, a camara, a cadeia, alfandega e casa dos contos, ou thesouro, etc. No meio da praça, como de costume, elevava-se o pelourinho. Ao mesmo tempo construiam-se o Collegio dos padres jesuitas e outras egrejas. Toda a gente ahi trabalhava e se improvisava de mechanico, afora os mestres de officio que tinham vindo. Os degradados, e demais colonos portuguezes que estavam na *Villa Velha* onde se havia antes aposentado como foi possivel todo o pessoal, foram transferidos para a nova povoação, cheia de vida e movimento. Por ventura o espectaculo de uns ao lado de outros, os homens da mais pura virtude e a ralé do crime, tão dissemelhantes e tão congregados, suggeriu a Thomé de Souza (que era tambem um bastardo) a idéa de que esse novo asylo era o symbolo da alliança e da paz entre os homens, e assim deu por armas á cidade em campo azul uma pomba tendo ao bico um ramo com tres folhas de oliveira. *Sic illa ad arcam reversa est,* era a legenda.

Sem duvida nenhuma e por esse tempo foi a Bahia a unica metropole do oceano. A multidão dos «varredores do mar» hollandezes, normandos ou iberos aqui cruzavam as suas frotas do oriente e do occidente. Trinta ou quarenta annos de existencia deram á povoação o seu caracter definitivo.

A cidade ia rapidamente crescendo. Todos os annos aportava uma esquadra de ordem do rei com todos os recursos necessarios, sinos para as egrejas e artilharia para a praça, gentes para povoal-a, orphans para casar e dignificar o lar vasio ou manchado pelo concubinato, degradados, e escravos para a agricultura. Vinham n'ella tambem os mantimentos tradicionaes do homem branco, o

vinho, o trigo, que a colônia não produzia, e mais as sementes da India, ás vaccas e os carneiros e os porcos das ilhas. Assim se foi agglomerando o povo, e annos mais tarde dizia G. de Souza: «Não faço menção d'outras ruas porque são muitas e seria um nunca acabar». Tão grande era já a cidade. Entre as ruas a mais formosa era a dos mercadores que ia da praça central até a Sé, com as suas lojas de drogas, de pannos e sedas. A praça era aberta do lado do mar onde a montanha caia a prumo; d'esse lado estava postada a artilharia grossa; os outros lados eram feitos pelas casas do governo, e outras. A belleza e movimento da nova povoação attraiam os grandes das capitanias que aqui passavam. Na cercanias, verdejavam as hortas, ao modo dos casaes, que alimentavam e abasteciam o mercado, e mesmo na cidade o que a fazia pittoresca eram os vergeis e pomares das casas, cheios de arvores da tamara, da laranja, do figo, da romã entre os pampanos das latadas ao lado das quaes emergiam ante-diluvianas e insolitas as largas folhas da bananeira emquanto sussurravam as coqueiraes como remigios de frechas monstruosas crivadas no solo. Todo esse espectaculo era novo para os que chegavam, pela flora da paysagem, pela confusão das raças que a animavam e ainda pela atmosphera de liberdade, quiçá até de licença, que se respirava no mundo americano.

4.

As tres raças. A sociedade

Logo cedo no Brasil, na sua capital, como nas demais povoações, a obra da civilisação foi deturpada pelo conflicto das raças, disfarçado em democracia, fructo antes da luxuria que da piedade dos peninsulares. Desde o pri-

meiro momento o branco, o indio e o negro se confundem. O contacto das raças inferiores com as que são mais cultas sempre desmoralisa e deprava a umas e outras.

Principalmente, porem, deprava as inferiores pela oppressão que soffrem, sem que este seja o peior dos contagios que vem a supportar.

E' claro que negros e indios, não poderiam ser senão a occasião de desdem e de odios que gera o escarneo dos superiores. A mulher de raça inferior não consegue ser dignificada, nem mesmo depois de formada a raça mestiça. O proprio governo considerou por vezes uma infamia o casamento promiscuo de brancos e negros. O padre Nobrega diz n'uma de suas cartas que um branco raptara uma india e, censurado o seu procedimento, entendeu que estava justificado, só com baptisal-a.

O branco procurava (e isso havia já dous seculos na peninsula) o pretexto real do clima para evitar os duros trabalhos da agricultura tropical e assim escravisara os negros, e agora, quanto podiam, os indios. A primeira consequencia era a ociosidade dos remediados e ricos, o luxo e com elle a depravação da energia e a dos costumes. Quasi toda a gente tinha escravos, ou indios ou negros. Esse costume gerava o sarcasmo, o odio, o desprezo de um lado e a perfidia de outro. Se accrescentarmos que na maioria eram os brancos degradados e criminosos pode-se fazer idéa dos crimes que então se commettiam e da dissolução que lavrava em toda a sociedade. Entre raças diversas toda a mistura por assim dizer se torna em combinação; taes contactos destroem a humanidade no homem. Nada escapa á distribuição do mal que a sociedade gera e espalha por todos os escaninhos onde a sua seiva circula. Instituindo a escravidão, a profissão principal do colono era a preza humana, a caça aos selvagens. Os que ouviam a voz dos jesuitas ou a da consciencia, fixavam-se no solo e fundavam os engenhos; mas

compravam os escravos que os demais iam arrancar á floresta ou atravez dos mares á Africa. Os demais, entregavam-se ás actividades vagabundas do contrabando, das rixas e demandas e do jogo «que tão publico andava» diz o padre Blaques. Os vicios dos christãos, diz ainda o mesmo jesuita, junctava-se ao da gentilidade «fazendo uma embrulhada *diabolica*».

A dissolução da vida moral inventara a exculpação de que os crimes «de lá» já não o eram aqui; tambem os hollandezes de Pernambuco dirão mais tarde que não ha crimes «aquem da linha equinoccial».

Os portuguezes que vieram estabelecer-se nas terras do Brasil não pertenciam á classe media aliás pouco populosa n'esses começos da edade moderna, maximé em Portugal, onde não havia industria nem já agricultura. Eram fidalgos ou infimos plebeus e degradados; a maior parte, gente aventurosa e sem consciencia. Uns poucos vinham por senhores; outros e na maioria, por governados senão detentos: — melhor parte era a que pesquizava a fortuna e as aventuras, ou fugia á sanha da perseguição religiosa. Todos entretanto reflectiam o estado de alma de Portugal do tempo da Inquisição, do paiz da Europa onde era mais cara a vida e onde o monopolio das especiarias, das sedas e preciosidades do oriente tinham desenvolvido o luxo, a corrupção e profunda miseria. Motins sanguinolentos abalavam Portugal no tempo em que lá fóra a scentelha da reforma passava no ambiente. Taes foram os horrores, os assassinatos, as mortandades contra judeus e suspeitos de livre pensamento que se achou logo louvavel crear-se o tribunal da *Inquisição*, ao menos como um instituto legal que punha um termo ao tribunal tumultuario das ruas

Taes eram na colonia os **brancos.**

A gente valida era dizimada no oriente ou em Africa; ficava e crescia a população parasitaria, ignorante, cruel

e fanatica. Nos poucos, na maioria provincianos, que sobreviveram ou resistiram a essa dissolução felizmente é que estava a vitalidade nacional, nos seus navegadores e artistas; mas eram insignificantes para obstar ao desastre proximo.

Vindo para o Brasil, os **brancos** traziam todos esses vicios da decadencia que não deixavam de empanar a coragem, o valor e espirito de aventura que lhes eram proprios. Os colonos são turbulentos e deshumanos; em breve odeiam o trabalho que relegam ao indio ou ao negro; adoptam a indolencia e os costumes dos naturaes que pervertem até physicamente trazendo o contagio das epidemias. Os de baixa condição, agora com a fortuna facil tornam-se arrogantes, arruinam-se no luxo das sêdas e de todos os prazeres sensuaes. Dentro de pouco a fortuna mais tardia e honesta do trabalho agricola é perturbada pela imaginação das minas, dos *el-dorados* e de riquezas phantasticas — miragem continua e quasi sempre desmentida pela decepção no primeiro seculo.

O elemento conservador e aristocratico da colonia compõe-se dos grandes *senhores de engenhos* — estes á moda arabe, com a moenda triplice, impellida á mão pelos escravos (porque no principio, o muar é ainda raro). Depois dos *senhores do engenho* ha os mercieiros da cidade, os ourives que são em grando numero e os pequenos commerciantes. Entre uns e outros estão os capitães do *resgate* que capturam os indios, ao tempo que fazem o pau brasil e as industrias extractivas.

O negro, o fructo da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento economico, creador do paiz e quasi o unico. Sem elle, a colonisação seria impossivel ao menos ao dissipar-se a illusão do ouro e das pedras preciosas que alentavam em grande parte e a principio os primeiros colonos. A adaptação dos *brancos* ao novo clima, como a de certas plantas, exigia esse arrimo donde lhe vinha a vida.

Tambem por outro lado foi o negro o maximo agente differenciador da raça mixta que no fim de dous seculos já affirmaria a sua autonomia e originalidade nacional.

Os primeiros negros são de Guiné, mas dentro de pouco o trafico attinge Angola e a contra costa em Moçambique, e de lá chegam levas nas esquadras negreiras, todo o anno.

O indio formava uma população muito varia nas suas tribus, algumas d'estas mais distanciadas entre si, do que dos brancos, e possuia tal mobilidade de *habitat* que seria difficil ao menos em parte assignar-lhe região e dominio proprio. Esse elemento ethnico pouco contribuiu e contribue ainda pouco no desenvolvimento economico e moral do paiz — mas com toda a sua mesquinhez de acção é todavia caracteristico e tem sido falsa ou verdadeiramente utilisado como factor aristocratico na historia da lucta entre colonos e jesuitas e quatro seculos mais tarde entre os revolucionarios da independencia. O sentimento de humanidade não justifica a escravidão *negra* de preferencia á *vermelha*, menos culta; antes o justifica o instincto practico, senão o prejuizo da côr por se considerar a ultima mais proxima do branco.

O *branco* intelligente mas avido e atroz, o *negro* servil e o *indio* altivo mas indolente, são os tres elementos donde vae sair a nacionalidade futura. Mas a agitação ethnica é toda subterranea e está repartida por todo o subsolo, guardando a futura erupção.

As aldeias de indios tornavam-se perigosas desde que a embriaguez pela cachaça n'ellas entrára com a civilisação. Então, assassinatos e mortes eram frequentes e segundo o costume d'elles, por motivos minimos e insignificantes.

Nas cidades, a sua condição era mais toleravel; e a ellas accorriam sobre tudo as mulheres indias que preferiam naturalmente o trato dos europeus. Alguns as des-

posavam; outros quasi todos, abusavam da innocencia d'ellas como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as por egual a concubinas e escravas.

Todavia os colonos as tinham em certa estima. Pero Lopes de Souza escrevia das mulheres Tupinambás em 1531 que «eram alvas e mui formosas e não haviam nenhuma inveja ás de Lisboa». Na celebre carta de Vaz Caminha lê-se que ellas (*Tupininiquins* de Porto Seguro) eram «moças bem gentis».

As povoações do seculo XVI traduzem em seus aspectos, excellentemente, o estado d'alma brazileira naquelle tempo, que é ainda o de hoje do interior do paiz. O luxo das sedas e a ignorancia crassa. O rico ocioso dá para demandar, passar o tempo n'essas rixas de matar o tempo.

Asselvajam-se os costumes. "O que mais espanta os Indios e os faz fugir dos portuguezes, diz Anchieta, são as tyrannias que com elles usam obrigando-os a servir toda a vida como escravos, afastando-os de paes, mulheres e filhos, ferrando-os e vendendo-os!! Nas colonias são por egual e rapidas as fallencias, a ruina e a fortuna. A prosperidade e a dissipação são gemeas." "*Qualquer peão*, diz G. Soares, anda aqui com calções e gibões de setim ou damasco, e trazem as mulheres com vasquinhas do mesmo os quaes como tem qualquer possibilidade tem suas casas mui bem concertadas e trazem suas mulheres mui bem ataviadas de joias de ouro."

A riqueza das cidades é entretante movel e precaria e quasi sempre, n'aquelle tempo, destruida pela repatriação dos commerciantes.

A verdadeira base economica do Brazil desde aquelle tempo é a agricultura. No tempo de Anchieta os engenhos iam por 3, 8 e 12 legoas pelo interior; não ia alem de certo a penetração e o povoamento da gente civilisada. Mas eram já numerosos os engenhos de assucar que trabalhavam com os escravos importados de Guiné.

Ainda que morigerada e culta não podia essa classe conter a desordem das povoações. Para esse escopo trabalhava outra classe, aquella a quem devemos o germen da reacção contra o espirito corruptor da cultura colonial.

5.

O elemento moral. Os Jesuitas. Anchieta.

O elemento moral d'essa sociedade que florescia pela decomposição das raças foi a Companhia de Jesus. A ella coube essa responsabilidade difficil no meio de todos os tropeços e perfidias criados pela inercia do estado e pelo appetite voraz dos colonos. Só ella é quem prega os principios; todos estados estão absorvidos pelos interesses praticos. Por isso os seus inimigos é a legião toda dos conquistadores. O governo é muita vez e quasi sempre obrigado a transigir com o colono: o proprio Thomé de Souza, grave e circumspecto, é vencido pelo contacto d'essa gente criminosa e inquieta; pede sempre pessoas "habeis e honestas" o que não o impede de confessar ao rei que não castigara dois francezes ladrões e piratas que aprisionara porque um era bom lingua e outro ferreiro e convinha aproveitar gente que "não cobrasse do thesouro," e revogava as *Ordenações*, menos por liberalismo do que por espirito rudemente pratico.

O jesuita porem era inflexivel. Nunca cedia, nem condescendia. Combatia todos os escandalos e maldades, as perseguições inuteis aos indios, as relações illicitas e ás vezes monstruosas que destruiam o respeito mutuo entre os

homens. N'essa terra "desleixada e remissa" diz Anchieta, em vinte annos de cerca de 100 mil indios baptisados por todo o paiz não haveria mais que a quinta parte; o resto fugia para a floresta, afim de escapar ao captiveiro e a outras atrocidades, Os roubos das suas terras já lavradas, o castigo gratuito a pau e a espada, atterrorisava os incolas. "Ficamos entre elles, diz o padre Blasques, havidos por mentirosos, e a nossa doutrina desacreditada." Nem por isso arrefeciam os padres n'essa improba lucta que teve varias phases e a que succumbiram por fim, expulsos do paiz que educaram e onde foram a voz quasi unica do espirito christão.

A' vista da libertinagem dos colonos, pediam para o reino que mandassem mulheres "ainda que fossem erradas." E foi pelas suas instancias que vieram orphãs desvalidas para se casarem com empregados, funccionarios ou pessoas de merito.

D'este modo procuravam levantar os costumes e nobilitar a descendencia d'esses homens que aqui lançavam os fundamentos da nova civilisação. Foram os jesuitas os primeiros mestres da mocidade americana e nas suas casas e collegios abriram escolas gratuitas que o povo todo frequentava.

De toda essa pleiade dos primeiros padres que aportaram á nova conquista com Thomé de Souza e Duarte da Costa, entre elles dous principalmente se distinguiram, Nobrega e Anchieta. Mas é todavia **Anchieta**, o grande apostolo do Brasil e nos seus feitos e vida só comparavel a S. Francisco Xavier, o apostolo das Indias.

Anchieta nasceu em Tenerife em 1534. Não tinha pois ainda 20 annos (1553) quando pizou o solo d'essa natureza maravilhosa e incomparavel. Essa impressão deveria ser profunda no seu espirito de poeta cheio de mysticismo. Pode-se d'elle dizer que é brasileiro porque aqui se completou e amadureceu a flor e o fructo da intelligencia. Fal-

leceu em 1597 na capitania do Espirito Santo. Dos 63 annos da sua vida, quarenta e dous passou-os sob o céo brasilico, no seio das nossas florestas, nas aldeias dos indios, e só acaso no palacio dos governadores quando intermediario e arbitro da paz entre elles e os conquistadores, entre innumeraveis riscos e provações que ainda por longo tempo nobilitarão a sua memoria de santo.

O Padre Nobrega e os primeiros jesuitas imaginaram exaggerar o culto externo para despertar a attenção do gentio. N'esse tempo as procissões e romarias eram frequentes; trombetas, tambores e musica, sons ruidosos e o pannejamento de labaros e pallios vistosos e flammulas que adejavam pelas ruas "enramadas" e pelo solo tapetado de folhas, impressionavam fortemente os cathecumenos.

A esse apparato Anchieta que era poeta junctou o singular encanto do seu estro, compondo *autos* ao modo dos que a litteratura peninsular ja possuia, *mysterios* religiosos e dialogos em versos que as creanças indigenas representavam nas aldeias da cathechese. Foi elle o primeiro mestre da lingua tupi que ordenou em livros e em grammatica e affeiçoou ás necessidades da religião e da vida nova que trazia aos selvagens; e foi talvez tambem o primeiro mestre da lingua portugueza dos primeiros brasileiros brancos ou mamelucos.

E não é só o mestre, é o medico que conhece os remedios proprios, o enfermeiro dedicado. Trabalha em todos os officios que aprende por esforço proprio.

No tempo de Anchieta a provincia do Brasil já possuia tres collegios e residencias da companhia, templos da virtude e do trabalho onde não penetravam as rudezas da lucta pela existencia, e onde a piedade pelo proximo era o primeiro dever. Pode-se avaliar dos seus serviços quando se sabe que os padres estavam sempre ao lado dos governadores nas rebelliões dos selvagens, e d'esses os

que já haviam ouvidó a voz dos jesuitas podiam «chegar a cem mil», diz Anchieta.

6.

A rehabilitação e a defeza

Por esse tempo apontavam já todas as questões que vieram mais tarde desenvolver-se, e desenhavam-se todos os traços que deviam compor a physionomia dos seculos seguintes. A escravidão negra era já o apoio da vida economica; a paz com o gentio já se havia roto de modo irreparavel e data d'aqui a grande confederação dos indios de *Cunãbebe* contra os conquistadores, e com ella a scisão profunda entre o *jesuita* patrono da raça perseguida e o colono. Tambem já n'esse tempo ha ensaios de *expedições* e *bandeiras* á cata das minas; e das principaes citemos uma em S. Vicente á chegada de Martim Affonso e outra no tempo de Thomé de Souza em Porto Seguro, esta composta de 12 homens ao mando de um parente de Jorge Dias, o capitão-mór, que acompanhado do padre jesuita Aspilcueta Navarro galgou a serra e navegou por um rio até longe no interior. Voltaram sem ter encontrado cousa alguma. Já datam d' esse tempo e mesmo de antes as ameaças continuas dos flibusteiros que punham em risco o dominio portuguez na America.

De tudo que vae succeder só os factos variam, mas as causas geraes são as mesmas: o corso no mar, a escravidão na borda maritima, a ambição do ouro nos desertos incognitos do interior.

Na verdade, ao approximar-se o fim do primeiro seculo da conquista os dominios portuguezes não eram futeis nem somenos. O Brasil d'então formava uma serie continua de colonias semi-agricolas (do typo *das Plantation-colonies* inglezas), só servidas por escravos e que ia de S. Vicente a Parahyba. Alem d'esses limites, num grande trato nenhum colono havia no norte nem no sul, mas dentro d'elles, agitava-se a vida activa nas pequenas villas proximas ao mar e nos engenhos que já attingiam a mais de uma centena povoados de milhares de escravos negros e indios. Alem d'esses nucleos, havia as aldeias e casas de jesuitas, quasi duzentas, onde se agrupavam numerosos proselytos sobre tudo creanças sob a protecção dos padres. Em Pernambuco, S. Vicente e Bahia havia aulas de latim e de casos de consciencia e por toda a parte aulas de lêr. A vida era de «festa e prazeres», diz Anchieta.

A' *melancolia* dos primeiros tempos succedia senão a alegria, ao menos a jovialidade que dá a existencia facil quando não tranquilla. E havia muitas razões para a transformação do antigo sentimento.

A vida civil da mãe patria resentia-se de profundas modificações sob o novo clima. Ao codigo draconiano das *Ordenações* que a tudo punia com a morte e o degredo, succedeu interpretação mais liberal e talvez de tolerancia excessiva. Golpeiando a lei dizia o pratico Thomé de Souza agora que as *Ordenações* haviam sido feitas quando ainda o Brasil não existia. E a instituição das capitanias não era um golpe contra a *lei mental*? o exemplo vinha, pois, da corôa.

Com as capitanias, retrocedeu-se ao feudalismo que a realesa na metropole havia ferido de morte; mas ao menos com ellas, guardou-se a joia mais valiosa da corôa.

Entre todas as leis novas, a que entretanto caracterisa esse periodo é a que para segurança da terra organi-

sava as milicias. Grande acto de previsão, fundado nas flibusterias constantes que infestavam a costa e que veiu facilitar a defeza do paiz na lucta contra os francezes e hollandezes.

Ordenara o rei que cada donatario tivesse em sua capitania com a polvora necessaria, pelo menos dois *falcões*, seis *berços*, seis *meios berços*, vinte *arcabuzes* ou espingardas, vinte bestas, outras vinte lanças o chuços, quarenta espadas e outros tantos gibões d'arma dos que se usavam (alcochoados de algodão para amortecer o tiro das frechas).

Aos *senhores de engenho* e fazendas, obrigava a quatro terços de espigardas, vinte espadas, dez lanças ou chuços e vinte gibões; *todos os outros moradores* deveriam ter ao menos uma arma, e não a tendo «tratariam de obtel-a dentro de um anno».

O desrespeito d'essa lei importaria incursão em graves penas. Foi essa a primeira milicia nacional primeiro grito de alarme contra a invasão estrangeira. O futuro dirá se efficaz; mas d'este momento em diante a surpreza não tem mais razão de ser. Já cada um recebera sua senha; as capitanias guardam de reserva a porção util de suas forças prestes ao primeiro embate.

Não se poderia exigir d'esse corpo quasi sem homogeneidade e sem coordenação de movimentos outra resistencia nem melhor capacidade de reacção. A organisação das milicias era pois, sem duvida, o primeiro signal de sensibilidade da nossa vida externa. Os orgãos da nossa peripheria aguçam-se para a defeza: trincheiras, fortins e artilharia grossa guarnecem varios pontos do litoral. Montões de granadas de pregos pelouros descançam entre as setteiras d'onde espiam os guardas vigilantes. Ao lado dos presidios grupam-se centenas de choças de indios engajados para o serviço e d'ellas se formam lentamente novos nucleos de povoamento.

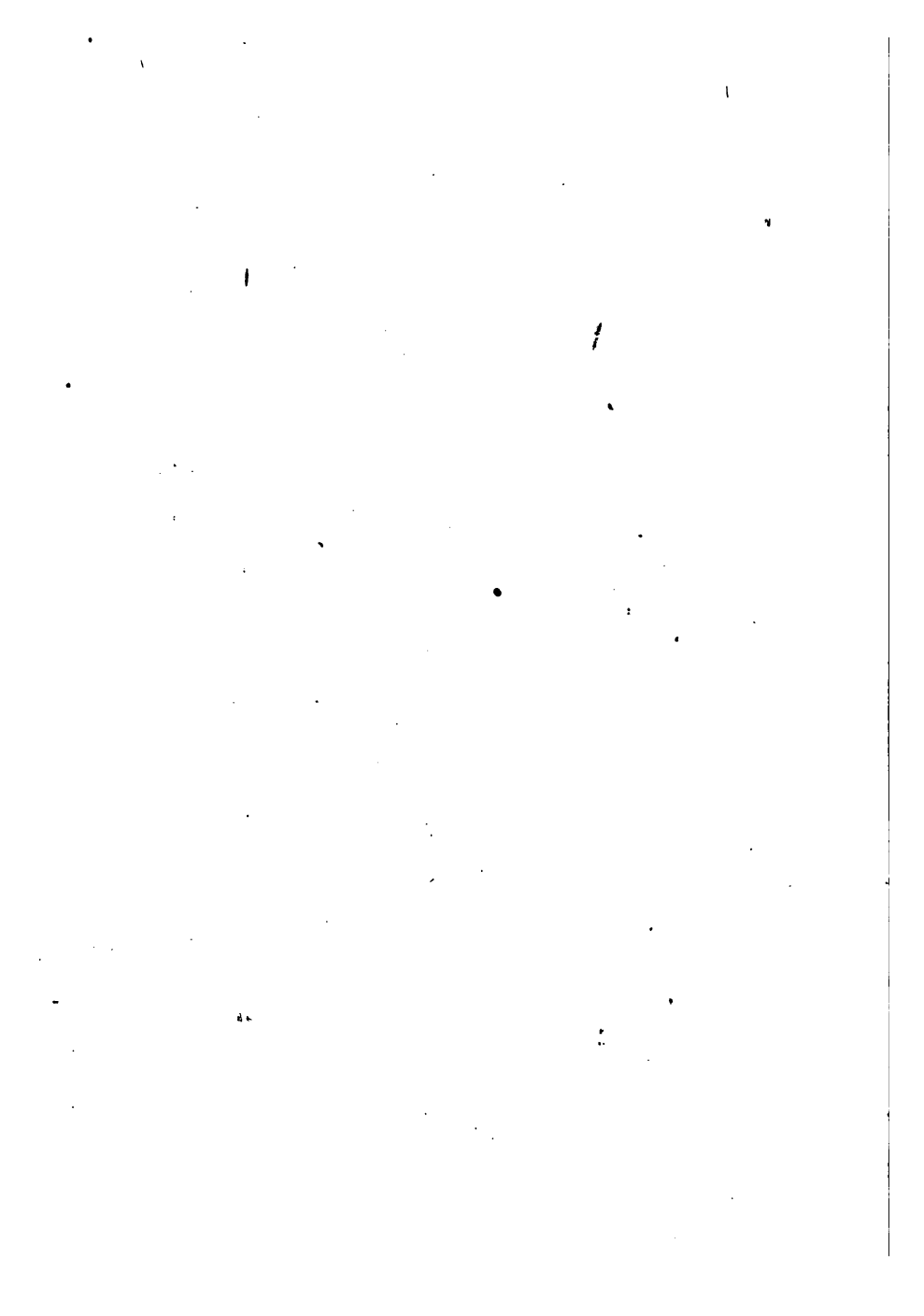
E' que o Brasil é já a terra da fortuna facil e do peregrino poderá dizèr a sentença do Bispo de Leiria: «Vá degredado para o Brasil donde voltará rico e honrado».

O costume do resgate em que por uma faca ou um pente obtinham escravòs e papagaios abria agora margem ás grandes lavouras do assucar e do algodão que as pesadas urcas levavam alem do Atlantico.

Fòra injusto o labeo atirado por Vespuccio á nova terra que vae agora ser disputada pelos dominadores do oceano.

III

Lucta pelo commercio livre contra o monopolio.

(*Francezes e Hollandezes*)

1.

Militaria

A organisação da defeza fôra sem duvida o grande e primeiro trabalho do governo unitario e geral; seria impossivel estendel-a por todo o immenso littoral da região portugueza na America sem o concurso de esquadra numerosa; mas não se limitou nem por isso aos unicos pontos do povoamento, onde pozera pé o colono. Foi o tempo de Duarte da Costa e Men de Sá aquelle em que o indio foi duramente combatido e victimado; massacres de grandes hordas foram feitos a que não faltava a surpreza nocturna e o incendio das aldeias construidas de palha; á menor provocação do indio respondia o colono com as suas terriveis — *entradas* — expedições militares que penetravam o interior do paiz levando a escravidão e a morte. Foi egualmente n'esse periodo que começou protecção e a piedade dos jesuitas. A' guerra aos indios junctou-se por fim a animosidade mais tarde guerra aos jesuitas por parte do colono. D'isso trataremos no momento mais proprio.

Pode-se entretanto affirmar que houve certa desidia no governo de Th. de Souza: Não só elle acoroçoou a desproporcionada crueldade da reacção dos colonos contra o indio como descurou a defeza e a conscripção obrigatoria que

maiormente se sentiu no tempo dos seus suecessores. Em qualquer caso, fosse contra os indios ou contra o estrangeiro, o estado de guerra se foi pouco a pouco tornando permanente.

A arte da guerra soffreu as modificações que impunham as circumstancias do novo meio e o grau de civilisação do inimigo.

Contra o indio, os processos tornaram-se naturalmente mais barbaros. A politica do colono começava por explorar a situação de discordia sempre usual entre os *morubixabas* e tomava o partido de uns contra os outros. Na lucta contra os indios os principaes auxiliares dos portuguezes eram egualmente indios. Na Bahia logo ao principio verificou-se que os tupinambás do leste (da cidade) eram inimigos de todos os outros de Paraguassú. Para abater os *Tamoyos* no sul o colono serviu-se do odio tradicional que contra elles tinham os *temimimós*. Dissensões taes davam-se mesmo dentro das tribus e as dilaceravam.

A habilidade consistia em util mas deshumanamente fomentar essa intriga continua entre os indigenas.

Não havia lugar aqui para se constituirem exercitos ao modo dos da peninsula. Desde logo a cavallaria, aliás já desacreditada na Europa, foi banida pela quasi rareza dos animaes. A infanteria dividida em *terços* (regimentos) não luctava em formaturas especiaes e as suas armas eram poucos e pesados *arcabuzes* que só no seculo seguinte são aligeirados na forma de *mosquetes*, e no resto piques e chuços, mais a espada. No tempo de Gabriel Soares podiam-se recrutar «4.000 pretos de Guiné e 6.000 indios flecheiros.» O canhão de pequeno calibre, o *falcão*, é mais proprio da guerra naval.

Armas novas, ás vezes trazem os europeus como as espingardas de dous canos usadas por alguns francezes no Maranhão (1614).

Nas guerras navaes tambem se introduziram modifi-

ções importantes. A mais curiosa d'ellas foi a organisação de terriveis esquadrilhas de canôas, extremamente móveis, invenção do selvagem, utilisada com exito. Com taes esquadrilhas é que se decidiu a tomada do forte de Villegagnon e da ilha de *Paranapuan* (I. de Governador) e com ellas faziam guerras de perfidia os indios de Itaparica e Seregipe, no reconcavo.

— Salvador Corrêa de Sá, o primeiro governador do Rio, tomou com uma esquadrilha de canoas em Cabo Frio uma náu franceza de duzentos toneis.

Essas esquadrilhas operam com exito á noite porque quasi sem vulto só são percebidas pelo inimigo tardiamente; e numerosas como os manipulos das legiões antigas é muito difficil infligir-lhes perda total.

Na guerra de grande estylo como a dos hollandezes pouco poderiam servir. N'esta utilisaram-se os typos em uso na Europa e n'esse tempo a *galé* de grandes dimensões, a *nave* de 25 pés de altura e 30 no lugar dos castellos, de grande bellesa pelo apparelho dos mastros de velas triangulares e plataformas de defeza no tope d'elles; o *galeão* que como o *bergantim* são antes navios da paz, e de mercadoria e transporte; a caravella de *popa quadrada* e dois castellos, de velame quadrangular em vante. O uso do pêz ou alcatrão e os morriões accezos para o incendio das náos inimigas, canhões roqueiros carregados de pregos, pedras e pelouros e outras especies formavam o material de combate.

O que de ordinario sobrevinha a essas náos de linha, quando em alto mar, era a dispersão porque era quasi impossivel governal-as com attenção no acceso da pugna. São frequentes por isso as acções indecisas ou falhas no oceano como foi a de Adrião Patrid entre Bahia e Pernambuco.

O salario dos soldados era insignificante; no tempo dos hollandezes e na milicia organisada por Mem de Sá no Rio de Janeiro ganhavam tres vintens por dia, mas

só os pobres; porque o serviço militar é dever publico. A's armas offensivas junctavam o uso do *gibão*, couraça de panno cheio de algodão, para amortecer as frechadas do indio.

Nas *Entradas* contra os indios do sertao, iam mamelucos faladores da lingua, soldados portuguezes e indios armados de frecha. O lingua falava aos sertanejos na fartura do peixe e de outras vantagens da vida na costa — se elles não annuiam em descer, estava travada a guerra e feitos escravos os que podiam apanhar. Essa barbaridade confrangia todos os sentimentos humanos, mas como diz Fr. Vicente do Salvador «quebravam os pregadores os pulpitos, mas era como se pregassem no deserto».

A lei tolerava e consentia que o colono fizesse o *resgate* de indios, isto é, comprasse aos caciques victoriosos os prisioneiros de guerra, os quaes segundo os costumes d'essa gente eram, como vencidos, condemnados á morte. O colono, porém, préviamente fomentava a guerra ou a fazia elle proprio.

Na arte da fortificação das cidades, no que era essencial, ainda a necessidade impoz os processos rudimentares já conhecidos, a *caiçara* de paos, as *juçaras* ou cercas de espinhos ou as trincheiras de taipas. Os primeiros fortes que se construiram, insignificantes, nao podiam resistir a um embate serio. Só no seculo XVII é que com o exemplo da grande guerra dos hollandezes, se cuidou da fortificação moderna em baluartes, com bastiões apropriados para a defeza obliqua; o flanqueiamento das linhas e o cruzamento dos fogos são os dous excellentes principios introduzidos n'essas obras de defeza. Tambem foi o exemplo da guerra hollandeza que fez o governo portuguez em 1668 reformar as antigas e inuteis fortificações do Rio de Janeiro.

2.

A França Antarctica

Nicoláo Durand de Villegagnon, cavalleiro da ordem de Malta, por experiencia pessoal de suas viagens sabia que de grande interesse para a França seria organizar a posse do Rio de Janeiro já iniciada por innumeros francezes. Poderia favorecel-o o rei de França pois entre este paiz e Portugal já havia uma «guerra surda» de reclamações e protestos contra os piratas bretões e normandos que salteiavam Guiné e o Brasil. Vinham ainda em seu auxilio o interesse dos armadores, do commercio maritimo, do pao brasil e da pimenta e outros productos da flora e fauna dos tropicos ; e ainda por ultimo a necessidade de grande alcance politico e moral de contribuir para a paz publica, abrindo aos calvinistas francezes perseguidos na patria um asylo e refugio sob o céo americano. Essa ultima razão interessou o almirante Coligny que gozava de grande favor juncto ao rei Henrique II que concedeu á Villegagnon dous navios de guerra e um pequeno transporte para a expedição. Aventureiros, colonos e calvinistas n'ella embarcaram no Havre; logo uma grande tempestade fel-a arribar a Dieppe onde grande parte dos embarcados acharam melhor e mais seguro ficar em terra. Velejara em fim a pequena esquadra atravez do oceano e apoz viagem tempestuosa aportou ao Rio em novembro de 1555 A principio quiz fixar-se a colonia em um pequeno ilheo (*Ratier*, ilha da *Lage*) na embocadura da bahia. Por impropria, transferiu-a d'ahi para a ilha de *Seregi-*

pc (hoje Villegagnon) onde se firmou definitivamente. Entrincheirou-se nos pequenos montes que havia n'essa ilha e que foram arrazados dous seculos depois quando a ni velaram; e ahi construiu o forte chamado de *Coligny* em honra do seu protector. Eram uns oitenta os colonos. Mas não viveram em paz por muito tempo. A austeridade de costumes de Villegagnon era uma barreira aos instinctos sensuaes dos seus companheiros que viam n'esse asylo americano apenas uma occasião de escaparem aos deveres da civilização. Logo formou-se uma conspiração contra o chefe, capitaneada por um d'aquelles interpretes que já se tinham barbarisado ao contacto do gentio. Castigou-os duramente Villegagnon fazendo-os enforcar, ou executar militarmente ou perdoando á troca de trabalhos forçados. Infelizmente, porém, escapara ao castigo o culpado principal, o interprete, que desde então procurara por todos os meios fazer levantar a revolta dos indios contra os colonos.

No anno seguinte, a feitoria franceza recebeu um grande numero de colonos, cerca de 300, que vieram com a esquadra de Bois-le-Comte, sobrinho de Villegagnon; então espalharam-se pela ilha de *Paranapuan* e pela margem occidental da bahia, onde logo se formaram grandes plantações uteis e florescentes. A ellas se aggregavam e pediam alliança os indios, os quaes Villegagnon attrahia pela liberalidade e por não fazer distincção entre elles e os brancos senão que estes lhe pareciam mais corrompidos e criminosos.

Foi talvez a discordia sectaria o estorvo d'essa colonisação tão sabiamente iniciada. A França Antarctica devia ser o asylo do protestantismo francez; mas é da natureza do protestantismo, sobretudo n'aquelle tempo de paixão pelo *livre exame*, o dividir-se em dissidencias e dissensões pessoaes, sendo cada um auctoridade bastante em materia de fé. Os padres calvinistas que vieram na expedição de Bois-le-Comte logo acharam que Villegagnon não

professava a doutrina verdadeira e não entendia o sentido verdadeiro do christianismo. Richier, Chartier, João de Lery, theologos de Genebra, vinham reproduzir no Novo Mundo as rixas religiosas do velho. Villegagnon que amava sobretudo a disciplina militar em que se fez marinheiro e que pedira ministros «para catechisar os selvagens», não possuia talvez convicções profundas, e sob o peso de taes irritações extemporaneas sentiu-se talvez secretamente convencido de que era melhor voltar ao catholicismo. Não o fez declaradamente, porque já era grande a sua responsabilidade. E' certo que na Europa o calvinismo de todas as seitas reformistas foi a mais fanatica e intolerante, sobretudo no governo, e d'isso davam aqui exemplo os theologos chegados, com grande escandalo e desordem. Depois de varias escaramuças, Villegagnon fel-os embarcar para a Europa, não sem recommendal-os secreta e barbaramente á policia catholica que então dominava a França. Aportaram todavia a uma povoação protestante do littoral francez onde não foram perseguidos, e tornaram na Europa conhecido Villegagnon pelo epitheto de *Caim da America.*

Tambem voltou Villegagnon a Europa (1559), mas com o projecto de adquirir meios e recursos para conquistar o Brasil aos portuguezes. A occasião não era mais favoravel; sem a protecção de Henrique II que havia fallecido e sem o auxilio e antes com a má reputação que lhes prepararam os calvinistas, nada conseguiu e abandonou os seus projectos nunca mais voltando á America.

Ficou assim a colonia franceza do Rio entregue ao acaso e ao seu proprio destino.

3.

Nicoláo Villegagnon.

Lustre da marinha franceza, homem de energia e illustração notaveis, foi entretanto o heroe da mallograda França Antarctica victima das maiores injurias dos seus contemporaneos. Os calvinistas attrahidos ao seio da sua tyrannia na America, pozeram-lhe o infame epitheto de Caim, para significar que assassinou os seus irmãos. Muitos historiadores resuscitaram e revigoraram as razões que o malsinaram ; mas, sem verdadeira critica nem exame. A verdade provavel é que Villegagnon appellara para os calvinistas como para a população mais disposta a emigrar, e podia fazel-o com sinceridade, sendo n'aquelle tempo um dos proselytos da Reforma. Mas o seu espirito interiormente vacillava ; elle não conhecia perfeitamente a doutrina genuina como o affirmaram os theologos de Genebra. Verdade mais geral é que toda a França hesitava : o protestantismo era uma questão germanica e exercia seu influxo sobre a França onde o elemento germanico tem a sua parte ; mas a França no fundo é latina e a solução da fé para ella veio afinal ser, o que devia ser, o catholicismo. Se a França, toda a nação, hesitou, vacillou e definiu-se, egual sorte tiveram os seus filhos. Muitos d'elles aceitaram e repelliram a nova fé e de tal modo que se tornou proverbial a reconversão com a phraze de mófa — *voltar ao Egypto* — isto é ao seio do catholicismo. Pouco mais tarde um dos maiores reis da França, Henrique IV, vacillava entre a reforma e o catholicismo que afinal triumphou. Como pois estranhar em Villegagnon essa contradição propria da época ? N'elle, homem de disciplina e de go-

verno, commandante de aventureiros e soldados, em breve se fez a convicção de que o *livre-exame* conduzia á destruição da obediencia e da subordinação. Na sua colonia os theologos lhe discutiam os pareceres e avisos e a sisania logo se manifestara. A contradição das suas opiniões explica-se pela versatilidade e fluctuação das idéas do tempo. Os dois chronistas da *França Antarctica* são um exemplo: Thevet catholico e J. de Lery, calvinista, sobre identicos successos teem opiniões diametralmente oppostas. Que esperar-se pois de semelhante estado d'alma ?

Ao contrario, todos os indifferentes ao fanatismo reformista fazem grandes elogios a Villegagnon, sobretudo da qualidade que mais lhe negam: a piedade humana e a liberalidade. Villegagnon, de resto era um espirito pratico, elle pedia aos theologos de Genebra a catechese, base da alliança do indio e aos demais o desenvolvimento da cultura e plantações já iniciadas na terra; os theologos, porém, vieram para transformar a ilha de Coligny n'uma pequena Bizancio, com as suas multiplas questões sobre a *eucharistia*, donde conluios e intrigas do seu sanguinolento Evangelho (Thevet). Basta justificar a honorabilidade de Villegagnon quem como elle conhecia a responsabilidade do governo colonial: Men de Sá, que o exalta e nobilita aos olhos da posteridade dando-o como um homem puro e philantropo.

4.

Expulsão dos francezes do Rio de Janeiro

Já desde o tempo de Duarte da Costa haviam estabelecido os francezes sob o mando de Villegagnon, uma colonia de protestantes

na ilha de Seregipe na bahia do Rio de Janeiro, onde attrahindo o gentio faziam lucrativo commercio.

As difficuldades em que se via Duarte da Costa, as dissensões com o bispo, a guerra dos indigenas em varias capitanias, junctas á falta de maiores recursos collocaram-n'o em completa inacção. A camara da Bahia pedia ao rei pelas *chagas de Christo* que viesse novo governo.

Foi nomeado Men de Sá, homem experimentado, sabio em «lettras legaes» e irmão do celebre poeta Sá de Miranda. Men de Sá governou 15 annos de 1557 a 1572. Foi seu primeiro cuidado atalhar as muitas demandas, o jogo e os abusos que encontrou na colonia; dominar os gentios rebeldes pela força e aos mansos agrupal-os em aldeias dirigidas pelos jesuitas.

Chegado um reforço de náos que pedira para Portugal resolveu expellir os francezes fortificados no Rio, o que logo fez derrotando-os, fazendo cem prisioneiros e logo depois demolindo e inutilisando as fortificações.

Essa victoria, porem, fora inutil porque a maior parte dos vencidos haviam-se debandado pelas terras e internado na floresta, de modo que apenas Men de Sá se retirára de novo os francezes voltaram ao littoral.

Tornava-se indispensavel fundar ahi uma cidade, nucleo de resistencia aos piratas. Fundou-a Estacio de Sá, sobrinho do governador, juncto ao Pão de Assucar, na *Praia vermelha* onde se fortificou e começou a escaramuçar contra francezes e indios que principalmente occupavam a ilha do *Paranápuan* (mais tarde

do Governador), e o littoral de oeste — até o rio Carioca. Essas guerrilhas porem nada traziam de definitivo e eram occasião de muitas perdas inuteis de ambas as partes. (1565-66). D'esse estado de cousas teve noticia Men de Sá que embarcou na Bahia na esquadra de Christovão de Barros e reunindo reforço de gente e canôas em S. Vicente aproou para o Rio de Janeiro e investindo contra os francezes tomou-lhes as posições de *Uruçumirim* (praia do Flamengo) e *Paranápuan;* aqui a victoria foi completa, mas não sem a perda de muitos bravos e entre ellas a de Estacio de Sá, ferido mortalmente no rosto por uma frecha. Tambem foi ella manchada pelo fanatismo e crueldade dos vencedores que fizeram crucificar alguns vencidos colonistas que escaparam ao massacre da batalha (1567).

Não tiveram os portuguezes o prazer de aprisionar a Villegagnon; suppunham-n'o no Rio de Janeiro, mas já havia, muitos annos antes, abandonado, e para sempre, a colonia.

A' victoria dos portuguezes seguiu-se a transferencia da cidade para o morro de São Januario (hoje do *Castello*), capital da nova capitania, sendo primeiro governador Salvador Correa de Sá, outro sobrinho do governador geral.

5.

Guerra de religião

Pela primeira vez no Brasil repercutiu, no combate de *Uruçumirim* e *Paranápuan*, o exemplo insolito d'essas guerras de religião que abalaram a historia européa do seculo XVI. O que accendia o furor do soldado lusitano era menos o enthusiasmo patriotico que o mau zelo, o odio fanatico e ignorante; o principal alvo era tripudiar sanguinolentamente sobre a heresia reformista que ousava alçar o collo no occidente. Para isso não pouco contribuia o fervor dos jesuitas que foram o nervo principal d'essa guerra e os primeiros que se interessaram em desligar os tamoios da alliança, ao ver d'elles, corruptora dos protestantes. A summa de todo esse esforço que se deve a Anchieta foi o armisticio de *Iperoy* que dentro em pouco se inutilisou por si mesmo, porque não era proprio do selvagem a sciencia e ou constancia dos compromissos diplomaticos. (1) Isso ainda mais redobrou o zelo do apostolado catholico que tinha grande interesse n'essa guerra que se pudéra dizer *sua* e que devia ser o exterminio dos huguenotes. Foram as informações de Anchieta, passando á Bahia para receber ordens sacras, que por fim venceram a Men de Sá. Tudo se foi preparando para dar-se ao massacre o

(1) Suppunha Anchieta nos indios dos quaes obtivera a promessa de paz a memoria que elle proprio tinha quando ficando isolado entre aquelles por dous mezes em refens, ahi mesmo para cortar pensamentos impudicos escreveu o seu poema consagrado á Virgem. Tambem o tratado de Iperoy foi escripto na areia mas já sem a memoria ingente que o podesse revocar á vida.

caracter de um grande holocausto pela fé. Escolheu-se o dia de S. Sebastião que era o nome do rei e da cidade nascente, para ao sol do glorioso martyr realisar-se a hecatombe. Logo n'uma das primeiras escaramuças no mar espalha-se a lenda de um milagre como os de Ourique e Aljubarrota. São Sebastião trespassado de settas de ouro fulgurantes apparece no ardor da refrega entre nuvens de pó animando os guerreiros. O mesmo fanatismo que inicia a lucta termina-a com seu cortejo de iniquidades. Quando cessaram os pelouros e as bombardas, começou a sangue frio a crucifixão dos vencidos. Nem um só tamoio escapou com vida e os francezes que não acharam a morte na hora do exterminio *foram pendurados em páos para escarmento...*, diz Simão de Vasconcellos, um dos apologistas d'esta carnificina.

Annos antes o germen d'esse fervor contra a heresia apparecera, quando vindo dos francezes em S. Vicente andára por lá um sabio hellenista letrado de grande labia, falando sinistramente ácerca das imagens santas, bullas e indulgencias (João de Bolés). Ao sabel-o o provincial Luiz da Gram sae precipitadamente de Piratininga para acudir a tempo «ao principio d'esta peste que tinha já infeccionado as povoações maritimas». Violentamente é preso o herege e remettido para a Bahia. Esse infeliz, em 1567, quando já vencidos e exterminados os francezes no Rio, para ahi foi remettido para ser justiçado «por ventura no lugar onde começara a semear as suas heresias».

Foi o ultimo echo da guerra, repercutido quando já o olvido se fazia sobre ella. Não justificam essa monstruosidade a legislação e os costumes do tempo, como o pretendem alguns. O programma do Brasil era já o povoamento e por isso aqui fechavam-se os olhos sobre o *L. 5.* das *Ordenações*, e os reclamos da *Inquisição*. Sem embargo, os tentaculos do polvo europeu ás vezes attingiam o ultramar.

No momento da execução de Bolés, a impericia do algoz que lhe atormentava a agonia, fez que José de Anchieta auxiliasse o condemnado a morrer. Acto de fina caridade, diz o chronista, e tanto maior, dizemos nós, quanto elle tem sido invocado contra a santidade do apostolo. (1)

6.

Origens do Rio de Janeiro

«Por não sei que descuido, diz Fr. V. do Salvador, esteve esta terra por povoar» e esse descuido prolongou-se demasiadamente até que de vagabundos que eram os flibusteiros francezes fixaram-se de Cabo Frio ao Rio de Janeiro. Causa pasmo que esse trecho, o mais magnifico da capitania de S. Vicente, não fosse aproveitado pelos descobridores: é que provavelmente não era conhecido quando repartido o paiz pelas capitanias. E' muito duvidoso que a

---

(1) E' innegavel a execução de um calvinista no Rio. Mas contesta-se que fora João de Bolés ou João de Cointha, senhor de Bollés, fidalgo francez e que é o Monsieur Heitor da relação de João de Lery. Este Bollés parece que da Bahia foi mandado a Lisboa, ao rei cardeal ou ao tribunal do Santo Officio e d'ahi degradado para a India, e perdem-se ahi as noticias d'este personagem. Parece pois que se prendiam n'uma só personalidade as historias de dous hereges, victimados ao certo cá e lá ou pelo degredo ou pela execução. A identidade de J. Cointha e J. de Boulez ou Bollés foi estabelecida de modo definitivo pelo dr. Ramiz Galvão — *Rev. Inst.* t. 47, II.

homens navegantes impressionasse melhor o Parahyba do Sul, Macahé e Cananéa do que o incomparavel golfo de Guanabára. O primeiro explorador, Americo Vespuccio, na carta que descreve não o nomeia sequer! A este attribuem agora os criticos modernos o ter dado a denominação de Janeiro porque devia ter ahi estado n'esse mez; ¡mas não ha provas de que tivessem dado essa denominação nem ahi estado, e ha a presumpção de que tendo os exploradores de 1501 dado os nomes de santos aos pontos que tocaram (na terra que era já de Santa Cruz) S. Roque, S. Agostinho, S. Francisco, etc., só aqui deliberassem abrir excepção unica com o nome de Rio de Janeiro. O primeiro navegador que ao certo sabemos aqui esteve foi Fernão de Magalhães em 1519 no dia de S. Luzia, na sua viagem de circumnavegação do globo; o historiador da sua viagem que escreveu muito depois dos successos diz simplesmente que os portuguezes chamavam a essa bahia de *Janeiro* e os castelhanos de *Santa Luzia*, mas essa asserção não envolve a de prioridade para os portuguezes. Se os Castelhanos não se arrogaram a posse da terra é que sabiam ser portugueza, isto é, estar dentro do meridiano da demarcação. Egual procedimento tiveram apoz a descoberta e curso do rio Amazonas por Orellana.

Não seria talvez desarrazoado suppor que o Rio de Janeiro é um descobrimento francez, ainda que nos faltem provas. Os portuguezes nunca denominavam os lugares pelas datas e se não nos enganamos Rio de Janeiro seria o unico exemplo: ao contrario, esse systema de nominação não é raro entre os francezes. O costume modernissimo de designar lugares por nomes de datas nós o tomamos d'esse povo.

Não passa isso de uma conjectura, mas é sabido que para os primeiros colonisadores passou essa bahia despercebida, pois não podia ser abandonada pela de Ilheos, Porto Seguro, Espirito Santo, etc , o que só se pode explicar por ignorancia absoluta d'esse ponto da costa pois

mais tarde homens como Thomé de Souza tomavam-se de admiração diante d'este soberbo golfo que ainda em 1552 considerava um rio: «Mando o dibuxo d'elle a V. A.» escrevia ao rei; mas tudo é graça o que d'elle se pode dizer, senão pinte o que quizer como deseje um rio— isso tem este de Janeiro. Parece-me que se deve fazer alli uma povoação honrada e boa». Villegagnon compara-a na belleza ao de Genebra, levado pelo influxo que o fazia amar o berço do calvinismo. Se os primeiros exploradores d'ella não falam, se A. Vespuccio na viagem de 1501 não a menciona é que uns e outros não a conheceram antes dos francezes e de Fernão de Magalhães.

Os piratas normandos e bretões, que continuamente hostilisavam o dominio dos portuguezes e lhe assaltavam as náos da India e da America e quasi suscitaram a guerra entre os dous paizes, exerciam o commercio com o indigena desde os primeiros annos da descoberta. Por varias vezes encontram-se com os portuguezes, com sorte varia no combate; mas de ordinario derrotados, buscaram afinal no 3º decennio do seculo os pontos do littoral onde os portuguezes não se haviam fixado; evitaram a Bahia, Olinda, S. Vicente e occuparam de preferencia o nórte do Atlantico e a leste Cabo Frio e o Rio de Janeiro. Ahi os seus agentes, commerciaes e interpretes, junctos a outros aventureiros, fundiram-se com a população nativa a ponto de aceitarem d'elles os costumes mais barbaros como a anthropophagia, se é certo o testemunho dos contemporaneos. Essa população de francezes e mamelucos francos fornecia uma base excellente para o estabelecimento solido de uma *França Antarctica.*

Se quizessemos levantar a questão (e a previsão do futuro nos recommenda que não a taxemos de puramente academica), a questão de prioridade na civilisação d'este trecho da terra, nada haveria oppor de fundamental ás pretenções francezas. Foram elles talvez os descobridores,

e com cèrteza foram os primeiros d'entre os homens civilisados que ahi se estabeleceram. Não se lhes poderia oppôr, como aos hespanhóes, o respeito da linha de marcação, que era um accordo apenas entre os dois paizes da peninsula, aos quaes ambos o papa hespanhol Alexandre entregava tranquillamente o dominio temporal do planeta.

Durante largo tempo acossados nas terras de norte e sul, os indios do Rio formaram uma confederação de Cabo Frio até S. Vicente, em defeza da terra natal; foi a maior que jámais os indios fizeram no Brasil, e a fama monstruosa de *Cunãbebe*, o chefe que se gabava de cursar-lhe nas veias o sangue de 5 mil inimigos devorados em combate, atemorisava os portuguezes; os primeiros, elles idearam as esquadras de canoas, leves e rapidas, cheias de guerreiros com as quaes varias vezes abordavam á noite os grandes navios artilhados dos europeus e crearam assim uma arma terrivel inteiramente nova e que foi mais tarde utilisada. Por isso estava esse trato de terra entregue ao selvagem e evitado dos portuguezes. Os francezes lograram depois conquistal-o não sem grandes concessões ao indigena, com as quaes, segundo o testemunho de Men de Sá, Villegagnon «leva muito differente ordem que nós levamos; é liberal em extremo com elles e faz-lhe muita justiça». Eis o honesto depoimento de um inimigo dos francezes.

Depois da conquista definitiva pelos portuguezes, Men de Sá transferiu a *Villa Velha*, conservando o patrocinio de S. Sebastião, para o morro chamado hoje do Castello, em cujo alto foi traçada a praça com a matriz (hoje egreja dos Capuchinhos) as casas da camara e do governado, todas de pedra e cal e o forte de *S. Januario*. Era intuito formar uma nova cidade real como a Bahia capaz de defender e soccorrer as capitanias meridionaes.

7.

França equinoccial.

A expansão geographica no limiar do novo seculo.

No periodo que vae da guerra franceza á guerra hollandeza decorre meio seculo de actividade em que a colonia, sem embargo de outras aggressões externas, regulou a questão dos indios: esta, porém, só ganhou mais tarde verdadeira solução e por isso não convem, sacrificando a chronologia, estudal-a n'este momento que é apenas o do seu primordio. Graves successos, porém, da historia portugueza, vieram modificar a situação do Brasil. O joven rei D. Sebastião, n'uma guerra temeraria e imprudente em Africa, lá morreu na batalha de Alcacer-Kibir, onde foi sacrificada a flòr da nobreza de Portugal (1578); succedeu-lhe no throno o tio, o cardeal D. Henrique, velho sem forças e já perto da morte que foi d'ahi a um anno. Varios foram os pretendentes á corôa, e pelo direito e pela força d'ella se apossou Philippe II da Hespanha.

As cousas foram reguladas de modo que o Brasil, como Portugal, continuava a ser governado por funccionarios portuguezes; mas não era menos certo que passara a ser uma colonia da Hespanha, entregue assim ás vicissitudes e destinos da nação hespanhola. D'esse modo é que grangeamos a inimisade da Hollanda.

No Brasil, a administração depois de Men de Sá foi dividida por dous governadores geraes, um tendo a sua jurisdicção de Porto Seguro para o Norte com a séde na Bahia (Luiz de Brito), outro regendo as capitanias do Sul, com séde no Rio de Janeiro (Antonio de Salema) 1572. Essa divisão provou mal, e logo se restaurou o governo uno e geral (1577).

Só nos seculos seguintes vae a questão das minas determinar a existencia do governo independente no sul.

Nos tempos da dominação hespanhola estenderam-se os limites da colonisação e povoamento que então eram em Itamaracá para mais além, pela conquista da *Parahyba* (1584) e do Rio Grande do Norte (1597). Ainda em 1610 fundaram o ponto de Fortaleza (Ceará) e mais tarde *Camocim*. Esses movimentos para o Norte foram inseguros e lentos, e tinham em mira pouco a pouco approximarem-se, como sentinelas avançadas, do Maranhão onde se haviam estabelecido os francezes e de modo que carecia habilidade e força para expellil-os.

Desenganados da *França Antarctica* mas não do Brasil, cujo dominio portuguez jamáis reconheceram, intentaram os francezes fundar a *França equinoccial.*

Sabe-se que ahi estavam desde 1594; dous armadores de Dieppe, Jacques Riffault e Carlos de Vaux, fixaram-se na ilha do Maranhão e apoiaram-se no gentio, como o tinham feito seus compatriotas no Sul. Não sem succesos obtiveram a protecção da corôa que enxergava n'esse estabelecimento de iniciativa privada o ensejo de dominio no futuro. Oito annos mais tarde (1612), nova expedição de gente, sob o commando de La Ravardière, se aggregou á primeira e fundaram a cidade de S. Luiz, em honra de Luiz XIII.

Daniel de la Touche, senhor de la Ravardiére, Nicoláo de Harley e Francisco, senhor de Rassily, todos homens de consideração e protegidos da rainha regente, traziam por divisa o emblema de um navio governado por mão feminina: *Tanti dux fœmina facti.* A colonia era misturada de catholicos que predominavam e protestantes; com aquelles veio o capuchinho Claude d'Abbeville, que foi o historiador da grande aventura. Foi por essa razão n'esse momento (1613) e poucos mezes depois que Jeronymo de Albuquerque se approximou dos invasores fundando o forte extremo de *Camocim.* O encontro era já inevitavel e J. d'Albuquerque tomando a iniciativa, no anno seguinte,

saltou com 500 homens em Guaxenduba e d'ahi conseguiu derrotar os francezes, que assignaram a paz.

Francezes e portuguezes combinaram em enviar mensageiros ás cortes de Hespanha e França para com maior autoridade resolver a quem caberia a posse litigiosa da terra.

A paz, porém, foi violada por Alexandre de Moura, de patente maior que Jeronymo de Albuquerque, o qual chegando com grandes recursos de gente e de armas deu combate aos francezes, obrigou-os com victoria facilima a capitular, mas não abusou d'ella e os francezes se retiraram socegadamente para a patria, apenas deixando como tropheu dos vencedores a artilharia.

Occupou-se assim o porto de *S. Luiz* (1614-15) e a consequencia d'essa guerra foi o acto de previsão do governo mandando fundar e colonisar o Pará (1616). O novo *Estado de Maranhão* (Ceará, Piauhy, Maranhão e Pará) data de 1621.

Vê-se conseguintemente que *a expansão geographica da colonia portuguesa pelo littoral estendeu-se de Itamaracá até ao Amazonas, em trinta e dois annos,* desde 1584 — conquista da Parahyba — até 1616 — occupação do Pará; toda essa enorme região estava desde o descobrimento inteiramente abandonada, apesar das malogradas tentativas de colonisal-a logo ao tempo das capitanias hereditarias. *O Brasil attingia, assim, em 1616, pelo littoral do Norte, o seu meridiano extremo, que era o da linha da demarcação.*

E' verdade que fomos ainda além d'essa linha conquistando o Amazonas, mas esse meridiano resultava de um accordo com a Hespanha (tratado de Tordezilhas) e Portugal e Hespanha eram uma e unica nação n'esse tempo.

O conhecimento do interior do paiz, ao norte, continuava entretanto muito limitado. Muitas expedições de *resgate* o indio, de certo, se tinham feito pelo sertão, mas não

tinham produzido o povoamento d'elle, e antes o despovoamento pela emigração dos indios perseguidos. Outras *entradas* foram feitas em busca de minas. A de Gabriel Soares, o celebre chronista, penetrou mais de 100 leguas, rumo do S. Francisco, fundando a meio caminho e no ponto terminal fortins com guarnição; expedição mallograda (1591). Os Paulistas de iniciativa propria, organisados em caravanas militares ou *bandeiras*, penetram pelo interior das terras do sul; uma das primeiras d'ellas n'essa epoca é de 1602 desde São Paulo ás cabeceiras do S. Francisco, de que temos o roteiro de Glimmer (*apud* Marcgraff). Esses movimentos que caracterisam o seculo XVII serão estudados mais tarde — por agora entretanto convem apenas notar que a *penetração do interior do Brasil nos começos do novo seculo estava reduzida apenas, no norte ao curso inferior dos rios, do Parahyba do Sul ao rio Goyana em Pernambuco, n'uma faixa mais ou menos de dez legoas, que é a zona da agricultura da canna de assucar e do algodão.*

A *zona da criação*, que se desenvolve no seculo XVII, vem augmentar extraordinariamente essa profundidade, ao norte, abrindo caminhos pelo centro e em opposição aos rios que correm para leste e servem á zona agricola.

A *zona das minas*, ao sul, que tambem se desenvolve n'esse seculo torna conhecido o interior das terras meridionaes intertropicas.

No extremo sul (do Paraná ao Rio Grande), o conhecimento do interior excepcionalmente precede o do littoral, pela frequencia dos caminhos e do commercio das missões, e, porque estando fóra (de Laguna para o sul) do meridiano de Tordezilhas, os portuguezes não o colonisaram e os hespanhóes ricos de terra em demasia não passavam quasi áquem do Prata. Os jesuitas e os guaranys foram os ins-

trumentos de ligação d'essas terras (Uruguay, Paraguay e Paraná) que a politica separava e dividia.

A synthese e os principios geraes que se tiram d'esses factos é que a colonisação peripherica do Brasil dependeu da *necessidade do territorio continuo*: só depois de S. Vicente e Espirito Santo colonisa-se o *Rio:* depois de Bahia e Pernambuco, colonisa-se *Sergipe*; foi preciso a posse da colonia do Sacramento para colonisar o trecho de *Laguna ao Rio Grande do Sul.*

A's vezes um dos termos d'esta serie é o estrangeiro. O *francez* localisado no Maranhão impelle o portuguez (cujo limite de occupação effectiva era a Parahiba) a occupar o Ceará.

— O outro principio geral relativo á colonisaçao interna e povoamento depende exclusivamente da condição industrial: em quanto ao Brasil é *agricola* a penetração pelo interior é a minima; é a maxima com a *criação de gado* e a descoberta das *minas*, industrias ou productos do intimo sertão.

— O terceiro é que excluido o mar, caminho de todas as civilisações, o *grande caminho da civilisação brasileira* é o Rio de S. Francisco; é nas suas cabeceiras que paira a primeira bandeira de Glimmer e d'ahi se expande e ondula o *impulso das minas*; é no seu curso medio e inferior que se expande e propaga o *impulso da criação*, os dous maximos factores do povoamento. As suas ondulações extremas desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piauhy (ligado a Pernambuco) abraçam o que hoje se poderia chamar o *Brasil brasileiro.* O extremo norte, a Amazonia, é em excesso indiatico; o extremo sul (Rio Grande) é demasiado platino: ambos esses extremos estão fóra ainda hoje do seu influxo original; revolucionam-se quando tudo está em paz ou prosperam no meio da miseria universal.

8.

O verdadeiro antecedente da invasão hollandeza

Em geral explica-se a aggressão dos hollandezes ao Brasil pela guerra que sustentaram por setenta annos contra a poderosa Hespanha, defendendo a sua indepen, dencia e liberdade religiosa contra os reis da Hespanha· campeões do catholicismo. Mas essa explicação, satisfactoria em parte dos successos, é insufficiente para comprehendel-os no todo.

A historia universal não se compõe apenas de dados politicos. O mesmo destino que a posição maritima á beira do littoral europeu assegurava a Portugal caberia agora á Hollanda possuindo ainda maiores riquezas hydraulicas e um instincto de commercio ainda mais intelligente e desenvolvido.

A aggressão hollandeza, como a franceza e ingleza, explicam-se antes por um principio superior que n'esse tempo foi a consequencia dos descobrimentos do oriente e do occidente e esse principio era a lucta do *livre commercio* contra o *monopolio*. Portuguezes e hespanhóes pretenderam haver aberto o oriente fechado pelos turcos e o occidente ao mundo, mas em verdade um e outro ponto do quadrante estavam fechados para o resto do mundo. Foi justamente n'essa lucta em que faziam o papel de *piratas ou corsarios* que francezes, inglezes e sobretudo hollandezes começáram a formar esse immenso poder naval, essa supremacia maritima, que acabou por substituir a dos seus rivaes. O *commercio livre* foi a obra do individualismo, das emprezas privadas: os governos

europeus reconheciam o monopolio iberico, o que não os impedia de auxiliar secretamente as tentativas contra elle.

Um rei francez dizia com espirito nunca ter lido a verba testamentaria em que Adão legava o mundo aos hespanhóes e portuguezes. E era para todos uma novidade em direito fazer-se do descobrimento o signal da propriedade.

A lucta contra os francezes e inglezes não traz ruptura official com Portugal e a Hespanha, tão pouco seria capaz de trazel-a a da Hollanda. Já havia muitos annos antes da guerra entre Hollanda e Brasil, que a bandeira de piratas hollandezes foi vista nas costas do Brasil. Em 1587 e em 1595 piratas hollandeses em 3 náos associam-se a Lancaster para a pilhagem de Pernambuco; ainda em 1604 sete navios hollandezes forçam o porto da Bahia, aprisionam um navio ricamente carregado, e incendeiam outro. Leis prevenindo a defeza dos portos e ordenando que as náos de commercio fossem comboiadas em fortes esquadras não impediram que os hollandezes chegassem a aprisionar em 1616 vinte e oito, e em 1623 setenta náos do commercio brasileiro.

Todos esses factos se deram ainda quando não se pensava em invasão e appropriação do Brasil.

Certamente era já a Hollanda (como o era toda Europa) inimiga da Hespanha. Mas era a «politica oceanica» do seculo XVII, de que foram elles os mestres, os *rouliers de la mer*, que os impellia a roubar o sceptro peninsular que por sua vez haviam de em breve ceder aos inglezes.

Foi portanto o *monopólio* a rasão da guerra, e não talvez a *posse do territorio* idéa suggerida mais tarde como um meio de garantir o commercio colonial.

Os francezes foram successivamente vencidos, recuando no rumo de norte da *França Antarctica* (Rio) para outros pontos momentaneos, Cabo Frio, Rio Real (Sergipe) Parahyba do norte, Maranhão (onde se fixaram

por algum tempo) e afinal expellidos de todo do Brasil, fixaram-se alem dos nossos limites na Guayana.

Os inglezes nunca se entregaram a maior empreza que a de fugitivas pilhagens como a de Thomas Cavendish, que assaltou e incendiou Santos, 1591; James Lancaster, que com o hollandez João Vanner apoderou-se por um mez de Olinda, 1595.

A Inglaterra ainda combalida pela guerra civil de York e Lancaster ensaia apenas a sua expansão que será no tempo de Cromwell; então não terá que abater a Iberia, já abatida, senão a Hollanda.

Contribuia para essa exacerbação universal do commercio contra o monopolio, a situação incommoda do estrangeiro no Brasil. No tempo dos portuguezes podiam os estrangeiros domiciliar-se na colonia sob certas limitações e com licença do governo; mas Philippe II nas leis de 1600, renovadas em 1627, fechou quasi o Brasil aos estrangeiros, prohibindo-lhes a agricultura, o trabalho privado e muitos receberam ordem de repatriação ou de exilio.

Com isso o commercio europeu soffria; as industrias e manufacturas, que só havia em Flandres e na Hansea europea, não achavam em que empregar os seus capitaes nem onde haver livremente a materia prima ou troçar os principaes productos. Ao contrario, o *monopolio* hespanhol apoiado por um despotismo poderoso e tão poderoso quanto inepto, exultava.

Por isso mesmo uma das condições da paz de Haya é a garantia de livre commercio no Brasil para os Hollandezes e mais tarde tambem inglezes.

O poder hollandez onde mais tarde se firmou foi muito mais liberal. Entretanto não esteve livre de toda a queixa. Logo na Bahia (*Relação verdadeira* escripta por official da armada hespanhola da recuperação) um francez se apresenta allegando que não «pelejaria contra a Hespanha, porque os hollandezes quando o trouxeram

lhe disseram que iam povoar terra e que todos os inglezes e francezes se queriam vir, mas nao o podiam pelas muitas guardas que lhes tinham postas; e que ao que sabiam se queria vir, o enforcaram logo».

A historia de Pernambuco reduz essa allegação a pura calumnia.

A illiberalidade do governo, provocando a ameaça externa, alem dos motivos já existentes para a represalia, inquietava ainda mais o colono. N'esse tempo o povo vivia em sobresalto, em continuos alarmes, esperando um dia ou outro, do lado do mar, os mensageiros da morte e da desolação. Cada navio que apontava no horisonte punha a população alvoroçada.

Sobretudo na Bahia esse temor era excessivo e todo mundo contava com uma invasão proxima.

Por tardar a catastrophe foram todos perdendo o temor d'ella, substituido agora pela zombaria dos incredulos.

9.

Invasão. Perda e restauração da Bahia

1624—1625.

A Hollanda em guerra com a Hespanha havia assignado uma tregoa de doze annos em 1609. Um anno antes de expirado o armisticio, em 1621, organisou-se n'aquella republica uma companhia com grandes cabedaes para o fim de com esquadras arrancar á Hespanha os thesouros que cursavam o mar

coalhado de galeões que vinham do Mexico, Perú e das Indias e egualmente conquistar algumas terras proprias para o commercio.

«A Companhia, diz um dos nossos historiadores, chamou-se das *Indias Occidentaes*, porque se destinava a operar na America, bem como uma outra das *Indias Orientaes* desde 1602 operava na Asia, com immensos prejuizos para a Hespanha. Um conselho de dezenove membros, que por isso se intitulava conselho dos XIX, tomou a direcção da companhia das Indias Occidentaes, conforme os seus regulamentos, e em 1623 resolveu fazer invadir o Brasil, e de preferencia conquistar a cidade do Salvador. Equipou uma esquadra de vinte e tres navios e tres yachts conduzindo mil e setecentos soldados, além de mil e seiscentos marinheiros da tripolação; o almirante foi Jacob Willekens; o vice-almirante Pieter Pieters-zoon Heyn; o commandante das tropas e futuro governador dos paizes que se conquistassem, Joan van Dorth.

A esquadra hollandeza fez-se ao mar em Janeiro de 1624, e com a unica excepção do navio em que ia Joan van Dorth ancorou no dia 8 na bahia de Todos os Santos.

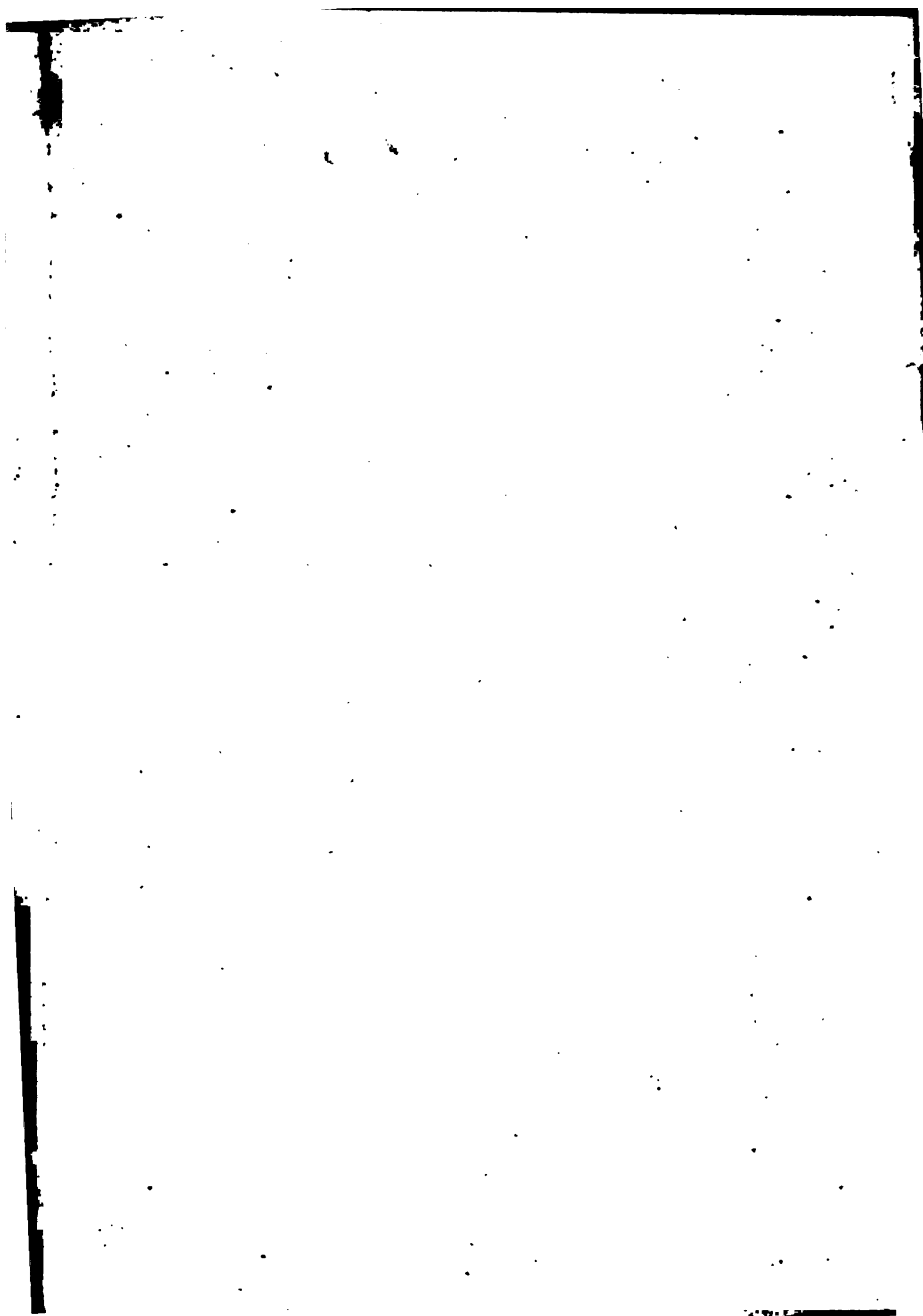
Diogo de Mendonça Furtado, governador geral, recebêra de Lisboa avisos da projectada invasão hollandeza, e chamara em soccorro da cidade os habitantes do reconcavo e do interior; estes porém, demorando-se o inimigo, e tomados do cuidado das lavouras abandonadas, retiraram-se em breve da capital, instigados ainda mais a fazel-o pelo bispo D. Marcos Teixeira, que por um erroneo principio de caridade esse conselho lhes déra; resultando

d'ahi achar-se o governador-geral apenas com algumas dezenas de soldados e com pouco mais de mil paizanos armados, que possuidos de terror forão fugindo, quando appareceu a esquadra hollandeza, que entrou pela barra a 9 de Maio, sendo a cidade facilmente tomada no dia seguinte pelo major Albert Schouten que, na falta de Joan van Dorth, commandou as tropas de desembarque e prendeu Diogo de Mendonça, que se retirara para o palacio, depois de ter combatido com desespero. (1)

Joan van Dorth chegou no dia seguinte, tomou conta do governo, e reputando-se estabelecido com segurança o dominio hollandez no Brazil, forão pouco a pouco retirando-se os diversos contingentes da esquadra. (2)

Entretanto ia-se organisando do interior da Bahia um exercito para resistir ao inimigo, que desde logo ficou accurralado na cidade. Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, achou-se designado nas vias de successão para substituir a Diogo Mendonça Furtado; emquanto porém se esperavam as suas ordens, foi escolhido para dirigir a administração e a guerra o bispo D. Marcos Teixeira, que prestou relevantes serviços, deu o commando das forças aos chefes Lourenço Cavalcanti e Antonio Carlos de Barros, animou a todos, com seu exemplo e ardideza, pôz em

(1) Os hollandezes apagaram o incendio de 15 navios, ateado pelos portuguezes, que os abandonaram, e fizeram calar os fortes da *Barra* e do *Mar*. O povo da cidade, em grande parte, aproveitando a noite d'esse dia, fugiu; os que ficaram abriram francamente as portas aos hollandezes, admirados da facilidade da conquista.

(2) Foi proclamada a liberdade da religião e o respeito á propriedade; escravos e neo-christãos vieram junctar-se aos conquistadores.

PRINCIPE MAURICIO DE NASSAU
Governador do Brasil Hollandez.

sitio a cidade do Salvador, e mais por certo fizera, se não tivesse succumbido a tanto labor, morrendo a 8 de outubro de 1624.

Já a este tempo era commandante das forças bahianas o capitão-mór da Parahyba Francisco Nunes Marinho, que fôra mandado com soccorros de Pernambuco por Mathias de Albuquerque, e ainda no fim do mesmo anno de 1624 D. Francisco de Moura, natural do Brasil, chegou da Europa, despachado com o titulo de capitão-mór do reconcavo para tomar o commando das tropas na Bahia, e effectivamente n'elle substituio a Francisco Nunes Marinho.

Entre os hollandezes tudo andava mal depois da retirada da esquadra; Joan van Dorth cahia em uma emboscada e morrera a golpes de espada em um combate corpo a corpo com o capitão Francisco Padilha; Albert Schouten seu successor morreu tambem pouco depois; Willem Schouten, irmão d'este, chamado a substituil-o, deshonrou-se por actos indignos que plantaram a indiscipina no exercito hollandez; a cidade do Salvador, emfim, cada dia mais apertada, se achava em rigoroso sitio.

A 29 de março de 1625 uma numerosa esquadra hespanhola e portugueza commandada em chefe por D. Fradique de Toledo Ozorio, appareceu diante da Bahia, e pondo-se logo em communicação com o exercito de terra, e reforçando-o com as tropas de desembarque que trazia, occupou a barra, e completou assim o cerco da cidade. (1)

(1) A noticia da perda da Bahia causou grande excitação em Madrid; foi considerada uma mostra do "castigo de Deus" e por isso realisaram-se muitas preces nas egrejas. Entretanto só 8 mezes depois partiu a esquadra libertadora.

Os hollandezes sobresaltados com tão grande perigo, demittiram Willem Schouten; mas Joan Ernst Kijff que o substituia no commando das tropas, resistio apenas um mez, e capitulou a 30 Abril, entregando a cidade com toda a artilharia, armas, munições, navios, dinheiro e preciosidades, e o mais que houvesse n'aquella e n'estes, e com garantia da sua volta para Hollanda com as suas tropas em navios para esse fim concedidos, havendo finalmente mutua restituição de prisioneiros.

No dia 1º de maio de 1625, as bandeiras hespanhola e portugueza tremularam na cidade restaurada, e tres semanas depois trinta e quatro navios hollandezes, sob as ordens do general Bondewiyn Hendrikszoon, appareceram diante de Bahia, trazendo inutil socorro, e sabendo da recente perda dos seus, retiraram-se, seguindo o rumo do norte, sem que D. Fradique se animasse a ir atacal-os.

Ao mesmo tempo que a esquadra de D. Fradique chegava á Bahia, o vice-almirante hollandez Pieter Heyn commandando quatro navios, atacava a capitania do Espirito Santo, fazendo saltar na villa, em março de 1625, trezentos soldados que foram vigorosamente repellidos, prestando ahi soccorro inesperado Salvador Corrêa de Sá, que do Rio de Janeiro partira com alguma força por ordem de seu pai, para ajudar a expellir os hollandezes da cidade do Salvador.

Frustrada a sua interpreza no Espirito Santo e abatido pela noticia da restauração da Bahia, Pieter Heyn velejou para a Hollanda no mez de maio, ficando assim o Brasil

completamente victorioso, e livre dos Hollandezes n'esta primeira guerra.»

10.

Invasão de Pernambuco. Guerra da libertação.

(1630—1649)

Foi o governo hespanhol avisado de que os hollandezes com grande esquadra pretendiam invadir e conquistar Pernambuco. Essa capitania era de Mathias de Albuquerque que então na Europa recebeu o ridiculo auxilio de 3 caravellas e 27 soldados.

A esquadra commandada por Loncq appareceu diante do Recife onde por falta de defeza obstruiram a enseiada do porto submergindo velhos navios. As tropas hollandezas desembarcaram um pouco ao norte sob o mando de Weerdenburgh e com resistencia insignificante tomaram Olinda e Recife, então abandonado da população que fugira para o interior.

Succedeu aqui o mesmo que na Bahia. Organisaram-se emboscadas e guerrilhas com soldados e patriotas que se intrincheiraram a meio caminho entre Olinda e Recife no lugar que foi chamado o *Arraial do Bom Jesus*. A importancia d'este nucleo de reacção, ainda que exaggerada pelos chronistas, foi todavia de alguma significação, por que inquietava fortemente os hollandezes. Mathias de Albuquerque tirou d'esses parcos recursos grande

audacia de planos. Mas a lucta era, por desegual, precaria.

Portuguezes em grande numero aceitaram o commercio dos hollandezes que sabiam bem intencionados. O brasileiro Calabar, grande conhecedor do logar, passou-se para as tropas inimigas; tem sido o seu nome por isso malsinado porque a esta personalidade emprestaram um prestigio sobrehumano de fazer voltar a fortuna para o lado dos que, aliás, sempre desde o começo a tiveram. Os hollandezes dentro em pouco, embora inquietados pelas emboscadas, foram batendo os portuguezes e em sucessivas comquistas alargaram o dominio para o norte até o forte dos Reis magos (R. G. do Norte) e para o sul até Porto Calvo e afinal o rio de S. Francisco. Durara cinco annos (1630-1635) a conquista.

Vendo-se baldo de recursos e de elementos de resistencia, Mathias de Albuquerque annunciou a sua retirada convidando os que queriam ser fieis á patria e á religião a acompanharem-n'o. Uma grande turba de velhos e moços, mulheres e crianças, indios e escravos seguiram o chefe derrotado, arrostando as privações e os perigos da longa marcha por terra agora suspeita. Seguiram para o sul até as Alagoas. Ahi em Porto Calvo n'uma emboscada aprisionaram a Calabar e, como é proprio da fraqueza humana, vingaram-se dos seus desastres talvez com a alegria de vel-o expiar no patibulo o preço da infamia.

No mesmo anno uma esquadra hespanhola desembarcava nas Alagoas 1.700 homens sob o mando de D. Luiz de Rojas y Borjas que

vinha render a Mathias d'Albuquerque. Logo na primeira batalha foram derrotados por Artichofski, morrendo n'ella o general hespanhol. O resto das tropas ficou com o Conde de Bagnuolo e então voltou-se de novo, por falta de exercicio regular, ao systema de *guerrilhas* em que se fizeram heroes o indio Camarão, o negro Henrique Dias e o branco Vidal de Negreiros.

Era então o governo hollandez em Pernambuco dirigido por um Principe, Mauricio de Nassau, o modelo da justiça, da tolerancia, da liberdade e do talento politico e militar. As guerrilhas foram pouco a pouco enfraquecendo e Nassau conseguiu pacificar o territorio até o extremo do rio de S. Francisco onde fundou o forte de Mauricio (Penedo). Bagnuolo retrogradou até as terras da Bahia. Pelo mar, os hollandezes fizeram represalias, atacando a Bahia e o reconcávo e com o almirante Huijgens destroçou na altura da Parahyba uma esquadra hespanhola de setenta e tres náos de D. Fernando de Mascarenhas que logrou escapar e chegar a Bahia, só, n'uma pequena caravela.

Pouco tempo depois chegava ao Brasil a noticia da restauração de Portugal, que sacudira o jugo hespanhol e acclamára rei D. João IV. Este grande acontecimento devia ser prenuncio da paz, porque a Hollanda dizia guerreiar a Hespanha e não aos portuguezes. Não era porém motivo para que entregasse as conquistas feitas com sacrificio de vidas e de dinheiro. Entretanto para tratar da questão celebrou-se um armisticio por alguns annos.

Os hollandezes aproveitaram-se d'esse armisticio com pouca lisura estendendo mais os

seus dominios até o Maranhão pelo lado do norte e até o rio Sergipe pelo lado do sul; por ventura pensavam elles, como o pensava o mundo, que a independencia portugueza era precaria e succumbiria ao primeiro embate com a Hespanha.

Pouca lisura tambem houve por parte do governo portuguez; porque em todos os actos officiaes reconhecia o dominio da Hollanda no Brasil e ao mesmo tempo auxiliava secretamente e animava a revolta dos brasileiros contra aquelle dominio, sem se descuidar de negal-o em publico. Assim foi pouco a pouco se formando a resistencia; no Maranhão alguns portuguezes se revoltam e pegam em armas (1642). Vidal de Negreiros parte para Pernambuco (1644) e d'ahi sob pretexto e licença de visitar a familia na Parahyba, faz o percurso pelo interior, incitando as populações à revolta e chamando a seu partido, entre outros, o opulento fazendeiro João Fernandes Vieira que se tornou a alma da guerra da libertação.

A insurreição foi preparada, e havendo d'ella denuncia, rompeu antes do dia marcado (que era o de S. João) a 13 de Junho de 1645.

Esse movimento era favorecido pelo estado de espirito dos colonos. Viveram excellentemente sob o governo de Mauricio de Nassau; depois que este porém se retirara desgostoso dos negocios, o governo caiu nas mãos de hollandezes inhabeis, intolerantes e avidos, que faziam grande mal ao paiz e creavam muitos descontentes.

A insurreição pernambucana abriu uma serie de luctas por espaço de nove annos: aos

seus homens que se diziam os *independentes* reuniram-se os famosos guerrilheiros Camarão, H. Dias e outros. Depois de um sem numero de escaramuças e combates parciaes trava-se a primeira batalha dos *Gararapes* (19 abril 1648) onde foram mais de quatro mil hollandezes batidos pela metade em numero de brasileiros, que occupavam uma estreita passagem. O general Segismundo Schkoppe retirou-se ferido.

O sitio do Recife obrigou os hollandezes a uma nova sortida com o coronel Van den Brincke que amanheceu o dia 19 de Fevereiro occupando o alto dos Gararapes vendo o exercito pernambucano a dominar egualmente uma altura fronteira. Ao meio dia trava-se a batalha que dura até a noite; o commandante hollandez morre na acção e o seu exercito é derrotado perdendo muitos prisioneiros e toda a artilharia (1649).

Essa victoria não decidiu dos acontecimentos futuros. Hollanda preoccupada com a sua guerra contra a Inglaterra, abandonou as conquistas do Brasil aos seus proprios destinos.

Com quanto victoriosos, os pernambucanos não cogitavam ainda de apossar-se do Recife; mas continuaram a lucta com grande felicidade em outros pontos até que cinco annos depois, em 1654, os hollandezes abatidos cederam e capitularam, assignando o accordo da campina do *Taborda* pelo qual abandonavam o paiz e as armas e se concedia a amnistia aos portuguezes e a todos os que viviam sob a jurisdição hollandeza.

A victoria foi obra exclusiva dos patriotas. O governo portuguez não poude prevalecer-se d'ella para impor condições, o que

era impossivel pois a Hollanda conservava ainda a supremacia no Indostão e no Atlantico com as suas poderosas frotas.

O tratado de paz com a Hollanda só foi assignado em Haya em 1661 sendo rei de Portugal Affonso VI; por elle a Hollanda vendia caro as suas conquistas, obtida a restituição da artilharia, garantia de liberdade religiosa e favores ao commercio hollandez e cinco milhões de cruzados de indemnisação.

11.

Verzuimd Braziel (1)

A epoca do Brasil hollandez foi realmente grande e sumptuosa. Não só foi grande por serem os nossos mares, pela primeira e ultima vez, o theatro da lucta de esquadras gigantescas e das grandes acções navaes que n'esse seculo fizeram a primeira distribuição do mundo, como principalmente pelo exemplo de cultura liberal e de civilisação que a nossa terra jámais conhecera.

Então soava a hora da decadencia hespanhola e come-

(1) Esta expressão *Verzuimd Braziel* ("Brasil desamparado") foi creada pelo poeta nacional hollandez van Haren e tornou-se proverbial para exprimir a avarenta desidia com que á troca de cinco milhões de cruzados (paz de Haya) o governo de Hollanda entregára a colonia fundada por Nassau.

çava a fulgir a alva ephemera da Hollanda que precedeu o sol da Inglaterra. Eram as victorias no oceano que decidiam os destinos do mundo.

Vindo governar o Brasil, o conde de Nassau trazia o proposito de crear além do Oceano uma patria livre. O paiz pareceu-lhe «um dos mais bellos do mundo», assim o diz na primeira carta que d'aqui escreve. Soldado glorioso da guerra dos trinta annos e espirito esclarecido, filho espiritual das universidades de Herborn, Basilea e Genebra, onde se zelava a tradição do humanismo, elle considera seu primeiro cuidado manter a mais larga tolerancia religiosa. Os catholicos brasileiros teem plena liberdade do culto; as procissões religiosas, como no outro tempo, percorrem as ruas do Recife. Ao lado d'estes, e com egual pompa, celebram os judeus o *sabbath*. Muitos d'esses judeus eram portuguezes que a inquisição tendo varrido do solo nativo refugiaram-se na Hollanda; e agora passavam os mares em busca da terra onde, sob um céo livre, soava a lingua amada que não esqueceram no exilio.

A aversão dos brasileiros desapparece e afinal muda-se em agradecida sympathia. Os homens mais eminentes da terra e os mais humildes achegam-se ao principe que os protege a todos, reparando os males e as injustiças da guerra. Entre esses acham-se João Fernandes Vieira, que será mais tarde a alma da insurreição, e Fr. Manoel do Salvador, um dos commensaes do principe. Ninguem se lembrou de reagir contra o invasor que cumulava de beneficios a terra conquistada; e ficava já longe, no olvido, a retirada de Mathias de Albuquerque com todos os que «seguiram a patria e a religião dos maiores»; antes já o ouvido se havia affeito ao hymno patriotico «*Wilhelmus van Nassauwen*», que nas grandes occasiões estrugia os ares.

Tambem sorriu a liberdade para aquelles negros que, se abandonavam a resistencia portugueza, eram logo recebidos na Nova Hollanda como homens livres.

Um dos cuidados do principe foi embellezar a cidade cuja população crescia já com rapidez, e mais ainda com a demolição de Olinda. Um artista da escola hollandeza, Pieter Post, deu os planos dos novos trabalhos de *Mauritzstadt* (a cidade Mauricia). Creou-se o bairro na ilha de Antonio Vaz; ahi plantaram-se centenas de palmeiras, laranjeiras e granadilhas ao redor do novo e soberbo *sans-souci* (Vrijburg), palacio esplendido que Nassau construia ás suas expensas e que custou seiscentos mil florins, com seus torreões de vigia sobre o mar. Sumptuosa ponte ligava as duas partes da cidade e ainda outra foi lançada para o continente onde levantou o seu palacio de verão, o *Schoonzigt* (Boa Vista).

Artes e letras floresceram sob o seu governo. «Uma multidão de artistas, diz De Crane; pintores, architectos, sculptores e mecanicos haviam-n'o acompanhado ao Brasil ou para lá foram a chamado seu.» Era seu medico o celebre naturalista de Leyde Piso. Com a recommendação de João de Laet veiu outro naturalista, Marcgraff. Ambos estes sabios foram os primeiros que fizeram explorações scientificas regulares da nossa natureza. Fez construir um observatorio astronomico na ilha de Antonio Vaz. Franz Post, o pintor, de certo foi o primeiro cuja palheta traduziu a paisagem e o céo do Brasil.

Com egual fulgor brilhava o regimen de liberdade que implantára. Pela primeira vez sob o nosso céo reunem-se assembléas deliberativas onde cidadãos eminentes teem a palavra ou a iniciativa do conselho. Muitos dos brasileiros tomam n'ella parte conspicua.

A lingua hollandeza, como a nossa, tornara-se então familiar e commum e era ouvida na cidade e nos campos. Casamentos não raros, apesar da differença de religião, se faziam entre brasileiras e hollandezes. E a concordia parecia abençoar a união dos dous povos.

Dentro em pouco esse periodo de ouro sumiu-se. Exasperado e desgostoso pela mesquinhez e pela avareza e

cupida ganancia da Companhia das Indias, que suspeitava em Mauricio a intenção (talvez não de todo infundada) de crear um reino independente — o principe se dimittiu da direcção da nova colonia e voltou para a Europa. Mais tarde e para obstar ao desastre que essa retirada invocara, de novo o chamam; mas impoz então as condições a que a cobiça servil dos mercadores não podia submetter-se.

D'ahi data a ruina do Brasil hollandez. O governo passou ás mãos inhabeis e agrestes de tres avidos mercieiros que inauguraram o regimen da intolerancia, do arbitrio, e das vexações pecuniarias. Fazendo da administração um mero emprehendimento mercantil, provocaram a antipathia dos naturaes e acordaram o desejo já sopitado da revolta. Aquelles proprios brasileiros e portuguezes que viviam contentes sob o jugo paternal de Mauricio, são agora os primeiros que hasteiam o pendão da rebeldia.

O sentimento moral e como soe sempre ser todas as virtudes do caracter abatem-se na indifferença dos especuladores. Volta o tempo das elevações de homens leigos e de corruptos funccionarios, o ardor da fortuna rapida e da licença outr'ora reprimida da plebe.

Agora como antes de Nassau e como nas antigas capitanias portuguezas o principio é que áquem da linha equatorial não existem mais crimes puniveis (vulgatum inter deteriores: ultra aequinoctialem non peccari, diz Barlœus).

Para cumulo de infortunio, sobrevem n'esse momento uma crise monetaria, que se em outros tempos poderia ser solvida com prudencia, agora não podia ter mais solução; os senhores de engenho endividados pelos dinheiros e compras de escravos importados pela Companhia encontraram no novo Governo a pressão e ameaça de duras penas judiciaes. Pegaram pois em armas e assim nasceu a insurreição pernambucana.

A avidez da Companhia das Indias havia perdido o Brasil. A' hansea mercenaria e bolsista faltava o senti-

mento delicado dos interesses moraes; faltava-lhe o Imperio.

Caberá pois ao Brasil hollandez esquecido e desamparado o epitheto que lhe deu o poeta: *Verzuimd Braziel!*

IV

A FORMAÇÃO DO BRASIL

(1600-1777)

A. *A Historia Commum.*

O jesuita, o criador e o paulista são os tres grandes factores da grandeza territorial do Brasil. O jesuita ao norte e ao sul, conquista os valles extremos do Paraná e do Amazonas; o criador occupa toda a região interior do Piauhy á Bahia; o paulista bandeirante das nascentes do S. Francisco e Rio Doce penetra até Goyaz e Matto Grosso.

1.

A administração.

Em todo o curso da historia da colonia, até o tempo de Pombal, a administração não brilha de certo com grande esplendor, e antes se eclipsa e desapparece, quando no meio d'ella o destino colloca uma personalidade da estatura do principe de Nassau.

Os administradores do Brazil portuguez, conforme as qualidades proprias da raça, são antes reaccionarios (o que os faz ás vezes parecer liberrimos), do que conservadores, e em caso nenhum liberaes; confundem a autoridade com o despotismo, como os governados a liberdade com o espirito faccioso. Alguns são notaveis pelo talento militar, quasi todos mediocres pelo espirito politico.

Em qualquer caso, o grande merecimento d'elles é a escola de severa honradez em que foram educados e de que dão fulgurante exemplo aos seus inferiores.

Os subalternos, porém, os capitães-mores das comarcas e outros officiaes secundarios distinguem-se pela corrupção dos processos com que governam o povo.

Isso não succedia com os governos geraes.

As proprias leis que regem a sua conducta são escrupulosas e inflexiveis e conformes ao bem commum.

Não podia o Governador crear officios ou empregos novos, meios certos de corrupção; e as promoções estavam

reguladas de antemão com grandes minucias ; não podiam lançar nos bens, se fossem á praça, e a todos os officiaes e ás camaras era dado o direito de relatar o que quizessem inda na falta de queixas «porque era necessario (diz uma provisão) que esta liberdade existisse» ; não podia pôr preço ao frete de navios, etc. Todos aquelles que tinham o officio de juizes não podiam contractar casamento nos dominios da sua jurisdição.

Por outra parte, essa demasia de escrupulos talvez tolhesse a largueza de meios de que poderiam lançar mão os governadores em beneficio da terra. A sua administração é mesquinha de iniciativa e balda de recursos; os seus ordenados e honorarios não correspondem á honorabilidade da posição, e muitos d'elles, assim como os antigos donatarios, aqui arruinam a fortuna e o bem estar.

A administração *una* com Thomé de Souza (1548) foi logo scindida em duas, em 1572, com Luiz de Brito e Almeida com séde na Bahia, e Antonio de Salema, no Rio. O limite entre os dois governos era Porto-Seguro. Cinco annos depois, 1577, voltava-se á união dos dous governos.

Renova-se a scisão em 1607, com D. Diogo de Menezes (Conde da Ericeira), no norte, e D. Francisco de Souza (no sul) A medida estava relacionada com os boatos de minas descobertas ao sul do paiz. Nova reunião se opera em 1616.

Essas vacillações tinham origem na difficuldade real que offerecia o governo de paiz tão vasto e onde reclamos tão differentes ás vezes não podiam ser satisfeitos pela mesma medida. A difficuldade tornou-se ainda maior com a colonisação do extremo norte, nos começos do seculo XVII; então a corôa resolveu reunir o Brazil antigo sob o mesmo governo *uno*, separando porém o *Estado do Maranhão* (do Ceará ao Amazonas), que passaria a obedecer á metropole (1621).

Esta separação do extremo norte tinha outro motivo

material e era a difficuldade de navegação do contorno da costa de norte para leste que detinha os navios por longo tempo, pela natureza contraria das correntes e dos ventos. Este problema aliás só no seculo actual foi resolvido pela navegação a vapor.

Quasi todas as hesitações datam do dominio hespanhol que não deixára de perturbar a unidade do governo portuguez, ainda que a Hespanha, durante a annexação, deixasse aos portuguezes o cuidado de se governarem e de governarem as suas colonias (1).

O systema de divisões e subdivisões era o mesmo praticado no Mexico e Perú e Rio da Prata pelo Governo da Hespanha.

O grande trabalho dos governadores é a solução de dous problemas capitaes: a questão dos indios, cuja liberdade convinha ao rei favorecer e a questão da defeza contra os inimigos externos, mais temerosa e cheia de perigos. A primeira entretanto é que accende discordias constantes na colonia, sobretudo entre colonos e jesuitas, e as quaes não raro affectam o prestigio da administração, como succedeu por mais de uma vez. Só em 1750 é que começa francamente a acção diplomatica com o antigo litigio das fronteiras, antes d'isso entregues ao systema de usurpações por occupação e represalias.

Não podiam mesmo as negociações diplomaticas iniciar-se mais cedo. Quando cessou pela reforma o prestigio do Papa sobre os povos, começou a balbuciar a doutrina do internacionalismo com Grotius no seculo XVII e só no seculo seguinte é que a diplomacia se organisa, na forma e pelos processos que desde então conhecemos.

---

(1) A absorpção de Portugal pela Hespanha durou de 1581 a 1640. Com a restauração reinaram em Portugal e Brasil D. João IV de 1640-1656; Affonso VI e Pedro II de 1656-1706 : D. João V de 1706-1750. D. José de 1750 a 1777.

Ao passo que a corôa vai adquirindo por compra e indemnisação ou tomando a viva força as capitanias feudaes das mãos dos seus donatarios, os governadores do Brasil vão pouco a pouco, como veremos opportunamente, creando *Capitanias reaes* ou d'*El-Rei*, formadas dos territorios novos conquistados aos indios; estas ficam sob a jurisdição do Governador geral.

Paulatinamente a corôa vae assim destruindo os senhorios feudaes creados por D. João III.

Desde a restauração, o Brasil passa a vice-reino. O primeiro vice-rei é D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, 1640. Mas esse titulo não é habitual dos governadores; é dado apenas a alguns d'elles (Conde Obidos, 1663; Conde de Villa Verde, 1714, etc.); nem esse titulo trazia significação de especial autoridade, pois de todos os governadores do Brasil o que maiores poderes exerceu foi o Conde de Bobadella (Gomes Freire de Andrade) que nunca teve o titulo de vice-rei. Na sua morte, (1763) a séde do governo geral passou para o Rio de Janeiro, desde então capital da colonia e do paiz.

A legislação da colonia acompanha as suas vicissitudes e novas leis aggregam-se ás antigas. As leis *manuelinas* juntam-se as *philippinas* do tempo da annexação e d'esse tempo data egualmente o *Codigo das minas*; todas as leis da metropole são aquem do Atlantico interpretadas com maior brandura a principio, porque o Brasil é de si uma estação penal, e depois em todo o rigor quando «há quasi tantos brancos aqui como no reino». As leis sobre os *indios* (de que em outra parte tratamos) são liberaes. Os *escravos negros* porem nunca tiveram a seu favor senão a philanthropia dos brancos.

O terror de todos os administrados são os governadores subalternos, *capitães-móres*, que se impõem pela força, o abuso e o arbitrio, no que teem perfeitos auxiliares nos *mestres das ordenanças*, agentes ferozes do recrutamento, com cujos processos barbaros, sob o manto da lei, faziam extorsões e exerciam infames vinganças.

No que respeita a **religião**, sob o regimen do padroado, o clero constituiu sempre uma classe de funccionarios do Estado e nos ultimos tempos da colonia exerceu grande influencia politica, não sem prejuizo da disciplina da egreja; mas era esse influxo naturalissimo pois no clero estava provavelmente a classe mais culta e liberal.

Do bispo primaz da Bahia dependiam os demais bispos do Brasil (e desde 1676 até a Independencia os de Loanda e S. Thomé na Africa): o Estado do Maranhão com o valle do Amazonas e os seus bispos estavam porem sob a jurisdiçao do arcebispo de Lisboa.

A justiça era a principio administrada pelos juizes ordinarios e um ouvidor geral que vinha de tres em tres annos, e quando eram graves os casos se lhes juntavam o Governador e o Provedor-mór dos defunctos e outros letrados. Em 1608 foi creado o *Tribunal da Relação* da Bahia. O povo esperara com frieza a vinda dos desembargadores, mas logo se deu por satisfeito quando teve d'elles a experiencia da inteireza no julgar e da expediencia dos negocios.

O direito portuguez n'essa larga epoca de dous seculos evolve segundo os proprios caracteres da historia interna. O costume das *côrtes* quasi se havia obliterado e com isso perderam as liberdades publicas; são aquellas reunidas uma ou outra vez no tempo da dominação hespanhola e por fim no reinado de D. João V, desapparecem e se extinguem com os progressos do absolutismo real. E' n'este reinado que se supprimem no Brasil como factores de rebeldia, os *juizes do povo*.

A legislação portugueza forma no seculo XVII a sua terceira collecção de *Ordenações*, as *Philippinas* (Filipe II) organisada por dous jurisconsultos, Paulo Affonso e Pedro Barbosa, e concluida por Damião de Aguiar e Jorge Cabedo. A compilação deixa muito a desejar pelas contradições que encerra e pela utilisação anti-methodica das materias accrescidas ás leis Manuelinas e que foram principalmente as leis já colligidas em Duarte

Nunes de Lião. Os direitos subsidiarios são o romano e o canonico; e na falta, as doutrinas de Accursio e Bartholo «praxistas velhos e já desacreditados» na opinião de um jurista historiador. O resultado d'esta disposição, diz Coelho da Rocha, foi que os juizes nas especies duvidosas não profundaram as leis nem recorreram ao seu espirito o analogia, contentando-se com fazer acompanhar as suas decisões de um longo prestito de auctores não só jurisconsultos, mas até moralistas ou canonistas, o que na linguagem do tempo constituia a *opinião commum*. Da mesma maneira as allegações dos advogados reduziam-se pela maior parte á accumulação tão extensa como fastidiosa de remissões quasi sempre copiadas e muitas vezes improprias. A par d'este vicio introduzia-se o outro do julgar pelos *arestos* e *casos julgados*, sem examinar escrupulosamente a identidade da especie nem os motivos legaes da sentença que se trazia para exemplo.

D'ahi por diante as leis que nos importam em maior grau são as de Pombal relativamente ás cousas do Brasil. São ora leis proteccionistas da agricultura, principalmente de certos ramos novos e incipientes, e o mal inspirado proteccionismo das Companhias de Commercio (do Maranhão, da Parahyba) que foram em breve extinctas. Concessão de licenças (muito limitada é certo) para algumas industrias (fabrica de lonas da Bahia); a renovação do *quinto* do ouro em vez da capitação (mas monopolisou para a coroa o contracto dos diamantes), e o acto mais importante que foi a incorporação das capitanias que eram ainda feudatarias, ao dominio da coroa (1). Outras leis suas foram contraproducentes, despoticas em grande numero e algumas d'ellas pelo menos abominaveis como o foi, para desgraça da educação nacional e desamparo das raças opprimidas, a expulsão dos jesuitas.

---

(1) Eram ainda n'este tempo capitanias hereditarias Itamaracá, Porto-Seguro (confiscada) Ilhéos, S. Vicente, e ainda quatro de menor importancia: Campo de Goytacazes, Bragança, Joannes (Marajó) e Alcantara.

2.

A zona da criação.

O conhecimento do interior do paiz entre as capitanias da Bahia e o Estado do Maranhão foi realisado graças á natureza do terreno que é quasi uniforme na geognose d'essa região. O primeiro trecho do sertão é verdejante, cortado de rios, e cheio de flores; é o *Mimoso* da linguagem sertaneja; o segundo trecho com os seus sangradouros de pouca agua forma o *Agreste* com a rara vegetação das *catingas* que, por um processo de selecção, se desfolham nos mezes de sol como as plantas da zona fria no inverno. A terra é salitrosa e arida.

Ahi de vez em quando vem as seccas que são terriveis. N'um ou n'outro, a agricultura, seria impossivel, como seria impossivel por egual a *criação* na região das florestas da Amazonia ou da Serra do Mar. Por isso em toda essa região formou-se o abastecedouro animal do Brasil antigo. Os seus nucleos de população conservaram melhor as tradições que o *folk lore* nacional ainda exprime; o typo ethnico é mais puro e superior ao do littoral quasi de todo ennegrecido pela escravidão africana. Os sertanejos são brancos e muitas vezes louros, mais frequentemente ruivos; tem virtudes cavalheirescas, o sentimento talvez exaggerado da honra, o que os faz frequentemente appelar para as armas que todos desde a infancia manejam com pericia. Desconfiam da civilisação e do littoral onde a hospitalidade é rara ou perfida, onde só descem nas *feiras*

e para cambiar os productos. D'elles é que teem origem seitas religiosas, germen de tumultos que ensanguentam o sertão. Parece que n'isso, como o gado que apascentam, trahem qualquer cousa do sangue arabe. São descendentes de portuguezes e ilhéos que internados desde o seculo XVII perderam o contacto permanente da civilisação; e com essa perda aprenderam, de instincto proprio, as industrias essenciaes á vida. Vestem-se em geral de couro da cabeça aos pés; de couro e chifre são os seus utensilios domesticos onde guardam liquidos e solidos; alimentam-se de caça, do leite, fructas acidas, e da carne, e d'esta fazem a farinha com que ajuntam o leite, substitutivo frequente da agua.

A esse povo sobrio como o dos beduinos deve-se o conhecimento do sertão brasileiro que ha tres seculos occupam.

A principio os *criadores de gado* antes de feitas as entradas que repelliram os indios estabelecem-se apenas nos reconcavos das povoações, naturalmente por maior segurança dos caminhos; na Bahia vão até a Torre d'Avila (governo de D. Francisco de Souza), mas a conquista de Sérgipe abriu o caminho do Sertão Agreste (das catingas) além de Itabaiana; d'ahi é que irradia a expansão sertaneja até o Parnahyba n'um periodo de oitenta a cem annos; as antigas *passagens* do Rio de S. Francisco, *Urubú de cima* e *Urubú de baixo* marcam as linhas d'essa radiação.

Povoações antigas ainda restam, antigos pousos dos sertanejos, Geremoabo, Geru, Capim Grosso, Cabrobo, de differentes edades, marcam as pegadas dos vaqueiros.

Com a guerra hollandeza abriram-se ao transito todos os caminhos, d'antes picadas, que os exercitos ou as tropas de guerrilha percorreram desde o Rio Real até a Parahyba. Toda a margem esquerda do baixo S. Francisco e a comarca do sertão de Carirys velhos, a região do chamado *Mimoso* ficou inteiramente conhecida de uns e outros dos

belligerantes. A ligação do *Mimoso* com o *Agreste* que domina o planalto do Ceará e Piauhy, já fôra feita no tempo da conquista do Maranhão por M. de Nassau, sem fallar que da zona mais visinha ao littoral entre a Parahyba e o Ceará, já os portuguezes, os indios e os capuchinhos haviam feito o trajecto por terra na expedição contra La Ravardiêre.

Ao passo que se iam desbravando e conhecendo os caminhos do sertão, por elle se iam estabelecendo n'esta parte estações de criação, unica industria possivel sobretudo no *Agreste*. Vemos por exemplo que já é importante essa industria nas cercanias de Itabaiana ao tempo dos Hollandezes que as conquistaram para abastecimento de carne; estende-se a criação pelo interior até o S. Francisco e já em 1673 Domingos Affonso, proprietario da fazenda *Sobrado*, n'aquelle rio, penetra pelo norte para fundar os seus curraes até o Piauhy, e domar os indios bravios para o que se reune ao guerreiro paulista Domingos Jorge. A primeira fazenda de Domingos Affonso foi a de *Poções de Baixo* no Rio Canindé e fundou mais trinta e duas cuja enorme area disputou aos bravios *Pimenteiras* e *Acroaz*.

Por esse passo estava vencida a linha das serras dos *Dois irmãos*, de *Cariris novos* e *Ibiapaba*, que de sul a norte extremavam os dous grandes sertões do norte.

Podemos, pois, considerar por completamente explorada, conhecida e utilisada até os fins do seculo XVII a zona limitada pelo *Paraguassú* (Bahia), *S. Francisco* (Chique Chique), *Serra dos dous Irmãos* e *Piauhy*; e o mar Atlantico desde o *Parnahyba* até a *B. de Todos os Santos*. Isto é, a zona da criação do gado.

Do Piauhy para o norte como do Paraguassú para o sul, as *entradas* pelo interior ou se limitam ao trafego dos rios, navegando a remos ou a *ajouyos* nas cachoeiras, ou quando feitas por terra não conseguem fixar-se em povoa-

ções senão raramente de modo que o rapido povoamento do sul tem o seu lugar mais exacto no seculo XVIII, que é o da expansão da historia das minas.

O conhecimento e povoação do littoral do extremo norte iniciou-se e completou-se no seculo XVII. Até o fim do seculo anterior, já o dissemos, o Brasil maritimo não ia alem da Parahyba. Mas o estabelecimento dos francezes no Maranhão indicou a necessidade de colonisar o extremo norte; assim se fez logo com o Ceará em 1610) Martim Soares Moreno) com a expulsão dos francezes por Alexandre de Moura e Jeronymo de Albuquerque, da ilha de S. Luiz (1615) a fundação de Belem do Pará (1616) por Caldeira Castello Branco. O curso do Amazonas já era conhecido desde as maravilhosas façanhas de Orellana (1540) e outros aventureiros hespanhoes. A primeira expedição regular de origem portugueza é a do capitão-mor Pedro Teixeira (1637-39), tão exaggeradamente encomiada por alguns dos seus chronistas; Pedro Teixeira plantou o marco divisorio dos dominios portuguezes e hespanhoes no rio Napo; mas, não fundou povoação. A conquista do Amazonas é feita pelas numerosas missões de religiosos e jesuitas; a primeira de Fr. Theodosio no Rio Negro (aquella hoje Jahu) data de 1668; deve-se porém assignalar o fortim do Rio Negro, fundado em 1660, como origem das habitações de indios no lugar que é hoje Manaos.

Se pois em 1750, ao negociar-se o tratado de Madrid podiamos reclamar todo o oeste da America do Sul até quasi o cordão da cordilheira andina, no sul devemol-o aos paulistas e ao norte devemol-o aos religiosos, e sobretudo aos jesuitas que encheram de vida com as suas missões o deserto do Amazonas até o Javari. Tambem de certo contribuiram para a nossa expansão a oeste, o facto de que as populações hespanholas, aggremiando-se nos Andes, pela riqueza das minas, não galgavam senão raramente as vertentes orientaes onde verificaram não havia ouro, senão florestas e rios magnificos.

A *criação* não produzia o imposto e por isso deixa de

interessar á corôa, nem sequer é mencionada nas historias da administração, (caracter geral das historias escriptas); mas é, ao contrario da turbulencia do littoral ou das aventuras das minas, o quasi unico aspecto tranquillo da nossa cultura; por ella abriram-se as communicações terrestres iniciadas pela conquista e conservou-se, como ainda hoje se conserva, nas estancias sertanejas, o verdadeiro caracter da vida colonial.

2.

Uma "Entrada"

As *Entradas* eram expedições feitas pelo colono á cata de indios que eram escravisados ou ainda á busca de minas de metaes e pedras preciosas de que corriam sempre phantasticas noticias.

E' uma face inteiramente nova differente do movimento pastoril (ao qual precede) e tem maior analogia com as emprezas dos *pionocirs* da America do Norte. Com as *entradas* expurga-se o territorio do perigo das ciladas e mesmo da presença dos indios e com ellas estabelecem-se por terra as communicações outr'ora fluviaes ou maritimas.

Por isso frequentes vezes os governadores e capitães-móres para impôr respeito ao gentio organizavam expedições pela terra interior onde não era pequeno o morticinio dos selvagens. Uma d'essas expedições foi a de D. Francisco de Souza ao Rio Real que fez afugentar os indios por mais de sessenta leguas, tal o terror e maldade que ia semeando pelos caminhos. Não gostavam muito os colonos d'este systema de guerra menos por virtude e misericordia

do que pelo espirito pratico. Nem por isso eram as entradas de iniciativa dos colonos menos ferozes que as outras.

«As guerras, diziam elles, afugentavam os Gentios, como se vira nesta, e nas que seu antecessor lhes havia feitas, com que os fez afastar do mar mais de sessenta legoas; seria melhor trazel-os por paz, e por persuasão de Mamalucos; que por elles saberem a lingoa, e pelo parentesco, que com elles tinham porque Mamalucos chamamos mestiços, que são filhos de brancos, e de Indias, os trarião mais facilmente que por armas.

«Por estas razões, ou por comprazer aos supplicantes deo o Governador as licenças, que lhe pediram, para mandarem ao sertão descer Indios por meio dos Mamalucos, os quaes não iam tam confiados na eloquencia, que não levassem muitos soldados brancos, e Indios confederados, e amigos, com suas frechas, e armas com as quaes, quando não queriam por paz, e por vontade, os trazião por guerra, e por força: mas ordinariamente bastava a lingoa do parente Mamaluco, que lhes representava a fartura do peixe, e mariscos do mar de que lá careciam, a liberdade de que haviam de gozar, a qual não terião se os trouxessem por guerra.

«Com estes enganos, e com algumas dadivas de roupas, e ferramentas, que davão aos principaes, e resgates, que lhes davão pelos que tinhão presos em cordas para os comerem, abalavam aldêas inteiras, e em chegando á vista do mar, apartavam os filhos dos paes, dos irmãos e ainda ás vezes a mulher do marido, levando uns o capitão Mamaluco, outros os soldados, outros os armadores, outros os que impetraram a licença; outros quem lha concedeo, e todos se serviam delles em suas fazendas, os irmãos e alguns os vendiam senão o serviço e quem os comprava, pela primeira culpa, ou fugida que faziam, os ferrava na face, dizendo que lhe custaram seu dinheiro, e eram seus captivos; quebravam os pregadores os pulpitos sobre isto, mas era como se pregassem em deserto.

«Entre estas entradas no sertão fez uma Antonio Dias

Adorno, ao qual encommendou o Governador que trabalhasse por descobrir algumas minas, o qual entrou pelo rio das Contas, que é da Capitania dos Ilheos, e seguindo a sua corrente, que vem de mui longe, rodeou grande parte do sertão, onde achou esmeraldas, e outras pedras preciosas de que trouxe as amostras, e o Governador as mandou ao Reino, onde examinadas pelos lapidarios, as acharão muito boas; mas nem por isso se mandou mais a ellas, signal que havião lá ido mais a buscar peças que pedras, e assim trouxerão 7.000 almas dos Gentios Topiguaens, sem trazerem algum mantimento, que comessem, em duzentas legoas, que caminharam muito devagar, por virem muitas mulheres, e crianças, e muitos velhos, e velhas, sustentando-se só de fructas agrestes, caça, e mel, mas isto em tanta abundancia que nunca se sentio fome, antes, chegaram todos gordos, e valentes; donde se collige quam fertil é aquelle sertão, e pelo conseguinte com quanta facilidade se pudera tornar em busca das pedras preciosas já descobertas, e descobrir outras.

«Tambem mandou o mesmo Governador um Sebastião Alves ao rio de S. Francisco com officiaes, e tudo o mais necessario para fazer huma embarcação em que por elle navegassem em descobrir algumas minas, e para isso escreveo a hum grande principal do sertão chamado Porquinho, que o ajudasse com gente, e tudo o mais que pudesse; elle mandou-um vestido de escarlata, e uma vara de meirinho para trazer na mão.

«Levou este recado um Diogo de Crasto, que já havia estado em sua casa, e sabia bem fallar-lhe a lingoa, e outro grande lingoa, que havia sido Irmão da Companhia, chamado Jorge Velho.

«Estimou muito o Porquinho ver o caso que delle fazia o Governador, e nunca jámais faltou em quanto os brancos o occuparam; e assim poz com sua ajuda o capitão a embarcação em boa altura, e a fez em parage dondè o rio era todo navegavel, porque dalli para baixo lhe ficava já a cachoeira, e o sumidouro, quando lhe chegou uma carta do

Governador Lourenço da Veiga, que succedeo a Luiz de Brito, em que mandava que logo lhe viesse dar conta da fazenda de Elrey, que levara, obedeceu o homem, e posto que depois tornou não achou já os seus, que se haviam mettido com outros de Pernambuco a descer Gentio, como elle tambem fez, e todos lá acabaram.

«Não só da Bahia, mas tambem dos Ilheos, e de Pernambuco, se fizerão neste tempo outras entradas.

«Dos Ilheos foi Luiz Alvares Espinha com pretexto de fazer guerra a certas aldêas dahi a trinta legoas, por haverem em ellas mortos alguns brancos, porém não se contentou com lhe fazer, e captivar todos aquelles aldeãos, senão que passou adiante, e desceo infinito Gentio.

«De Pernambuco fora Francisco de Caldas, que servio de Provedor da Fazenda, e Gaspar Dias de Taide com mui tos soldados ao rio de S. Francisco, e ajudando-se do Braço de Peixe, que era hum grande principal dos Tobajares, e da sua gente, que era muito esforçada, e guerreira, entraram muitas legoas pelo sertão, matando os que resistiam, e captivando os mais.

«Tornando-se depois para o mar com sete mil captivos determinarão pagar ao Braço com o levarem tambem amarrado, e a todos os seus, porém elle os entendeo, e não deixando de os servir com mantimentos das suas roças, e caça, do matto, para aquelles, deo duzentos caçadores para assegurar mais a sua caça, e depois que os teve seguros, que nem se vigiavam, nem lhes parecia haver para que, mandou chamar outro principal seu parente, chamado Assento de Passaro, que viesse com os frecheiros da sua aldêa, e avisou os seus caçadores, que estavam entre os brancos, estivessem alerta na madrugada seguinte, para que, quando ouvissem o seu urro costumado, darem juntamente nos nossos, e lhes não escapar algum com vida; e assim foi que achando-os dormindo mui descuidados, subitamente os accometteram com tanto impeto que não lhes deram lugar a tomar armas, nem a fugir, e os mata-

ram todos; e soltos os outros Gentios captivos, depois que ajudaram a festejar a sua liberdade, comendo a carne de seu mar vingança destas mortes, sendo Tobajares, e contrarios senhores, os deixaram tornar para onde quizeram; só escapou dos nossos um Mamaluco, que uma moça, irmã do principal Assento de Passaro, escondeo.

«Este levou a nova aos brancos, que estavám no porto esperando, e depois nelles a Olinda, onde foi muito sentida de todos, pranteando as viuvas seus maridos, e os filhos seus paes; que alli morreram. Nem parou aqui o mal, senão que os homicidas, temendo-se que os brancos fossem tomar vingança destas mortes, sendo Tobajares, e contrarios dos Potiguares, se foram metter com elles na Paraiba, e se fizeram seus amigos pera os ajudarem em as guerras, que nos faziam.» (1)

Esta descripção dá na sua simplicidade eloquente a a idéa d'essas terriveis caçadas humanas que se podem contar por milharés e jámais cessaram de todo no Brasil colonial.

4.

As primeiras bandeiras

As *bandeiras* organisadas para a exploração das terras tinham organisação especial que só tornavam comprehensivel o genio e a pertinacia dos aventureiros que as compunham.

(1) Fr. Vicente do Salvador, 92-94.

Como nas caravanas do deserto africano, a primeira virtude dos bandeirantes é a resignação que é quasi fatalista e a sobriedade levada ao extremo. Os que partem não sabem se voltam e não pensam mais em voltar aos lares, o que frequentes vezes succede. As provisões que levam apenas bastam para o primeiro percurso da jornada; d'ahi por diante tudo é enigmatico e desconhecido.

Só a formação de uma raça inteiramente acclimada ao solo e ao céo do Brasil como era a dos paulistas, poderia preparar tamanhos resultados.

No intimo das terras marcham como se navegassem atravez dos mares, com a orientação da bussola e das noites constelladas; aqui e alli seguem o curso dos rios ou os vadeiam. Recolhem por toda a parte as legendas e historias dos indios que falam de outros paizes distantes e de caminhos ainda não trilhados pela civilisação. Se é preciso desçer um grande curso d'agua, não contam o tempo; aboletam-se e acampam na margem, abatem arvores gigantescas de cujos troncos e ás vezes dos cortices formam esquadrilhas de canôas carcomendo-os a fogo.

Quando se julgam promptos, logo embarcam numerosos no meio do alarido de todas as vozes. Quando a alimentação e as munições se esgotam ou a terra lhes nega a caça ou os vegetaes reparadores, não desanimam; acampam de novo, queimam a vegetação bravia em longos tratos de terra e fazem a roça onde semeiam os cereaes. Esse acampamento dura até a colheita que é sobre tudo de milho por mais prompta e rapida e n'esse meio tempo, em quanto o milharal cresce, toda a terra circumvisinha n'um raio de muitas leguas fica conhecida.

N'essas *bandeiras* vemos figurar toda a gente, homens de todas as qualificações, indios de todas as tribus, mulheres, padres e creanças e grande numero de animaes domesticos, cães. gallinhas, carneiros, fôra as bestas de

carga. E' uma cidade que viaja com os seus senhores e seus governados; n'ella não faltam as rixas e differenças: mas o alvo principal e a ambição commum, as põe de accordo e harmonia. De caminho, as crueldades que praticam são inauditas, os sacrificios que exigem são terribilissimos; os indios perdidos na floresta se lhes aggregam para não succumbir ante a caudal que passa e que tudo subverte.

Como sempre succede n' essas congruencias ficticias que a ambição diabolica reune e argamassa, esta mesma as desune pela imaginação de crimes monstruosos, envenenamentos e perfidos homicidiosque, como previo sacrificio, a sangrenta posse do thesouro antecipadamente reclama.

Muitas d'estas bandeiras orientam-se pelas santas cruzes, piedosos e soturnos symbolos dos naufragios moraes por esses invios caminhos.

Nada as detem, nem os desfiladeiros e precipicios, nem a sede ou a fome, nem as commoções da natureza ou as fadigas do espirito, nem a guerra ou as ciladas da terra desconhecida. No tempo do *resgate* ainda tinham um termo essas expedições que era o dos primeiros rios navegados; na epoca do *oiro* já não conheciam limites, avassalavam o deserto por centenares de leguas desde o Tieté a Santa Cruz de la Sierra, da serra do mar atlantico até onde se avistam os perfis da cordilheira andina.

A geographia phantastica que emprestavam ao Brasil no seculo da descoberta, imaginando-o cheio de maravilhas insolitas no seu interior obscuro, com o *El-dorado*, as jazidas de esmeralda, as arvores de *sabão* e de *vidros* com os seus gigantes de quinze pés (os *corugueanas*) os animaes monstruosos e terriveis que eram guardas naturaes de ignotos thesouros, devia necessariamente excitar o desejo de aventuras analogas áquellas que a fama universal consagrara com os conquistadores do planalto peruviano.

«Era crença em voga, diz o doutor Theodoro Sam-

paio, entre os colonos, haver um *que* de mysterioso impedindo o descobrimento das riquezas do sertão e que a morte era o castigo inevitavel do indiscreto que ousava revelar-lhes o segredo. Frei Vicente do Salvador nos transmitte essa crendice popular talvez originada dos repetidos insuccessos com que se coroaram as primeiras tentativas.

De certo, uma tal ou qual desdita agourentava os mais bem combinados tentamens.

Aleixo Garcia não lográra tornar da sua jornada tão arrojada, que por muitos se considerou fabulosa. Pero Lobo perecera trucidado nas margens do Paraná em 1531 com toda a sua numerosa comitiva. A expedição de que fez parte o padre Aspilcueta Navarro em 1552 não teve exito. A galé do commando de Miguel Henrique, que Thomé de Souza enviára a explorar o rio São Francisco, nunca mais tornara. Sebastião Tourinho se logrou ver a serra das Esmeraldas não trouxe provas cabaes dellas. Antonio Dias Adorno, percorrendo os mesmos sertões, não logrou melhor fortuna. Sebastião Alvares nos sertões de S. Francisco; Luiz Alves de Espinha nos dos Ilheos; Francisco de Caldas em Pernambuco; Diogo Martins Cão, por alcunha o Mata-Negros, e Marcos de Azevedo no Espirito Santo representam outros tantos insuccessos.

Todavia, o seculo XVI, que findava sem poder revelar os thesouros do sertão, não legava ao novo seculo uma sementeira de descrenças ou de desanimo, como era facil de prever de tão repetidos infortunios. As pesquizas redobram.

João Coelho de Sousa, antes de 1580, levara tres annos a percorrer os sertões das cabeceiras do Paraguassú e morrera em tão ingrata jornada, em sitio ignorado, legando a Gabriel Soares, seu irmão, o capital não de ouro, que o não logrou descobrir, mas de experiencia para novas e mais arrojadas tentativas do descobrimento.

Gabriel Soares, de posse dos roteiros que lhe deviam desvendar a elle os segredos das minas que o irmão não lograra explorar, parte para Europa, vai a Côrte de Castella, solicita favores, promette compensal-os com valiosos descobrimentos, consegue mercês e beneficios, obtem, por fim, que lhe mandem dar armas, munições e gente e regressa ao Brasil.

Não foi, comtudo, mais afortunado o inclyto auctor do *Roteiro do Brasil*. Gabriel Soares, chegando á Bahia, depois de haver naufragado nas costas de Sergipe, retira-se para o seu engenho, á margem do rio Jaguaripe, a reunir gente, e toma socios para a empreza que se lhe affigurava auspiciosa. Parte, emfim, penetrando nos sertões do Paraguassú pela vereda do mesmo Jaguaripe, cujo valle remonta até proximo das cabeceiras; passa pela serra do Guarerú, onde está hoje a povoação da Pedra Branca e ahi levanta uma casa forte; segue a atravessar o Paraguassú abaixo do logar onde se fundou mais tarde a povoação de João Amaro e ahi proximo levanta outra casa forte; envereda para o noroéste entranhando-se nas catingas ao oriente da serra do Orobó. Faz outra casa forte no meio destes sertões entre os Payayás e prosegue rumo do noroéste, atravessando o rio de Jacuipe e attingindo as cabeceiras do Itapicurú, proximo do logar onde, depois, se fundou Jacobina. Explora as serras comvizinhas, descobre indicios de ouro e prata na Pedra Furada, e, dahi, galgando a Chapada, penetra nas campinas altas do valle superior do rio do Salitre e por ellas vai até o Morro do Chapéo, cujos sertões põe-se a percorrer em todos os sentidos, quando a morte o colheu a elle e a mór parte da sua comitiva em sitio que ficou até hoje ignorado.

Dos despojos da mallograda empresa ficou para a Historia a vaga tradição que os annos engrandeceram e transfiguraram na mais famosa lenda de nossa Historia: *as minas de prata*. Melchior Dias Moréa, destimido

sertanista das margens do Rio Real, apparece, então, após oito annos de continuadas pesquisas pelos mesmos sertões, com esse lendario descobrimento, cujo segredo a ninguem jamais transmittiu. Solicitações, rogos, ameaças, prisões, nada o demoveu da resolução que tomara de não deixar passar a extranhos as glorias, as honras e beneficios que para si pedira em troco de seu segredo, uma ficção talvez, uma chimera, mas quem sabe tambem senão um segredo verdadeiro, que valia as mercês que a Côrte lhe negara?

E assim passaram á posteridade, como um enigma indecifrado, essas *minas de prata* de Roberto Dias (nome de um dos successores de Melchior); minas mais potentes qua as do proprio Potosi, mais ricas que as de ferro de Bilbáo, e com as quaes se poderiam calçar todas as ruas de Madrid, segundo o asseverava o mallogrado aventureiro,

Era a prata o metal de estimação mais commum nestes tempos. A America, depois da conquista do Mexico e do Perú tinha-a espalhado abundantemente por toda a parte.

Alterosos galeões conduziam para a Europa todos os annos riquissimos thesouros. Estavam no auge da sua producção as minas de prata de Potosi, descobertas em 1542 no Alto Perú, e de que o Brasil se separava apenas por uma linha imaginaria.

Dahi a crença geralmente espalhada de que a America Portugueza tambem possuia muita prata; e então pelos seus sertões se procuravam vestigios della. Do ouro quasi que se não falava. As chronicas e escriptos do tempo, como contos imaginosos do povo, davam á prata maior valia. Toda de prata era a encantada cidade Manóa, cujos reflexos á noite simulavam no céo a via lacteà. Tambem de prata são as minas que ficaram para sempre um segredo do obstinado aventureiro descendente do Caramurú.

De prata são ainda as *serras resplandescentes* dos sertões de Porto Seguro e que se tornaram lendarias com o nome de *Itáberá-bussú*.

Eis como o historiador Gandavo nos conta a origem dessa famosa legenda.

«A esta Capitania de Porto Seguro, diz o citado historiador, chegaram certos indios do sertão a dar novas de umas pedras verdes; que havia numa serra muitas leguas pela terra dentro, e traziam algumas dellas por amostras, as quaes eram esmeraldas, mas não de muito preço; e os mesmos indios diziam que daquellas havia muitas, e que esta serra era mui formosa e *resplandescente*...» Esta serra resplandescente que o gentio em sua lingua dizia *Itáberaba-oçû*, e que a corruptela em labios portuguezes transformou em *Taberaboçû* (1) e mais geralmente em *Sabaráboçû*, vai ser por todo o seculo seguinte o alvo das mais arrojadas expedições sertanejas conduzidas de S. Paulo em direcção ao valle do S. Francisco, das quaes não poucas vararam os sertões em busca de Porto Seguro ou do Espirito Santo, donde lhes vinha a longiqua tradição da *serra das Esmeraldas*.

A lenda de *Sabaráboçû* vai ter larga repercussão entre os mamelucos de S. Paulo

Começa aqui esse periodo das pesquisas sertanejas, de que a expedição de 1602, do commando de Nicoláo Barreto, é uma das primeiras e mais memoraveis, mas cujos feitos só se salvaram para a Historia nas notas de viagem de um aventureiro estrangeiro. Começa esse periodo das expedições longinquas para descerem indios para as lavouras ou para buscarem minas, cujos thesouros só um seculo depois de porfiadas tentativas se desvendam. Um seculo inteiro a bater os sertões atrás de uma chimera...» (2)

(1) Monsenhor Pizarro nas suas Memorias escreveu ainda *Tabaraboçu'*.

(2) Dr. Theodoro Sampaio. Memoria lida no Instituto Historico de S. Paulo.

A bandeira de Glimmer de que temos um roteiro em latim conservado na obra de Piso e Markgraff seria de certo uma das primeiras organisadas e levadas a effeito no tempo em que fora nomeado Governador geral D. Francisco de Souza e o fora com a recommendação da Côrte de investigar as minas que se diziam existir no Brasil. E' provavel que fosse elle quem promovesse essa expedição que teve logar em 1602 ; sabe-se d'outra parte que em 1599 o governador geral esteve em S. Paulo e ahi teve noticia do que corria acerca da serra de *Sabarabussû* (*Sabaroasòn* de Markgraff) e suas minas de prata. D'ella fez parte um hollandez Wilhelm Glimmer que vivia em S. Vicente e cerca de oitenta portuguezes. A bandeira seguiu pelas margens de Tieté, tomou o Parahyba depois de descer um affluente d'este, transpoz a serra da Mantiqueira e depois de cortar varios rios attingiu a região visinha do Alto São Francisco (1) Gastaram-se nove mezes n'essa expedição que foi de todo infructifera.

Não era pouco, porem, haver-se já desvendado, com esta e outras aventuras que se seguiram devidas ao genio paulista, o segredo do sertão meridional, e em que vem afinal o descobrimento das minas compensar os sacrificios anteriores.

—*Ouro* ! foi afinal a exclamação desejada.

---

(1) Baseado na semelhança e ás vezes identidade do roteiro do Glimmer com o de Paes Leme e Fernão Dias (quasi um seculo posterior) o dr. O. Derby reconstituiu o itinerario como deixamos indicado.

5.

A escravidão vermelha

Depois que em 1615 os portuguezes expelliram os francezes da ilha do Maranhão, considerou-se indispensavel crear uma forte posição no Rio das Amazonas; pois desde quando **Francisco Orellana** no anno de 1541 descera esse rio, muitos e varios boatos se espalharam da grande população e das riquezas em ouro das terras adjacentes, e os hollandezes deram mostras de pretender conquistal-as.

Foi **Francisco Caldeyra** mandado do Maranhão no anno de 1615 e na errada convicção de que no *golfo de Goajará* estava a margem meridional do Amazonas, alli fundou no mesmo anno a cidade de *Pará*. Os occupadores acharam em florestas extensissimas muitas tribus de indios que se assignalavam por costumes brandos e pareciam favoraveis ao desenvolvimento da colonisação.

N'aquelle tempo deviam os incolas primitivos representar o lugar dos, ainda raros, escravos negros na agricultura e em outros trabalhos corporaes; e conseguintemente procuravam os novos colonos estabelecer-se e fixar-se no meio dos indios, o que lhes assegurava serviço certo, pela astucia ou pela força. O systema de reduzir os indios a escravos, quando combatidos e feitos prisioneiros em combate, foi tão antigo no Brasil quanto os primeiros estabelecimentos dos portuguezes nas terras de São Paulo. Em verdade haviam os reis de Portugal reconhecido a liberdade dos indios e principalmente foi por Dom Sebastião no anno de 1570 e por D.

Felippe II no anno de 1605 determinado em lei, que somente os anthropophagos e os prisioneiros em guerra declarada pelo governo deveriam ser considerados escravos, e todos os demais, gente livre, não devendo ser constrangida a trabalho algum contra a vontade; mas os colonos continuaram sempre na sua caça de escravos, e sabiam apresentar a escravidão dos indios como cousa propicia e até necessaria aos interesses da corôa, de modo que D. Felipe III depois de haver feito uma lei de abolição da escravidão dos indigenas revogou-a no anno de 1611, declarando não só perdida a liberdade daquelles indios aprisionados nas condições já mencionadas, mas até auctorisando os colonos a comprar aos indios os prisioneiros d'estes e aconselhando a creação de colonias correccionaes sob a inspecção dos brancos.

Consoante essas determinações legaes entrou para os estabelecimentos portuguezes uma grande multidão de indios. A ambição de fazer fortuna com o trafico levou os mais emprehendedores dos colonos ao curso superior dos rios do Estado do Gram Pará, e contribuiu em verdade, por esse modo, para o conhecimento geographico do paiz.

Assim, emprehendeu **Manoel Pires** no anno de 1565 e 1567 duas viagens, uma até á embocadura do Rio Negro, a outra no ultimo rio por elle acima; e ao tempo que d'ahi trazia mais de mil indios para o Pará tomou posse de toda aquella região para a corôa portugueza. Logo em seguida foi posto na embocadura do Rio Negro um destacamento de soldados encarregados de apoiar n'aquellas terras o commercio de escravos (*Destacamento do Resgate*) e mais tarde lançou os fundamentos da Villa da Barra do Rio Negro cuja fortificação se fez sob o governo de **Antonio d'Albuquerque Coelho** no anno de 1671.

D'aquella região foram arrastados os *Jurupixanas* ou *Juruunas* (rostos negros) raças varias aparentadas entre si, que se distinguem por uma mancha escura do-

rosto (*Malha*) de tatuagem, e ainda hoje em dia em que o seu numero mui significativamente diminuiu, são preferidos a outros como remeiros e bons trabalhadores. Quão consideravel fôra o numero de indios do sertão que eram trazidos pelo rio abaixo, pode-se avaliar do facto que d'uma feita mais de mil d'esses desgraçados foram expostos á venda no Pará.

Muitas vezes não occultavam os caçadores de gente a sua crueldade, e outra vez a coloriam por um perverso plano (que já havia agastado ao **Padre Acunna**) e que consistia em levantar cruzes nas visinhanças das aldeias indigenas e se essas não se achavam mais depois de algum tempo, consideravam uma offensa ao christianismo servindo-se d'esse pretexto para a insidiosa guerra. Successivamente foram aqui e alli, como pontos de apoio do infame commercio, no sertão, e pelas margens do rio construidos fortes ou fazendas isoladas, e o trafico vermelho organisou-se de maneira semelhante ao do trafico negro na Africa. Onde porem os indios se contrapunham a esses começos de hostilidade por astucia ou pela força, ahi terrivel e sanguinolento massacre se punha por obra em guerras de exterminio.

O reverendo **Antonio Vieira**, o jesuita voluntarioso, que tão convencida e eloquentemente defendeu o direito de humanidade dos indios, estimava na sua exposição ao Rei, em dous milhões o numero total dos indigenas do Estado do Gram Pará e Maranhão (que incluia a esse tempo tambem o Ceará e o Piauhy) e affirmava que os portuguezes nos primeiros quarenta annos da conquista d'aquellas regiões haviam destruido quatrocentas aldeias de indios. Ainda que a primeira d'essas affirmativas pareça muito exaggerada, pois **André de Barros** outro escriptor jesuita posteriormente avaliava a população indiana apenas em duzentos mil, deve-se entretanto aceitar com segurança absoluta que aquelle terrivel e generalisado systema da escravisação indiana golpeou de profundas e

ainda hoje sensiveis feridas a prosperidade do Estado do Pará.

Mais se enraizàvam os interesses dos colonos portuguezes n'esse trafico, mais viva contra elle era a reacção dos jesuitas; seus esforços generosos succumbiam, porem, ante as inclinações hostis da burguezia, e das outras corporações religiosas.

Tamanho era aquelle interesse que, quando apoz a Restauração de Portugal, el rei D. João IV no anno de 1652 quiz de novo instituir a liberdade dos indios, os governadores do Maranhão e do Pará viram-se coagidos a modificar aquella lei liberal, tolhidos pelo levante do povo. Foram expulsos da terra os jesuitas e a frente até d'elles **Vieira** (1661) porque combatiam a caça humana illegal que, apoz essa expulsão, continuou com maior vivacidade.

Por terem n'ella vantagem os maiores potentados da terra que eram justamente membros da camara, foi patrocinada sob a auctoridade municipal a entrada dos indios de commercio dados por prisioneiros de guerra (*Indios de resgate*) até o anno de 1679 em que foi renovada a prohibição do trafico vermelho, os jesuitas de novo repostos, e a elles entregue a administração e a cura dos indios-medidas que francamente sempre eram altamente reprovadas pelo povo e pelas outras ordens religiosas.

D'ahi data para os indigenas um periodo favoravel, pois os jesuitas fundaram numerosas aldeias onde muitas tribus de indios eram reunidas; procuraram ganhal-os pela brandura, civilisal-os e fazel-os occupar-se convenientemente com a lavoura dos generos alimenticios e artigos de commercio, — e lá achavam os indios um asylo contra a barbaria dos seus perseguidores. Começou-se d'ahi por diante a tratal-os melhor e tel-os em maior estima. Os indios viviam entre os jesuitas sob a condição de tutelados, ao que muito se prestava a sua indolencia. Em meia liberdade, e ainda proximos das mattas donde os tiraram e não coagidos pela civilisação das ci-

dades, viviam elles commodamente assim em grandes agrupamentos e preferiam de muito essa morada ás dos brancos. Era-lhes permittido em parte do anno sairem fóra das aldeias; pelos trabalhos que faziam, com excepção dos que cumpriam para augmentar as provisões da communidade, eram pagos em objectos de casa, uteis ou necessarios ou em vestidos. Eram ensinados na religião christã e instruidos no pensamento de certos deveres para com o Estado.

Indisputavelmente era essa a condição mais favoravel aos indios tanto para elles proprios como para os interesses do Estado que de tempos a tempos por intermedio dos padres, requisitava para os ter nos trabalhos publicos, na remagem, nas pescas etc. Tambem outras ordens religiosas, principalmente a dos Carmelitas, tomaram parte por egual modo na civilisação dos indios e todas se enriqueceram pela diligencia d'elles; pois que sob a inspecção dos missionarios colhiam os preciosos productos naturaes da terra que vinham desembarcar nos conventos.

Os jesuitas tinham grande numero de Missões taes, ao longo da costa da terra firme, na ilha de Marajó e no interior pelo rio Amazonas até o extremo limite da região portugueza, no *Rio Javary*. A situação das aldeias foi de florescimento até a extincção da ordem dos jesuitas por cuja causa no anno de 1759 foram do Pará e Maranhão não menos de 112 jesuitas deportados para a Europa. **De La Condamine** que no anno de 1741 visitou as missões ao longo do Amazonas descreve-as como abastadas e mais prosperas que as hespanholas de Mainas. Os institutos jesuiticos passaram então a outras ordens religiosas. No anno de 1718 segundo **Berredo** (Annaes, p. 322) existiam dezenove aldeias dos jesuitas, quinze dos capuchinhos, doze dos carmelitas e cinco dos Mercenarios.

Pombal, transviado tanto por informações falsas como pelo terror chimerico e arraigado odio contra os

jesuitas, pela extemporanea expulsão d'esses, deu, sob mais de um aspecto, sensivel golpe nas importantes colonias de Portugal, e no que diz respeito aos indios, sem duvida alguma, preparou-lhes a ruina civil e aquella triste e irremediavel condição em que hoje em dia vemos a raça vermelha n'essas terras.

6.

O jesuita e o colono do norte.

Depois dos infelizes acontecimentos que impossibilitaram a primeira colonisação, e da guerra dos francezes (1) e da iniciativa da insurreição contra a Hollanda, o *Maranhão* gozou de alguma tranquillidade e novo impulso do seu desenvolvimento.

Pequenas questões de limites com os francezes estabelecidos agora em Cayenna e outros attritos de egual motivo com a Colombia e Perú nunca chegaram a caracter de relevancia.

Grande causa de perturbações, porém, foi como em quasi todo o Brasil a questão dos indios em cuja protecção com as leis de Deus e do rei, gastaram os jesuitas toda a energia moral de que eram capazes. De modo nenhum queriam os colonos sujeitar-se aos principios de humanidade e liberdade que, ao menos a respeito dos indios, a religião e o governo civil tinham já adoptado, e mesmo só consentiram que os jesuitas se estabelecessem no Maranhão sob a promessa de não se envolverem com aquelle

---

(1) Assumptos já tratados, pg. 36-37 e 86-88.

odioso problema. Muitas foram as leis que se decretaram acerca da melindrosa questão, mas eram todas sophismadas quando não abertamente esquecidas. A lei de 1611 (que renovava os principios da de 1574) auctorisava a escravisação do indio turbulento preso em guerra justa ou o resgate do prisioneiro de outras tribus já condemnado, como era uso entre ellas, á morte. Essa lei favorecia os planos tenebrosos, da escravidão—porque havia sempre pretexto para realisar o resgate e fazer a guerra e dal-a por justa; á sombra d'ella cresceram tanto os abusos que a lei de 1652 procurou extirpal-os prohibindo a escravidão e proclamando a liberdade dos indios.

Vimol-o já no capitulo antecedente na legisfação a respeite da raça opprimida.

Ao sabel-o enfureceram-se os colonos do Maranhão já compromettidos em grandes emprezas e negocios. Quando o novo Governador Geral Balthasar de Souza Pereira publicou o acto, os colonos de S. Luiz levantaram-se em rebellião, e pegando em armas, reuniram-se na praça do Mercado. Para cohibil-os foi mister suspender a execução da lei. Identico tumulto houve em Belem e as duas cidades combinaram em appellar para o rei enviando procuradores a Lisboa.

Não era regular esse procedimento que entretanto a autoridade não sem vexame supportara com o fim de evitar maiores desacatos.

Foi n'esse momento (1653) que desembarcou no Maranhão um homem extraordinario, grande defensor da raça opprimida, o padre **Antonio Vieira**, o orador maior e um dos mais habeis diplomatas do seu tempo. Abandonára os favores e valimento da côrte e contra a vontade do rei, para vir aqui com grandes esperanças satisfazer a sua vocação de missionario. Encontrou o Maranhão lavrado da discordia: «não ha aqui quem instrua, diz elle, mas ha todos que escravisam.» As perversidades e cruezas que então praticavam com o trafico eram inauditas, e a menor

d'ellas, por menos afflictiva, era o assassinio. O seu primeiro sermão em S. Luiz, concorrido pela curiosidade universal de ouvir o grande pregador que deliciava a côrte, marca o inicio da perigosa resistencia: «No nosso Evangelho offereceu o demonio (dizia elle) todos os reinos do mundo por uma alma; no Maranhão não é necessario ao demonio tanta bolsa para compral-as todas... Basta acenar ao diabo com um tujupar de pindoba e dous tapuyas e logo está adorado com ambos os joelhos. Oh que feira ão barata! Negro por alma e mais negra ella que elle! Esse negro será teu escravo esses poucos dias que viver; e a tua alma será minha escrava por toda e eternidade, emquanto Deus for Deus. Este é o contracto que o demonio faz comvosco!» Pouco a pouco Vieira mostra a perdição eterna dos homens que reteem e não restituem as liberdades alheias; allude á lei do monarcha annunciada pelos tambores e agora a da religião pelas trombetas da fé.

O effeito foi extraordinario. O governador, os colonos e s padres todos se ajuntaram para compor um accordo acerca da escravidão dos indios; e cada um dos que retinham em casa escravos, envergonhados do crime, os restituiram á liberdade.

Mas foi ephemera essa impressão sentimental, e Vieira grande conhecedor de homens bem o percebeu. Sem poder destruir a escravidão tratou de humanisal-a, promovendo o plano de deixar aos indios do serviço domestico a opção pela liberdade e agrupar os do interior em missões e aldeiamentos que até então não existiam ahi, e como servos do Estado podiam ser cedidos aos colonos por tempo certo e mesquinho salario.

Evitava-se de tal modo o enraizamento do principio nefando e abria-se uma porta a redempção do velho abuso.

Esta obra precaria diante da dissolução dos costumes, abateu com um golpe dado pelo rei quando attendeu aos procuradores de Belem e S. Luiz. Todo o trabalho de Vieira ficou assim inutilisado.

Não descansou porém o missionario na sua obra de

philanthropia, pondo em acção a eloquencia propria e o influxo que exercia na côrte, para onde embarcou e obteve do rei a lei de 1655 que favorecia a sua propaganda, e entregava a Vieira a direcção da reforma que n'ella se continha; mais ainda, a essa lei e por pedido de Vieira seguia-se a nomeação de André Vidal de Negreiros para governador do Maranhão, com o qual contava reduzir os colonos a obediencia e que de consciencia era um enthusiasta dos projectos do celebre jesuita.

Voltou Vieira para o Maranhão onde encontrou já o novo Governador do Estado. A acção combinada de ambos não poude contudo desarraigar o entranhado abuso. Senhores de escravos eram todos, funccionarios, juizes, padres e religiosos, só com excepção dos jesuitas; todos os crimes n'este particular eram absolvidos, e por muitos, incitados. Fazia-se do pio proselytismo uma arma de combate contra os jesuitas. E contra elles, não hesitaram em empregar a força. Os jesuitas tinham-se estabelecido no Gurupá (Amazónas) donde dirigiam as missões no interior; para livrarem-se da visinhança incommoda, uma vez os rudes caçadores de gente fizeram embarcar á força os padres que ahi estavam e os recambiaram para Belém. O governador, é certo, castigou os desalmados e baniu-os do Maranhão; mas o castigo longe de intimidar, excitára a colera dos correligionarios.

N'esse meio tempo (1665-1669) a obra das missões produzia os seus fructos. Os indios de Marajò outr'ora duramente perseguidos recebiam agora sem rancor a civilisação; a conversão irradiou de Belém pelo Tocantins, de Gurupá pelo Xingu e Tapajós acima; outras missões foram povoando o extensissimo curso do Amazonas. Na região oriental do Estado, no Camocim e na serra de Ibiapaba pela primeira vez ouviu-se o Evangelho nos aldeiamentos das tribus agora entregues á agricultura e á paz.

Poderia de certo Vieira orgulhar-se da santa empreza!

Os colonos submettiam-se de mau grado, sabendo que

Vieira exercia grande poderio no animo de D. João IV. Com a morte do regio protector (1656) e a sahida de Vidal de Negreiros, animou-se a audacia dos descontentes cujo numero avolumou com o novo ?curso das cousas. O senado de Belem punha-se á testa dos escravistas e n'uma carta a Vieira insinuava as excellencias da escravidão. Nomearam-se novos procuradores para representar ao novo rei sobre a eterna pendencia.

Foi quando um monge vindo de Lisboa, de má fé tornou publicas algumas cartas particulares de Vieira onde se pintavam com cores negras mas exactas as miserias moraes da colonia. Então o povo, açulado pelos detractores dos jesuitas, levantou-se em grande tumulto, que o governador não soube reprimir, e arvorando-se com os seus tribunos ou *juizes*, que escolheu tumultuariamente em soberana auctoridade, assaltou e destruiu o collegio dos jesuitas, prendeu e deportou a todos os padres da companhia. O padre Vieira, n'esse momento em Belem, quiz deter a obra satanica dos revolucionarios, mas debalde; não foi ouvido; antes maltratado e preso, foi banido perpetuamento do territorio.

Caiu então o Estado em anarchia chronica, a que dava ainda maior realce um ou outro momento de tranquillidade obtida á custa da degradação do governo diante do juiz do povo logo escolhido ou do Senado da Camara. Vieram de novo os jesuitas mas sem garantias e sem o poder de intervenção no que chamavam por euphemismo os negocios leigos para encobrir com aquella obnoxia expressão a licenciosa immoralidade.

7.

O colono e o jesuita no sul

Ao abrir-se o seculo XVII a questão capital para os paulistas é a escravisação dos indios que, como ao norte, tambem abrasava o sul.

N'essa era chegava, ao auge. Não podiam supportar os agricultores e colonos a presença de tantos indios nos aldeiamentos dos jesuitas e aos quaes com um simples aceno de força poderiam coagir ao trabatho senão escravisar totalmente. Sob perfidos pretextos procuravam attrahir os indigenas regulando salarios ou outras recompensas; mas os jesuitas percebendo bem o alvo que visavam e que um resto de escrupulos fazia mascarar com a apparencia de bons propositos, sempre se oppunham aos planos da desleal má fé do colono. Organisaram-se então com desusado apparato as grandes caçadas de indios, os *descimentos* a ferro e fogo de centenas e milhares de escravos que arrancados á liberdade nativa em grande parte desappareciam pela morte voluntaria ou manchavam-se em vinganças sanguinolentas quando escapos aos mercados de S. Paulo e Rio. A Companhia de Jesus reclamava e embalde, embora só pedisse o cumprimento das leis. Em breve, as terras de S. Paulo ficaram desertas e tornou-se forçosa aos conquistadores a exploração do sul até o Paraná e do norte em mais largo ambito ainda não percorrido. Na direcção do sul, porem, vieram os paulistas a encontrar-se de novo com os seus eternos antagonistas; os jesuitas hespanhoes já dominavam com suas missões os rios Paraguay e

Paraná; ahi já floresciam duas povoações hespanholas, a *Cidade Real de* Guayra na foz do Piquiry e *Villa Rica* no Ivahy, entre as quaes estava a região semeiada de missões prosperas e numerosas de indios. Exasperados ficaram os paulistas ao vêr n'essas aldeias o eterno estorvo da infame caçada e o asylo agora concorrido da raça perseguida. Os escrupulos antigos quanto aos aldeiamentos de S. Paulo que a bandeira nacional protegia, agora já não tinham mais razão de ser. Guerreiavam de *motu proprio* e sem o conselho mas com sciencia das auctoridades e mesmo contra as antigas ordens reiteiradas do governo contra o trafico. A questão foi exclusivamente voltada contra os jesuitas que os colonos hespanhoes e por identicos motivos não se dispozeram a defender. Anno a anno, expedições paulistas se organisam para aniquilação successiva da serie de missões do Paraná; a primeira ameaçada foi a da Incarnação, 1628; nas cercanias d'esta e de outras eram capturados os indios que sahiam fóra dos reductos. Em 1629 partem mil paulistas e 2 mil indios alliados sob o commando do famigerado escravista **Antonio Raposo**. Abandonados do governo paraguayo os jesuitas só contavam comsigo proprios quando chegou a numerosa expedição paulista e exigiu da missão de Santo Antonio a entrega de um prisioneiro que fugindo do comboio dos escravos n'ella se havia asylado.. O Padre Mola que dirigia o aldeiamento respondeu que um homem livre e sob a protecção do Rei não podia ser entregue á escravidão. — Na manhã seguinte cairam de chofre em bandos os paulistas sobre a missão; rogos e supplicas dos padres não os demoveram da carnificina de que ainda escaparam os fugitivos; e sobre os cadaveres dos que resistiram viu o Padre Mola, os olhos rasos de lagrimas, ruir com fragor as ultimas cabanas que o incendio consumia.

Quando já consumada a destruição, partiu o lugubre prestito dos vencidos — homens, mulheres e creanças, sob o açoite dos conquistadores.

Assim queimaram mais tres missões do Paraná. Entretanto seguindo o rasto dos escravistas e apanhando os indios que caiam desfallecidos na marcha, vieram dous jesuitas, os Padres Mansilla e Manseta, testemunhas do abominavel successo, pedir justiça ás auctoridades civis de S. Paulo e do Rio, que, coniventes, não acharam mais que as boas palavras da resignação e da paciencia, para lhes desfazer o aggravo.

Partiram os padres para a Bahia onde os ouviu o Governador Geral, o Conde de Miranda; impossivel era restituir os escravisados já vendidos e dispersos, todavia ordenou uma devassa. Mas ao voltarem os jesuitas a S. Paulo foram presos pela populaça amotinada e infurecida; o commissario da devassa ordenada aterrorisou-se e fugiu. Os dois jesuitas uma vez soltos a pedidos e rogos dos seus irmãos do Brasil, voltaram sem outra consolação que a de ter cumprido até o extremo o dever que lhes dictara a consciencia.

A impunidade dos paulistas persuadiu-os a continuar na obra satanica, e dentro em pouco das missões do Paraná não restavam mais que inhabitadas ruinas. Mais tarde vieram ás mãos com os hespanhoes das duas cidades que tiveram o mesmo destino, e assim toda essa região, embora deserta, foi incorporada a S. Paulo e portanto ao Brasil pela inulta conquista.

Não descançaram os jesuitas nem pozeram á margem a causa dos indios, e tanto menos quanto os paulistas, insaciados com a região que haviam já expurgado, faziam grandes correrias até o Uruguay.

Cançados das soluções timidas e indecisas dos governos da colonia, dirigiram-se directamente Ruiz de Montoya a Philippe IV em Madrid e Diaz Tanno ao Papa Urbano VIII em Roma; os dous soberanos renovaram e revigoraram as leis e bullas já dadas contra a escravisação dos indigenas, fazendo-as extensivas á região do Prata. No Rio de

Janeiro os escravistas então amotinados assaltaram o collegio dos jesuitas e estes seriam mortos, não fosse a intervenção do governador, que prometteu alcançar dos padres o não se intrometterem nas questões dos agricultores e mercadores de escravos.

Ainda peior succedeu em S. Paulo, foco de taes desregramentos. A bulla de Urbano VIII quando lida em publico pelos jesuitas, levantou a população dos colonos em grande e formidavel tumulto que acabou por arrancar da residencia os padres e expellil-os da terra (1640); a intervenção do governo conciliador do Rio veio exacerbar os animos sem proveito para a concordia commum.

N'esta data Portugal havia restaurado a monarchia portugueza, noticia auspiciosa para toda a colonia mas que foi recebida com frieza e absoluta indifferença pelos paulistas. Eram já estes uma raça differenciada pelo mestiçamento e pela heterogeneidade de outros povos adventicios, de modo que o *lealismo* á corôa portugueza era n'elles um sentimento desconhecido e talvez mesmo antipathico. Para tal estado de espirito contribuiam as liberdades de acção que haviam por innata ousadia conquistado e ainda os recentes successos que os traziam desgostosos da acção moralisadora dos jesuitas e do Estado. Parece que pensaram, nessa crise, em se tornar independentes e em constituir um reino (antes e de facto, uma republica aristocratica), pela qual escolheram um rei, em Amador Bueno, lavrador rico e estimado, de origem hespanhola, aparentado com as familias mais importantes da terra. Os povos, com grande alarido, aclamaram-n'o; elle não ousou porém acceitar a corôa que lhe offereciam. Com a sua obstinada recusa, foràm-se apagando as velleidades da revolução separatista e acabaram todos acclamando D. João IV.

Continuou não obstante a anarchia, porque a força do Governo do Rio, apenas limitada ao litoral, não tinha meios de galgar o então quasi invio declive que o separa

do planalto de S. Paulo; teve que *tratar* com os poderosos representantes de S. Paulo e dobrar-se ás exigencias d'elles, não sem injuria do decoro de sua nominal autoridade. Os paulistas comprometteram-se a obedecer ás ordens d'el-rei, mas reservavam-se o direito do que elles proprios faziam questão: a exclusão dos jesuitas e a regulamentação da que dissesse respeito aos indios. Ganharam assim grande mas bem triste victoria.

Certo, esses resultados eram provisorios e de Lisboa é que dependia a ultima palavra. D. João IV restabeleceu os direitos conculcados dos jesuitas (1643), mas tão difficil fôra restabelecel-os que só de facto dez annos depois poude a companhia rehaver, já amortecido e quasi nullo, o seu dominio em S. Paulo.

8.

A escravidão negra.

A escravidão negra começou com os descobrimentos portuguezes na Africa. Foi um portuguez, Gilianes, o primeiro que aprisionou nas Canarias alguns homens que escravisou e trouxe a vendel-os na Europa; o principe Henrique extranhando essa crueza mandou que o aventureiro os restituisse á patria donde foram roubados. A ousadia do pirata, porém, foi logo despertando a cubiça de outros; a lugubre aventura encontrou defensores e foi logo largamente imitada. Em 1442 Antão Gonçalves aprisionou varios mouros da Costa do Ouro e só os restituiu e resgatou a troca de escravos negros, em numero de dez, s primeiros que lavraram o solo europeu.

Começou assim o infame commercio. Muitos theologos e doutores justificavam essa maldade que, parecia-lhes, era um beneficio feito á barbaria irreligiosa e perdida para a fé e para a civilsação. Desde logo, quando descoberta a America, foram n'ella em 1501 introduzidos os escravos negros, a pedido de Nicoláo Ovando de Hispaniola. A experiencia demonstrou quanto se devia preferir o negro activo e submisso ao indio indomavel e indolente. Os proprios theologos defendendo com Las Casas a liberdade dos indios ao mesmo tempo eram indifferentes ou aconselhavam a escravidão africana.

No Brasil, o escravo negro foi introduzido ao tempo dos primeiros estabelecimentos. A escravidão vermelha precedeu de certo á negra; e d'aquella já se fala em 1531, quando Martin Affonso concedeu a Pero de Goes permissão de levar para a Europa dezesete escravos indios; mas desde cedo na Capitania de S. Vicente são escravos negros que trabalham na agricultura da canna. Deve datar pelo menos do anno de 1532. N'esse tempo os escravos indios custavam quatro mil reis cada um, e era facil captural-os; mas morriam em grande numero, e fugiam ou eram difficeis de conter, os demais. Os indios não eram agricultores. Como escravos serviam melhor de canoeiros, soldados e agentes da industria extractiva. Por isso foram sempre caçados, apesar da lei, no extremo norte ou no sertão do Sul. Na zona maritima oriental era preferivel o escravo negro. Além do que, os indios, tinham seus defensores nos jesuitas e no proprio governo d'el Rei.

A escravidão africana tornou-se a principal e, na verdade, a mais util.

De todos os povos o que em mais larga escala exercia o trafico dos escravos era o portuguez. Uma grande parte d'Africa caira em seu dominio. Varios pontos da costa do continente negro e sobretudo as ilhas do mar de Guiné, Fernando Pó, Anno Bom, S. Thomé, Ilha do Principe e mais as terras de Angola, Benguela, Moçambique, estavam sujei-

tas ao dominio portuguez que ahi creara vassalos ou allia-dos entre os principes negros e monopolisavam o dominio d'essas regiões que eram o entreposto do commercio interior donde tambem vinham os escravos. Entre S. Filipe de Benguela, dependencia da Angola e residencia da auctoridade militar e de um ouvidor, e as terras de sud-oeste e leste dos presidios de Caconda, Ambaca, Canjango etc. estabeleciam-se portuguezes que lavraram plantações para alimento dos negros que escravisavam e ainda faziam mais o commercio do marfim, e outros productos. D'essas fazendas aqui e alli dispersas foram ousados aventureiros penetrando até a *contracosta* oriental; o fructo d'essa travessia era a captura dos grandes negros, de raça ethiopica, de compleixão fortissima e pelle escura, os *Cácimbos*, os *Xexys* (*Gèges*) e os *Xingas* ou *Gingas*, que embarcados em S. Filipe de Benguela ou em *Novo Redondo* vinham para qualquer destino da America.

Igualmente entretinham os portuguezes de Loanda (que haviam organisado em colonia), grande commercio com o interior d'onde desciam os escravos da *Angola*, isto é, ahi embarcados, em geral oriundos das nações dos *Ausazes*, *Bembas*, *Gingas* e *Tembas*, os quaes (excepto os primeiros) já conheciam a lingua portugueza e eram doceis e de boa indole. Na região do Norte (Congo e Zaire) não tinham vassalagem os portuguezes; mas os navios negreiros penetravam no golfo de *Cabinda*, onde ancorados recebiam os escravos d'essas terras; esses são conhecidos no Brasil com o nome de *Congos* ou *Cabindas* e pertencem a nações pela estatura e corpulencia inferiores aos outros mencionados; são preferidos para o serviço domestico.

Do lado oriental, da *contra-costa*, o trafico é ainda muito importante; os escravos são levados até Moçambique onde embarcam. Esses pretos são conhecidos com o nome de *Mossambiques* e são da nação *Macuas* e *An-*

gicos; adaptam-se difficilmente ao serviço no Brasil e a mortandade d'elles é grande.

Em tempos mais antigos para as capitanias do Norte, Pernambuco e Maranhão, vinham negros das ilhas de Cabo Verde, de Cacheu e Bissáo; mas esse commercio foi diminuindo e cessou, depois que tornados livres e escasseiando o numero, viveram sob a protecção da corôa.

Taes eram as fontes da escravatura. Mas o que excede ao poder de qualquer imaginação é a narrativa hedionda desse commercio, os crimes e as atrocidades que n'elle se commettiam.

A *escravidão* para as nações negras era a pena de quasi todos os delictos; o pae podia vender os filhos, o juiz (o *sova*) podia condemnar qualquer a escravidão; o rei podia escravisar os vassallos e a guerra podia escravisar a todos. D'esse principio barbaro (cuja execução facilitavam ou procuravam originar) aproveitam-se os traficantes comprando e resgatando a impia propriedade. Desde logo a cobiça dos paes, o arbitrio dos reis e dos *sovas*, e o direito da guerra convulsiona como um terremoto todo o sertão negro; as familias se desmembram, as rixas se multiplicam, as guerras se ateiam, a caça humana se institue; o *resgate* dos negreiros é apenas o triste epilogo das grandes conflagrações cujo rastilho elles acendiam de longe na foz deserta dos rios ou a beira do Oceano.

Com isso se desculpavam dizendo ser a escravidão mais um negocio africano do que d'elles traficantes.

As infelizes victimas do arbitrio e da cobiça negra trocam-se pelas *missangas* de vidro, pelo *panno* da costa riscado, principalmente pela caxaça e pelos facões de aço, estrume que vae d'ahi a pouco multiplicar a colheita proxima. Os orgãos d'esse trafico são os *Funidores*; ás vezes lhes dão o lugubre appellido de *Tumbeiros* porque frequentemente mais carregam cadaveres que seres vivos.

São os *Tumbeiros* que de presidio a presidio levam

o bando de escravos que marcam a ferro em brasa com o *carimbo* para o caso de fuga, e ajoujam pelo pescoço com a pesada cadeia, o *libambo*, em caso de rebeldia. Muitos dos miseraveis, famelicos e cansados, sucumbem na dolorosa marcha e principalmente porque a allegação da molestia para o *tumbeiro* é sempre signal de manha ou mentira.

Afinal são embarcados. A corôa portugueza cobra por cada cabeça dezeseis cruzados e meio. No navio amontoam-se aos milhares no porão. De dia sobem á coberta para o banho e para dançar, de cada vez uma porção de negros e logo depois descem ao porão escuro, onde são guardados e vigiados.

Esses habitos são ordenados em vista da hygiene e interesse privado. No porão a mortalidade é grande; na coberta, o risco de perder os que se atirariam ao mar é maior. Por isso instituem essas danças lugubres para arejar a carniça e distender-lhes os membros que o torpor e a melancolia paralysam.

A esse duro trato escapam as mulheres e creanças que por não inspirarem terror, viajam na coberta e por isso é d'esses menor a mortandade.

A bordo a lucta é pelo ar, pelo espaço, pela alimentação que é nulla e corrompida pelos dejectos.

Amontoados uns quasi sobre outros sem a lúz solar sem roupas, sem o mais mesquinho conforto é maravilha que escapem á morte.

Uma molesta extranha que é a saudade da patria, uma especie de loucura nostalgica, o *banzo*, dizima-os pela inanição e fastio, ou os torna apathicos e idiotas. Em todos os carregamentos de escravos na estreita travessia do Atlantico entre a Africa e o Brasil, a morte cobra um imposto excessivo (1).

---

(1) Temos estatisticas de 1817 e outros annos. A media da mortalidade é um decimo dos transportados. Mas ha casos excepcionaes, em que a mortalidade é da metade e mais ainda. (Vide Martius, *Reise im Bras.* t. 2, 667.)

Um d'esses quadros phantasticos de maldição pinta-o com côres indeleveis o poéta dos escravos:

> **Legiões de homens negros como a noite**
> **Horrendos a dansar.**
>
> **E ri-se a orchestra ironica e estridente...**
> **E da ronda phantastica a serpente**
> **Faz doudas espiraes.**
> **Qual n'um sonho dantesco as sombras voam...**
> **Gritos, ais, maldições, preces resoam... (1)**

Chegam a final ao Brasil em cujos portos descem e acampam no oitão dos *trapiches*, de tangas, semi-nus, e alguns agonisantes. Senão em viagem, as vezes ahi o *mal de Loanda*, o *sarampo* ou as *bexigas* os devastam. Ahi são vendidos segundo a figura e a compleição, para os engenhos ou para a cidade.

Força é confessar que de toda essa jornada de horrores a escravidão no Brasil é o epilogo desejado para os escravos. D'ahi em diante, a vida dos negros regularisa-se, a saúde refaz-se e com ella a alegria da vida e a gratidão pelos novos senhores, aqui melhores que os da Africa e os do mar. Sem duvida alguma ainda muitos dos horrores e crimes permanecem no captiveiro novo,e aqui e alli, não falham, entre senhores crueis, rigores monstruosos.

A escravidão, porém, sempre era corrigida entre nós pela humanidade e pela philanthropia. Se os negros não tiveram como os indios, em favor d'elles, a voz omnipotente da egreja, tiveram, ao menos, o espirito christão e a caridade propria da nossa raça. Não foram entretanto raras as vozes dos bispos e dos padres jesuitas em favor da raça maldita. Já no seculo XVII Vieira condemna a escravi-

---

(1) Castro Alves — fragmentos dos *Escravos*.

dão dos negros e repara do pulpito que em outras terras o homem commercia, semeia e colhe, as mulheres fiam, e aqui o commercio é o da carne, que os homens geram e as mulheres amamentam. Commercio deshumano e diabolico. O padre Manuel Ribeiro Rocha escrevia em 1758 que — todo o commercio da Angola, Guiné e Cafraria era *illegal* e deveria ser condemnado como peccado mortal contra a caridade e a justiça universal· — E ajuntava esse nosso primeiro abolicionista, que cinco annos de servidão deviam bastar para reintegrar esses prisioneiros negros á liberdade.

Desde os primeiros tempos da colonia o sentimento da philanthropia trabalha em favor dos negros. Costumes bellissimos instituem-se entre os senhores; como o de *apadrinhar* os remissos ou fugitivos, o que impede o castigo e nenhum senhor o viola. O costume de ceder um dia ou dous (sabbado e domingo) ao trabalho do negro é confirmado mais tarde por lei (1700) e tambem o reconhecimento da propriedade privada do escravo. Outro costume, é o de *alforrias na pia* o que se fazia com uma esportula insignificante (de 5$ a 20$) que nunca era recusada; esse habito era frequente sobretudo quando as crianças traziam a pelle mais clara. A religião concedia-lhes uma parte no culto, e santos negros (S. Benedicto e N. S. do Rosario) protegiam irmandades numerosas de pretos. A propria affinidade de raça, entre os negros, fazia-os reunir em sociedades, onde revivendo os costumes africanos, tinham reis e vassallos e exerciam auctoridade uns sobre outros, até o limite que a civilisação dos brancos permittia. Essas associações que existiam no Brasil como no Haity foram sempre impossiveis na America do Norte onde o negro mesmo depois de livre vive segregado e não merece consideração social em gráo de qualquer natureza.

Aqui escolhiam sempre um dia de festa com permissão dos senhores, para celebrar a coroação do *rei do Congo*, festa que elles faziam coincidir e confundir com a catho-

lica dos *Tres Reis* : celebravam então a *chegança* com a simulação de navios de guerra e fortins portuguezes; e para esse apparato os senhores offereciam recursos.

A prova da nossa philanthropia era provada por esse regimem dos bons costumes. Nunca tivemos como os inglezes e francezes um *Codigo negro*.

Os negros das Ordens eram bem tratados, arrogavam-se só escravos dos santos respectivos e por isso não podiam ser vendidos

Nas fazendas, agrupavam-se em familias senão no sentido da lei, ao menos da religião. Usavam o sobrenome do senhor, e eram por elles estimados sobretudo quando criados d'elle. Era frequente o costume de alforriar em testamento, de todo ou sob condição os bons escravos e recusar o dinheiro da alforria que o negro pouco a pouco ajuntava para redimir o captiveiro. A *emancipação* não era, pois entre nós como nos Estados Unidos impedida ou regulada por lei; era negocio particular entre o senhor e o escravo, e aquelle se satisfazia frequentemente com a 3ª e 4ª parte do valor legal. Ainda mais. Os proprios negros que não podiam agradar aos senhores tinham o direito de *procurar senhor*, e assim mudar de captiveiro

Todos esses costumes testemunham em favor da nossa indole e liberalidade.

Não é nosso intento fazer a apologia da escravidão, cujos horrores principalmente macularam o homem branco e sobre elle recahiram. Mas a escravidão no Brasil foi para os negros a rehabilitação d'elles proprios e trouxe para a descendencia d'elles uma patria, a paz e a liberdade, e outros bens que paes e filhos jamais lograriam gozar, ou sequer entrever no seio barbaro da Africa.

Ao findar o seculo XVIII ainda não repercute no Brasil

a voz do *emancipacionismo* que já troveja nos paizes cultos da Europa. (1)

9.

A Politica oceanica. O monopolio.

Pouco a pouco, com a revelação das terras do oriente e da America, o commercio estreito do mediterraneo foi-se tornando universal. Todas as nações disputam, a ferro e fogo, o intercambio das mercês e dos metaes, ao passo que Porrugal e Hespanha guardam pelo regimen do monopolio as riquezas, cuja posse os demais povos cobiçam. Os povos europeus d'então atravessavam periodos difficeis, que favoreciam aquelle systema exclusivista; a guerra de religião assolava a Europa no seculo XVI, e particularmente a Inglaterra desfallecia dilacerada pela guerra civil entre as casas de York e Lancaster; o seculo acabara com a absorpção de Portugal. O regimen do monopolio, com a Hespanha, triumphava, pois do mundo inteiro.

Tamanho imperio logo cedo se desmembrou aos golpes dos hollandezes e o destes, por seu turno, aos golpes da Inglaterra renascida, á quem cabe afinal o sceptro do imperio colonial. N'essa lucta os hollandezes perdem o dominio

(1) Ao contrario mesmo em 18(8 n'um opusculo, o Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho justifica a dupla escravidão dos indios e dos negros, como opposição á senha dos novos philosophos. Em compensação o passado dos "philanthropos inglezes, não é muito glorioso. Depois dos portuguezes (cujo rei apenas tolerava o trafico) foram os inglezes os maiores traficantes de escravos; a sua *Companhia Africana* foi fundada em 1672 por Carlos II e entre os seus accionistas estava o duque de York, depois rei da Inglaterra (Jaime II).

da Africa e da India; os portuguezes perderiam egualmente o do Brasil, se o tratado de Methuen, que foi a quéda do poderio portuguez, não fosse tambem a medida de salvação que preservou o Brasil do poder politico inglez. De facto, todas as vantagens do monopolio portuguez passaram aos inglezes e eis a razão porque tendo tido no seculo XVII um Brazil hollandez, não tivemos no seculo XVIII outro Brazil inglez, que seria um resultado retumbante da historia como foi o resultado silencioso mas proveitoso da diplomacia. A nova colonia que a diplomacia ingleza alcançara, poupava ao menos o dispendio, a varia fortuna e a publicidade da guerra.

A Inglaterra tornou-se, diz Scherer (1), o banco de Portugal; tomava-se a 3 °/o em Londres e empregava-se a 10 °/o em Lisboa.

As importações da Inglaterra excediam as exportações portuguezas em cerca de *um milhão esterlino* pago em ouro do Brasil, porque a Inglaterra não recebia productos (assucar, tabaco, etc.), que tinha nas suas colonias. O cambio em Lisboa caiu 15 °/o com esse desequilibrio; as casas inglezas em Portugal tomaram conta do commercio interno. As *frotas do Brasil*, das Companhias de Commercio *são inglezas* de facto, aiuda que não *figurem nomes senão portuguezes*. Calcula-se em *2 biliões e 400 milhões* de francos *o ouro* exportado do Brasil, no periodo de 60 annos que se seguiram á descoberta das minas, somma que passou quasi toda aos inglezes, porque em Portugal a circulação apenas era de 15 a 20 milhões e o paiz devia 72.

Foram pois as minas de ouro do seculo XVIII, isto é, as minas do Brasil que, quanto podiam crear, crearam a prosperidade actual da Inglaterra.

Por essa razão é que o monopolio do seculo passado não resuscita uma nova Hollanda nas nossas praias. Desde

---

(1) Hist. do Commercio, II, IV.

que o ouro emigra para a Inglaterra, para que a conquista? A herdeira do dominio hollandez nos mares não havia mister de taes esforços.

Pombal tentou deter, no declive extremo, a decadencia do poderio commercial portuguez; mas as medidas auctoritarias de que lançou mão, vistas n'um tempo como o de hoje, parecem menos despoticas do que erroneas; justifica-as, emtanto, o patriotismo do grande estadista e a ignorancia coeva nas questões economicas.

No primeiro o Brasil tinha um commercio relativamente livre de peias; o estrangeiro sob certas limitações podia estabelecer-se nas povoações e em 1579 entre Santos e Londres abria-se o commercio livre que cessou todavia dentro em pouco.

Com o dominio hespanhol começou o regimen fortemente exclusivista.

Voltando a considerar o regimen colonial, a exemplo da Hollanda, Portugal resolveu crear eguaes companhias do commercio que assegurando o monopolio estavam pelo numero dos seus navios mais aptas para a defeza das mercadorias atravez dos mares e em condições de perseguir o contrabando e as fraudes do commercio livre.

A *Companhia geral de Commercio*, foi instituida em março de 1649 para durar por vinte annos e, acabados elles, por mais dez se fosse isso desejo dos que a compunham. Recebeu por armas a esphera armillar de Dom Manuel. Devia mandar ao Brasil por anno duas esquadras de comboy, composta cada uma de dezoito navios de vinte peças pelo menos.

A companhia era formada de accionistas dos quaes nove eram deputados ou directores e os que possuiam n'ella empregados dez mil cruzados tinham o gozo de immunidades e privilegios e isempçao e independencia dos tribunaes, ficando apenas sujeitos ao parecer da corôa. Podia a *Companhia* alistar tropas de mercenarios e até officiaes do exercito real. Todas as mercadorias

embarcariam nos seus navios, tanto a exportar como a importar, pagos os premios de transporte regulados de ante mão. Em especial porem, só a companhia podia vender na colonia os generos de grande consumo como o vinho e outros; a esse privilegio junctara outro iniquo de prohibir no Brasil o preparo de generos que podessem lesar, por substituição, as vendas privilegiadas. Assim prohibiram o *vinho de mel* (a aguardente) o que excitou grandes reclamações que afinal triumpharam da iniqua prohibição. Era essa a bebida da gente pobre e dos escravos e tinha nos engenhos largo consumo. Os quatro *generos estancados* eram *farinha de trigo, vinho, bacalhau* e *azeite*. Excepto o vinho, não tinham, de facto, succedaneos na colonia e eram ao demais de preço fixo.

Substituiu-se assim o antigo monopolio da metropole pelo monopolio de uma sociedade particular que reduzia os productores e consumidores braziteiros a perfeita escravisação. O mesmo fez a Inglaterra com a sua colonia do norte da America e se n'ella não cobrava impostos directos tambem não pagava os serviços da religião nem da administração. O monopolio portuguez era muitissimo mais suave, sem embargo dos vicios e prejuizos que trouxe comsigo.

Houve grandes abusos n'esse monopolio e deram origem a motins que no momento opportuno registraremos. Logo no começo a Companhia sem dados estatisticos, calculou mal o consummo da colonia e provocou uma grande carestia de viveres essenciaes.

A guerra da Hollanda ainda durara por esses tempos mais dous annos e o inimigo tomara 37 navios da empreza; isso fel-a, sem duvida, aggravar as condições do monopolio para resarcir pela extorção o que pelo infortunio perdera.

Não foram melhores as outras companhias que mais tarde se crearam, no tocante ao regimen de excepção.

Mas á *Companhia do Grão Parà e Maranhão* do tempo de Pombal instituida em 1755 attribue-se a prosperidade real das capitanias de que trazia o titulo; attribuição feita com pouca justiça e criterio porque essa prosperidade proveio da guerra da independencia da America; o Maranhão tornou-se o emporio do algodão (1). Ainda nos confirma n'esse parecer o facto de que a *Companhia de Pernambuco e Parahyba*, fundada quatro annos depois, tanto mal causou que, como a outra, ambas foram extinctas.

10.

Rebellião contra o monopolio. Bekman.

A *Companhia do Commercio do Maranhão*, que tinha o monopolio da exportação e importação, logo depois de ser fundada (1682) tornou-se antipathica ao povo, a quem servia mal e abusivamente.

Resolveram os colonos reagir contra o monopolio odioso e, amotinados, acharam um chefe na rebeldia de Manoel Bekman, homem de espirito bem dotado, grande e rico proprietario, que já por velhos motivos se achava desavindo com o governo colonial.

Ahi nas suas terras celebraram os rebeldes

(1) O mesmo facto deu-se no seculo actual com a guerra da *secessão* que creou a prosperidade ephemera da industria do algodão em varias provincias.

reuniões secretas donde escreviam cartas e boletins adrede espalhados afim de acender a revolta por todos os pontos. Encontraram sectarios mesmo no pulpito onde se aconselhou abertamente a sedição.

Quando já não era maiz discretamente possivel contel-os, appareceu em S. Luiz Manoel Bekman com mais de 60 cumplices e aproveitando a presença do povo n'uma procissão religiosa que se fazia na noite de 24 de Fevereiro (1684), formou-se uma grande reunião popular, que se postou ameaçadoramete diante das portas da cidade, em frente ao claustro de S. Francisco.

"A duas cousas, dizia Bekman em inflammado discurso, devemos por termo — aos jesuitas e ao monopolio, afim de que tenhamos as mãos livres quanto ao commercio e quanto aos indios. Depois mandaremos um procurador a El-rei.»

Apenas uma só voz, com grande risco, protestara, mas fôra suffocada pelos applausos ao agitador. Um dos presentes, Manoel Serrão de Castro, desembainhando a espada: «Agora ou nunca, é o tempo de agir," disse. Todos lhe seguiram o exemplo.

Foram presos o governador e auctoridades civis e militares; a guarnição adheriu ao tumulto e todos os fortes e a cidade cahiram em poder dos revolucionarios.

Em seguida constituiram uma Junta com representantes, dois de cada classe: clero, nobreza e povo, a qual immediatamente decretou a abolição do monopolio, o banimento dos jesuitas e a deposição das antigas auctoridades, medidas todas sanccionadas pelo vo-

zear da populaça e festejada emfim por um solemne *Te Deum* na cathedral.

O governo executivo da revolução coube a tres nobres, auxiliados por funccionarios e e assistidos por dous *Procuradores do Povo*, que eram como os tribunos da plebe antiga. Um d'estes fôra o proprio Bekman que ganhara grande prestigio sobre a massa popular e a dominava á vontade, de modo que era afinal o agitador aquelle que governava a todos.

O proprio governo do Pará, onde já haviam chegado alguns emissarios da revovolução tevo que ficar inactivo, e deu-se por contente em preservar a sua capitania do contagio da rebellião, tomando o compromisso de representar officialmente contra o monopolio. Todavia enviou negociadores, que arriscadamente se approximaram dos rebeldes; um destes intermediarios propunha a Bekman vantagens especiaes, amnistia completa, honras e empregos, e 4000 cruzados, se depozesse as armas; o agitador respondeu-lhe que se retirasse, sem perda de tempo, da cidade.

No fim de algum tempo, muitos atemorisados queriam que se voltasse á submissão legal. Foi reintegrado no posto o commandante militar da cidade, Miguel Bello da Costa, que dispondo da força mais disciplinada, com a debandada dos patriotas tornou-se o arbitro da situação, sem atrever-se comtudo a dar decisivo golpe no governo revolucionario, que assim se protrahiu até o anno seguinte.

Havia emfim chegado a Lisboa a noticia da rebellião, e temeu-se alli que os maranhenses se atirassem aos braços dos france-

zes de Cayenna, em occasião que não seria desprezada por Luiz XIV que desde longo tempo ambicionava a posse do valle do Amazonas. Fizeram-se logo preparativos de soldados e navios para a expedição, cujo commando coube ao experimentado guerreiro e estadista Gomes Freire de Andrade.

Pouco teve a fazer contra a revolução que já estava dissolvida e desmoralisada. Um anno de governo é sempre demais para um regimen revolucionario; esperanças e ambições, que o tumulto e a anarchia favoreceram, agora mal-satisfeitas ou desenganadas, pediam a volta da ordem legal. Gomes Freire fez desembarcar as tropas, que se apossaram dos fortes e tiveram logo a adhesão da guarnição e do povo, que assistia impassivel ao desembarque.

Gomes Freire era um homem benevolo e tranquillo e estava disposto a só agir contra a multidão em caso de resistencia armada. A resistencia em que antes se pensara para obter-se ao menos a amnistia, não se realisou e antes a adesão foi universal. Bekman e os mais compromettidos fugiram.

Gomes Freire proclamou o perdão a todos, excepto aquelles aos quaes não lhe era possivel perdoar. Um tribunal extraordinario julgou os culpados, condemnando-os ao banimento ou á prisão, e á morte Manoel Bekman e Jorge de Sampaio. Bekman refugiado nos mattos, foi preso pela delação infame de um seu afilhado e protegido, que mais tarde teve morte violenta garroteado n'uma moenda. Os bens de Bekman foram confiscados; mas na hasta publica foram arrematados por

Gomes Freire, que os restituiu à viuva e aos orfão do desventurado.

11.

A rebellião da Bahia.

Em 1682 houve grave tumulto na cidade do Salvador.

O governador geral, Antonio de Souza Menezes, homem leal e de boa fé deixou-se levar pelo alcaida-môr (commandante militar) Francisco Telles de Menezes, pessoa que por seu despotismo e abuso de força excitou logo a antipathia e o rancor dos povos, e por um dos seus desaffectos, senão victimas, foi publicamente assassinado.

O assassino lisongeado e cercado de povo asylou-se no convento dos jesuitas. Não podia o Governador tolerar que tal crime se désse e contra um alto magistrado, valido seu. Mas logo confundiu a boa razão com a colera irreprimivel e commetteu grandes desacatos, prendeu varios jesuitas com abuso e maus tratos e tornou diante do Rei a companhia como responsavel d'aquelle homicidio. Fez deter, no acto da missa, homens das mais illustres familias da cidade como cumplices, mandantes e conniventes no crime demittindo-os ao mesmo tempo de empregos ou dignidades se os tinham; tudo sem processo e arbitrariamente. As prisões ficaram cheias e os perseguidos e o senado enviaram queixas ao rei pela frota real que partia do porto d'esta vez levando *mais queixas que caixas* (de assucar) segundo um dito do tempo. Depois de alguns mezes, não podendo conter-se em paz diante de

tamanho abuso, ia a cidade levantar-se em revolução quando, para felicidade de todos, aportou á Bahia o novo governador geral, o Marquez das Minas, que conseguiu restabelecer a concordia.

Novos **tumultos** em **1712** agitaram a cidade no momento em que as duas outras grandes capitaes do Brasil soffriam os horrores da guerra: *Pernambuco,* a guerra civil dos mascates e o *Rio*, a invasão de Du Gay Trouin. Esses successos haviam despertado a prudencia do Governador geral que entendeu pôr em estado de defeza as fortificações e constituir uma esquadrilha de cruzadores. Para obter o dinheiro necessario a esses preparativos lançou um imposto de dez por cento *ad valorem* nas materias de importação. A imposição foi mal recebida pelo commercio, que via n'ella um gravame não provisorio mas perpetuo; e quando o novo governador Pedro de Vasconcellos e Souza (1711) a poz em execução, a rebellião manifestou-se. Um ajuntamento tumultuario elegeu um **Juiz do Povo;** os sinos tocaram a rebate e logo foi o palacio do governo cercado de todos os lados da multidão que clamava em alarido infernal cada vez mais ameaçadoramente e mandava uma deputação, e a frente d'ella o *Juiz do Povo* para bradar justiça. Pedia-se a abolição do iniquo imposto inclusive a revalidação do antigo preço do sal (que era então parte do monopolio real). O governador Pedro de Vasconcellos, affectando serenidade, pois estava intimamente irritado, respondeu que não podia satisfazer a vontade dos queixosos e que não fazia mais que cumprir as ordens d'El Rei. Essa resposta talvez por inesperada, ainda augmentou a exacerbação dos rebeldes que resolveram, com as proprias mãos e á força, fazerem-se justiça; dirigiram-se ao contractador do monopolio do sal cujo domicilio foi varejado; saqueiados os cofres e gavetas que abriram, ao que se seguiu a demolição do predio que abateu entre as vozerias da canalha amotinada. A familia do infe-

liz contractador, como elle, innocente, logrou escapar á furia indecorosa da ralé.

Para aplacar esses desvarios sahiu o piedoso arcebispo com o S. S. Sacramento sob o pallio até o lugar do conflicto onde todos, como de costume, se aggregaram á procissão; mal fôra deposta na sua custodia a sagrada hostia, voltou de novo da egreja a turba ignara com os antigos instinctos de anarchia a sitiar o palacio do governador que, vendo-se coagido, capitulou, ordenando por escripto quanto exigiram e a amnistia para todos. Cessou assim o tumulto.

Mas não estava tudo acabado. A demagogia, exultando com a recente victoria de novo rugiu na praça publica e exigiu tumultuariamente do misero governador que enviasse uma frota para a restauração do Rio de Janeiro, invadido pelos francezes. Embalde retorquiu o governador que não tinha meios nem dinheiro; indicaram-lhe os thesouros dos claustros que depois o commercio honradamente restituiria. Submetteu-se o governador; mas n'este interim veiu a noticia de que os invasores já haviam evacuado o Rio de Janeire.

Com essa experiencia ficou provado que a concessão liberal dos *Juizes do povo* tolhia e muitas veses annullava a acção do governo. Era proprio d'este tribunato revolucionario agitar as baixas paixões do vulgo e n'ellas fundar o seu unico prestigio. Foi por isso abolido (1712).

12.

As minas

Diz um grande geographo, Peschel, que foi o ouro ou a illusão do ouro que povoou quasi toda a America. As colonias francezas e inglezas do norte no seculo XVI desappareceram litteralmente pela fome e apenas o commercio de pelles e o tabaco no seculo seguinte salvou a civilisação anglo-saxonia da inteira ruina na America.

A tão rude destino não ficou sujeito o Brasil; bastaria a agricultura dos tropicos para alimentar a civilisação até que o ouro fosse descoberto; todavia sempre foi a imaginação do precioso metal o alento que amenisava a melancholia dos expatriados.

O thesouro, comtudo, que foi o sonho de todas as gerações dos primitivos colonisadores, só veiu a revelar-se dous seculos depois da conquista.

Um seculo antes do esperado milagre já se havia o governo apparelhado para assistil-o. Foi de 1608 a 1617 separado do norte o governo do sul e o primeiro governador D. Francisco de Souza trazia o pomposo titulo de Governador e Intendente das minas.

Em Madrid elaborara-se já com grandes minucias o *Codigo mineiro* que havia de regular a situação da especulação futura; já tinha a côrte hespanhola a experiencia de eguaes maravilhas como as do Mexico e Perú que tanta ambição e tumulto despertaram. (1) Entretanto

---

(1) O *Codigo mineiro* elaborado em 1608 (Felipe III) ficou na cancellaria de Lisboa até 1619 quando foi expedido; só se tornou publico no Brasil em 1652.

annos, lustres e decennios decorriam marcados de continuas decepções; *entradas* e *bandeiras* batiam as solidões sertanejas trazendo enganosos minerios que provados á analyse nada revelavam de preciosos.

Em verdade, achou-se o ferro abundante em S. Paulo e um pouco de ouro, raro, na mesma capitania; as lavagens do ouro d'ahi e do Paraná que foi logo por todos os recantos explorado, quasi nada produziam e reclamavam sacrificios que não eram compensados. Cairam pois no olvido.

A esperança, porem, de novos descobrimentos fortaleceu-se com esses primeiros e raros indicios, e varios decretos de 1670 e 1694 davam grandes promessas aos descobridores, titulos de nobresa e uma das tres ordens de cavallaria, afóra outras vantagens. Ha noticias de pelos meiados do seculo XVII haver um certo Marcos de Azevedo subido um rio que se suppõe o Rio Doce com um unico camarada e ter trazido esmeraldas e prata; não querendo fazer revelações foi preso e morreu na prisão sem communicar o segredo. O governo reconstruindo o roteiro de Azevedo por noticias vagas, commandou a Barbalho Bezerra uma expedição; mas Bezerra logo falleceu emquanto se discutia o emprehendimento.

Um ricaço de S. Paulo tomou a si a exploração regular do interior; a elle se deve o conhecimento do vasto sertão das Minas Geraes como ao depois se chamou. Era este homem já maduro porem de animo juvenil, Fernando Dias Paes Leme, experimentado em emprezas de egual ordem como eram as *bandeiras* de caça aos indios. Apoz a morte de Bezerra, resolveu pessoalmente e a propria custa organizar a empreza de descobrimento, pelo que o Governo lhe concedeu por anticipação (1672) o titulo de Capitão-mór das minas de esmeraldas. No anno seguinte partiu a bandeira de Paes Leme (1673) para longa e extrema jornada; de espaço a espaço lavravam plantações e formavam estações que deviam ser intermediarias entre

o termo da expedição e o ponto de partida; depois de penosas marchas attingiram a *terra deserta (Hyvituyahy)* entre as cabeceiras do Rio Doce e do S. Francisco no logar que é hoje o Serro; ahi fez quartel o aventureiro e por quatro annos destacou sortidas para todos os pontos. Ouro ou pedras preciosas não se acharam.

Provações soffreram, incalculaveis; a maior parte dos companheiros esmorecera, e outros, conspirando contra o chefe inflexivel, desligaram-se d'elle e tomaram o caminho da patria.

Paes Leme conservou-se indifferente e inacessivel ao desanimo. Despachou um correio á mulher para mandar-lhe de tudo quanto necessitava, e vindo as suas provisões, internou-se mais e mais pelas florestas ainda hoje invias e quasi desconhecidas e attingiu as terras pantanosas de Vepabussú (depois *Lagoa encantada*).

Ahi dizia a lenda que eram em montões as esmeraldas e ahi permaneceu o ousado bandeirante, mau grado as febres, a insalubridade da região e o descontentamento dos seus. A' sua vontade de ferro tudo se dobrava e n'uma rebellião deu o duro exemplo de enforcar na primeira arvore um seu filho natural que estava entre os rebeldes. Todos voltaram á obediencia; e, afinal apoz tantos trabalhos, conseguiram achar as preciosas pedras que pesquizavam. Carregados de montões d'ella voltaram a S. Paulo, que Paes Leme não conseguiu tornar a vêr porque esfalfado e desfallecido expirou nas margens do Rio das Velhas. Não teve ao menos a decepção de verificar, como se verificou, que as pedras que trazia não eram esmeraldas. O seu enteado Manoel Borba Gato que veiu depois nas suas pégadas chegou ainda a tempo de dar um adeus ao moribundo e de receber-lhe das mãos o illusorio thesouro.

Manoel Borba Gato continuou, por seu turno, a dirigir novas *bandeiras*, e outras muitas se multiplicaram

pelo territorio das Minas que foi n'esse tempo varrido em todas as direcções.

Rodrigo Castello Branco, funccionario da corôa, intendente das lavangens d'ouro de S. Paulo, veiu a frente de uma bandeira encontrar-se acaso com Borba de quem exigiu submissão que foi recusada. Já se ia apaziguando, comtudo, a disputa quando, ao ouvirem qualquer palavra inconveniente, alguns camaradas de Borba assassinaram o intendente das minas.

O sangue e o crime acompanhavam, como sempre, o trabalho cupido da ambição.

Sob a ameaça da justiça, Borba internou-se com seus camaradas para as regiões do S. Francisco e cortou todo commercio com a civilisação e o mundo que para sempre abandonara. O descobrimento das minas, se o fizesse um dia, traria a prescripção do crime hediondo de que fôra cumplice senão principal causa. E na verdade poude elle realisar essa grande esperança!

No lugar onde é hoje Sabará achou e explorou uma serie de jazidas e lavagens de ouro. Já então, trilhado pelos aventureiros, o local não offerecia segurança e o criminoso debandou para os lados do Rio Doce onde viveu da selvagem hospitalidade d'uma tribu de indios entre os quaes foi quasi rei.

Vinte annos já tinham decorrido (1680-1700) da sua aspera e rude vida do deserto, e a nostalgia da patria tornara-se invencivel. Pediu para S. Paulo á familia que rehabilitassem o seu nome, e o governo fez-lhe a promessa de esquecer a grande falta se indicasse os lugares das minas descobertas. Com grande regosijo Borba acceitou a promessa e fez a revelação dos thesouros que havia descoberto o que, alem do esquecimento do crime, lhe valeu novas e gandes honras.

Alguns annos antes do descobrimento das minas de Sabará, outras mais para o sul foram descobertas. Um paulista de Taubaté **Antonio Rodrigues Arzão** em

1693 havia explorado o Rio Doce e descera até a Victoria do Espirito Santo para onde levou amostras de ouro, tres drachmas das quaes se cunharam duas medalhas, uma para o governador, e com a outra voltou elle a Taubaté onde pouco depois morreu.

O seu cunhado **Bartholomeu Bueno de Cerqueira** continuou a obra encetada, levando-a ainda mais longe. Era este um bandeirante de grande fama que já em 1670 n'uma expedição de resgate, havia penetrado até o intimo sertão de Goyaz; e bastava-lhe soerguer a bandeira para a sombra d'ella acorrer a multidão de aventureiros do tempo. Em 1694 veiu com grande companhia acampar nas immediações de Villa-Rica cuja região explorou com insignificante colheita de ouro, umas doze oitavas que, provadas excellentes em Taubaté, vieram ter ás mãos do Governador geral Antonio Paes de Sande, levadas por Carlos Pedrozo. Recebeu este em recompensa a patente de commando da cidade de Taubaté e o encargo de erigir alli uma fundição e cobrar o quinto dos metaes que de lei cabia a Corôa.

— O ouro emfim! era a confirmação das esperanças de todo um seculo. Não havia mais duvida a respeito das riquezas agora tão frequentes vezes e por tantos logares reveladas com todas as provas palpaveis. O rumòr d'esses achados e de outras maravilhas que a legenda dos grandes successos amplifica, corre por todo o paiz e atravessa os mares. As expedições multiplicam-se, as caravanas se improvisam; faz-se tregua á caça do indio e agora a nova senha é arrancar aos latibulos da terra o thesouro precioso; todos os terrenos suspeitos de riqueza occulta são escarvados em fossos que as chuvas tropicaes transformam em boqueirões e abismos. Luctas e rivalidades ensanguentam os caminhos, ha pouco virgens; as cidades de S. Paulo e Taubaté olham-se despeitadas e d'ahi a pouco inimigas de sangue. A essas antipathias locaes vem juntar-se o quinhão dos aventureiros do Rio que movidos

da mesma cupidez abrem agora pela serra do mar o novo caminho das minas. Contra uns e outros, como se as dissenções domesticas não bastassem, invade agora o sertão a exotica caravana dos *emboabas* que atravessaram o oceano e abandonaram a lavoura da zona maritima e impellidos pela mesma nevrose varejam o sertão. Travam-se combates que coalham o deserto de horridas carnificinas. Os lugares d'essas hecatombes trazem ainda nos nomes a lugubre memoria dos successos: o *rio das Mortes*,.. *a matta da Traição.*

Ondas de gente de toda a estirpe e feição avassalam o deserto subitamente. A vida ahi se torna carissima; por um boi paga-se cem oitavas de ouro, por alqueire de farinha, quarenta; porque o ouro é demasiado e os alimentos são ouro. Ao mesmo tempo o luxo infrene campeia: são importados para esses invios pousos, simples acampamentos sem conforto, as delicadezas e eguarias raras e alfaias, meias e capas de seda e de damasco e de veludo. São muitas as ruinas das fortunas e maiores os desenganos; e pelos que se locupletam no triumpho ha legiões inteiras e obscuras de sacrificados, que queimaram seus haveres, venderam seus engenhos, abandonaram a prole e a affeição dos amigos.

Parecia aqui confirmar-se as palavras do padre Vieira acerca de quando se descobrissem as minas:

«No mesmo dia havieis de começar a ser feitores e não senhores de toda a vossa fazenda. Não havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canôa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi senão para o manter e servir com elle. A roça haviam-vol-a de tomar de aposentadoria para os officiaes das minas; o canavial havia de ficar em matto, porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas, e vós mesmos não havieis de ser vossos, porque vos haviam de apenar para o que tivesseis ou não tivesseis prestimo; e só os vossos engenhos haviam de ter muito

que moer, porque vós e vossos filhos havieis de ser os moidos.»

Essa onda de emigração mesmo europea para a região das minas apavorou a corôa portugueza que n'ella via o despovoamento do reino e mesmo a divulgação sempre perigosa, de seu bel thesouro. Longe pois de favorecer o povoamento das terras auriferas procurou cohibil-o a força de leis, sobretudo quanto aos estrangeiros (1). Os navios. sobretudo nos portos do sul, eram vigiàdos e não deviam demorar-se muito nos nossos mares. O commercio terrestre para o Paraguay hespanhol que se fazia entre Rio, S. Paulo e Paraná, foi rigorosamente prohibido.

Egualmente a transmigração crescente dos portuguezes inquietava o governo. Em 1732 uma consulta do Conselho Ultramarino registrava essas apprehensões:

«A fama d'essas riquezas convida os vassallos do reino a se passarem para o Brasil a procural-as, e ainda que por uma lei se quiz dar providencia a essa deserção, por mil modos se vê frustrado o effeito d'ella, e passam para aquelle Estado muitas pessoas assim do reino como das ilhas, fazendo esta passagem ou occultamente negociando o transporte com os mandantes dos navios ou seus officiaes, assim nos de guerra como nos mercantes, ou com fraudes que se fazem á lei, procurando passaportes com pretextos e carregações falsas. *Por este modo se despovoará o reino, e em poucos annos virá ter o Brasil tantos vassallos brancos como tem o mesmo reino.*»

Apesar de todas as medidas do governo, a região das minas povoou-se rapidamente. De todos os lados os arraiaes transformam-se em povoações e cidades de grande

(1) O estrangeiro sempre vivera no Brasil sob o regimem da excepção; depois do advento da casa de Bragança (1640) os inglezes e hollandezes foram considerados com maior favor Estes eram os estrangeiros unicos entre os naturalisados que podiam visitar a terra das minas

agitação e movimento. Em duas gerações apenas a terra do ouro realisava com maior pompa o que dous seculos de colonisação haviam feito para as outras capitanias.

18.

Revolução nativista pernambucana.

(Mascates).

Tempos depois da guerra hollandeza, em Pernambuco, foi pouco a pouco nascendo odioso antagonismo entre a aristocracia brasileira dos *senhores de engenho*, que em geral tinham casa em Olinda, e os negociantes portuguezes, que habitavam o Recife, appellidados, com desprezo, de *mascates*. Entre as origens d'esse sentimento estava a ruina da antiga capital, arrasada nos tempos da guerra, e agora ainda mutilada e cheia de estragos, ao passo que a nova povoação maritima tinha desde então crescido em grandeza e prosperidade.

A reconstrucção de Olinda não lhe havia trazido o esplendor antigo e em todo o caso não era mais admissivel que o Recife permanecesse como no outro tempo sob a jurisdição da antiga capital. Accresciam a estas razões outras oriundas do espirito nativista dos pernambucanos, que nunca podiam tolerar de boa vontade o ascendente dos portuguezes.

Não entrava por pouco n'essa rivalidade

a circumstancia (que egualmente explicára em parte a insurreição dos agricultores contra os hollandezes) de serem agora os portuguezes negociantes os credores de proprietarios perdularios ou imprevidentes. Um signal constante d'esse antagonismo era por todos os meios e sempre excluir os portuguezes dos cargos municipaes. Os *mascates,* para evitar essa odiosidade, pediram para elevar-se o Recife á categoria de cidade, e tanto o pediram que afinal a côrte de Lisboa lhes deu o justo despacho (1710).

Lembremos em favor dos pernambucanos que se eram máos devedores, de peior fé eram os usurarios capitalistas do Recife, que exerciam abominavel pressão sobre os lavradores.

O capitão general procedeu com prudencia, ao demarcar o novo muncipio, só concedendo ao Recife as tres parochias da villa — (a peninsula, a ilha de Santo Antonio e a Boa-Vista), que eram o ambito da cidade hollandeza, e deixando todo o resto do territorio a Olinda. Fez-se a consagração do novo municipio, segundo o velho uso portuguez, plantando na praça principal o pelourinho, symbolo da auctoridade e da justiça. Essa cerimonia foi quasi feita ás occultas; as pedras do pedestal do pelourinho, depositadas primeiramente no pateo d'uma fortaleza, foram carregadas á noite e a noite mesmo argamaçadas. Ao amanhecer, Recife era cidade.

Veiu por fim o presidente da camara de Olinda ter com o Governador e lançou o seu protesto insinuando que quem soubera erguer um pelourinho, tambem poderia arrasal-o. O capitão general Castro fez prender a

este e outros successivos oradores que o procuraram, e um dos quaes pertencia á familia dos Bezerras, de grande prestigio e influencia. Tambem n'essa occasião dous outros dos Bezerras haviam sido presos para responder por crime de homicidio, cousa não muito rara n'uma sociedade tinta duas vezes no sangue do escravismo e que encontrava em todos, como ainda hoje, a condescendencia da absolvição. Toda a nobreza sentia-se ultrajada e estava já disposta a agir, quando o governador ordenou o desarmamento geral, prohibindo o uso das armas — medida que não se cumpriu, e antes augmentou o numero dos rebellados.

Dias depois d'isto, alguns perversos dispararam um arcabuz de ballas hervadas sobre o governador Castro, em Boa-Vista, o qual, ferido, escapou todavia do perigo.

As condições então peioraram terrivelmente, e não sabendo a quem responsabilisar, como sempre succede, começou o governo desenfreiada reacção contra todos os suspeitos e innocentes. Dous dos assassinos foram presos e de mistura com elles outras pessoas de consideração.

Logo houve divergencia entre o bispo de Olinda, Manoel Alvares da Costa, que sahira em viagem de correição pela diocese, em vez de assistir ao governador doente e impossibilitado, ao qual pela lei devia substituir em taes casos. Acompanhava o bispo um official de justiça suspeito de complicidade no attentado, e tropas foram enviadas para captural-o; o bispo recusando a entrega, ja mão armada bateu as tropas do Governador.

Foi esse o signal da revolução A leva era

geral; a nobreza reunindo a sua gente, e eram vinte mil, sitiou apertadamente o Recife. O Governador ainda de cama, sem recursos para resistir e na impossibilidade de recebel-os d'outras capitanias, resolveu negociar, propondo a entrega dos presos depois do desarmamento dos rebellados. A resposta foi que — os pernambucanos libertal-os-iam quando quizessem e que tinham vindo para buscar a sua cabeça e outras mais. — Percebendo que nada conseguiria, o governador embarcou para Bahia e com elle ricos negociantes portuguezes.

O Recife cedeu aos sitiantes e dois dias durou a festa dos triumphadores; ao som de canticos religiosos arrasaram o pelourinho symbolo do municipio e, diga-se-lhes em seu abono, nem o saque nem desacato algum foi praticado.

Reuniram-se afinal os vencedores n'uma assembléa original (e de modo que lembrava o costume germanico do *Landtag*) de povos, da cidade e proprietarios das terras e resolveram sobre o governo da capitania: d'elles, o partido moderado e lealista indicava o bispo para tomar as redeas do poder; o partido mais exaltado, porém, dando maior significado á revolução, opinava por uma especie de republica, recordação ainda sobrevivente do regimem hollandez das Provincias Unidas ainda não olvidado em Pernambuco, ou talvez por instincto natural d'aquelles que viam na autonomia melhor e justo equilibrio dos interesses nacionaes. Esse partido era porém uma minoria e não prevaleceu.

Organisou-se o governo provisorio de

seis membros, todos brasileiros. Ainda se fiára tudo do rei, que deveria aceitar o facto consummado ou caberia então a declaração da republica independente. Pouco a pouco a influencia do partido legal se foi accentuando e entregou-se o governo ao bispo de Olinda até a vinda do novo governador. Aproveitaram os revolucionarios todavia o momento para crear uma magistratura liberalissima, a dos *Juizes do Povo* (como já haviam feito os rebeldes do Maranhão). Constrangidamente aceitou o Bispo o doloroso encargo e o seu primeiro acto foi o da amnistia e esquecimento do passado.

Não estava porém sopitado o espirito revolucionario. E um grande proprietario, até agora sem papel n'esta lucta, surgiu a tona com extranha audacia. Era **Bernardo Vieira de Mello**, (commandante de um regimento desde o tempo das guerras dos Palmares levadas aos negros fugidos) que gozava de enorme prestigio. Era homem cruel e sanguinario que olhava para a sociedade como para a lepra da escravidão em que elle se corrompera; como todos os grandes desequilibrados tinha ás vezes noções exageradas e falsas do brio e do pundonor (1).

Era natural que esse exaltado procurasse um papel a desempenhar na tragedia

---

(1) Era esse falso pundonor todavia proprio da sociedade do tempo Bernardo Vieira de Mello em conselho da familha resolveu e fez impassivelmente assassinar uma enteada accusada de adulterio; depois do parto, pois a misera creatura estava gravida, foi executada. As auctoridades não impediram o crime e nem se atreveram a perseguir os assassinos.

da anarchia. Fez-se chefe dos radicaes e partiu para o Recife com o plano de fazer reembarcar o novo Capitão General se chegasse sem a amnistia. No Recife, onde chegou com forças militares que apparentava destinadas á caça de um quilombo, foi recebido com grandes demonstrações pelas auctoridades provisorias; mas logo pelos moderados, que o vigiavam, foi descoberto o plano do hospede o qual era apoderar-se do deposito da polvora ou fazel-o voar aos ares. Vieira de Mello foi avisado pelo Bispo de que deveria deixar o Recife; não se incommodou Vieira com essa ordem e deixou-se ficar tranquillo fiado nos seus apaniguados que acampavam perto da cidade e o governo teve que submetter-se.

Entre os capangas, chamados de *regimento* de Vieira e açulados por elle, e a guarnição militar deram-se attritos que em breve se tornaram em disturbios. Começou Vieira a exigir o castigo dos soldados do governo sem consideração de que fossem ou não provocadores e o Bispo com condemnavel fraqueza sem ouvir os officiaes ordenou a prisão e deportação dos soldados accusados. Acharam estes, que eram uns dez, um asylo no convento dos Carmelitas e vendo-se perdidos tentaram uma leva de broqueis em favor do rei e contra o caudilho republicano.

Ao sol do meio dia de armas na mão marcharam até o quartel dos tambores, aos gritos de — *Viva El Rei! morte aos traidores!* a elles logo se aggregaram as forças realistas da guarnição, os negros Henriques e os indios alliados d'este regimento e os mais que que-

riam e o povo, acolhendo-se á sombra do pendão real. Em todos os pontos da cidade a contra-revolução triumphava. Vieira de Mello, o espirito irrequieto que a provocara, cercado em seu domicilio foi preso e os seus sequazes debandaram e fugiram.

O Bispo amedrontado do tumulto por ignorar os intuitos do movimento, foi logo esclarecido, confirmou a prisão de Vieira e entregou o commando militar a João da Motta, um dos proceres dos lealistas. N'esse momento era o Recife, cujas fortalezas foram apparelhadas para a defeza, o baluarte unico da realeza contra a capitania revoltada (1711).

A proclamação legalista dizia que ainda e sempre era governador da capitania Sebastião de Castro e Caldas, ausente, e o Recife continuava a gozar os direitos de cidade.

Toda a terra circumvisinha se levantou vendo perdido o fructo da victoria; foi posto em cerco o Recife que resistiu galhardamente mas viu com dôr a retirada do Bispo e do Ouvidor que prometteram trabalhar no campo adverso pela pacificação dos espiritos. Ficou unico senhor da situação **João da Motta**. O Bispo não voltou como promettera e mesmo com as suas habituaes vacillações passou-se ao partido dos pernambucanos que o induziram a chamar a Olinda o regimento dos Henriques e a denegar ao Recife o titulo de municipio. Foram as suas ordens duramente repellidas por todos os do Recife que um a um pondo a mão sobre os Santos Evangelhos juraram derramar até a ultima gota de sangue em sustentação do acto d'El-Rei.

Recomeçou a guerra civil, porem sob

novo aspecto. As tendencias republicanas de outr'ora desappareceram e ambos os partidos diziam-se leaes á monarchia; concorrera de certo para essa feição não só a experiencia dos factos anteriores como a presença do Bispo ao lado dos revolucionarios. Ainda que estes obtivessem vantagens não estava no temperamento do Bispo capitanear as levas guerreiras; deixou o governo que passou ao Ouvidor Geral e ao senado de Olinda. No correr da lucta que teve varias peripecias o Recife conseguiu o auxilio e alliança do Capitão-mór da Parahyba João da Maia da Gama; mas em verdade nenhum dos contendores conseguia submetter o adverso. N'esse interim chegou de Lisboa, uma frota portugueza trazendo o novo governador geral Mendonça Castro e Vasconcellos, a quem ambos os partidos enviaram mensagens cordiaes e acolheram com applausos.

Com a prisão e deportação de alguns recalcitrantes, estabeleceu-se a ordem com mais doçura do que crueldade, o Recife triumphou afinal guardando os privilegios municipaes e a concessão foi feita (e que logo caiu em desuso) de ser Olinda seis mezes no anno a residencia do Capitão General.

Esta guerra de 1710-11 abalando todas as classes sociaes como que esgotou a força revolucionaria e o espirito de susceptibilidade dos pernambucanos; sobre ella deve passar um seculo de tranquillidade.

14.

Revolução nativista em Minas (Emboabas)

A cobiça do ouro sempre semeiou a discordia entre os homens. Não era pois de estranhar que o descobrimento das minas plantasse logo a divisão entre os paulistas. A principio as rivalidades começaram entre os bandeirantes de S. Paulo e os de Taubaté; ao depois, assumiram odioso aspecto quando, abalados com as maravilhosas noticias, os forasteiros do litoral e de alem mar precipites buscaram a região dos thesouros. O movimento da immigração era extraordinario e o proprio governo portuguez cogitou de refreiar e prohibir essas partidas de gente que ameaçavam despovoar o reino. Como quer que seja, os *forasteiros* que immigravam para a terra das minas, cedo perceberam que não poderiam viver sob o jugo oppressivo e selvatico de uma raça forte como a dos paulistas acostumada ao mando e que por escarneo os chamava de *emboabas*. A principio soffreram humildes o jugo, mas crescendo em riquezas e em numero, ganharam a audacia e a consciencia do valor proprio. Para acabar as rixas que já iam nascendo e pôr um termo á anarchia e falta de segurança da terra ainda sem governo regular, pediram ao Governador geral do Rio de Janeiro que nomeiasse um capitão que assegurasse a justiça.

Em uma terra, porem, onde não hàvia auctoridades, aos crimes succediam logo desforras e vinganças pessoaes formando-se instinctivamente partidos execraveis em guerra de exterminio. Cada facção protegia ou dava

guarida aos criminosos que a outra perseguia ou procurava punir e desde logo *emboabas* e paulistas tornaram-se irreconciliaveis inimigos. Desordens taes propagaram-se de Caeté a Sabará Bussu e Rio das Velhas de modo que ardia o paiz em guerra civil perfida e emboscada. Correndo a noticia de que os paulistas premeditavam realisar o massacre dos portuguezes, estes, alarmados, escolheram um chefe em Manoel Nunes Vianna, homem poderoso e valente, já conhecedor e parte nos primeiros tumultos que originaram a nova situação.

Nunes Vianna marchou com toda a sua gente para Ouro Preto e destacou mil homens sob o commando de um conhecido faccinora Amaral Coutinho em soccorro dos *emboabas* do Rio das Mortes. Conseguiu Coutinho com grande superioridade dominar e sitiar uma mata onde se refugiaram os paulistas; estes conhecendo a inutilidade da resistencia pediram paz e vieram depôr as armas. Coutinho preferiu deshonrar a victoria passando-os todos a fio de espada; houve protestos, mesmo entre os seus, contra essa infame e monstruosa immolação.

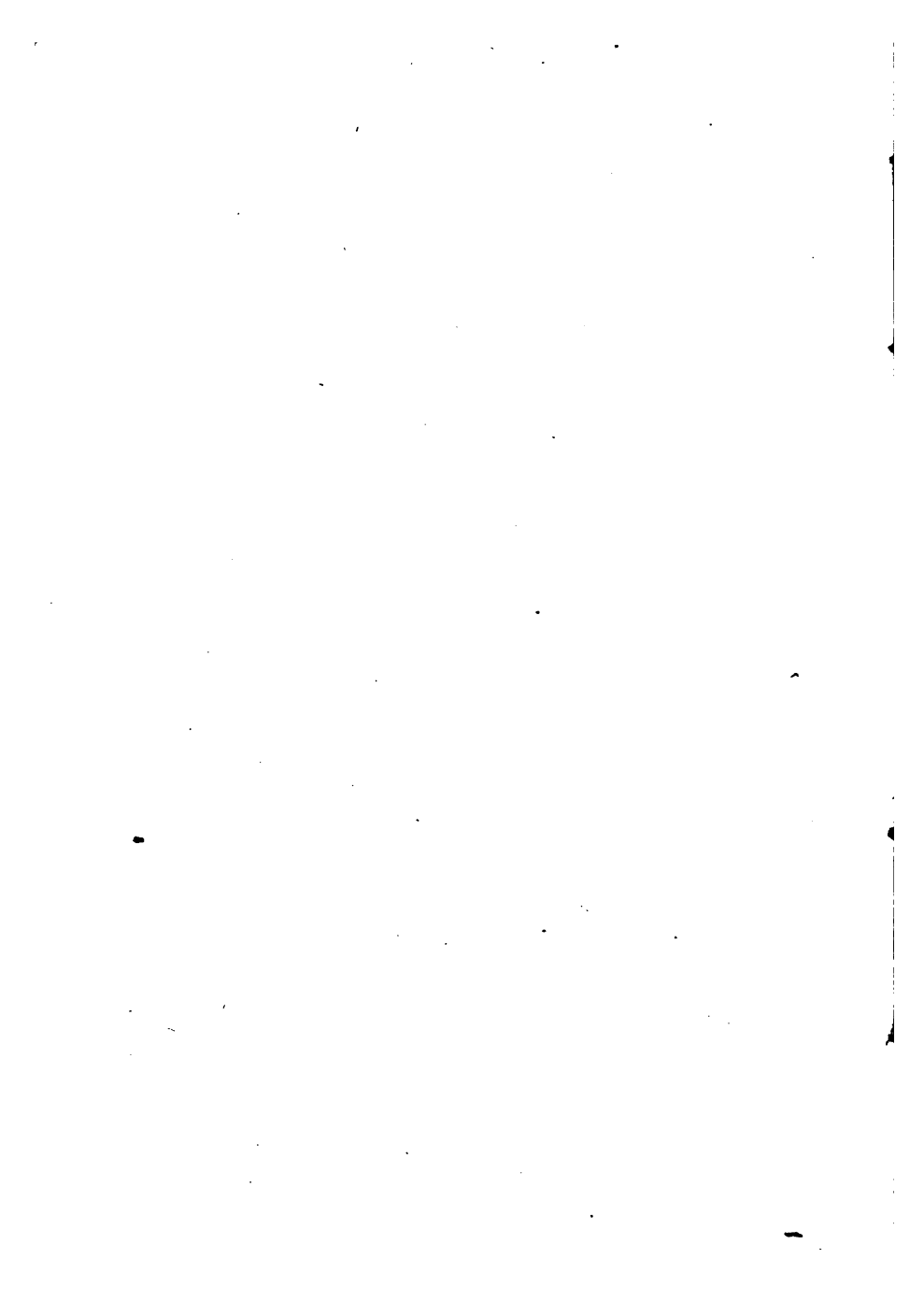
O Governador partiu immediatamente do Rio. Os criminosos, temendo o castigo, de novo reunidos sob Manoel Nunes Vianna vieram ao encontro da auctoridade e postaram-se em attitude hostil no sitio de Congonhas. Temendo maior desacato ou talvez por outros motivos, D. Fernando de Lancastre achou que era mais prudente retroceder ao Rio de Janeiro.

Outro governador que succedera áquelle (Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho) veio a Minas sendo bem recebido pelos triumphadores que afinal haviam de qualquer modo restabelecido a ordem publica.

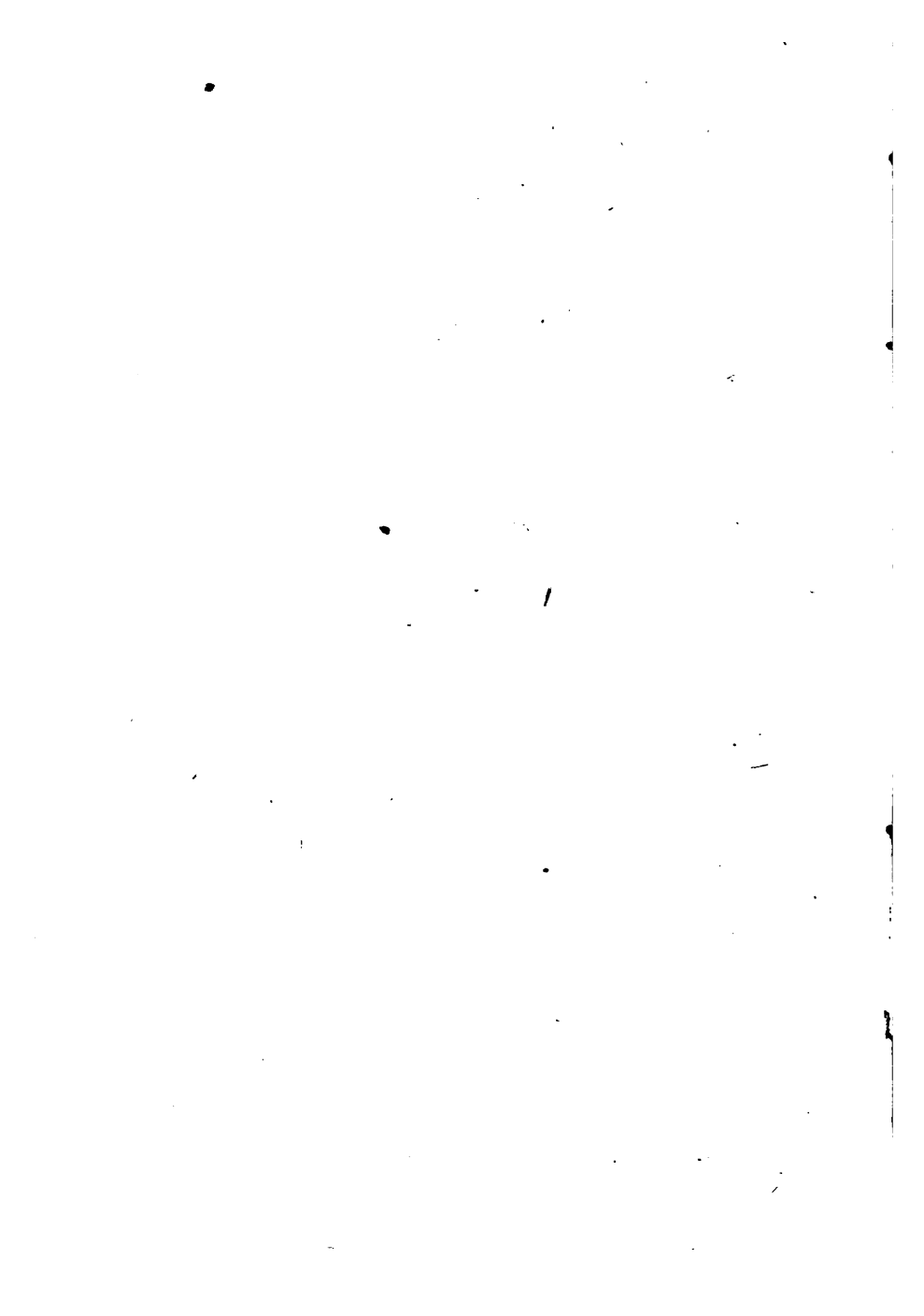
Mas os que não podiam resignar-se a esse triumpho e a essa paz eram os paulistas que viram cair em ruinas e em proveito dos forasteiros, aquelle poderio que a sua invenção, e diligencia e industria haviam creado. Não havia muito tempo, em emquanto os forasteiros viviam

no conforto das povoações maritimas, elles, os paulistas affrontaram a risco de vida o perigoso mysterio do deserto. Sentiam-se agora incapazes de soffrer a irritação continua d'essa injustiça. No recondito dos lares, as esposas exprobravam aos maridos a serenidade com que esqueciam tamanhas affrontas e a cobardia com que curtiam a insupportavel derrota.

Tomados subitamente de novo animo, aggremiaram-se em fim sob o commando de Amador Bueno, de grande fama de intrepido, chegaram em fim ao Rio das Mortes, onde acamparam triumphalmente. Breve triumpho, porém; porque acossados pelos *forasteiros* tiveram que retirar-se sem ignominia, mas sem lucro e sem gloria.

Cahira a região das Minas em poder dos forasteiros.

V

FORMAÇÃO DO BRASIL

B. *Historia local.*

1.

Historia local.

Ainda que sejam hoje numerosas as divisões administrativas do Brasil e ainda que a acção da monarchia brasileira lhes desse perfeita coordenação e unidade, a extensão geographica e tambem a historia das antigas capitanias confirmam a existencia de grandes grupos locaes em que se reparte a immensa area do paiz.

Foram esses grupos (que ainda o são por varios aspectos) não menos de cinco: 1º O *Extremo Norte*; o antigo *Estado do Maranhão* (do Amazonas ao Ceará) que até os tempos da independencia desenvolveu-se separadamente do governo geral, e ainda no momento da emancipação politica pensou-se nas côrtes portuguezas separal-o do resto do Brasil como o fez a Inglaterra com o Canadá ao emancipar-se a America do Norte. 2º O *Norte*, a capitania geral de Pernambuco em cuja esphera de influencia, provada sempre na conquista hollandeza e na revolta de 1817, entravam R. G. do Norte Parahyba e Alagoas; corresponde esse grupo ao *Brasil hollandez* no momento do armisticio. 3ª O *Centro*, isto é a Bahia e as dependencias suas, Sergipe, Ilhéos e Porto Seguro a ella aggregadas. 4ª O *Interior*, que é *S. Paulo* com as terras de oeste, sul e norte conquistadas pelos bandeiantes paulistas, isto é, Paraná, Goyaz, Minas, Matto

Grosso que depois se desaggregaram e formaram capitanias a parte: 5ª o *Rio de Janeiro*, a unica cidade do littoral da colonia que tinha grande importancia equivalente e logo maior que Bahia e Pernambuco; ao Rio fica submettido todo o fraco littoral do sul, (aberta apenas a excepção de S. Paulo) isto é, Santa Catharina e Rio Grande, ambas de povoação recente. (1)

I. O **Extremo Norte** (1º grupo comprehendendo a Amazonia, o *Maranhão*, Piauhy e Ceará). O **Estado do Maranhão** independente do governo geral do Brasil foi creado em 1621 e abrangia toda a região do extremo norte a partir do Ceará e pelo interior quasi todo o valle do Amazonas: a séde do governo era S. Luiz e a elle obedeciam as tres capitanias então existentes, a do Ceará (que constava apenas de um estabelecimento, Fortaleza) *Maranhão* e *Pará*. Em certo momento (de 1637 a 1642) houve uma quarta capitania, a do *Cabo do Norte*, que foi logo dissolvida e incorporada ao Pará.

Os destinos do grande estado começaram com o monopolio da Companhia do Commercio.

Mas a Companhia do Commercio em breve agonisava e foi abolida. Todos esses acontecimentos se deram emquanto era governador do Maranhão Gomes Freire de Andrade que conseguiu estabelecer a ordem e grangear sympathias em todos os partidos locaes e mesmo achou meio de favorecer aos maranhenses quanto a escravisação dos indios em *justa guerra*, no interesse da Religião e da Corôa porque os indios rebeldes faziam tanto mal ao christianismo como ao governo. Voltaram de novo os

---

(1) Ainda hoje pouco haveria a modificar n'essas divisões, que se desenvolveram como unidades historicas, autonomas, a não ser talvez o accrescentar-se a existencia de um grupo extremo meridional (6· *Rio Grande*) differente do Rio de Janeiro e outro extremo séptentrional (7· *Amazonas)* differente do Maranhão; e mais o (8) *Ceara*, que mesmo nos tempos coloniaes viveu indeciso entre as orbitas administrativas do Maranhão e Pernambuco.

jesuitas e continuaram (embora tolhidos) no serviço inestimavel e abençoado das missões.

Pouco a pouco vae progredindo o conhecimento das terras ainda não exploradas sobre tudo do lado do Amazonas, e por essa razão vae crescendo a importancia do *Pará*, de modo que ora Pará ora Maranhão é a residencia do governador do Estado que afinal se fixa em Belém do Pará. (1)

O regimen de monopolio de 1675 que havia causado tantos dissabores foi renovado em 1755 pelo Marquez de Pombal com a creação da *Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão* instituida sob novos moldes para fomentar o povoamento, a lavoura e o commercio d'essas regiões, com o capital primitivo de 1200 acções de 400$000; datam d'esse tempo novas immigrações de portuguezes, o fomento de industrias extractivas do Amazonas, a cultura do arroz e do cacáo e do algodão em grande escala. A companhia depois da queda de Pombal foi abolida (1777).

Tambem do tempo de Pombal datam as novas leis sobre a condição dos indios que foram subtrahidos á direcção dos jesuitas e entregues á administração leiga pela creação de *Directorias* e sob o influxo do principio theorico da liberdade dos indios na verdade iniciaram a escravidão disfarçada e d'ahi originou-se o despovoamento e ruina das aldeias outr'ora florescentes.

Jesuitas e outros religiosos haviam de facto realisado para a civilisação a conquista do Amazonas; ao longo d'elle e de seus affluentes estabeleceram uma serie de missões e aldeiamentos que com as do littoral iam do Ceará a Guyana e do Oceano ás missões do Perú; em 1755 eram em numero de 60, das quaes 28 dos jesuitas, 15 de capuchinhos,

---

(1) São governadores notaveis, depois de Gomes Freire: Sá de Menezes, 1687-1690; Antonio de Albuquerque, 1690-97 (pequenas questões de limites com os francezes de Cayenna). Costa Freire, 1706-1717. Bernardo Pereira de Berredo, 1718-22; de nome glorioso como escriptor e annalista do Maranhão. Mendonça Furtado, 1751, irmão de Pombal.

12 de carmelitas e 5 da ordem dos mercenarios; entre essas differentes ordens que trabalhavam no mesmo intuito de paz houve por vezes violentos conflictos, e os indios de differentes missões procediam considerando-se de differentes tribus e inimigos; os proprios ecclesiasticos, ás vezes, envolviam-se na lucta, o que succedeu sobretudo entre carmelitas e jesuitas.

As missões do Pará e Maranhão teem caracter original e proprio quanto á organisação do trabalho. Nas missões do Paraguay e da California os indios não teem propriedade privada e trabalham para o thesouro commum; e ainda as missões são absolutamente fechadas aos forasteiros. Aqui, ao contrario, cada familia de indios tem sua lavoura e só alguns *mediante salario* trabalham certo tempo do anno para a missão; tambem, posto que as leis prohibam o ingresso do forasteiro nas missões, elles teem aqui por tolerancia dos jesuitas hospitalidade, e frequentemente as colonias dos presidios utilisam-se da egreja da missão proxima nas necessidades da religião. Se é a missão no Paraguay *patriarcal*, aqui approxima-se da natureza civil do *Estado*. (1)

Pombal arruinou todo esse systema unico compativel com a indole dos selvagens que os conservava n'um estado propicio a pouco a pouco se erguerem ao nivel de população util. (2)

O **Estado do Maranhão** desmembrou-se em varias capitanias que vieram a tornar-se autonomas.

O **Grão Pará** tornou-se capitania geral separada e

---

(1) Handelmann. *Geschichte v. Bras.* 276.

(2) Apesar da legislação posterior em favor dos indios, de D. João VI, o Regul. imperial de 1845 e os seguintes reintegraram as aldeias á direcção dos missionarios. Mas de 60 que eram seriam agora uma duzia.: seis no Pará, quatro no Alto Amazonas e dez no Maranhão (Rel. offic. de 1855). A escravidão dos indios não cessou de todo no Amazonas embora encoberta sob a apparencia da liberdade O celebre Wallace conta como no seu tempo (1851) se aprisionavam e vendiam as creanças selvagens que eram desde então utilisadas no serviço domestico nas povoações.

elle proprio se dividia geographicamente em *Pará*, *Guyanna brasileira* (margem septentrional do Amazonas) e região do *Solimões* (oeste do Amazonas), A separação fez-se primeiramente nos negocios ecclesiasticos pela creação de um bispo em Belem (1719) que tinha jurisdicção por todo o Amazonas e até Matto Grosso e Goyaz *inclusive*. A separação politica já insinuada pela residencia do governador no Pará, torna-se effectiva em 1760 — que marca a dissolução do Estado do Maranhão. Desde esse momento em diante tanto o *Pará* como o *Maranhão* obedece cada qual independentemente á côrte de Lisboa. (1)

O **Piauhy** foi colonisado e occupado em 1674 por Domingos Affonso ;criador e dono de fazendas da margem pernambucana do Rio de S. Francisco; perseguido dos indios e das seccas, este criador seguiu para noroeste em procura de campinas melhores, e se estabeleceu ás cabeceiras do Parnahyba ricas de aguas e pastagens. Assim começou a colonisação de Piauhy. A Domingos Affonso juntou-se o paulista caçador de escravos Domingos Jorgê e ambos expurgaram a região que foi logo povoada de sertanejos pernambucanos. O governador do Estado do Maranhão mandou mais 300 deportados. A fortuna territorial immensa e o gado de D. Affonso foi legada aos jesuitas sob condição de obras pias e desde então regularisaram a colonisação das terras até que foram incorporadas á corôa no tempo de Pombal, quando foi expulsa do Brasil a companhia (1759). A capitania do Piauhy sempre se conservou dependente do Maranhão e só n'este seculo (1811) constitue governo separado.

O **Ceará**, já o vimos, foi occupado pelos portuguezes (M. Soares Moreno) no tempo da invasão franceza no Maranhão e depois fez parte do dominio hollandez. Até esse tempo o unico lugar habitado é o mesquinho forte fundado

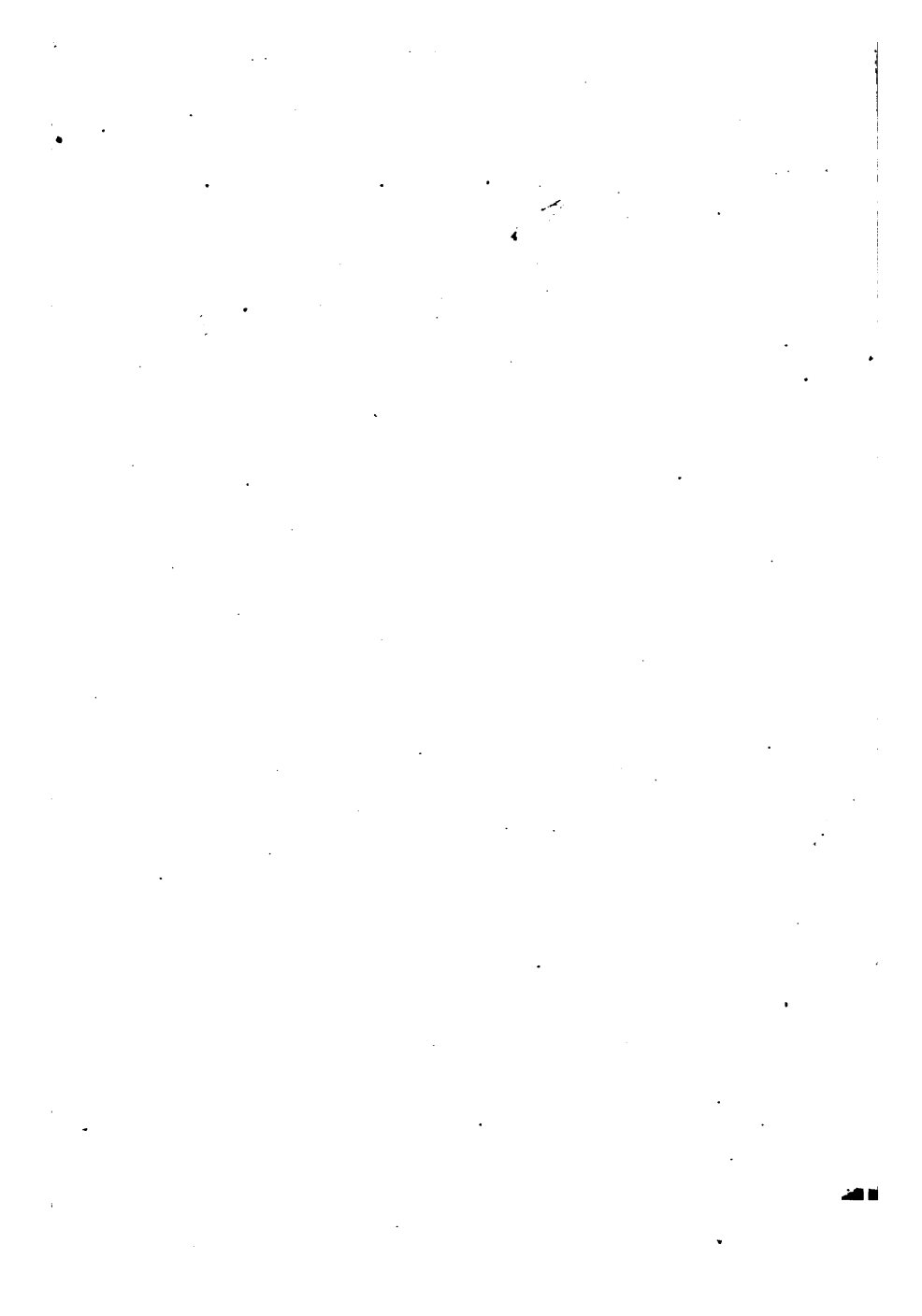
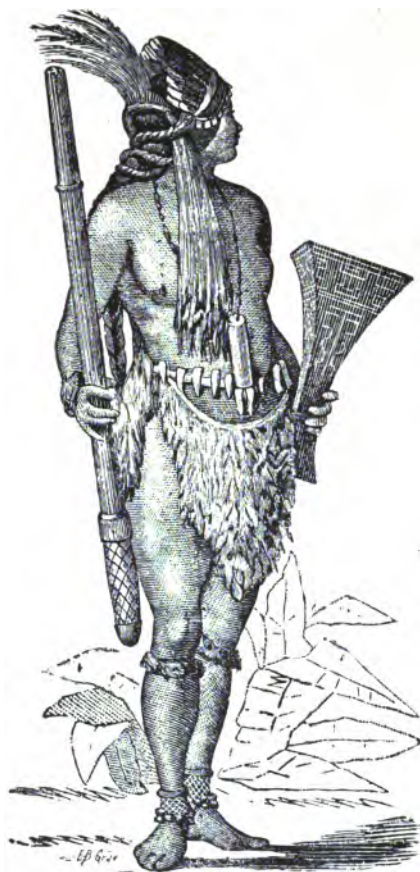
(1) Só em 1850 (Lei de 5 de Setembro) é separada do Pará a provincia do Alto Amazonas.

em 1613 (Fortaleza), mas depois de exterminados os indios em continuas guerras de 1680-90 a colonisação se inicia com ardor. Já desde 1655 os jesuitas se estabelecem na serra de Ibiapaba e d'ahi estendem o seu influxo em todas as direcções, de tal modo que na maior parte as povoações desse perimetro se originaram de aldeamentos e missões. Os governadores de Pernambuco e do Maranhão disputavam a jurisdicção d'esse territorio e d'essa disputa viveu largo tempo o Ceará quasi autonomo, mas sob as garras de dois consules independentes, um *commandante* da Fortaleza e um *auditor* que administrava e distribuia a justiça. Esta situação foi regulada pela creação de um governo do Ceará em 1799.

II. **O Norte** (segundo grupo, comprendendo Alagoas, *Pernambuco*, Parahyba e Rio Grande do Norte).

E' em torno de Pernambuco que gravitam no seu desenvolvimento historico os estados que se formam do Rio de S. Francisco até o Ceará.

A principio só havia as duas capitanias feudaes de Pernambuco e Itamaracá; antes da guerra hollandeza fundam-se duas outras — Parahyba e Rio Grande, que pertencem á corôa; e mesmo a corôa reclama depois da guerra as capitanias feudaes que seus proprietarios não poderam e nem poderiam ter defendido durante aquella guerra externa. Os descendentes dos antigos donatarios Pero Lopes de Souza (Itaramacá) e Duarte Coelho (Pernambuco) pleitearam a restituição das suas capitanias; a herança d'este ultimo veiu a parar nos condes de Vimioso que já tarde, no tempo de D. João V, obtem a indemnisação de 80 mil cruzados! A familia de Pero Lopes conseguiu após um processo de 40 annos, a restituição dos seus direitos (1693) e os conservara ainda até que a capitania foi vendida a D. José por 40,000 cruzados em 1763.

Depois da guerra hollandeza, todas as terras do Ceará ao S. Francisco, ainda que divididas em capitanias, estavam submettidas a um Governo geral de Pernambuco,

INDIO UAPE DO AMAZONAS

que primeiro coube a um dos principaes heroes da insurreição — André Vidal de Negreiros. D'esse dominio geral destacaram-se emfim **Parahyba** em 1799, **Alagoas** em 1817 e o **Rio Grande do Norte** em 1820.

A capitania de **Pernambuco** foi em todo o curso da historia o exemplo da prosperidade. Ao fechar-se o primeiro seculo, e em meio de colonisação, tinha uma população branca de 2.000 homens 4 a 5 mil escravos sem falar em innumeros indios: a base da vida economiça era a agricultura e moiam então cerca de setenta engenhos de assucar. No periodo hollandez a guerra não destruiu antes fortaleceu a fortuna da capitania, e mais que tudo tornou o povo cioso de suas franquias, pois a libertação do territorio fòra obra sua desajudada quasi do influxo official.

D'esse orgulho nativo deram logo provas os pernambucanos de modo que o governo d'essa capitania se tornou desde então difficil e delicada tarefa. O seu primeiro capitão-mór depois da guerra, André Vidal de Negreiros, teve que gover ar contra a aristocracia nativista e ganhou a reputação de tyramno (1657-61). Não teve melhor sorte e antes peior o seu successor Jeronymo de Mendonça Furtado (1664) que era aliás uma indigna auctoridade; a proposito foi de certo o sermão de Antonio Vieira sobre o *Bom Ladrão* e onde o jesuita dizia que o verbo *rapio* se conjugava em todos os tempos e modos na colonia portugueza.

Originalissima foi a revolução que rebentou n'esse tempo. Fazia-se uma procissão do *Nosso Pae* como é costume ao levar-se o S. Sacramento por occasião da agonia de qualquer moribundo; o capitão-mór homem religioso ao passar o prestito pelo palacio á este se aggregou, como o faziam todos, para acompanhal-o até a egreja.

Os descontentes então que formavam o prestito, a frente da egreja, desmascararam o intento que levavam e cercaram de espadas desembainhadas o capitão-general a quem reprochavam de tyrano ainda maior que os oppressores da Hollanda. Mendonça submetteu-se e entregou a espada

a André de Barros Rego que em nome d'el rei, da nobresa e do povo pernambucano o lançou na cadeia publica (1666)

Esse motim quasi ia degenerando em grave questão internacional. Estacionava então no porto do Recife uma esquadra da Companhia franceza das Indias orientaes que aqui refrescava de viagem para Madagascar e fôra com grande obsequio recebida pelo capitão-general; adrede espalhàram os descontentes, talvez para justificar a criminosa audacia, que era intuito do governador entregar a terra aos francezes tornando-se assim réo de alta traição.

O povo acreditando n'esta balela pegou em armas e sahiu em perseguição de alguns marinheiros desembarcados que rechassados acharam asylo no convento dos capuchinhos. Ahi a multidão cercando o claustro cobriu-os de improperios e baldões e o morticinio seria certo se o governo provisorio sabendo do motim não corresse a apazigual-o e a dar excessivas excusas ao almirante francez.

Grandemente infeliz foi o capitão-general que preso e levado a Lisboa não foi ouvido; para aggravação de infortunio, seu irmão Francisco de Mendonça havia traidoramente passado para as fileiras hespanholas e elle proprio foi condemnado a degredo perpetuo para a India. Assim, o motim pernambucano ficou sem correctivo da auctoridade real que se não o approvou pelo menos não quiz condemnal-o. Mais tarde abre-se para Pernambuco um periodo revolucionario de grande intensidade e que dura quasi meio seculo e é o mais saliente signal do espirito autonomico da colonia. Dos successos que o caracterizam já demos noticia na parte anterior.

Ha de 1711 em diante um longo repouso apenas interrompido pelas successões da vida administrativa. Mas o germen da rebellião está guardado nos espiritos até que o sol da revolução franceza de novo o chame á vida na revolução de 1817.

A historia do **Rio Grande do Norte** está ligada a da guerra hollandeza. Em 1654 D. João IV faz doação do

Natal a Manoel Jordão que naufragando no Rio Potengy nenhum fructo tirou d'esse presente. Mais tarde analoga doação foi feita em 1689 (D. Pedro II) a Lopo Furtado d Mendonça.

A historia anterior apenas limita-se á fundação do forte dos Tres Reis Magos em 1597 no tempo de D. Francisco de Souza; mas o territorio só mais tarde foi colonisado; na guerra hollandeza os hollandezes com Calabar em 1632 apoderam-se de toda a região.

A **Parahyba** começa com a colonisação simultanea de francezes e portuguezes (fundação da aldeia da *Camboa* e nos dous ultimos deconnios do primeiro seculo. A conquista realisa-se em 1584 com uma expedição apparatosa em 1584: a esquadra hespanhola de Flores Valdez bloqueia a Parahyba emquanto forças de terra ao mando de Philipe de Moura e Fructuoso Barbosa occupam o interior; foi então fundado o forte de S. Philipe no Cabedello que garantiu os primeiros ensaios da difficil colonisação que nascera entre a ferocidade dos indios e a pilhagem das náos francezas.

Na grande guerra, a Parabyba tambem cedeu ao jugo hollandez, mas nobilitou-se a patria de André Vidal no tempo da insurreição.

Alagoas só se desliga de Pernambuco no seculo actual, 1818, em que constitue capitania independente. Foi essa região, theatro da guerra hollandeza, em certo tempo aterrorisada pela formação de *quilombos* ou agglomerações de negros que fugindo ao captiveiro viviam de pilhagens e roubos tanto mais frequentes e crueis quanto eram elles perseguidos pelos *Capitães de mattos*. *Capitães do matto*, assim se chamavam os caçadores de negros aos quaes a lei em regulamentos especiaes concedia poderes discricionarios contra aquellas miseraveis creaturas que fugiam ao jugo da escravidão. O *capitão do matto* commette n'essa barbara profissão talvez ainda maiores crimes que os negros e matava muito mais do que captu-

rava os fugitivos. Com a guerra hollandeza, os escravos como muitas vezes os senhores, abandonando as lavouras foram-se internando pelo sertão e formaram grandes agglomerações por toda a região do norte e seguindo o cordão da Serra da Barriga.

Um digno chefe d'esses capitães do matto, o paulista Domingos Jorge com escolta numerosa, assolando e batendo o interior, deu cabo dos *quilombos*.

O facto foi depois exagerado e accrescido de lendas acerca de um *quilombo* no alto dos Palmares onde os negros arregimentados sob um chefe o *Zumbi* defenderam-se heroicamente e lá preferiram atirar-se ao precipicio que voltar á escravidão dos civilisados.

III. **O Centro** (terceiro grupo: comprehendendo Sergipe, *Bahia*, Ilhéos, Porto Seguro). A região do S. Francisco ao rio Mucury abrangia quatro capitanias, duas da corôa **Bahia** e **Sergipe** e duas feudatarias *Ilhêos* e *Porto Seguro*.

As duas ultimas foram incorporadas a da Bahia. A dos *Ilhêos* ao fechar-se o seculo XVI pertencia aos herdeiros de Lucas Giraldes que a venderam a casa do Conde de Castro e por um descendente d'este, Antonio de Castro, vendida á corôa no tempo do rei D. José (1761) que lhe concedeu o titulo de Conde de Rezende e Almirante dos mares portuguezes e um padrão de 5.000 cruzados. A capitania de *Porto Seguro*, havia dous seculos dos duques de Aveiro, foi confiscada com os outros bens do ultimo duque José Mascarenhas criminoso de alta traição, cumplice no attentado contra D. José pelo que perdeu a vida (1759).

Egualmente só pouco antes da independencia (1820) foi Sergipe separada da Bahia. D'esta arte pela natureza da região e dos successos politicos a historia local d'essas capitanias não se accentuam por divergencias especiaes e notorias.

A **unidade de governo** estabelecida com Thomé de Souza foi illusoria e fugaz. A supremacia da Bahia dissi-

pou-se com as successivas divisões, do governo do sul, da separação do Maranhão e mesmo da capitania geral de Pernambuco (em 1657). O desastre da **unidade** favorecendo o separatismo de outras terras, limitou de facto o dominio da Bahia á região que indicamos. Com o 4º Vice-Rei começa essa dignidade a ser inseparavel da do governador (desde Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 1720); mas logo em breve a residencia do Vice Rei é transferida para o Rio de Janeiro (1760) que d'este momento em diante é a capital do Brasil.

Conservou porém a Bahia a supremacia na hierarchia religiosa. O primeiro bispo do Brasil é o de S. Salvador. (1551). N'um momento em que essa cadeira estava vaga a Curia romana e o Rei D. Pedro II, 1676, separaram da jurisdição brasileira o Estado do Maranhão e restituiram á da Bahia o vice reinado de Angola. Em todos os tempos foi a Bahia com as suas numerosas egrejas e claustros e pelo esplendor do culto, a cidade do Brasil onde mais intenso é o sentimento religioso e onde tambem não é menor a superstição e a crendice que é a forma da religiosidade das raças africanas que ahi sempre foram em grande numero.

A colonisação de **Sergipe** iniciada em 1590 por Christovão de Barros e por successivas entradas para domar os indios dos rios Real, Sergipe e Japaratuba foi estorvada com a guerra hollandeza que aliás tornou conhecidas todas as terras da capitania. No fim do seculo XVII rebentaram ahi graves tumultos que revelam já o poder e a aristocracia dos *senhores de engenho* que se oppõem abertamente ás auctoridades. Sempre d'elles, se ha prisão de um aggregado, arrombam a cadeia e desrespeitam a paz publica, acompanhados de multidão de sequazes; a ordem restabelece-se, mas os governadores nunca se atrevem a punir os criminosos e por *expiação* apenas ordenam que façam uma *entrada contra os indios*, pretexto de novas ferocidades; tal succedeu em 1696. Por largo tempo

Sergipe (como o Pará, Maranhão e Alagoas) gozou da malsinada reputação de terra ingovernavel, atulhada de assassinos e criminosos da peior especie. Com o tempo se desvanece essa fama que é aliás a de toda a terra brasileira.

A **Bahia** depois dos successos da guerra hollandeza, e quando recuperou a tranquillidade, traçou a conquista do sertão durante as atribulações d'aquella guerra todo de novo conquistado por tribus barbaras de indios, que devastaram a terra e impossibilitaram o estabelecimento dos portuguezes. Com uma turba de paulistas sob a direcção de João Amaro, em 1763, começou-se a expurgar o territorio com as milicias a posto em grande apparato de guerra; tomaram as tropas diversas direcções até o Rio de S. Francisco; milhares de indios foram abatidos e suas aldeias arrazadas, outros milhares algemados vieram trazidos ao mercado da escravidão e os que a ella ou á morte escaparam, fugiram para alem dos vestigios do homem civilisado. Os resultados da expedição de João Amaro asseguraram apenas a possibilidade de colonisação do interior que não se fez a mais do que havia, de modo que, passada uma geração, os indios voltaram de novo ás florestas donde a rude chacina os havia refugado. E ainda até hoje ao menos na região meridional os Aymorés e Puris tornam difficil o caminho das grandes florestas do interior.

O que não poude a caçada ao gentio melhor o obteve a instituição de missões que conseguiram em parte domar o indio bravio e chamal-o ao gremio da civilisação.

IV. **O Interior:** grupo comprehendendo *S. Paulo*, Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso. (1)

A Capitania geral de *S. Paulo* que resultou da fusão das antigas capitanias de S. Vicente e Santo Amaro e logo

---

(1) Vide a nota da pag. 203. Por ella se vê que a jurisdicção do Rio, interrompida no littoral de S. Paulo, (desde 1709), continúa de Santa Catharina até o extremo sul; ao passo que nos seus primordios S. Paulo domina todo o sertão do oeste, em região quasi equivalente a todo o resto do Brasil.

emancipou-se da administração do Rio de Janeiro, veiu a ser a maior capitania do Brasil, pois estendia-se para Oeste até os limites hespanhoes e para o norte até o Maranhão, com a successiva conquista e occupação do interior pelos ousados paulistas. D'esse enorme trecho de terra foram-se desprendendo e formando outras capitanias novas que a importancia dos lugares ia creando, a de *Minas Geraes* em 1720; a de *Goyaz* em 1744; e a de *Matto Grosso* em 1748. que então tiveram governo separado.

Nas suas origens foi a Capitania de **S. Paulo** (S. Vicente) a mais antiga do Brasil, e onde se instituiu melhor ordenada a colonisação e a agricultura segundo as fórmas e os processos que depois se generalisaram para as outras partes do paiz. Toda a população estava condensada em S. Paulo e Santos, para onde logo cedo vieram transplantados a escravidão africana, os animaes domesticos europeos, o gado e a canna de assucar. Da população branca derramada por entre a dos indios, originaram-se caribocas e mamelucos, que mais tarde se distinguiram como os mais audazes pioneiros da terra na organização das *bandeiras,* no commercio da escravatura indigena d'onde resultaram conflictos memoraveis com os jesuitas e horriveis fratricidios pelo descobrimento das minas (1).

Foi então a infame prêa dos indios posta um pouco a margem, e as correrias em busca de metaes preciosos avolumaram-se com o concurso de estrangeiros e de gente de toda a casta.

Em 1709 as capitanias de S. Vicente e Itanhaen, pelo preço de 40.000 cruzados, foram annexadas á corôa e logo independentes do Rio de Janeiro e formando com Minas uma capitania a parte.

Quando governava D. Pedro de Almeida, produziram-

---

(1) Os principaes assumptos a que alludimos acham-se já desenvolvidos em outros lugares deste livro · *Bandeiras* (pg. 125), *Minas* (pg. 166), conflictos com os *Jesuitas* (pg. 143).

se grandes levantamentos e desordens, com a cobrança do quinto do ouro; para melhor attender á justiça d'esses casos, D. João V, em 1720, desmembrou Minas de S. Paulo. Data d'essa desaggregação novas conquistas que os paulistas emprehendem sob o governo de Rodrigo Cesar de Menezes, descobrindo novas minas de ouro em **Goyaz** e em Cuyabá. O Governador passou-se para **Matto Grosso** afim de dividir as terras auriferas, regularisar a arrecadação e interesses do fisco em tão longiquas paragens. Em breve Matto Grosso e Goyaz são feitas capitanias independentes. Tres capitanias de immenso territorio foram assim conquistadas para a corôa pelos paulistas em menos de um seculo.

O primeiro paulista que penetrou em **Matto Grosso** ainda no seculo XVI, foi Aleixo Garcia com uma escolta de indios baptizados. D'ahi por diante numerosas bandeiras ao norte (a de Manoel Corrêa pelo Araguaya, etc.), e ao sul, exploram a região, sem n'ellas fundar estabelecimentos duraveis. Uma d'ellas, a de Pascoal Moreira Cabral, seguindo as pégadas de outra anterior, (a de Antonio Pires de Campos, 1768), subiu pelo rio dos Cuxipós e, encontrando ouro, parou no sitio chamado *Forquilha* e despachou um proprio para dar a auspiciosa noticia ao conde de Assumar, governador de S. Paulo. A' divulgação da noticia, atiraram-se inexpertos e numerosos aventureiros a cata do metal, e por desconhecerem os longos e invios sertões, morreram á fome ou nas emboscadas dos ferozes Payagás e Gaycurús; outros lograram alcançar o Paraguay subindo e descendo em zig-zags longuissimos e com grande desperdicio de tempo, todos os varios rios que lhes pareciam dever levar á região ambicionada. A insignificancia dos achados não compensava tamanhos sacrificios, que só a esperança de novas surpresas alentava. Assim começaram a existir os arraiaes e povoações de Matto Grosso.

As expedições de Matto Grosso levaram á occupação de **Goyaz**; uma dellas, a de Manoel Corrêa, voltou pelo

Araguaya em 1647, e penetrando até o pequeno rio dos Araes, ahi apanhou algumas oitavas de ouro. As expedições d'este tempo eram, para assim dizer, de *longo curso* e muito frequentemente vinham parar no Amazonas e no Maranhão, descendo a corrente dos grandes rios do norte. Um dos mais audazes aventureiros da epoca, Bartholomeu Bueno da Silva, cuja fama e terror entre os indios lhe grangeiaram o nome de feiticeiro, ou *Anhanguera*, diz-se por ter ameaçado aos selvagens de pôr em labaredas as mattas e os grandes rios do interior (e para demonstrar aos supersticiosos selvagens a possibilidade da façanha, fazia arder a agua-ardente n'uma escudela), partiu de S. Paulo em 1682 e penetrando no sertão de Goyaz conseguiu effectivamente colher grandes porções de ouro. Maior colheita, de 8,000 oitavas, colheu depois o filho de Bartholomeu Bueno, e da sciencia deste resultado data o povoamento regular de Goyaz. Bueno filho foi nomeado capitão-mór das novas terras e encarregado da arrecadação do quinto. Começa a éra naturalissima das sedições e dos crimes frequentes entre a gente ambiciosa e adventicia, ao que põe um termo a creação de um governo separado do de S. Paulo.

A historia de **Minas Geraes**, depois de sua separação que foi em 1720 (1), e quando quasi toda a população se condensava a sudeste(Ouro Preto, Marianna, Sabará, etc.), começa com a expansão do povoamento para o norte (Minas novas, então annexada á Bahia), e para noroeste (o rio e as minas de Paracatú, 1744).

Lourenço de Almeida foi o primeiro capitão-geral; com a terminação, embora não completa, das antigas desordens, começaram a florescer ao lado da mineração as outras industrias uteis da agricultura e da criação, que alli

(1) Antes d'esta data tem historia commum com S. Paulo. Vide o capitulo *Minas*. pg. 166.

tomam grande incremento, e de maneira que ao dizer d'um viajante celebre, «Minas poderia viver sem o concurso do resto do mundo».

Com a nova capitania, cogitou o governo em arrecadar melhor os direitos sobre o ouro e tratar de substituir o quinto pela capitação dos escravos occupados na mineração; meio de evitar o contrabando e outras fraudes. O povo offereceu pagar 100 arrobas annuaes, quando não attingisse essa enorme somma a cobrança do quinto. Não foi acceita a proposta (1734). O governador Gomes Freire de Andrade fez adoptar o imposto de capitação, que durou até 1751.

Por esse tempo occupavam-se na mineração cerca de 80.000 homens, ou o terço da população. Assim empobreciam ou esgotavam-se as lavras de ouro, successivamente abandonadas, umas pelas outras, até mesmo pela insufficiencia technica dos exploradores, ineptos ou sem capitaes; dentro em pouco começou a decadencia, de modo que nos tempos da independencia do Brasil occupavam-se da mineração apenas 5000 pessoas. Em 1819 o quinto rendeu apenas 7 arrobas; as fundições reaes estiveram todo o tempo pejadas e mortas (1).

Além da riqueza do ouro, concedeu a natureza á feliz capitania mais o thesouro dos diamantes. Poucas milhas ao norte do Serro em rude e aspera região cortada de limpidos regatos, acharam os bandeirantes as primeiras pedras preciosas. Sebastião Leme do Prado enviou algumas d'ellas a Lisboa (1725); outro mineiro, Bernardino da Fonseca Lobo fez egual remessa (1728) de bellos exemplares que foram então reconhecidos na plenitude do seu valor: um consul hollandez ou um portuguez da India declarou

(1) Von Eschwege computou a producção do ouro no Brasil até 1820 (incluido o calculo de contrabando, etc.), em 63,467 arrobas e 14 marcos, do valor de 650,000,000 Thaler pr. Crt. que nada deixaram de grandioso e util na terra donde foram arrancadas.

que eram magnificos diamantes. A corôa deixou a exploração dos diamantes aos particulares, reservando-se como a respeito do ouro, a superintendencia e fiscalisação do producto, impondo em vez do quinto, um imposto de capitação sobre cada pessoa occupada naquella industria; o imposto a principio era de 5$ reis e foi augmentando até 40$ reis (1731, 20$; 1733, 25$; 1734, 40$); os diamantes só podiam ser embarcados na frota real e pagavam 1 % *ad valorem*.

E' o tempo em que o districto dos diamantes recebe de subito mesclada população de 40.000 immigrantes de todas as condições que procuravam as pedras preciosas e á vista dos fiscaes refugiavam-se nas grimpas das serras (**garimpeiros**). Luctuosas tragedias passam-se entre esses aventureiros a que só guiava a ambição; uma das lavras é descoberta entre os malditos gritos de *Máta! máta!* e o labeu do nome fica perpetuado. A producção foi enorme; em Lisboa e na Europa o diamante desceu tres quartos do valor; queda que o governo conseguiu sabiamente corrigir, limitando os excessos dos garimpeiros, as fraudes, elevando a capitação do explorador a 240$ reis e afinal declarando de 1º de Janeiro de 1740 em diante monopolio da corôa. Foi o monopolio arrendado primeiramente a João Fernandes de Oliveira; depois a Felisberto Caldeira Brant, que não podendo solver o que devia, foi responsabilisado, deportado para Lisboa onde morreu na prisão. Mais tarde Pombal que procurava remediar a tudo com regulamentos e outros apparatos de policia-administrativa, reformou e regulamentou com rigores tão escusados a industria dos diamantes que depois de tirada aos livres garimpeiros, de facto frustrou as esperanças que n'ella se haviam posto.

V. **O Sul** (quarto grupo comprehendendo Espirito Santo, *Rio de Janeiro,* Sta. Catharina, Rio G. do Sul).(1)

(1) N'este grupo de estados separamos o de S. Paulo que promove o povoamento do interior e por conseguinte abrange a historia de Minas Geraes, Matto Grosso e Goyaz.

A capitania geral do **Rio de Janeiro** em 1658 emancipou-se da subalternidade da Bahia, e comprehendia mais a da **Parahyba do Sul** ou S. Thomé (Campos de Goytacazes) incorporada já a corôa, e tinha superior jurisdicção sobre outras capitanias privadas, **Espirito Santo, S. Vicente** e **S. Amaro** que foram pouco a pouco passando ao dominio do Rei. O *Espirito Santo* que foi doado a Vasco Fernando Coutinho foi afinal comprado por D. João V em 1717 pela somma de 40.000 cruzados. O mesmo rei attendendo aos interesses e desenvolvimento das minas separou S. Paulo e Minas reunidos, da jurisdicção do Rio (1706) e depois annexou ao dominio do Rio as capitanias do Sul *Santa Catharina e Rio Grande do Sul* (1738). (1)

A historia do Espirito Santo consiste em encarniçadas luctas entre os colonos que apenas occupa o littoral e os indios bravos botocudos e goytacazes que descem de vez em quando em correrias até a costa. Para combatel-os serviam-se os colonos dos outros indios mansos da raça tupi, mais valentes e cultos, localisados muitos d'elles nas missões jesuiticas de Itapemirim, Villa Velha e S, Matheus. No tempo da primeira invasão hollandeza o Espirito Santo soffreu um ataque da frota de *Patrid* que foi heroicamente repellido, as tropas dos invasores sendo obrigadas a embarcar rapidamente desenganadas da victoria (1625).

Continuaram as missões e aldeiamentos a prosperar até que Pombal entregou-as ás avidas e incapazes *directorias* que aqui, como por toda a parte, arrastaram-as á completa ruina.

A capitania do *Rio de Janeiro* enriqueceu e teve incremento extraordinario logo nos seus primeiros tempos; era um dos emporios do grande commercio que então se

(1) As antigas capitanias de S. Amaro e S. Vicente depois de longas questões de limites foram reunidas sob a denominação de S. Paulo e incorporadas á corôa.

fazia com o Rio da Prata e mesmo Perú, apesar das rigorosas prohibições do governo hespanhol (1552). Isso explica porque já em 1648 póde ella com seus proprios recursos soccorrer e libertar Angola da invasão hollandeza. O commercio com o sul avalia-se por essa informação de que quando por accordo de Hespanha e Portugal ordenou-se a cessação dos escambos, havia no Rio de Janeiro só em mercadorias 600.000 cruzados, exclusive outros valores. Depois da perda do commercio estrangeiro vem a compensação ainda maior com o descobrimento das minas e o commercio interno. Todas essas vantagens deram primasia á cidade de S. Sebastião que logo se impoz como capital do Brasil. Não menos contribuiu para a sua fortuna a longa paz que desfructou em quanto o Norte se debatia e se esgotava com a guerra estrangeira.

Poucas são as interrupções da tranquillidade da capitania mais oriundas de visinhos immoderados ou do arbitrio vulgar de auctoridades pouco conscienciosas. Uma d'ellas é a reacção dos colonos contra os jesuitas pela eterna causa dos opprimidos indios (1640). (1)

Successo sem duvida mais importante é a invasão dos francezes de Du Clerc e a de Du Gay Trouin, que foram repercussões da guerra da succession de Hespanha em que Portugal tomou o partido d'esta contra a França. (2) Represalias momentaneas não perturbaram a vida natural da cidade, mas evidenciaram a quasi inutilidade dos seus meios de defeza e das fortificações que apóz esse desastre foram restauradas. Este periodo de 1710-12 são tres annos criticos na historia do Brasil no qual debatem-se na guerra civil ou estrangeira Pernambuco, Bahia e Rio.

A capitania de **Santa Catharina** fazia parte a principio da capitania de Santo Amaro, doada a Pero Lopes

---

(1) Vide a Parte IV - *Historia Commum*, sobre a *Escravidão vermelha*, pag. 133 e 143

(2) Vide o *Capitulo* seguinte.

de Souza e em 1711 incorporada á corôa. A colonisação começa tardiamente por parecer talvez a terra affastada das demais habitadas. São mercadores de indios, e transfugas, aventureiros isolados, naufragos de temporaes frequentes n'essa região, os primeiros que occupam a ilha e a costa fronteira visitadas de filibusteiros e contrabandistas de tempos a tempos. Pelos fins do seculo XVI vieram chegando os jesuitas e em 1624 havia já na ilha uma florescente missão, mas esses pios trabalhadores viam seus esforços inutilisados pela deshumana gente que ahi aportava ou buscava homisio.

Dous paulistas, Francisco Dias Velho Monteiro e José Tinoco em 1651 com seus parentes e escravos e camaradas indios vieram estabelecer-se e fundar grandes lavouras na ilha. Parece que, ao que dizem, Monteiro com uma emboscada pilhara um navio carregado de thesouros do Perú que aqui arribara e isso lhe trouxe as continuas represalias que houve com os flibusteiros n'uma das quaes foi morto. Os seus companheiros desgostosos voltaram para S. Paulo e d'este modo ficou a ilha de novo abandonada. Outro paulista, Domingos Peixoto de Brito, fundou a povoação de Laguna e desde então, 1656, começou a colonisação regular, ainda que lenta, d'essa região. Em 1723 por ordem real vieram colonos açorianos e da Madeira que abriram a corrente da emigração laboriosa e util. A povoação de N. S. do Desterro na ilha substituiu desde 1739 á de Laguna como séde do governo. Para avolumar a população os deportados que a principio vinham para todo o Brasil e depois para o Estado do Maranhão, de 1794 em diante vieram designadamente para Santa Catharina; felizmente por muito pouco tempo (4 annos) pois as auctoridades reputando o clima saluberrimo resolveram de preferencia colonisar com os desterrados o extremo oeste, Matto Grosso e Amazonas. (1797)

O **Rio Grande do Sul**, fóra da linha de demarcação

não era considerado parte do Brasil nem foi doado a senhores no tempo da distribuição das capitanias. No seculo XVII o dominio portuguez expande-se até o Rio da Prata pela fundação da colonia do Sacramento, 1680; porém ainda n'esse tempo as terras intermediarias entre aquella colonia e Paranaguá estavam fora do dominio official e entregues á iniciativa dos aventureiros e aos emprehendimentos dos jesuitas.

De Laguna foram ordenadas no anno de 1715 duas expedições para determinar um caminho por terra até a colonia do Sacramento; uma d'ellas com grande risco escapou do captiveiro que soffreu em guerra com os indios, e a outra logrou chegar até o Rio da Prata, achando o caminho desejado; na volta porém veio a encontrar-se com expedição analoga da parte dos hespanhóes que com os indios civilisados e dependentes das missões vinham escolher localidades proprias para outros estabelecimentos. N'esse ponto (que e o do Rio Grande) encontravam-se assim as duas expansões: a platina e a brasileira; não houve lucta no momento, e os indios levados a Santa Catharina logo d'ahi voltaram para as suas missões levando o aviso de que não era licito aos hespanhoes invadir a região, já agora considerada portugueza. O resultado d'esta reclamação foi que as missões do Paraguay (Paraná, Paraguay e Uruguay) apezar de florescentes não progrediram territorialmente para leste. (1)

De anno para anno no curso do seculo XVIII foi-se formando no Rio Grande por iniciativa privada a grande industria pastoril que é a sua melhor riqueza. O terreno aqui é dividido entre as mattas virgens do norte e as planicies e campos do sul, levemente ondulados, os mais proprios do paiz para a criação, porque cortados de mananciaes perennes, n'elles se desconhecem a aridez e as ter-

---

(1) **Quando tratarmos dos limites do Brasil e das questões a que deram lugar voltaremos ao assumpto. V. Capitulo seguinte.**

riveis seccas do norte. O governo apenas n'aquelle tempo interveiu para abrir um longo caminho entre o Rio Grande e o districto de Minas, por onde deviam seguir as rezes de abastecimento do sertão mineiro onde não havia ainda a criação do gado. Em todo o caso pensou-se em occupar militarmente a região e em 1737 o brigadeiro José da Silva Paes fundou um forte na foz do Rio Grande em redor do qual se estabeleceram indios e açorianos, aldeia transferida depois para uma legua mais á nordeste e foi a origem do porto actual. Porto Alegre tambem fundada com açorianos em 1743 tornou-se a cidade capital desde 1770; d'esses dous estabelecimentos nos extremos da Lagôa dos Patos irradiou a colonisação da capitania com a fundação de novos nucleos de povoação. E' capitania geral e independente da do Rio de Janeiro só em 1807.

Em todo o curso da sua historia viu-se envolvida nas luctas originadas das questões de limites entre as possessões hespanholas e portuguezas.

No seculo actual passaram ao dominio portuguez (1801) as sete missões, do Uruguay: S. Francisco de Borja, S. Nicoláo, S. Luiz Gonzaga, S. Lourenço, S. Miguel, S. João Baptista, S. Anjo. Eram ellas governadas theocraticamente com estricta disciplina de costumes e de trabalho e eram o exemplo da capacidade maxima dos indios quando bem dirigidos. Ataques e aggressões não lhes faltaram por parte sobretudo dos paulistas que as intentaram destruir movidos pela ambição do trafico de carne humana: mas a resistencia d'ellas era em egual medida admiravel e terrivel.

Não menos que os indios os colonos soffriam os embates da guerra e de modo que, diz um escriptor «o Rio Grande nascia da guerra e tinha de embalar-se e crescer, de educar-se ao som e ao alarido dos toques de rebate e e dos impetos da lucta».

2.

Francezes no Rio de Janeiro. Du Clerc e Du Gay Trouin.

Portugal, como a Inglaterra e a Hollanda, auxiliava as pretenções da casa d'Austria, quando vacante o throno hespanhol de Carlos II, o qual Luiz XIV ambicionava para o seu neto Philippe de Anjou. A *Guerra* chamada *da Successão* da corôa hespanhola aqui repercutiu na colonia portugueza, com as aggressões e represalias dos francezes.

O capitão **Du Clerc**, da marinha franceza, com uma flotilha de seis navios, veiu investir o Rio de Janeiro por vingar a antiga e mallograda *França Antarctica*, senão principalmente por ser o Rio a cidade mais rica do Brasil, entreposto do commercio do sul e das minas de ouro. A 16 de Agosto appareceu em frente da barra e, encontrando resistencia, fez-se ao mar e desembarcou em Guaratiba mil homens de combate. Sete dias marcharam os invasores atravez de florestas e montanhas, desconhecendo os caminhos, para alcançar a cidade, onde afinal penetraram. N'essa marcha poderiam ser aniquilados, ainda com emboscadas desnecessarias porque o governador do Rio de Janeiro, Castro Moraes, tinha á mão grandes e superiores recursos de gente armada e indios frecheiros.

Francisco de Castro Moraes, porém, era um espirito fraco e cobarde; não se aprestou para a lucta preparando já talvez qualquer composição humilhante e deixou que os inimigos acampassem e pernoitassem no *Engenho Velho* em perfeito socego.

Pela manhã, os inimigos começaram a marcha e para detel-os apenas appareceu um punhado de bravos estudantes commandados por Bento do Amaral Gurgel que foram logo batidos, e outros dirigidos por um frade trinario Fr. Francisco de Menezes que na descida do morro de Santa Thereza tiveram egual sorte. Perseguidos pelas ruas e dos morros, os francezes entraram no coração da cidade, descendo a rua da Ajuda e S. José até o mar. O mestre de campo, irmão do governador, Gregorio de Moraes, e as companhias de estudantes constituiram então a resistencia que se foi tornando terrivel, ao passo que encurralados n'um trapiche entre o mar e o fogo inimigo, os francezes já muito dizimados e impossibilitados de agir, sob a ameaça de que far-se-ia saltar com barris de polvora o edificio onde se asylavam, depuzeram as armas e renderam-se.

A negligente fortuna dos portuguezes e fluminenses foi deshonrada pela barbaria com que completaram o malsinado triumpho, deixando os vencidos entregues á canalha das ruas. N'uma carta de José da Cunha Brochado lê-se: *Essas acçõens nam se costumam festejar e menos com as fanfarronadas...* devia dizer antes, morticinio de centenas de homens apoz a rendição.

A esquadra de Du Clerc appareceu tarde,

dous dias depois da catastrophe. Du Clerc ficou prisioneiro no Rio onde conseguiu aliás a estima da sociedade. Seis mezes depois amanheceu no leito assassinado; o crime parece envolto em mysterio e cre-se que resultou de uma vingança privada (1).

O governo do Rio de Janeiro não cuidou de punir os criminosos e por isso attrahiu sobre si, e de novo, a colera da França indignada de tamanhos e injustos morticinios.

Coube a **Du Gay Trouin** a empreza de vingar os seus compatriotas. Organisou com abastados mercadores os aprestos da frota e tropas de combate que o governo concedeu ao habil e já então glorioso official. Eram ao todo dezeseis nàos de differente pórte da marinha real e mais quatro de particulares interessados nos lucros do emprehendimento. Seguiu a esquadra a derrota traçada e em 12 de setembro no meio dos costumados nevoeiros da Guanabara, sem se perceber a presença do inimigo, ouviu-se da cidade o troar da artilharia.

Não estavamos de todo desprevenidos para a lucta. A côrte de Lisboa tivera noticia da premeditada aggressão e já no porto do Rio se achava a frota real portugueza desde 30 de Agosto e em posição de defeza; mas o capitão Gaspar da Costa julgando tratar-se de rebate

---

(1) Em todo o caso era obrigação do governo abrir rigorosa devassa, o que se não fez ficando assim compromettida a fé nacional (Southey. *Hist. do Bras.* V.) Em nota F(ern.) P(inh.) parece levantar a suspeita de que ao proprio governador e governo era incommoda a pessoa do prisioneiro. *Off. do Gov.* de 9 de Nov. 1710 e *Resp.* do Rei de 7 de março de 1711. Parece demasiado concluir-se da leitura desse documento a deshonrosa suspeita. Foi crença geral, e a tradição transmittiu, que aquelle crime resultou de uma aventura amorosa.

falso, cinco dias depois descuidosamente desembarcou com a sua gente. Ao troar da artilharia, o indeciso e negligente capitão parece que já affectado da molestia que o abalou mais tarde, não tentou mais resistencia e desorientado, mandou picar as amarras dos navios e ateiar-lhes fogo.

Já n'essa hora haviam penetrado no porto as naves de Du Gay Trouin atravez dos fogos das fortalezas. Os habitantes da cidade, do alto das montanhas, viram na manhã seguinte a tomada das ilhas das Cobras onde os francezes levantaram novas trincheiras e desembarcaram tres mil e tresentos homens, com petrechos de guerra e morteiros que serviriam de artilharia de campanha.

O governador, como da vez passada, entregando tudo ao acaso, deixara-se ficar em desidiosa inacção que mais se explicava pelo terror que pela falha de tino e prudencia. Os francezes não querendo aventurar-se, como Du Clerc já havia feito, a combater no labyrinto das ruas, fortificaram-se na praia e intimaram a rendição da cidade. Na intimação exigiam a punição dos assassinos de Du Clerc e a satisfação das antigas offensas contra os prisioneiros deshumanamente trucidados. Francisco de Castro respondeu dignamente que defenderia a cidade até a ultima gota de sangue; mas a conducta que teve não correspondeu a esse arranco diplomatico.

Em noite escura de trovoadae ao clareiar dos relampagos, em quanto em mal seguros botes desembarcavam os francezes para os lados de S. Bento, o povo fugia, homens, mulheres e crianças pelo campo afora no terror

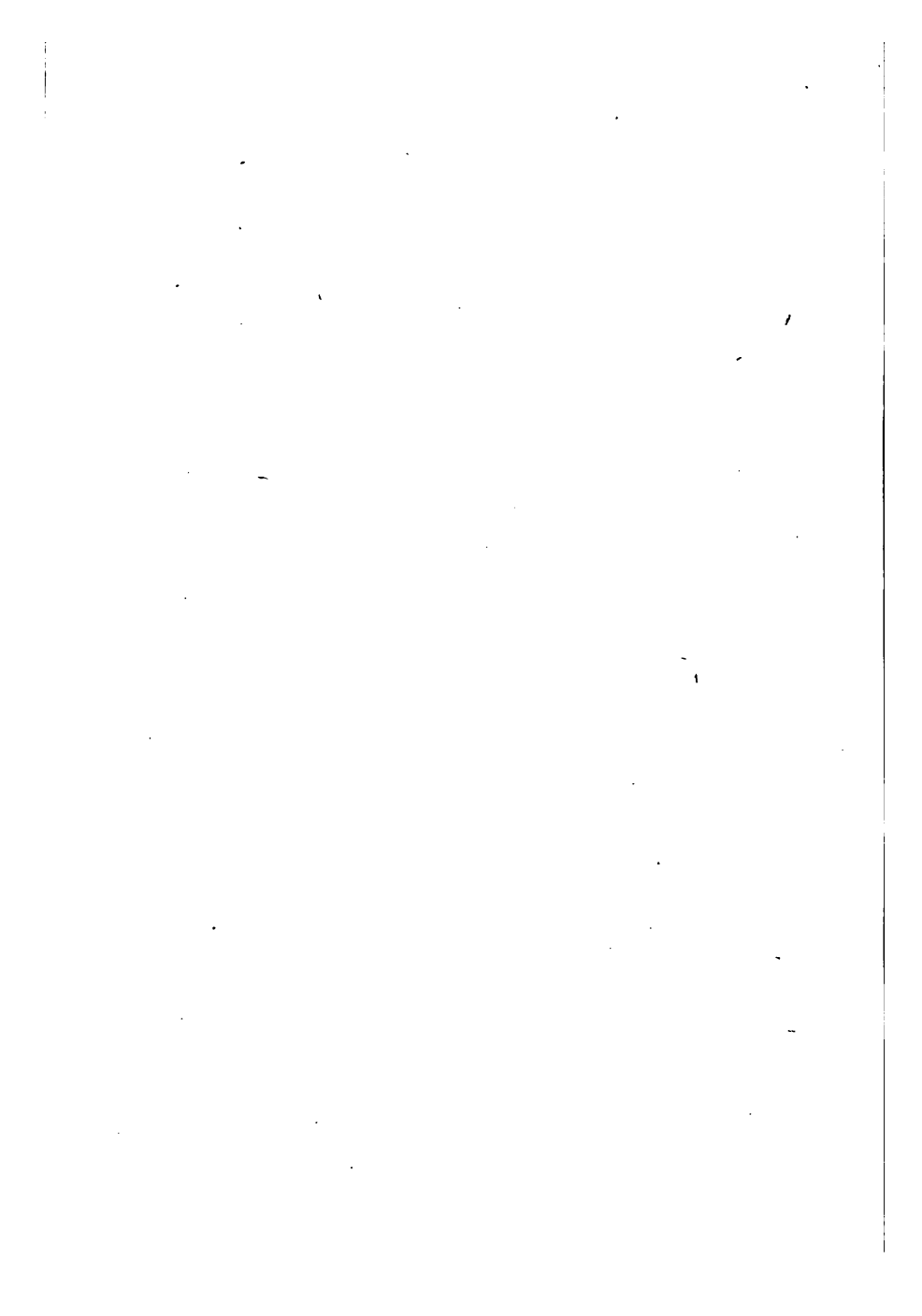
que a escuridão e a tempestade tornavam panico e lugubre. Os proprios soldados resentiram-se d'essa debandada perdendo o espirito e a coragem. E logo um embaixador (que foi o ajudante de Du Clerc, prisioneiro) levou ao ousado invasor a declaração de que a cidade se entregava sem resistencia.

Seguiu-se horrivel saque de despojos, alfaias, fazendas pelos soldados aos quaes se juntaram quinhentos prisioneiros que aqui estavam da guerra anterior e por obra d'estes foram comtudo e poupadas as casas de amigos caridosos que os protegeram no captiveiro. Du Gay Trouin conseguiu, passando alguns pelas armas, estabelecer a disciplina da esfaimada soldadesca.

A cidade foi então resgatada por 600 mil cruzados, fóra os que já se achavam nas garras dos saqueiadores. Chegavam então de Minas grandes reforços e era possivel resistir com segura victoria; mas não se cuidou mais n'isso e a vergonha do desastre consumou-se inteira.

Por falta de animo e prudencia foi o inepto Governadar duramente condemnado a degredo perpetuo na India. «As nossas injurias, diz um contemporaneo dos successos, tem feito um callo tão forte que são invulneraveis a qualquer golpe de murmuração.»

Nesse tempo a preoccupação das riquezas das minas havia com o espirito das especulações amortecido o sentimento militar.

Não pareciam estes os portuguezes das outras eras.

VI

DEFINIÇÃO TERRITORIAL DO PAIZ

(1750 *e* 1777)

Em 1740 havia o Brasil attingido a sua maxima expansão territorial; conquistára o sul até a margem septentrional do Prata e todo o oeste até o Paraguay, o Madeira e o Javary. Ficou assim definida a sua configuração geographica que a diplomacia ou a guerra consolidou.

1.

As Fronteiras.

No seculo XVIII tornou-se inevitavel definir a configuração exacta do Brasil. Quão longe estavamos já do tractado de Tordezilhas! Os brasileiros paulistas e os jesuitas haviam, pela occupação e conquista, triplicado a area da antiga colonia. Todo o oeste meridional, até os confins do Paraguay e da Bolivia, e o oeste septentrional, por quasi todo o curso do Amazonas, formavam o immenso sertão continental, augmentado ao patrimonio do meridiano da demarcação. Além d'isso o Brasil, do seu extremo em Santa Catharina, levou a occupação centenares de milhas até o estuario do Prata.

Com essa extraordinaria expansão, veiu o paiz a entrar em conflictos de duas origens: — uns, com a Hespanha, que cercava de quasi todos os lados terrestres a colonia com o seu dominio sul-americano; outros, com a Guyana, a região do menosprezo, onde repousaram afinal as garras dos europeus, contendores e inimigos do imperio colonial iberico (1).

(1) *Guyana* é apenas a expressão geographica do ardente territorio entre o Orinocco e o Amazonas. E' curioso que onde Colombo collocara a *Estrada do Paraizo* (Orinocco) e onde mais ou menos collocou a lenda o *El Dorado*, maior ahi fosse o abandono dos dous grandes senhores da America meridional. Hespanhóes e portuguezes pouco se occuparam da região: os primeiros nem sequer d'ella tomaram posse effectiva,

As questões de limites a oeste e sul, podiam então resolver-se só com tratar com a Hespanha; a faixa menor do territorio limitrophe com a Guyana tinha e tem aspecto mais complexo, pela multiplicidade dos contendores, máo grado a menor importancia das terras (1).

A expansão do poder colonial tinha até 1644 attingido o cabo Norte expellindo do Amazonas e do littoral circumvisinho os flibusteiros hollandezes e outros que haviam tentado estabelecer-se n'essa região; mas assegurado o dominio d'aquella costa, tomou nova direcção, internando-se pelo grande mediterraneo amazonico.

Entre o Oyapoc e o Orinoco, pois que a Hespanha nem Portugal reclamavam, foram-se fundando estabelecimentos estrangeiros. Os **francezes** conseguiram fixar-se na visinhança do dominio portuguez e na ilha de Cayenna fundaram uma colonia (1664) que, pertencente á Companhia franceza de Commercio das Indias occidentaes, logo dez annos depois passou ao dominio da corôa de França (1674); os aventureiros francezes de Cayenna foram expandindo o seu commercio até aquem do Cabo Norte e ten-

---

e vindos do Pacifico lançaram os seus ultimos padrões no Orinocco. A região abandonada tornou-se a compensação para os francezes, inglezes e hollandezes, que não conseguiram fixar-se no Brasil.

Formaram, pois, uma **Guyana franceza** (Cayenna), uma **Guyana hollandeza** (Surinan), uma **Guyana ingleza** e por conchavo com a Companhia de Hollanda (1669), uma **Guyana allemã** (a *Neue Teutschland* ou *Hanauisch Indien*, do principe de Hanau), e se a Italia fosse então um paiz uno, teria tambem a sua Guyana. *Por imitação* o Brasil tambem teve a sua Guyana Brasileira.

(1) Tambem n'esse tempo o dominio hespanhol limitrophe estava dividido em tres vice-reinados: (o de *Buenos Aires*, o de *Lima* e o de *Santa Fé de Bogota'*, eram os seus nomes e abrangiam respectivamente os Estados de La Plata, sul e sudoeste, os Estados do Perú e os Estados da Colombia). Essa divisão todavia não prejudicava a unidade da questão diplomatica n'aquelle tempo.

Hoje, com a independencia das republicas sul americanas resurgiu e complicou-se a questão dividida entre reclamações da Argentina, Paraguay, Bolivia, Perú, Colombia e mesmo o Equador.

Do lado das Guyanas, excepção feita do contestado francez, os terrenos disputados são interiores e actualmente ao menos, de valia não muito grande.

taram por vezes não sem exito navegar pelo rio Amazonas contra a resistencia das auctoridades brasileiras; por outra parte, nas terras interiores eram frequentes os protestos dos missionarios contra os aventureiros d'aquella nacionalidade. Gomes Freire de Andrada (1685-87), capitão general do Pará, enviou n'este sentido uma reclamação ao governador de Cayenna attestando o direito portuguez sobre ambas as margens do rio e a sua exclusiva navegação. Era esse protesto tido a conta de inutil impertinencia n'um tempo em que reinava sobre os francezes o mais poderoso dos seus reis. Não passava talvez despercebido ao orgulho de Luiz XIV o dominio do rio gigantesco do sul a exemplo do que fundava ao norte com a Nova França nas bocas do Mississipi, guardando assim as chaves dos dous mediterraneos do Novo Mundo. As reclamações de parte a parte degeneraram em franca hostilidade; os francezes apossaram-se do forte de Macapá que logo depois perderam. Como Luiz XIV queria a boa amisade de Portugal na pretenção do throno hespanhol para o neto Philippe d'Anjou, em Tratado provisorio (1700) e n'um tratado de alliança (1701) conveiu em renunciar á margem septentrional do Amazonas sob promessa de apoio da candidatura de Philippe (V). Foram esses tratados logo annullados porque Portugal collocou-se do lado da Inglaterra, Hollanda e Austria em favor das pretenções do principe austriaco que disputava a successão da corôa hespanhola. Depois da guerra da successão (1) assignou-se a paz de **Utrecht** 1713; a França coagida pela Inglaterra abriu mão de suas successivas pretenções restringindo a sua Guyana ao limite oriental extremo do Oyapoc e renunciando ao commercio e navegação do Amazonas.

Esse compromisso foi violado pela Republica franceza que apoz curta guerra com a peninsula e pela paz de

---

(1) Cujos effeitos no Brasil foram as represalias de Du Clerc e Du Gay Trouin, pag. 209.

Madrid 1801 exigiu um limite mais ao sul, o do rio *Parapanatuba* e depois pela paz de **Amiens** (1802) por influxo da Inglaterra o de outro rio mais ao norte, o *Araguari*.

D. João VI refugiado no Brasil conquistou a Guyana franceza que foi depois restituida com o Congresso de Vienna 1815, mas sem determinação dos limites que só mais tarde pela **Convenção de Paris** 1817 foram designados como sendo os do tratado de **Utrecht** que voltava a ter pleno vigor.

A França todavia reclama até ulterior fixação ao menos todo o territorio do sul até o rio Araguari e esse trecho de terras, ora conhecido pelo nome de Contestado, entre o Amapá e o Oyapoc, foi declarado neutro desde 1841.

As **Guyanas ingleza** e **hollandeza** tambem não teem limites determinados com o Brasil. Os mais naturaes d'elles seriam a divisoria (ás vezes incerta) das aguas do norte e das do Amazonas pelas elevações ou serras de Tumucumaque, Acarahy etc. Mas a Inglaterra reclama uma parte da bacia amazonica (Tukutu e Cuiingo) e conveio com o Brasil em declarar neutro (1842) o territorio de *Pirara* (entre Rupununi e Cotingo, commum ás duas vertentes; não obstante frequentes vezes forças militares inglezas teem avassalado o territorio (1).

A questão de limites com a **America hespanhola** foi nos tempos coloniaes regulada principalmente pelos dous tratados de Madrid 1750 e de S. Ildefonso 1777.

---

(1) Recentemente o arbitro na questão de limites entre a Inglaterra e Venezuela concedeu á Guyana ingleza limites que prejudicariam os nossos direitos. O nosso ministro protestou. Por varias occasiões, como dissemos, os inglezes têm occupado o territorio. O forte de S. Joaquim com o seu primeiro aldeiamento data das guerras hollandezas. Em 1836 ahi se estabeleceu um missionario inglez Yond e ficou por muito tempo apezar das nossas reclamações. Veiu afinal pará alli um destacamento militar que arvorou a bandeira ingleza em Pirara (1842).

O primeiro accordo entre os dous imperios foi o de **Tordezilhas** (1494) que se tornou obsoleto desde que a Hespanha firmou a posse das Philippinas. Tambem já não conviria mais aos interesses de Portugal no Brasil desde o seculo XVII quando o dominio portuguez ao norte e ao sul e a oeste passara alem do meridiano assignalado(1).

Os hespanhóes da America, conservaram-se muito distanciados da colonia portugueza; ao norte havia um grande hiato deserto entre o Pará e a costa de Colombia; ao sul outro semelhante entre Laguna e Buenos Aires; do lado do oeste, porem, os hespanhóes limitavam-se apenas á região andina e suas proximidades. D'esta arte a expansão portugueza foi-se fazendo sem obstaculos; os jesuitas, os colonos, sobretudo os paulistas, conquistam todo o occidente — pelo Amazonas até ás primeiras missões do Equador, pela região das minas até as povoações bolivianas; e pelo sul desde logo, 1679-80, chegou-se ao Rio da Prata pela fundação por ordem d'el-rei da Colonia do Sacramento. Com essa expansão extrema que se completa no seculo seguinte é que entram em contacto e por todos os pontos, portuguezes e hespanhóes. N'esse seculo (XVIII) pois é que se agitam as questões de limites até então, por inuteis, esquecidas.

N'esse interim a occupação portugueza já se tinha realisado em certos pontos essenciaes: as missões de Entre-rios a leste do Uruguay 1715 (reclamação das auctoridades de Laguna) Minas Geraes, Matto Grosso, Goyaz 1700-1734; o Guaporé, e Madeira, (Manoel Felix de Leme) 1742; o forte da Lagoa dos Patos, 1737. Eis o Brasil dos meiados do seculo dezoito.

---

(1) O meridiano da demarcação com a imperfeição da sciencia e dos instrumentos do tempo seria difficilmente determinado com exactidão. Em qualquer caso no seculo XVII os portuguezes avançaram para além de Belém, ao norte, e além de Santa Catharina ao sul e pelo interior até Matto Grosso e o Alto Amazonas, triplicando a area de influencia que o tratado do Tordezilhas assignalava.

Portugal e Hespanha vivendo n'esse tempo em cordiaes relações (1) resolveram amigavelmente assentar os limites dos dous imperios na America. Negociaram o ajuste o Conde de Villa Nova de Cervera e José Carbajal; foi concluido assim o **Tratado de Madrid** de 1750.

A linha de limites accordada era a seguinte: devia começar ao sul no sangradouro da Laguna de *Castilhos* (34° 20' Lat. s.) seguir pelos montes de *Castillos grandes* ás cabeceiras do Rio Negro, affluente do Uruguay até ás do Ibicuhy e por este rio até o Uruguay; d'ahi descia o Uruguay abaixo até o rio Piperi e deixando o Uruguay pelo Piperi acima até as suas cabeceiras, d'ahi em linha recta até as cabeceiras de outro pequeno rio proximo (S. Antonio) que se lança no Iguassu e por este até a sua confluencia no Paraná, e pelo Paraná até o Iguarei e pelo Iguarei e suas cabeceiras até encontrar o Paraguay, seguindo mais ou menos a linha recta ou a divisão das aguas ou qualquer rio que por ventura existisse, formando-se d'esta arte o limite sul de Matto Grosso. A linha continuava pelo Paraguay acima até a foz do rio Jaurú, d'ahi em linha recta para o occidente até o Guaporé até a confluencia com o Mamoré no Madeira. Descendo o rio Madeira, do ponto medio entre aquella confluencia e a foz no Amazonas, a linha seguiria até o Javari e por elle até a embocadura no Amazonas e em seguida pelo Amazonas até o Japurá subido este para o norte até as cabeceiras; attingido este ponto, procurar-se-ia a linha divisoria das aguas do Orinoco e Amazonas e por ella traçar-se-ia o ultimo trecho das fronteiras.

O **tratado de 1750** consignava, pois, no seu todo e com pequenas e insignificantes differenças, a *configuração actual do Brasil*; pode-se affirmar que a forma-

(1) Fernando VI de Hespanha desposara uma princeza portugueza, filha de D. João V. D. José de Portugal casara-se com a filha de Philipe IV. Eram, pois, os dous reis duas vezes cunhados.

ção territorial do paiz na sua total expansão data d'esta era.

A determinação d'estas fronteiras ainda que vantajosa para ambas as partes sempre se tornou difficil. Desde o momento de concluido o tratado foi mal recebido pela opinião publica de ambos os paizes, a qual sempre está disposta por natureza a hostilisar as pretenções estrangeiras. Duas commissões mixtas foram nomeadas para demarcar a immensa fronteira: uma, ao norte, com o capitão general do Pará Mendonça Furtado e Iturriaga; e outra, ao sul com Gomes Freire de Andrade e o Marquez de Val de Lirios. Esta logo encontrou opposição e guerra dos indios das missões dos jesuitas que se levantaram em rebellião por não quererem ser incorporados, como o deviam ser pelo tratado, ao dominio portuguez; foram depois de longa lucta subjugados ou antes exterminados; não podiam os hespanhóes deixar de sympathisar com a attitude dos indios e por isso d'ahi por diante a commissão entrou a malentender-se e a levantar difficuldades por nonadas e bagatelas, sem que o trabalho de demarcação fizesse progressos; n'esse interim a politica europea modificava-se com a morte do rei hespanhol. Uma nova convenção feita em **1761** annullava o tratado de Madrid, e repunha o antigo estado de cousas: a Portugal restituia-se a colonia do Sacramento e á Hespanha as desventuradas Sete Missões.

Com esse mallogro, a que se seguiu a guerra durante quinze annos (1761-1777) com sorte adversa assistimos á occupação do sul do paiz pelas forças de Ceballos que chegou a apossár-se do Rio Grande (1762) e até de Santa Catharina (1777). Com a ascenção de Maria I (princeza hespanhola e irmã de Carlos III) chegou-se afinal á paz e a um accordo das fronteiras pelo **Tratado de Santo Ildefonso** (1777).

Pelo tratado de *S. Ildefonso*, eram restituidas as terras conquistadas do Rio Grande e a Ilha de Santa Catha-

rina e a Hespanha guardava a posse da colonia do Sacramento.

A linha geral das fronteiras d'este tratado é a mesma de 1750, excepto ao sul; agora a linha de separação começa no arroio Chui (33° 45' L. s.) e pela Lagôa Mirim ao Rio Negro e pela divisoria das aguas do Uruguay até a confluencia nelle do Pepiri.

D'aqui por diante a fronteira é a mesma do tratado de Madrid; vê-se por tanto que as Missões do valle do Uruguay voltavam ao poder da Hespanha.

Os demarcadores, divididos em cinco commissões seccionaes, pouco fizeram de util, perdendo o tempo em questiunculas e desintelligencias por espaço de mais de um decennio.

Sobreveio a guerra, a que a Revolução franceza havia arrastado a peninsula em 1801, collocando-se Portugal ao lado da Inglaterra. Os brasileiros tomaram o forte de Jaguarão e dominaram todo o valle oriental do Uruguay onde as missões indianas, ora entregues á administração leiga, renderam-se indifferentemente aos novos senhores. Os territorios occupados foram reconhecidos nossos mais tarde em tratado com Montevidéo (1819, 1851, 1852 e 1857). (1)

(1) N'este seculo a questão da fronteira com a Hespanha multiplicou-se com a creação e independencia dos paizes novos: Venezuela, Colombia, Equador, Perú, Bolivia, Uruguay, Paraguay e Argentina. A fronteira com *Venezuela* foi fixada em 1859, a de *Colombia* está ainda em litigio com o Brasil, Equador, Venezuela e Perú, e a falta de marcos naturaes ainda mais a complica; a do *Perù* (tratados de 1851, 58, 77) e a da Bolivia (1867) foram reguladas estrictamente pelo tratado de S. Ildefonso; a fronteira do Paraguay, determinada depois da guerra (1872); a da Argentina suscitou questões a respeito da identificação dos rios Piperi e Santo Antonio (para os argentinos estes são o Chopim e Chapecó dos brasileiros). A questão foi resolvida pela arbitragem dos Estados Unidos em nosso favor (1894).

2.

As guerras do Sul.

A Colonia do Sacramento e as Missões do Uruguay.

Para os lados do sul da America, em 1675, o ultimo estabelecimento portuguez era Laguna, e o primeiro hespanhol era Buenos Aires; o largo trecho intermedio do littoral estava desoccupado. Resolveu então D. Pedro II de Portugal crear um posto militar extremo no rio da Prata, sentinella avançada que devia guardar a fronteira portugueza da America. Foi assim fundada em 1680 na margem esquerda do Prata a **Colonia do Sacramento**, pelo governador do Rio, D. Manoel Lobo.

Tornou-se esta colonia, em terras cuja posse ainda não estava regulada, o verdadeiro pomo da discordia, entre portuguezes e hespanhóes.

Successivamente é ella tomada, saqueiada, destruida e depois restituida e reedificada, conforme as vicissitudes da politica europea.

Tomada em 1680 por D. José de Garro, é no anno seguinte reintregue aos portuguezes (1681). Tem egual sorte com Valdez (1705) e restituida de novo pelo tractado de Utrecht (1715).

D'esse lado, os hespanhóes tinham em

Buenos Aires recursos incomparavelmente maiores que a da pequena colonia tão distanciada do Rio de Janeiro.

Tinha a povoação, todavia, grande vitalidade, que lhe dava o commercio de contrabando, sempre facil na fronteira; os seus habitantes prosperavam e enriqueciam, e se tornavam fortes.

Quando Miguel de Salcedo, governador de Buenos Aires, em perseguição aos contrabandistas, pôz cerco á Colonia do Sacramento em 1735, devastando os campos e plantações em redor; dentro de muros, a povoação resistiu com denodo, os habitantes pegaram em armas e supportaram o bombardeio durante dois annos, quando, n'uma valorosa sortida, romperam o sitio e puzeram em fuga os sitiantes (1737).

Poria termo a essas continuas questões um tratado que firmasse os verdadeiros limites do dominio portuguez e do hespanhol. Foi de facto celebrado o tratado de Madrid, pelo qual perdiamos a colonia do Sacramento, mas ganhavamos o territorio chamado das **Sete Missões** (1).

Nas terras entre o *Piratiny* e o *Ijuhy* os missionarios de Entre-Rios, jesuitas hespanhóes, haviam fundado algumas *reducções* de indios guaranis convertidos e civilisados que trabalhavam na agricultura, sob o regimen patriarcal dos padres que os dirigiam. Viviam n'essas missões por assim dizer independentes; eram hespanhóes os jesuitas, mas

---

(1) V. o capitulo anterior.

o governo civil e militar de Buenos Aires não intervinha jamais n'esses aldeiamentos nem mesmo para cobrar imposto, de que estavam exemptos.

Os guaranis conservavam a tradição de odio e horror aos brazileiros, nomeadamente aos paulistas, por causa do trafico da escravidão que estes exerciam, e não estava esquecida ainda a traiçoeira ruina, eversão e incendio das missões, realisada pelos bandeirantes no Paraná.

Quando pois elles souberam que seriam incorporados, ao dominio brasileiro pelo novo tratado, levantaram-se unanimes. Ainda que o governo lhes proporcionasse o direito de transmigração com seus haveres, para outros pontos, onde novas e excepcionaes vantagens lhes eram offerecidas, não lhes sorria entretanto a contingencia de abandonar as terras que haviam cultivado e onde nasceram e se criaram.

Intimaram as tropas brazileiras que guarneciam o serviço de demarcação dos limites a evacuar o territorio, e começando a resistencia obrigaram-n'as a pouco honrosa retirada. (Novembro de 1754).

Só em Janeiro de 1756 foi possivel reunirem-se o exercito hespanhol e o portuguez para coagir os guaranis á obediencia da lei; foram assim submettidos. Muitos passaram-se para a região hespanhola e outros procuraram asylo na floresta virgem.

Sem duvida alguma entrava por muito na resistencia aos demarcadores a acção ou o conselho dos missionarios jesuitas, ao sul e ao norte do paiz. N'estas e n'outras intrigas

que os escravistas, os chamados livres pensadores e especuladores avolumavam, firmou-se o Marquez de Pombal, o ministro poderoso, para obter do fraco rei D. José a lei de 1759, que aboliu na colonia a companhia dos jesuitas.

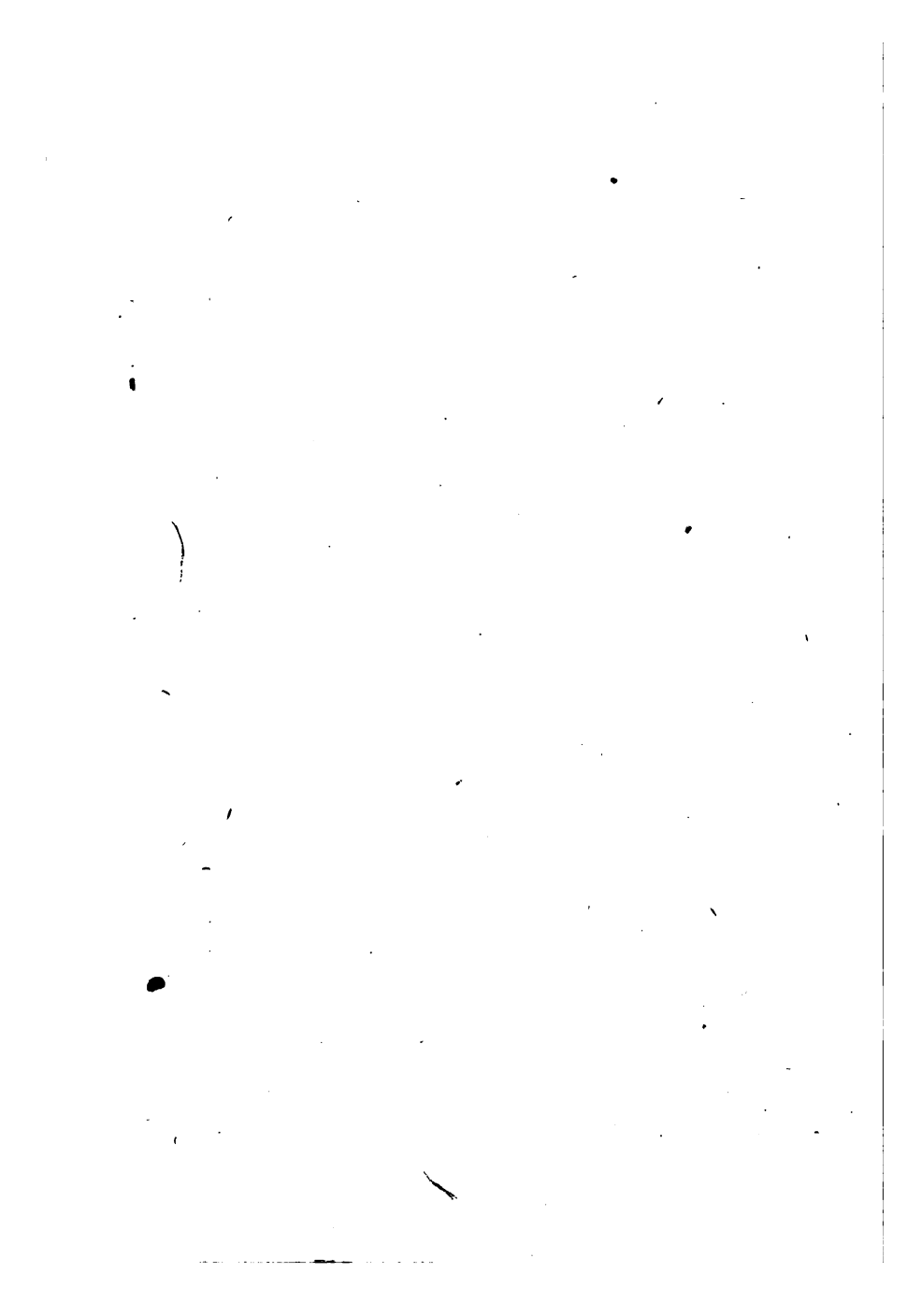
Mais tarde era annullado o tratado dos limites.

Quando em 1761 rebentou a guerra que resultou do chamado *pacto de familia* (dos Bourbons, de França e Hespanha, contra Inglaterra e Portugal) no sul da colonia recomeçam as antigas luctas. D. Pedro de Ceballos, governador de Buenos Aires, com seis mil homens, toma a colonia do Sacramento que não soube resistir, invade e apossa-se do Rio Grande.

Após uma breve paz, com poderosa armada e um exercito desnecessariamente monstruoso, pois era de vinte mil homens, D. Pedro de Ceballos toma a ilha de Santa Catharina e arrasa as fortificações do Sacramento.

Caira assim todo o sul, aliás pouquissimo habitado (1777), em poder dos hespanhóes de Buenos Aires, mas logo nesse mesmo anno restituido (tratado de S. Ildefonso) perdendo-se comtudo a colonia do Sacramento, as Missões e algumas terras da fronteira meridional concedidas no tratado anterior.

VII

O ESPIRITO DE AUTONOMIA

1.

Os antecedentes

O espirito do seculo XVIIÍ na historia geral dos povos é quasi exclusivamente politico. Do livre exame na religião fora-se passando á analyse das formas tradicionaes do governo da sociedade. «Um principio unico d'este seculo, diz um historiador, domina os demais e é o da *humanidade*, o dos direitos do homem, da justiça social e o amor da felicidade do genero humano.» Os seus sabios são os economistas ou os philosophos do racionalismo mais politicos que naturalistas; os seus grandes nomes na litera-tura são Rousseau, Voltaire, Montesquieu, e os encyclopedistas. Os proprios reis submettem-se ao espirito novo; é então a era do *despotismo esclarecido*, dos soberanos que praticam as idéas dos philosophos, Frederico II na Prussia; Catharina II na Russia, José II na Austria, pratica sobretudo resumida no desprezo da religião e no escarneo das antigas tradições á custa das quaes esses mesmos soberanos se mantinham. Era o perfeito desprezo da historia e nada escapava á furia contra tudo que tivesse por si a antiguidade e a tradição. Toda essa agitação intellectual, revolvendo as entranhas da velha sociedade, produziu a revolução de 1789.

Antes d'esse grande successo, porem, já um povo da America consubstanciando em formulas politicas os direi-

tos naturaes do homem havia sacudido o jugo europeu, e realisado a democracia sonhada pelos philosophos. Em 1776 o Congresso de Philadelphia declarava solemnemente que todos os homens eram eguaes e entre os seus direitos inalienaveis contavam o da vida, liberdade e trabalho pela propria felicidade e bem estar; e quando um governo não servia a esses fins o povo tinha o direito de abolil-o.

O grande acontecimento achou, em toda parte, universal applauso e sobretudo, secretamente, no coração de todos os americanos que soffriam ainda o jugo do absolutismo colonial.

Repercutiram, pois, no Brasil essas idéas generosas de liberdade.

Pouco importava que não estivessem preparados (e de facto não estavam os nossos oppressores e ainda menos nós) para levar a cabo a tarefa da emancipação do homem. A verdade é que a idéa nova despertou o sentimento da liberdade em todos os corações bem formados.

O despotismo que Portugal exercia no Brasil não era mais violento do que alhures havia e do que havia na propria metropole; ao contrario, pouco a pouco se tinha elevado na mãe patria o conceito da colonia tão instruida como ella e de certo mais poderosa. As liberdades lá concedidas aqui tambem nos cabiam com relativa largueza; o grande privilegio da municipalidade do Porto (1490) é egualmente dado á do Rio (1642) ás do Maranhão e Pará (1655) e mais tarde ás da Bahia e S. Paulo (privilegios que garantiam os municipes do arbitrio das auctoridades, do recrutamento, prisões arbitrarias, etc.); os senados das camaras representam importante papel e substituem ás vezes nas capitaes os governadores; outra magistratura, a dos juizes leigos (*juiz ordinario* e depois *juiz de paz*), é de origem popular como o eram os demagogos dos motins e tumultos, os chamados *Juizes* ou

procuradores do povo que sempre se punham á frente dos rebelliões contra a auctoridade (e foram por isso abolidos). Com quanto essas liberdades e outras não garantissem a colonia contra o despotismo illimitado ou a rapina dos funccionarios, certo ê que no resto do mundo as cousas não eram muito mais risonhas. Os progressos do absolutismo real favoreceram o bem estar do Brasil em mais ampla medida do que o faria o systema feudal que nos primeiros tempos retalhou o paiz entre os absolutismos minusculos, mas dobradamente ferozes, dos donatarios.

Depois da restauração de Portugal o Brasil é um principado «e é creado um ministerio das colonias», o *Conselho Ultramarino*, onde são estudados com especial attenção os nossos interesses.

Não obstante, a vida communal no Brasil no seculo XVIII quasi se supprimiu com a decadencia da vida agricola e com o descobrimento das minas, e de modo que se perdeu a tradição d'essas liberdades. Na colonia como na metropole os espiritos estavam preparados para o despotismo sem freio de Pombal.

Era obvio que essa luxuria de arbitrio para o bem ou para o mal acordasse a reacção dos espiritos mais prudentes. Para aproveital-o, em todos os seus fructos, as tentativas de emancipação deviam apoiar-se na raça mestiça já formada e que abrangia n'esse tempo a metade senão mais, da população livre. O tentamen dos conjurados mineiros não é só uma empreza de literatos e philosophos; é, tambem, eis a sua falha de momento, uma conspiração de quasi portuguezes contra portuguezes, é o espirito novo e cosmopolita contra os prejuizos nacionaes; é a mesma revolução que se chama *constitucionalismo* em 1820 com D. João VI e se chama, para nós, *independencia politica* em 1822 com D. Pedro I, ou em uma só palavra, é o liberalismo portuguez contra o absolutismo portuguez; a liberdade dos brancos contra o despotismo dos brancos.

E' claro que a população mestiça estaria do lado do

liberalismo e por interesse proprio; mas esta série de revoluções não é a sua que ella se reservará com todas as forças para o *abolicionismo* e a *republica*, no imperio.

Quaesquer que fossem, porém, os movimentos da historia já no seculo XVII se havia formado no Brasil a raça nacional, mameluca em maior ou menor grão de cruzamento e com essa creação ethnica desapparece por inexplicavel, a lealdade, e começam os perjurios. As duas raças que quasi ao meio então dividem o paiz, começam a odiar-se e a applicar-se nomes despresiveis. A *cabrada*, os *pés de cabra*, dizem os lusos dos brasileiros; *mascates*, *marotos*, *pés de chumbo*, chamam os brasileiros aos seus oppressores.

Como quer que seja, com a raça nova formava-se o que se poderia dizer a base physica da revolução.

O que succedeu aqui succedeu por toda a America latina onde os mestiços acabaram praevalecendo sobre os elementos não puros, mas mais homogeneos, dos brancos. As revoluções americanas vestem as formas liberaes e cosmopolitas mas são no fundo exclusivamente patrioticas e nativistas; para o europeu que a descobriu a America é a terra commum; para o americano é a terra exclusiva.

As raças inferiores jámais consentem repartir o sólo com os adventicios, qualquer que seja o espirito liberal das suas leis todas de imitação da litteratura estrangeira. Não podemos pensar que o homem de côr, consequencia semi-hybrida do contacto heterogeneo de raças tão distanciadas que até por eminentes scientistas como Haeckel são consideradas especies diversas, seja a peste da cultura americana (1) como sentenceiam os sociologos.

Mas não cremos com Martius que tão bem observou essas raças serem ellas susceptiveis de toda a perfectibilidade;

---

(1) Die Pestbeule der amerikanischen Kultur, ausgestattet mit allen Lastern und keinen der Vorzuege ihrer Eltern. *Hellvvald.*

felizmente ha sempre no meio d'ellas uma elite intellectual e moral que consegue sempre subjugal-as.

As raças miscigeneas no seu todo, porém, quaes nol-as representa a America latina não possue a capacidade do *self-government*. Embalde adaptam as idéas da civilisação a seu organismo; falta-lhes o sentimento que aquellas ideas presuppõem e as virtudes e qualidades moraes que, ao contrario das theorias, só a educação secular da historia consegue a custo verter no espirito humano. Pode-se dizer d'ellas que são raças cathechisadas, mas não christans; o christianismo vive n'ellas como n'um pouco d'agua as gotas de vinho indispensaveis para colorir-lhe o aspecto ou alterar-lhe o aroma.

Em geral, assimilam e preferem as theorias e os systemas mais radicaes porque esses são possiveis só com a demolição da sociedade; cortejam assim a civilisação e ao mesmo tempo satisfazem o instincto interior que é como o das creanças, puramente destructivo. Sem o apoio moral dos costumes, da religião passam á impiedade e ao atheismo; do governo ao anarchismo e, pode-se dizer generalisando, na ordem amam a subversão. Aquelles que descendem directamente da escravidão ou da floresta viva nada teem com o passado que a prole d'elles, não tendo nobreza, não cultiva. Nada aceitam da historia que naturalmente lhes é suspeita e buscam remedio impossivel nas utopias do futuro que a sua fragil moral não comporta; assim sorriem dos reis que a historia consagrou e ainda escarnecem mais dos deuses falsos que elles proprios fabricam e propoem-se inutilmente a venerar. Nem sabem governar nem ser governados; primeiramente porque confundem a auctoridade com a força que para elles é o unico symbolo d'ella; e depois confundem a obediencia com o servilismo. Tão grande é a alegria no mandar como é ignominiosa a vergonha no obedecer. E como a obediencia é para elles a escravidão, cada um e todos luctam por uma parcella do mando como por um alimento essencial á vida;

e por isso pela força ou pela fraude falsificam todos os actos e processos da vida publica que conduzem ao poder. Por isso contam os annos da existencia pelas revoluções e tumultos; desprezam o trabalho (que é sempre de Tantalo porque podem as revoluções d'um golpe destruil-o) pelos azares e empregos. O governo é, pois, para elles afinal de contas um orgão do communismo, e um agente da redistribuição da fortuna.

O unico remedio para esses povos é o mesmo da antiga colonisação, o povoamento continuo e a immigração europea (ainda que errada, como no tempo de Nobrega) que arroteia os campos, inocula a vida e coordena essas desordens e, como dizia Thomé de Souza, não cobra do thesouro.

Pelas formas politicas, puramente exteriores, como pelas suas modas de vestuario, não é possivel classificar os povos. As idéas e as theorias espalham-se de povo a povo, e cada povo arroga-se o direito de utilisal-as, como pode. A independencia republicana dos Estados Unidos (onde outra solução não era possivel) fez pouco a pouco republicanas todas as nações da America; pouco a pouco o federalismo de que elles eram a expressão espontanea tornou-se a theoria politica de todas as novas republicas. Sem duvida nenhuma n'essa imitação, os povos sem recursos para perscrutar os segredos obscuros da historia, e mesmo não tendo historia definida, foram levados pelo desejo de alcançar, atravez das formas, a substancia do bem estar e da liberdade E' natural que n'essas experiencias tenham pago caro os seus equivocos ou seus erros; e a dezena de nações que vivem ao longo da cordilheira attestam ha quasi um seculo os tormentos d'esse sacrificio ainda não terminado.

Entretanto, esse resultado deve considerar-se inevitavel; não era possivel quebrar a lealdade ao rei, sem injuriar a realeza.

No tempo da restauração da corôa portugueza (1640) que coincidiu com a lucta entre jesuitas e colonos em S.

Paulo, os paulistas acclamaram um rei em Amador Bueno; mas é provavel que a dynastia, se fosse então fundada, tivesse poucos dias de vida e novas acclamações succederiam á primeira; (1) na revolução nativista pernambucana de 1712 pensou-se em constituir uma republica quasi monarchica ou aristocratica sob o modelo da de Veneza, exemplo já experimentado em Pernambuco mesmo com o principado de Nassau, e com um esplendor e liberalidade como nunca mais se repetiu na America.

Agora, o modelo acariciado pelos revolucionarios mineiros é a nova Republica Americana que excitava o enthusiasmo de todos os espiritos liberaes do mundo e onde os povos latinos enganosamente pareciam ver realisado o sonho de Rousseau (2). Como quer que sejam as origens e as formas que por deficiencia de originalidade tomavam de emprestimo, a verdade é que o trabalho negativo, o da destruição do regimem absolutista colonial para assentar as novas instituições, era o unico verdadeiramente difficil, mas era o primeiro que se devia executar.

2.

O conspiradores

Os elementos com que ia agir a revolução não podiam ser mais dignos quando se pensa nos espiritos de escolha que n'ella tiveram parte.

---

(1) Tambem no Mexico em certo momento foi acclamado um imperador indigena Agostinho I. Este facto (18 de maio 1822) talvez pesasse na idéa de Imperio, de 7 e 21 de setembro do Brasil no mesmo anno.

(2) G. Jellinek filia a revolução americana ao lutheranismo.

Alli estava o Brasil no que havia de mais elevado e puro.

Excluidos os antecedentes historicos da colonia, os primeiros germens da revolução seriam trazidos pela cultura universitaria européa onde os principios de Montesquieu, Rousseau e Voltaire eram o alimento commum da mocidade. Os brasileiros numerosos que seguiam carreiras scientificas e litterarias estudavam na França ou em Portugal e não podiam ser insensiveis a esse movimento irresistivel das novas theorias. E' uma conspiração de lettrados. Entre esses estudantes europeos, inflammados de ardôr patriotico estão José Joaquim da Maia, Domingos Vidal Barbosa e José Alvares Maciel.

O primeiro d'elles que era tambem um enthusiasta da independencia Americana, chegou a'entabolar relações com Thomas Jefferson, então ministro da recente republica em Paris. Na sua correspondencia com John Gay, o grande politico americano refere a conferencia que teve com o estudante brasileiro em termos muito sympathicos; percebera para os Estados Unidos a vantagem de uma grande aliança ao sul do continente. Na entrevista que tiveram proximo ás aguas de Aix, recebeu informações exactas da possibilidade de exito de uma revolução se o Brasil fosse amparado pelos Estados Unidos: «n'uma palavra, dizia o informante, no que respeita a revolução não ha mais que um pensamento em todo o paiz: mas não apparece uma pessoa capaz de dirigil-a ou que se arrisque pondo-se-lhe á frente sem auxilio de nação poderosa; todos temem que o povo os desampare. No Brasil não ha imprensa; os brasileiros consideram a revolução da America do Norte como precursora da que elles desejam, e dos Estados Unidos esperam todo o soccorro.» — «Ha um odio (continua o informante, segundo Jefferson), um odio implacavel entre brasileiros e portuguezes. A parte illustrada da nação conhece tanto isto, que tem por infallivel a separação»

Jefferson replicava que não tinha auctoridade e ins-

trucções para dizer-lhe boas palavras a esse respeito mas ponderava que uma revolução feliz no Brasil excitaria o interesse dos Estados Unidos. Já em 1791 a linguagem da sua correspondencia é muito outra e elle escreve de Philadelphia ao coronel Humphreis: «Mandae-nos todas as informações possiveis quanto á força, riqueza, recursos, illustração e *disposições* do Brasil. O *ciume* da corte de Lisboa a esse respeito vos ha de forçosamente inspirar as *cautelas* necessarias no colher e communicar *essas averiguações.*» (1)

E' provavel, se prematura morte o não roubasse ainda na Europa, que José Joaquim da Maia que parecia possuir tino practico, désse melhor curso á mallograda conspiração.

Toda a revolução republicana, contraria ás vistas monarchicas europeas não teve nem terá no nosso hemispherio outro caminho de asylo e protecção a não ser o do capitolio de Washington. As republicas da America, livres nos actos de vida interna, estão porem nos de maxima amplitude, nos da vida internacional, sujeitas á vontade omnipotente dos Estados Unidos.

Contava-se no Brasil em geral com o auxilio da massa enorme dos mestiços e com os senhores e os escravos que acompanhariam aos senhores; mas era justamente o servilismo unanime na extensão enormissima do

---

(1) O interesse crescente de Jefferson manifesta-se ainda melhormente no tempo da revolução de 1817, ou trinta annos depois, quando diz a respeito dos revolucionarios das republicas do sul: «que elles se tornarão independentes da Hespanha não ha questão", e com grande previsão ajunta "Questão, mas questão seria é saber qual será o futuro d'elles. A ignorancia e a superstição tenho por tão improprias para se governarem como qualquer genero de loucura. Cairão debaixo do despotismo militar e ficarão sendo o ensanguentado joguête dos seus bonapartes.... Portugal empolgando uma partes dos dominios hespanhoes no sul (conquista da Cisplatina) perdeu a sua grande provincia de Pernambuco e não será para admirar que o Brasil todo se levante e mande a familia real para Portugal. O Brasil é mais populoso, mais rico, mais forte e tão instruido como a mãe patria. (Carta a Lafayette, 14, maio, 1817).

paiz que mais que tudo difficultava e impedia o sentimento do interesse commum; e mesmo hoje, no seculo XX, não fôra a monarchia, a independencia do Brasil seria ainda um problema, talvez insoluvel; salvo se por independencia do grande imperio colonial se entendesse a sua explosão em mil fragmentos.

Quando os conspiradores de Minas resolveram angariar sympathias longe do foco revolucionario e enviaram *Tiradentes* ao Rio, lavraram só com isso a sua sentença; o que de facto a realidade confirmou. Um seculo antes, Minas confundir-se-ia com S. Paulo donde recebeu o primeiro alento vital, e agora estava tão distanciada dos bandeirantes e principalmente do centro portuguez, administrativo e commercial do Rio, como do paiz mais exotico do universo. Asylados no cimo das suas montanhas de que tanto se inorgulham, os mineiros so encontrariam um scho ao seu grito de liberdade fora do Brasil, ou em parte nenhuma. D'esse isolamento das velleidades nativistas já podiam illustrar-se com os exemplos de S. Paulo e Pernambuco na historia anterior.

O proprio exito da monarchia mais tarde proveiu de ser ella por si mesma uma força externa, alheia ao espirito local. Os grandes imperios historicos nascem pequenos e crescem por annexações.

O numero consideravel de poetas que figuram entre os chefes da conspiração dá-lhes um certo caracter de elevação intellectual e theorica que em outras revoluções practicas, fica apenas subentendida; mas mostra que não podiam aspirar a outro papel que o de precursores. Tão altos exemplos nunca desapparecem sem deixar um grande proselytismo e pode-se dizer que desde a conjuração de Minas nenhum *homem intellectual* do Brasil podera estar jámais obrigado ao lealismo portuguez. O prestigio dos inconfidentes dissipou o ultimo trabalho dos preconceitos e quebrou, ao menos para os espiritos, as cadeias da escravidão colonial. Para um espirito vidente d'essa ge-

ração o Brasil estava condemnado; a nau que navegára tres seculos batera agora nos cachopos. Só um milagre da historia poderia salval-a do naufragio.

Talvez que aos espiritos cultos dos inconfidentes menos que o medo occorresse a imagem da catastrophe que preparavam, quando subjugados e presos voltaram do sonho á dura realidade De Alves Maciel diz o seu confessor. «Feliz queda comtudo! converteu os horrores da prisão em puras satisfações... Era um Paulo persuadindo aos demais...»

«Quem deixará de entrever nos peitos d'esses homens as abrasadoras chammas da revolução, quando os seus suspiros são tão energicos!» Todos se confessam perdidos, mas pela loucura e precipitação de juizo; soldados que a fatalidade tornara generaes inhabeis. Habituados ás suas victorias no Parnaso, confundiam o applauso com a solidariedade e os comparsas do jubilo com os cumplices da perigosa façanha.

São todos ardorosos, inconsequentes ou arrebatados. Só por excepção, Claudio Manoel da Costa, um erudito e suave poeta a modo de Petrarca, é de genio sombrio e melancolico e sem esperar o desfecho da tragedia, suicida-se na prisão.

Tendo bebido no seio da cultura universal sabiam que as horas da escravidão da America estavam contadas; mas esta só generalisação philosophica não bastava para levantar o exercito libertador. Todas as forças militares de que dispunham eram a da cavallaria cujo commandante o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade mais se distinguia pela «candura e illimitada condescendencia» do que pelo enthusiasmo da idéa nova; para o triumpho julga elle indispensavel alliciar novos contingentes. Tudo estava preparado quando muito para um tumulto que um acto de força ou uma concessão prudente da autoridade poderia annular. Com tal insufficiencia a mais justa das rebelliões é sempre um crime. 16

3.

Conspiração mineira.

Dos meiados do seculo XVIII por diante começou a decahir a industria da mineração; erros economicos e falsas especulações trouxeram cedo a ruina. Muitos dos mineiros entregaram-se então á agricultura e a maior parte á criação do gado, onde os lucros, pequenos embora, eram seguros e sem sobresaltos.

A' antiga *Villa Rica* começou o povo de então, por escarneo, a chamar de *Villa Pobre*. O rendimento do ouro era insignificante e de ha muito não se attingia o *minimum* que a corôa exigia, e que eram cem arrobas annuaes.

Mandou, pois, o governo lançar a *derrama,* isto é, a cobrança dos atrazados e que attingia já uma somma avultadissima. As condições materiaes e moraes da população não a faziam preparadas para supportar esse grande vexame; e antes, na previsão d'elle, sonhava ella libertar-se da dependencia em que viviam.

Essa dependencia já não tinha grandes laços; não eram os povos das minas, na maior parte naturaes do solo, por direito natural sujeitos á fidelidade que não sentiam e nem tão ineptos que não conhecessem os

grandes movimentos de liberdade d'esse tempo que prepararam a queda da sociedade antiga e haviam já emancipado a America do Norte da tutela colonial.

Homens doutos e illustrados, tanto como os da metropole, viviam em Minas, e taes eram os jurisconsultos, medicos e poetas, Thomaz Antonio Gonzaga, o auctor de *Marilia de Dirceu*, Claudio Manoel da Costa, Ignacio J. de Alvarenga, alguns padres e varios militares, mesmo de altos postos, que sympathisavam com as idéas revolucionarias que agitavam o mundo.

Combinaram, pois, em levantar o jugo oppressivo e declarar livre a terra onde nasceram (1789).

A conjuração foi encontrando adeptos um pouco por toda a parte, e sobre tudo entre aquelles que temiam a *derrama* do ouro, proxima a ser cobrada. A alma da propaganda foi o alferes de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha originada da sua profissão, o *Tiradentes*, homem de espirito religioso, de grande coragem e de nobilissimo caracter, mas (tão engalanado andava de seus planos) o mais indiscreto de todos.

A revolução, é certo, contava elementos preciosos para o bom exito, mas revelava nas suas traças, mais as qualidades philosophicas e litterarias do que practicas dos seus auctores.

Haviam já discutido a divisa *Libertas quae sera tamen* (liberdade ainda que tardia) e a bandeira onde figurava um triangulo, symbolo da SS. Trindade, da devoção especial de

Tiradentes, e planejavam já muitas leis e reformas liberaes.

A infamia ou o egoismo de um conjurado, pela delação, perdeu a todos O Visconde de Barbacena, então governador de Minas Geraes, preveniu ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos de que deveria andar pelo Rio de Janeiro em propaganda da revolução o alferes *Tiradentes*, que foi effectivamente preso e, com elle, successivamente, os outros conspiradores.

Aberta a devassa e installada a alçada depois de longo e moroso processo foram julgados os culpados, cujos chefes foram condemnados á morte.

A rainha D. Maria I, por um acto de clemencia, commutou as penas de quasi todos em exterminio para a Africa, e só um, o *Tiradentes*, subiu ao patibulo (21 de Abril de 1792) com grande serenidade e nobresa de animo.

Houve grande excesso n'este castigo: O proprio vice-rei, o Conde de Rezende (ao tempo da execução do *Tiradentes*) reprehendeu ao governador de Minas pelo numero excessivo de prisões d'essa inconfideucia; e naturalmente o excesso de zelo proprio das auctoridades arbitrarias, levava a traduzir o descontentamento ou a opposição ao governo como signal de crime execravel.

Um dos conjurados, Claudio Manoel da Costa, legista e poeta notavel, antes de conhecer a sentença, suicidara-se na prisão. Quasi todos se arrependeram amargamente do passo que haviam dado; só o *Tiradentes* sorrio ao saber que não arrastava ao cadafalso

os seus companheiros, e confortado na religião, em que era profunda a sua fé, conformou-se serenamente com o fatal destino.

Foi a sua descendencia infamada e o corpo do *martyr* esquartejado; e os pedaços d'elle collocados em postes pelas estradas da capitania, attestavam aos vassalos o premio da rebeldia. Um dos espiritos leaes ao throno, escreveu que taes castigos ensinavam a aborrecer a culpa que expunha os homens a perder tudo. A lição porém nada teve de proveitosa; e o mártyr *Tiradentes* contribuiu para perpetuar na memoria publica mais a esperança do que o horror da liberdade.

4.

A execução do Tiradentes.

No dia 19 de abril entrava na cadeia publica do Rio de Janeiro, rodeado de outros ministros da justiça, o desembargador Francisco Alves da Rocha para lêr a sentença aos réos que desde a noite da vespera haviam sido transferidos de varios segredos da cidade para a sala chamada do *Oratorio*. Eram onze os criminosos que alli esperavam algemados e cercados de força embalada, a ultima palavra de seus destinos.

A leitura da sentença erudita e cheia de citações durou duas longas horas; ao cabo d'ella eram todos os infames condemnados á forca e a alguns cabia ainda mais o horror

de insepultos e esquartejados servirem os seus membros espetados em postes de padrão da execravel perfidia.

Quando o desembargador se retirou, diz uma testemunha do acontecimento, viu-se representar a scena mais tragica que se podia imaginar. Mutuamente pediram perdão e o deram; porem cada um fazia imputar a sua infelicidade ao excessivo depoimento do outro. Como tinham estado tres annos incommunicaveis, era n'elles mais violento o desejo de falar que a paixão que a tal sentença cavaria nos cansados corações. N'esta liberdade de falarem e de se accusarem mutuamente estiveram quatro horas; mas quando se lhes pozeram os grilhões e manietados viram-se obrigados a deitar-se, por menos incommoda posição, abateram-se-lhes os espiritos e entraram então a meditar sobre o abysmo da sua sorte.

Dentro em pouco, porém, um raio de esperança illuminou-lhes a torva existencia. O mesmo ministro que lera a rude sentença veio horas depois annunciar a clemencia da rainha que aos conjurados, excepto Tiradentes, poupava o supplicio da morte. Então foram grandes os extremos da alegria e com aquella inesperada piedade sentiram-se rejuvenecer.

Tiradentes tambem, conforme o seu coração bem formado e leal, participou d'esses transportes e dizia que só elle em verdade devia ser a victima da lei e que morria jubiloso por não levar apoz si tantos infelizes que desencaminhara.

Tiradentes era um espirito grandemente forte e na religião achou mais largo e substancioso conforto do que os outros companheiros de espirito leviano ou inconsiderado.

Na manhã de 21 de Abril entrou na sua cella o algoz para vestir-lhe a alva e ao despir-se dizia o martyr que o seu «Redemptor morrera por elle tambem nú.»

A cidade estava apparelhada como para uma grande festa em honra á divindade do governo supremo. Aos sons marciaes das fanfarras sairam de todos os quarteis os regi-

mentos da guarnição, luzidios, com os uniformes maiores: seis regimentos e duas companhias de cavallaria que em tropel corriam a cidade, guardada agora momentaneameate pelos auxiliares. No campo da Lampadosa erguia-se o lugubre patibulo, alto, sobre vinte degraos, destinado ao memoravel exemplo.

Na frente da cadeia publica organisou-se a procissão em acto declarado funebre, com a Irmandade da Misericordia e a sua collegiada, e o esquadrão de cavalleiros da guarda do Vice-Rei. Saiu o rèo que foi posto entre os religiosos que iam para confortal-o e o clero e as irmandades, guardados pela cavallaria.

Tiradentes tinha «as faces abrasadas», caminhava appressado e intrepido e monologava com o crucifixo que trazia á mão e á altura dos olhos. Nunca se vira tanta constancia e tamanha consolação!

Ao prestito juntou-se a turba dos curiosos, e avolumando a multidão era mister que de vez em quando dous cavalleiros a destroçassem.

Pelas 11 horas do dia que fora de sol descoberto e ardente, entrou na larga praça por um dos angulos, que faziam os regimentos postados em triangulo, o réo com todo o acompanhamento. Subiu «ligeiramente» os degráos, sem desviar os olhos do santo Crucifixo que trazia e serenamente pediu ao carrasco que não demorasse, e abreviasse o supplicio. O guardião do convento de Santo Antonio, imprudentemente, por mal entendida caridade ou por não saber conter talvez o seu zelo demasiado, tomou a palavra admoestando a curiosidade do povo sem todavia esquecer o elogio da clemencia real.

Depois do *crédo*, a um fremito de angustia da multidão, viu-se cair suspenso das traves o cadaver do martyr.

Foi profunda a impressão no povo, que apertado e numerosissimo em todo o campo, abalara para ver o abominavel espectaculo. As janellas apinhavam-se de gente e nas ruas e praças era impossivel o movimento. As pessôas mais

delicadas, com tudo, haviam desde a vespera, abandonado a cidade para não testemunharem a execução.

Após o supplicio, um dos religiosos falou tomando o thema do Ecclesiastes: *In cogitatione tua regi ne detrahas... quia aves coeli portabunt vocem tuam.* Não atraiçoes a teu rei nem por pensamentos: as mesmas aves levar-te-iam o sentido d'elles.

VIII

O ABSOLUTISMO E A REVOLUÇAO

Republica e Constituição

1808 - 1817 - 1820

1

Refugio de D. João VI no Brasil.

Difficil e sombria era a situação dos negocios politicos em Portugal no principio do seculo; erros, imprevidencias e hesitações tinham conduzido o paiz a extraordinaria crise que as desgraças domesticas do Rei ainda avolumavam, tornando-o alheio, apathico e indifferente ao governo do Estado, principalmente depois da conspiração de fidalgos e ecclesiasticos, que cercavam a leviana esposa de D. João.

Quando Napoleão decretou o bloqueio continental contra a Inglaterra, a esta alliou-se em fim Portugal, depois de vacillações pouco dignas, e caiu assim no odio do grande despota que fez decretar pelo *Moniteur*, orgão official, a deposição da casa de Bragança.

Quando esta noticia chegara ao reino, já as tropas francezas, de marcha forçada atravez da Hespanha, penetravam em Portugal.

Seria loucura pensar em resistir, quando tudo estava desorganisado e sem recursos. Foi visto o Rei chorando em segredo, no intimo dos seus paços, quando se viu coagido a fugir

aceitando o conselho do ministro inglez, lord Strangford.

E quando já os tambores francezes acordavam os echos da terra portugueza, D. João dizia adeuses ao povo, que no caes de Belem se apinhava saudando entre lagrimas o soberano que partia.

A rainha indignada fez grande escandalo, reluctando em altos gritos, e já no caes, a embarcar na galeota.

Muitos portuguezes celebraram então com desvanecimento esse lampejo de patriotismo em pessoa tão falha de virtudes.

A frota real composta de umas vinte náos e muitas outras mercantes, velejou do Tejo a 29 de Novembro. N'ella vinham grande numero de fidalgos, funccionarios e familias que emigravam, e tambem as riquezas dos palacios reaes, que foi possivel transportar ; e ainda não tinha perdido de vista a terra, quando Junot penetrava em Lisboa e, tomando rapidamente conta da cidade e das fortalezas, aprisionava á bala alguns navios mercantes que iam atrazados, nas aguas da esquadra.

Batida pela tempestade, a frota se dividiu em duas e aquella em que vinha o rei tocou primeiramente na Bahia, a 21 de Janeiro de 1808.

Era a primeira vez que um rei do antigo mundo pisava o solo da America. O povo da Bahia recebeu com grande jubilo os altissimos hospedes, e por um momento pensou que á primitiva capital da colonia caberia agora a primazia da séde do novo reino.

D. João VI, porém, preferiu estabelecer-

se no Rio, onde veiu a chegar a 7 de Março.

Ainda na Bahia, e a conselho de José da Silva Lisboa (Visconde de Cayrú), por uma Carta regia abriu os portos do Brasil ao commercio universal, abolindo assim o odioso monopolio da colonia.

No Rio (1 de Abril de 1808), levantou a prohibição que pesava sobre as industrias, declarando-as livres.

Acabava assim e instantaneamente, o regimen eolonial no que tinha talvez de mais odioso. Um facto da historia europea, a que pareciamos alheios, abria-nos a porta da emancipação politica tão heroicamente pelejada e desejada e sem os inconvenientes e a incerta fortuna das revoluções.

A presença da familia real com todo o seu numeroso sequito em parte inutil e parasitario augmentando de subito a população tornou necessarias expropriações de predios para agazalhar todos os hospedes, o que não deixou de excitar justas reclamações.

Mas que valor podiam ter ellas diante dos grandes beneficios realisados? A separação politica do Brasil ainda que ephemera no sentido da lei, era-o já definitiva no sentido dos factos, porque não só a familia real deixou de regressar no tempo devido como não foi mais possivel restabeler o monopolio e as leis do regimen antigo. (1)

---

(1) De facto a separação do Brasil durou emqnanto Portugal esteve sob o dominio francez (30 nov. 1807 - 30 agosto 1808); mas a independencia de Portugal só foi reconhecida definitivamente na Paz geral de Paris, (1814); mais ainda, n'essa occasião D. João VI recusou voltar para voltar para Portugal e fez-se representar por um governo em Lisboa, e longe de annular as leis da liberdade commercial e outras já

Tomou assim o Brasil um impulso extraordinario e excepcional; fabricas e officinas abriram-se ao labor, e o commercio tornou-se livre favorecendo o trabalho e a fortuna e em grande numero os estrangeiros começaram desde então a affluir para as nossas cidades maritimas.

Procura-se corrigir, quanto possivel, os desmandos, arbitrariedades e corrupções dos governadores e seus subalternos, fiscalisados pela auctoridade soberana agora presente. Diminuem os inconvenientes da distancia entre o rei e os vassallos e aquelle sobretudo que era confirmado outr'ora pelo Conselho Ultramarino quando dizia que a dilação indispensavel para informar no Brasil quaesquer negocios era pelo menos de dous annos. Para sahir-se, por exemplo, do Brasil era preciso gastar todo esse tempo em tirar e legalisar o passaporte; e, como no tempo de Thomé de Souza, não eram raros os despachos para pessoas já mortas e enterradas.

O Rio de Janeiro, séde da monarchia, foi provido de grandes instituições magnificas: os bancos e as escolas de medicina, da marinha, de Bellas Artes, a rica *Bibliotheca real*, o esplendido *Jardim Botanico* e outras numerosas creações. Com a *Impressão regia* começou a imprensa e o jornalismo que d'ahi a poucos annos será a alavanca das agitações revolucionarias da politica.

---

decretadas ainda mais as ampliou em 1814 e 1815, com grande desgosto dos portuguezes do reino. Os unicos monopolios conservados nunca tiveram grande valor, o do *pau brasil* e o dos *diamantes* (até 1832). Em Carta de Lei de 1815 declarou officialmente o Brasil "Reino do Brasil".

A prodigalidade era grande e a dispensa ou *ucharia* da côrte de que se mantinha a turba innumeravel dos criados consumia, só ella, seis milhões de cruzados. (1)

O principe D. João, cuja educação fora descurada por não se suppor que viesse n'elle recair a corôa, admirava-se de ver que existiam no Brasil homens de merito, e valor, artistas e sabios cujos serviços, sem sombra de mesquinhos preconceitos, aproveitou e exaltou; e era natural n'elle esse sentimento de bondade e amorosa sympathia que, com certo atilamento natural, lhe suppriam as deficiencias de cultura do espirito.

Expellido de Portugal pelos francezes, logo á chegada «levantando a voz do novo imperio que vinha crear» declarou guerra aos invasores da sua patria e em feliz expedição contra Cayenna commandada por Manoel Marques conquistou e annexou a Guyana franceza cujo governador Victor Hugues capitulou entregando a praça e embarcando com a guarnição (1809). (2)

2.

Reacção do absolutismo.

Se vindo para o Brasil D. João VI nos trouxe o inestimavel premio da autonomia, embora ainda sob as formas do absolutismo, entretanto não haviam na mesquinheza do

(1) Reduzido ao valor de hoje, 16 milhares de contos.

(2) A Guyana franceza depois de oito annos foi restituida a Luiz XVIII em 1817.

seu espirito dotes sufficientes para crear como logo disse «um novo imperio». Desmazelado, futil e collocando vulgares diversões acima dos encargos do governo, ignorante da nova situação que a sua falta de heroismo lhe creára, tendo preferido servir aos interesses inglezes que coincidiam com a poltroneria propria, a succumbir com a patria, aqui chegando no ambiente da America ainda mais olvidou a dignidade de sua posição.

Foi elle entre nós o que desmoralisou a instituição monarchica, suppondo infiltrar-lhe o alento democratico que já na Europa começava a temperar as realesas rudes e guerreiras do outro tempo. Mas sem capacidade para essa delicada adaptação comprometteu para sempre o prestigio do antigo instituto. As antigas dignidades a que estavam ligados os meritos, os serviços, a responsabilidade ou a virtude, foram logo esbanjadas entre pessoas equivocas e nullas. Tal foi o excesso d'essa liberalidade, diz Armitage, que no periodo da sua administração concedeu mais insignas honorarias do que todos os soberanos da sua dynastia conjunctamente.

Honras e dignidades monarchicas, com a perda do sentimento da hierarchia e do merito, tornaram-se logo ridiculos no ridiculo dos seus indignos possuidores. Os bajuladores e favoritos, e a numerosa comitiva do rei, aos milhares, sem trabalho aquinhoaram-se em empregos novamente creados, pela prodigalidade insensata da corte que via n'esse improviso dos personagens uma necessidade do seu culto externo. Desde logo, com tão perverso officialismo que se derramou pelas capitanias, renasceu com extranho vigor a antiga corrupção e a venalidade dos magistrados e funccionarios e parecia-se voltar áquelle tempo em que Frei Manoel do Salvador dizia serem quatro caixas de assucar as bastantes para vergar a vara da justiça. E assim escoaram por um lado as vantagens que por outro tinham vindo da emancipação colonial, e não seria temerario affirmar que apenas os abusos da metro-

pole mudara agora os seus arraiaes para mais perto. Para ennegrecer mais esse quadro punham os desgostos intimos da familia real o sello de desdouro immerecido no caracter puro do principe.

O trabalho da inepcia por sua vez exaggerava em hyperboles gigantescas os recursos e as bellezas do paiz, modo de cortezia propria dos *parvenus*. Tudo no Brasil de então (de 1810 a 1820) no dizer de Eschwege, rios, fabricas, estradas, civilisação dos indios, eram obras gigantescas do homem ou da natureza; os documentos officiaes estavam prenhes de mentiras e estrondosos milagres.

Milhares de pessoas alheias e indifferentes á religião ou aos deveres militares eram feitas subitamente cavalleiros de Santiago ou *commendadores* de Christo, offendendo assim o decoro da tradição, menoscabando o espirito das instituições e fazendo grande mal aos proprios agaloados, mercieiros ou rusticos que, empavesados com os novos titulos, abandonavam o trabalho util e por si ou sua descendencia encostavam-se ao orçamento.

Essa nobreza nova, muito mais odiosa e principalmente mais corrupta que a antiga, e que recahia sobretudo nos homens do commercio portuguez, contribuia ainda mais para afundar o sulco de antagonismo entre os portuguezes e os nacionaes que começavam a ver na monarchia a usurpação tradicional, que nenhuma necessidade aconselhava transplantar para o novo solo. O constitucionalismo parecia-lhes uma nova insidia e preferiam vencer a converter o antigo gentilismo politico.

Se pois os portuguezes, tardos e lentos embora, já se preparavam para a democratisação da monarchia pelo espirito do *constitucionalismo* que clareiava no horisonte, por outra parte os *mamelucos*, antiquarios das liberdades, apologistas da revolução americana e da convenção franceza, seguiam a sua corrente radical. A reforma politica dos *brancos* surgirá em 1820 com o constitucionalismo europeu; a reforma radical dos nacionaes

fará explosão em 1817; em verdade não sentem estes a necessidade de tornar progressiva a monarchia e de melhorar o alheio instrumento da sua oppressão; não hesitam em subverter a ordem para salvar o principio theorico e egualmente duvidoso acreditando que a philosophia pode crear mais solidamente que a historia.

Assim vê-se o *absolutismo* no Brasil sitiado entre dous exercitos adversarios que, embora não se alliem, nem por isso deixam de fazer separadamente, cada um a sua tarefa.

O seu dever seria reagir até quando soasse a hora da transação. E com quanto o espirito do principe fosse a negação das qualidades guerreiras, a reacção absolutista exprimiu-se contra o espirito radical em 1801 e 1817 mas com grande largueza e clemencia, e principalmente na prevenção com que procurou afastar do paiz o contagio da revolução que já abrasava a America latina e vinha, insidiosa, como outr'ora os tambores de Junot, bater ás portas de seu novo asylo.

Não podia o Governo tolerar que em Buenos-Aires, nas fronteiras, se fizesse a republica ; e preparou-se para intervir, impedil-a ou submettel-a. Não faltaram pretextos: primeiramente, as revoluções eram obras satanicas ; depois a rainha D. Carlota pretendia-se herdeira dos dominios de Carlos IV e Fernando VII aprisionados por Napoleão; e afinal sempre entre os revolucionarios haveria, como houve em Xavier Elio, um caudilho despeitado para aceitar o flagello da invasão estrangeira.

Quando se fez a republica em Montevideo, e Fernando VII recollocado no throno hespanhol reclamou na peninsula a restituição de Olivença (1814), a politica de D. João VI volveu aos braços do caudilho Elio. Dous exercitos, um por terra e outro por mar, penetram na Banda Oriental e fazendo juncção e protegidos pela esquadra, sitiam Monte-

video. A cidade capitula emfim (1817) e com ella as outras povoações da Banda Oriental. (1)

A situação da nova conquista tinha um caracter original diante do direito das gentes porque D. João VI reconhecia o direito hespanhol e classificava a guerra como de pacificação; estava nos seus propositos restituil-a á corôa de Hespanha, e nunca á hydra revolucionaria. Por outro lado, o Cabildo de Montevidéo disporá do paiz e incorporal-o-á ao Brasil com o nome de provincia Cisplatina. (2) N'essa epoca pelos soldados do exercito pacificador e outros brasileiros e aos desertores dos bandos de Artigas foram distribuidos grandes tratos das terras publicas, e assim e ainda hoje na campanha do Uruguay são numerosos os proprietarios brasileiros.

Esta guerra era antipathica ao mundo inteiro civilisado que acompanhava com enthusiasmo e sympathia o movimento libertador da America; a essa perseguição «*dos nossos irmãos do Sul*» refere-se Jefferson n'uma de suas cartas quando ao mesmo tempo se alegra com a revolução que rouba ao absolutismo europeu a capitania de Pernambuco (1817).

3.

Reacção nativista. Revolução de 1817.

A mudança da côrte portugueza para o Brasil não era de todo um facto extraordinario ou singular; eguaes planos houve no tempo

---

(1) Apenas continua a resistencia o caudilho Artigas que depois de innumeras guerrilhas ao mesmo tempo contra o Brasil e Buenos-Aires só em 1820 é internado no Paraguay.

(2) Esse nome de Cisplatina, lembrando a da Cisalpina da historia classica, soa como uma ameaça do imperio aos patriotas de Buenos Aires.

de D. João IV, e seriam postos talvez em pratica, se falhasse a obra da restauração, e houve-os ainda no tempo de Pombal, que em 1761 renovava o projecto concebido por D. Luiz da Cunha em 1736.

Para os espiritos moderados, o acontecimento que trouxe a emancipação da colonia, seria, como innegavelmente foi, uma grande conquista; para a corrente dos espiritos radicaes e da raça que ainda acalentava as tradições revolucionarias antigas, foi uma cilada. Viam estes a sua obra, peior que perdida, deturpada n'uma transacção ingloria, disfarce do antigo despotismo; nem as qualidades pacificas, nem a bonhomia democratica do principe, moderava-lhes os impetos, que antes e talvez por isso mesmo, eram mais desabridos.

A mola principal d'este antagonismo era a antipathia natural entre os *filhos do Reino* e os brasileiros, e desde o seculo XVIII o foco mais ardente dessa desavença é Pernambuco.

Esse antagonismo é em toda a parte proprio entre povos que derivam um do outro, e aqui ainda mais accentuado pela differença das raças.

Agora o velho resentimento mais se pronuncia, porque a immigração portugueza se avoluma, sobre tudo com elementos arrogantes, funccionarios, favoritos ou militares. O estado de penuria em que chegou Portugal, quando se lhe tirou o monopolio da colonia, fez varrer do solo a população semi-letrada, parasitaria ou sem emprego, que veiu para o Brasil allegando menos a escassez do que a saudade e a fidelidade ao rei; assim alcançaram.

ainda mais que no outro tempo, os empregos publicos e os logares do commercio e das industrias nascentes.

Entretanto, ao mesmo tempo, os brasileiros gozavam de muito maior liberdade e bem estar; nos portos do paiz, entregues ao commercio universal, agitavam-se com vigor novo as cidades onde outr'ora a opulencia fora impossivel ou difficil.

A revolução rebentou em Pernambuco em março de 1816, porem quasi ao acaso, porque se havia os antigos odios para alimental-a, no momento ninguem estava preparado para a empreza, e tanto menos quanto o estado da provincia era prospero e o governo d'ella estava confiado a um magistrado integro e pacifico, Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Um negociante, Domingos Martins, natural da Bahia e educado na Inglaterra, era em Pernambuco franco pregador dos principios liberaes mais exagerados e muito partidista dos officiaes pernambucanos, com os quaes se banqueteava e tratava de conspirar.

Tornou-se tão grave a situação da milicia nos primeiros mezes de 1817, que o capitão-general, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois Marquez da Praia Grande, reunio em conselho a 5 de Março os officiaes generaes portuguezes que estavam no Recife, e com elles deliberou que no dia seguinte e á mesma hora, se effectuasse a prisão de alguns militares e paisanos mais compromettidos.

Dada a situação dos espiritos, era um mal que militassem na mesma fileira officiaes portuguezes e brasileiros, mixto que

originava eterna intriga e suspeição de uns para outros. E não teve outra origem a deliberação dos generaes.

Essa resolução ia sendo executada sem difficuldade; alguns officiaes e Domingos José Martins foram presos; mas o brigadeiro Barbosa, querendo além de prender, castigar com reprehensões os officiaes suspeitos do regimento de artilharia, que elle commandava, foi morto pelo capitão João de Barros Lima, a que chamavam o *Leão Coroado,* que o atravessou com a espada, sem que algum dos officiaes se movesse para defendel-o.

Se bem que a revolta começasse pelo indigno e feio crime do assassinato, é certo que antes d'isso, por motivos futeis de jantares, entre nativistas, onde não se comiam eguarias européas, e fazia-se o elogio inflammado das idéas revolucionarias, começou a a reacção pouco justificada, sobretudo a do brigadeiro Barbosa, portuguez, insultando de *traidores!* a uma turma de officiaes brasileiros, n'uma occasião em que o antagonismo de nacionalidade era tão vivo.

O certo é que tanto terror produziram os assassinos chamando e dispondo as tropas para a revolução, como o produziu a fraqueza e cobardia do governador, recolhendo-se logo á fortaleza do Brum.

Começou então a anarchia: as cadeias arrombadas, despejaram na rua a ralé dos criminosos; diante do tumulto, que pelas suas origens e composição deveria ser precario, o governador, perdendo o animo, capitulou logo no dia seguinte, e partiu para o Rio de Janeiro.

Os revolucionarios então organisaram o governo provisorio, onde aliás havia elementos de grande capacidade intellectual senão politica, e eram: o padre João Ribeiro Pessoa, governador; o dr. José Luiz de Mendonça e Domingos Martins. Era ministro do interior o padre *Miguelinho* (Miguel Joaquim de Almeida), e commandante das armas, arbitro da situação, o capitão de artilharia Theotonio Domingos Jorge.

Depois de augmento do soldo das tropas e promoções de 2 e 3 postos dos officiaes como fazem os governos submissos aos militares, a junta revolucionaria adoptou a bandeira branca da paz, o tratamento de *vós* e aboliu ineptamente alguns impostos n'um momento em que as despezas iriam decuplicar.

Não faltara entre elles quem considerasse o exagero do motim, mas o commandante das armas logo cohibiu os mais timidos (1).

A revolução propagou-se rapidamente pela acção dos emissarios enviados ao Rio Grande do Norte, Parahyba e Alagoas, que adheriram ao movimento.

No Ceará, o emissario, o joven seminarista José Martiniano de Alencar, foi preso no Crato; ainda mais infeliz foi o emissario Padre *Roma* (José Ignacio de Abreu Lima), que ao desembarcar foi preso na Bahia, julgado por uma commissão militar e fuzilado no Campo da polvora (29 de Março de 1817), com monstruoso excesso de auctoridade do gover-

---

(1) Luiz de Mendonça, sob ameaça, teve que desdizer-se de suas opiniões, moderadas e lealistas, redigindo o primeiro impresso pernambucano, o *Preciso* onde se justificava a revolução.

nador, Conde dos Arcos, que almejava com o criminoso zelo recommendar-se ao favor do rei.

O Conde dos Arcos enviou ainda forças disciplinadas por terra, sob o commando do marechal Leite Cogominho. Foram essas tropas em sua marcha obtendo submissão e avolumando-se com voluntarios até que, depois de algumas victorias, chegaram ao Recife. Já estava a cidade bloqueiada pela esquadra de Rodrigo Lobo, que exigiu dos revolucionarios a entrega sem condições. Dous mil delles com Theotonio Jorge fugiram e foi então arvorada pelos habitantes da cidade a bandeira real.

Os chefes rebeldes procuraram disfarçados e em fuga, evitar o castigo. O padre João Ribeiro suicidou-se. Dos rebellados, Theotonio Jorge e oito dos seus companheiros subiram ao patibulo; indignado com tantas execuções, ordenadas pela commissão militar, o rei fez suspendel-as, e instituiu uma alçada civil para proseguir no processo. Mas esta, ainda mais sanguinolenta, excitou a animadversação publica e o governador de então, Luiz do Rego Barretto e o Senado da Camara do Recife representaram ao principe regente implorando a amnistia, que foi concedida no dia da coroação (6 de Fevereiro de 1818).

Se as origens da revolução foram criminosas, o termo d'ella, a acção dos realistas foi tão execravel e hedionda que bastaria para justificar a sympathia que ainda despertam as suas victimas.

4.

O Constitucionalismo.

Por tal modo se havia propagado o espirito das novas ideas que nem em Portugal nem no Brasil poderia mais manter-se o absolutismo. No Brasil naufragaria de certo ao embate dos republicanos; porque entre aquelles que melhor exprimiam o espirito nacional nenhuma transacção era desejavel entre o antigo regimen europeu e as aspirações americanas.

A revolução constitucional é, pois, de origem portugueza. Em Portugal, governava em nome do rei o marechal Beresford, que estava ausente e no Rio, quando a agitação popular do Porto e de Lisboa, em 1820, reclamava o regimen da constituição, a exemplo do que se vira succeder na Hespanha; com isso não queriam mais que reviver o costume antigo das côrtes que para mais de um seculo (1698) não se tinham mais convocado e reunido, com grande prejuizo das liberdades publicas e excessivo proveito do absolutismo. O marechal Beresford voltando a Lisboa teve que reembarcar encontrando o governo já nas mãos de uma *Junta Provisoria* que logo convocou as côrtes dos tres estados, clero, nobresa e representantes das cidades, para formular a Constituição.

Ao chegar a noticia ao Brasil, por toda a parte a impressão foi profunda. D. João VI em cuja vida não faltavam desgostos e temores de conspirações no lar e na praça publica, não fazia senão relembrar a situação miseravel de Luiz XVI que parecia egual á sua.

O movimento era por sua natureza irresistivel.

No Brasil, as tropas portuguezas adheriram. logo ás

ideas da revolução patria, primeiramente no Pará (1 de Janeiro de 1821). Na Bahia, a tropa e o povo coagiram o governador, Conde de Palma, a abdicar, e constituiram uma Junta provisoria (10 de Fevereiro de 1821); em Pernambuco a população, por temperamento e tradição, nativista, conservou-se indifferente á revolução portugueza, deixando o absolutismo entregue aos seus proprios destinos.

No Rio de Janeiro, porém, os acontecimentos tomaram maior significação. Logo ás primeiras noticias, o governo de D. João VI procurou contemporisar, sem deixar de dar por illegal a convocação das côrtes e resolver enviar a Portugal o principe D. Pedro «para restabelecer as reformas e melhoramentos e leis que deviam consolidar a constituição portugueza.» A resolução e decreto não agradou ás tropas portuguezas sympathicas á revolução do reino e varios officiaes da guarnição resolveram de accordo com um advogado conhecido, Macamboa, levantar-se em sedição militar e proclamar desde logo a constituição «tal como as côrtes a viessem decretar». As tropas reuniram-se no largo do Rocio em attitude hostil e com ellas veiu parlamentar D. Pedro que afinal trouxe da quinta de S. Christovão um decreto real (com pouca lisura antidatado) em que D. João protestava aceitar e fazer cumprir a constituição da Junta revolucionaria de Lisboa.

Logo em seguida no meio de applausos enthusiasticos foi pedida a presença do Rei que, atemorisado quando no meio da plebe, julgou chegado o seu ultimo momento; e dizem que desmaiou ao vêr alguns pretos exaltados desatrellarem os animaes da sua carruagem para se substituirem á alimaria. Foi a constituição jurada emfim pelo rei, pelos principes e pelos militares, quasi na praça publica ao alarido anarchico de todas as vozes.

Com a submissão do Governo real foram logo as novas instituições acclamadas por toda a parte; e ao aceno das novas concessões á liberdade da opinião, surgiu a imprensa

com seus jornaes *Aurora*, *Cegarega*, *Conciliador* e *Palmatoria*, em Pernambuco os dous primeiros e os dous ultimos no Maranhão. Entretanto o unico jornal brasileiro independente da censura era o *Correio Braziliense* que se publicava em Londres, e exercia grande prestigio no mundo dos politicos.

Os liberaes portuguezes que o Brasil tão açodadamente auxiliára, não nos tinham sympathia alguma; ao contrario as côrtes portuguezas reconhecendo o descalabro e penuria do paiz aggravados com a separação do Brasil e a perda do monopolio, visavam fazer só a liberdade para si proprios, e restabelecer a odiosa oppressão para nós outros. Assim uma das suas primeiras indicações é que volte para Lisboa a familia real. Era um desejo da Inglaterra, e por motivos egoisticos e ainda mais inconfessaveis era-o de uns poucos portuguezes que residiam no Brasil, sobré tudo os officiaes e militares que ainda havia pouco obtinham a adhesão de brasileiros de boa fé

O novo ministro Silvestre Pinheiro era contra a ida do soberano e pela do principe D. Pedro. O conde de Palmella que já estudava as suas attitudes aristocraticas de Lord na futura camara alta e o ministro inglez no Rio aconselhavam a ida do Rei, conforme o voto das côrtes.

No dia 7 de Março annunciava el-Rei a intenção de regressar ao reino e egualmente ordenava que se procedesse ás eleições de deputados ás côrtes de Lisboa. Não se conhecia ainda processo regular de eleições e adoptou-se o da constituição hespanhola, segundo a qual a escolha se fazia por muitos gráos differentes: o povo elegia commissarios; estes, os eleitores parochiaes que escolhiam os da provincia; afinal os eleitores provinciaes nomeavam os deputados. Este systema em paizes como o Brasil provam como provaram; bons resultados, ás vezes superiores aos pretendidos liberalismos.

No Rio, feitas as eleições parochiaes, o Ouvidor convidou os eleitores para uma reunião em que devia annun-

ciar-lhes a regencia de D. Pedro no lugar do soberano que devia partir: a inutil reunião teve lugar no edificio da Praça do Commercio e foi tumultuosa, parecendo mesmo que agentes secretos tinham n'ella penetrado para fomentar a anarchia; não havendo ainda a practica e sciencia da esphera propria d'essas assembléas, começou-se ahi a deliberar e a decretar por acclamação medidas extemporaneas e incompetentes a respeito dos interesses nacionaes e da pessoa do soberano. Intimou-se o commandante das fortalezas para comparecer e declarar que se opporia á partida do Rei, e na previsão de que as côrtes portuguezas preparassem qualquer cilada ao Brasil, decretou-se a adopção integral e immediata da constituição hespanhola.

O rei ao qual se dirigiram os procuradores da anarchica assemblea accedeu medrosamente a tudo quanto d'elle exigiram.

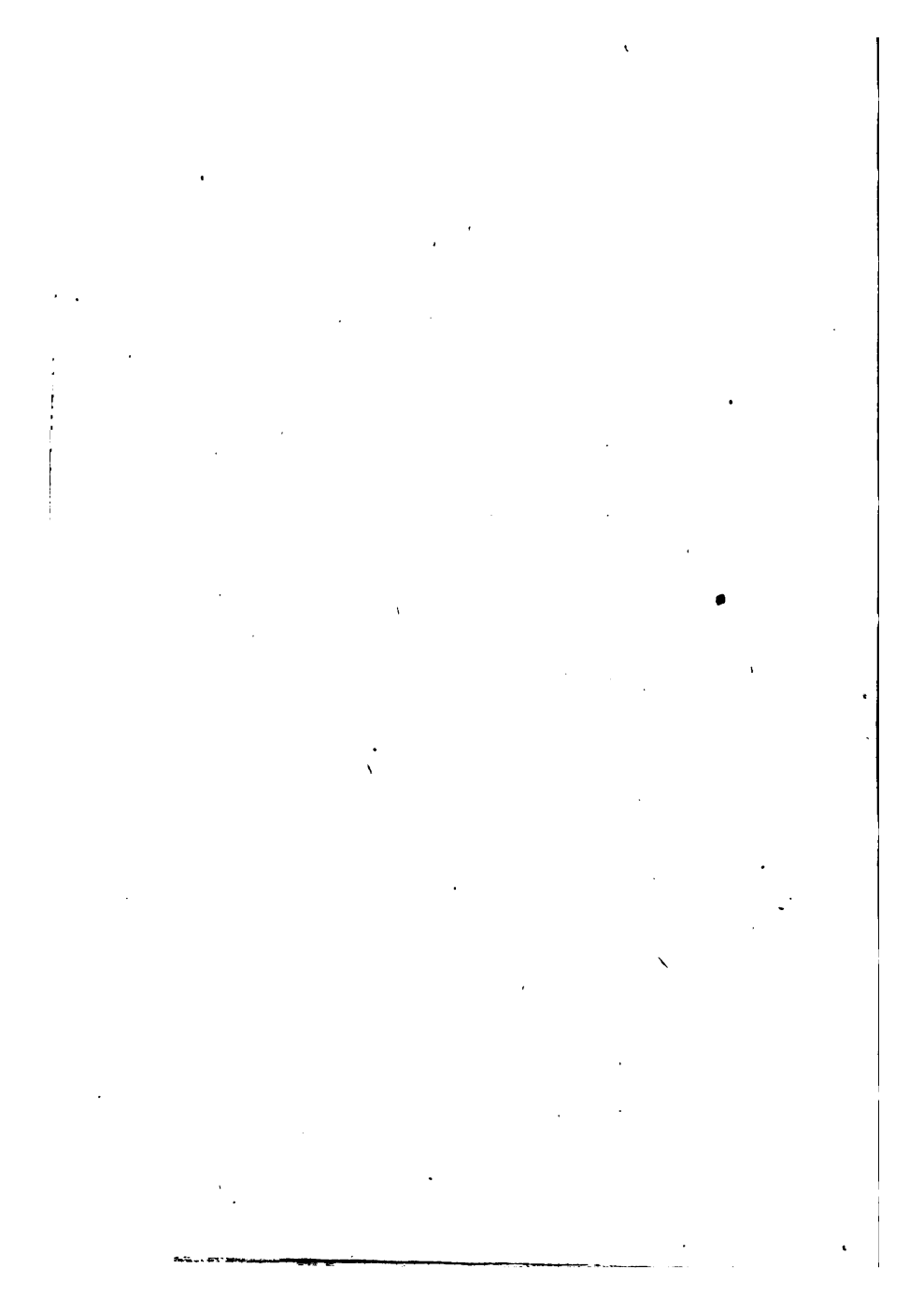
Ao sabel-o, as tropas auxiliares portuguezas reuniram-se no Rocio. E, traiçoeiramente, ás 3 horas da madrugada depois de subita descarga de mosqueteria contra o edificio da Bolsa, assaltam e dispersam a assemblea a ponta de bayoneta. Mais de vinte dos eleitores foram feridos, e tres foram mortos (1).

Grande depressão do animo publico produziu este acto de força e aproveitando-se d'ella D. João annullou quanto havia promettido na vespera embarcando com a familia. Ficava D. Pedro regente do governo do Brasil; a experiencia de tantas agitações politicas bem mostrava ao velho rei que a joia do Brasil com facilidade poderia escapar á corôa dos Braganças e foi com esse pensamento que ao despedir-se do filho disse-lhe as palavras que a tradição

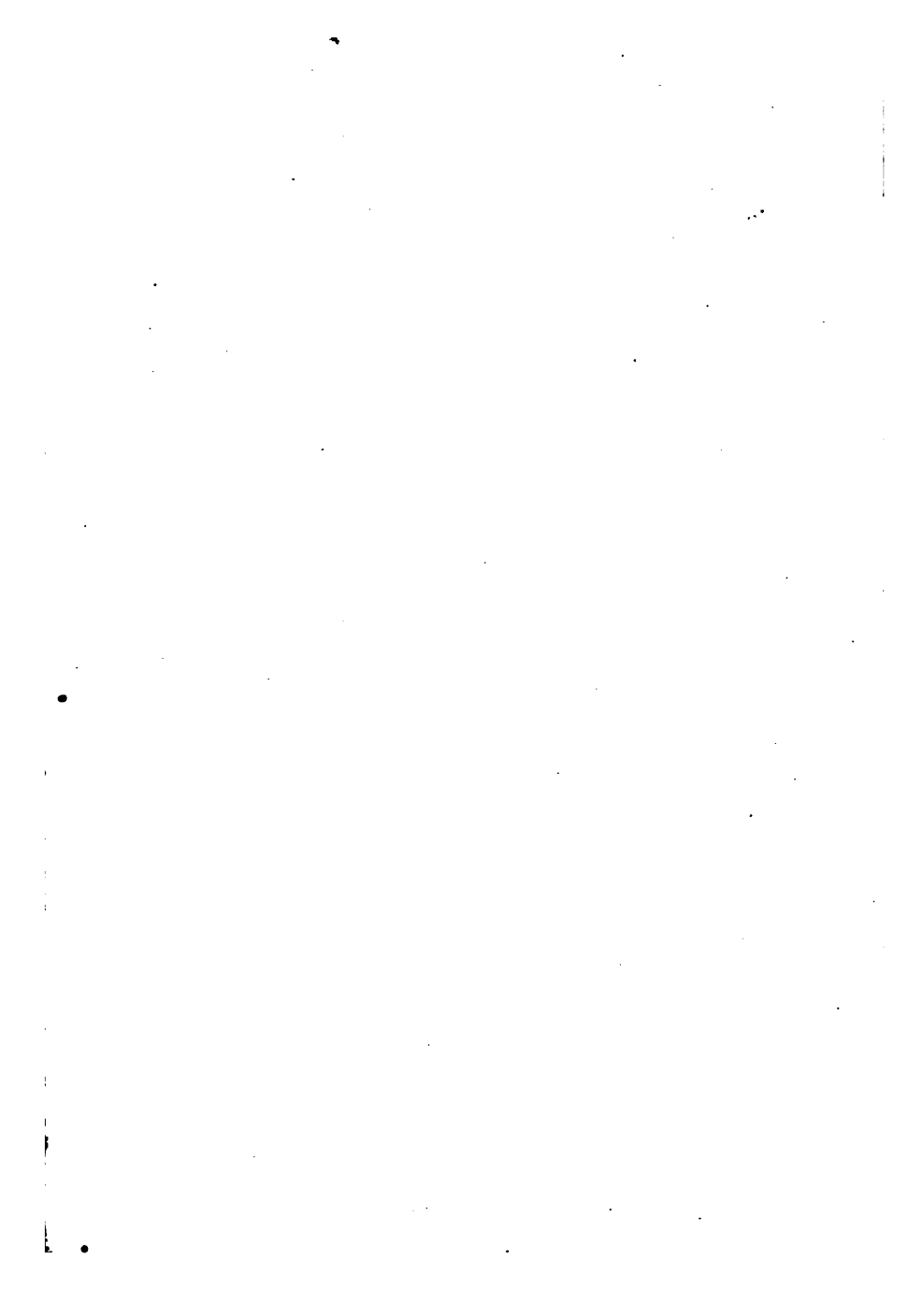
(1) Attribue-se esta carnificina a manejo de D. Pedro e seu favorito Conde dos Arcos que queriam o regresso de D. João para subirem ao poder; tambem por analogo motivo se attribue a presença de agentes secretos na assemblea a D. João que não queria voltar para Lisboa. Armitage, I, 33.

conservou: — *Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; se assim fôr, põe a coroa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão d'ella.*

Assim pois consummava-se a revolução constitucional portugueza cujos primordios, como os da republicana de Pernambuco, datam de 1817. Alguns officiaes e civis tinham conspirado em Lisboa para depôr Beresford, fazer regressar o Rei, e expulsar da guarnição alguns officiaes inglezes; d'essa conspiração Gomes Freire d'Andrade, de prosapia illustre na historia do Brasil, era sabedor sem ser cumplice; foram todos denunciados, presos e mortos com arbitrarias irregularidades nas sentenças que nem tiveram a sancção regia e não passaram de ignominiosos assassinatos.

Não impediu o terror que tres annos mais tarde a revolução portuense entrasse victoriosa em Lisboa.

IX

O IMPERIO

Progresso da democracia.
1822-1831-1888-1889

D. PEDRO I

JOSÉ BONIFACIO

1.

A Independencia.

Depois da partida de D. Joao VI, abriu-se o periodo das agitações politicas que deviam acabar na separação do Brasil. De facto, as côrtes portuguezas, com uma maioria de 130 deputados contra 70, numero nunca completo, de brasileiros, proseguia no seu plano de *recolonisação* do Brasil, e para essa obra de oppressão contava ainda com as tropas auxiliares, os funccionarios e a maioria de portuguezes residentes na America; suspeitando, e não sem fundamento, que o principe D. Pedro favorecia as aspirações liberaes dos brasileiros, não deixaram de hostilisar a sua politica, arrancando-lhe todos os recursos e desmoralisando-lhe o prestigio, fazendo depender todas as provincias directamente de Lisboa, e reduzindo-o assim a simples capitão-mór do Rio de Janeiro.

Por outro lado, o Brasil não estando ainda preparado para tão subita regeneração, dividia-se em partidos e não podia ter a consciencia exacta da revolução que se ia fazen-

do ; uma destas divisões era naturalmente mais profunda e punha em partes contrarias e antagonicas os portuguezes e os brasileiros.

Era lamentavel esta scissão, porque a menos os naturaes podessem fazer a republica, a solução da independencia com um principe portuguez envolvia a conciliação das duas raças e a necessidade de esquecer o odioso antagonismo.

O principe D. Pedro foi o orgão mais precipuo e efficaz d'essa difficil conciliação; e inclinado ao apoio do povo, de preferencia ao das tropas auxiliares, cuja indisciplina já o havia maguado, coagindo-o a jurar as bases da constituição (5 de Junho), tambem elle, como o Brasil, era a victima do mesquinho despotismo das Côrtes.

Em Lisboa, deputados brasileiros (entre os quaes se distinguiam Antonio Carlos, Villela Barbosa, Feijó, Araujo Lima, Vergueiro) fatigados de enfrentar o abuso, desmoralisados pela populaça, viram-se coagidos a emigrar para a Inglaterra. As Côrtes declaravam independentes os governos provinciaes, aboliam os tribunaes do Rio, e ordenavam ao principe que regressasse á Europa, *para viajar e aprimorar a educação.*

Com essas medidas, o Brasil, sem governo geral nem tribunaes importantes, guardado por forças portuguezas, retrogradava quasi á epoca do descobrimento Por toda a parte pois se conspirou; as maçonarias, as sociedades secretas e um periodico, o *Reverbero,* occulta ou abertamente ousaram pugnar ao menos pela emancipação administrativa do paiz.

Moções dos partidos, das Camaras e de governos provinciaes (e entre esses a junta provisoria de S. Paulo, de que fazia parte José Bonifacio) chegavam ao principe que ainda prestando apoio ao rei e à constituição por sentimento cavalheiresco e leal, que lhe era proprio, hesitava dar o grande golpe.

No Rio, porém, era impossivel conter o trabalho já realisado com tão seguros elementos. Uma representação assignada por oito mil patriotas foi levada ao principe pelo Senado da Camara e com grande acompanhamento de povo.

José Clemente Pereira, portuguez sympathico ás novas aspirações e presidente daquella corporação, foi encarregado de entregar a mensagem ao principe, de quem recolheu a resposta, que transmittiu ao povo que a esperava: "Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico."

"A resposta do principe, diz um dos nossos historiadores, foi uma desobediencia formal ás côrtes portuguezas, uma alliança firmada com os brasileiros, e portanto a primeira palavra da proxima independencia".

Avilez, commandante da *divisão auxiliadora*, fez logo constar a sua demissão; antes porém que ella se verificasse, os dous mil homens dessa divisão, sahindo de quarteis, (11 de Janeiro de 1822) occuparam o morro do Castello, que domina a cidade.

A' ameaça corresponderam os brasileiros com os milicianos, patriotas e tropas brasileiras, que, pegando em armas, reuniram-se a postos no Campo de Sant'Anna. A conflagração ia tornar-se inevitavel; mas Jorge de Avilez

comprehendendo a responsabilidade da irreflectida ousadia, obedeceu em fim á intimação do principe e capitulou (13 de Janeiro), transportando-se com seus batalhões para o lado fronteiro da bahia, até que lhe fosse possivel embarcar para a metropole.

N'esse dia mesmo da victoria chegava ao Rio José Bonifacio, cuja fama nas sciencias e nas lettras agora se augmentava com a aureola do patriotismo, e foi feito ministro do reino e de estrangeiros.

Subjugada no Rio a *divisão auxiliadora* que era o apoio material dos recolonisadores, póde-se datar de 12 de Janeiro o triumpho da revolução emancipadora; e os seus heroes foram José Clemente, os redactores do *Reverbéro*, Gonçalves Ledo, Januario Barbosa e o franciscano Fr. Sampaio.

D'aqui em diante começa a acção constructora de José Bonifacio, que alarga e amplifica o triumpho obtido, mas na verdade não sem immoderação e imprudencia.

Convoca (16 de Fevereiro) os procuradores provinciaes para collaborar nas reformas, decreta que nenhuma lei portugueza será effectiva sem o *cumpra-se* do Principe regente; aconselha ao principe a viagem a Minas, onde a sua presença excita a sympathia e os applausos dos mineiros, pondo termo ás desordens do partido retrogrado.

O senado da Camara, indo mais longe, offerecia a D. Pedro o titulo de *Defensor Perpetuo* e pedia-lhe a convocação de uma constituinte brasileira.

O governo iniciou a lucta contra a reacção portugueza, que tinha o seu mais forte quar-

tel na Bahia, onde o general Madeira dominava as fortalèzas e a cidade. Contra elle é mandado o general Labatut; a lucta será longa e só terminara em 1823.

Outra viagem fez o principe a S. Paulo e com identicos intuitos de pacificação, que conseguiu realisar.

Foi justamente na sua volta para o Rio, quando recebendo despachos de Lisboa, a sua irritação chegou ao auge, e então, nas margens do Ipiranga onde estava, alçou o grito resoluto de: «*Independencia ou Morte!*». (7 de Setembro de 1822).

2.

A Constituinte

A' falta de outra que tenha exterioridades mais significativas, os brasileiros tomaram a data de 7 de setembro como a da independencia politica. Foi tão precipitada a marcha da revolução aqui quanto o foi a serie de reacções retrogradas das Cortes de Lisboa; mas a distancia que medeia entre o Rio e Lisboa punha grande morosidade n'esse memoravel dialogo, e em nenhum d'esses pontos se esperava a deixa do outro. Em verdade, o 7 de setembro não se traduz por acto official algum e delle quasi não ha noticia completa e pertence á historia anecdotica do principe; mas esse rasgo de impaciencia tem grande propagação; a divisa portugueza que o principe rasgava no Ipiranga é substituida pela das côres nacionaes, verde e amarella, com que se apresenta no theatro do Rio de Janeiro em 15 de setembro. O decreto de 21 de setembro,

correspondendo á petição de José Clemente e do Senado da Camara em favor do «Imperio constitucional» impõe a todos o tope de côres nacionaes para o dia da Acclamação, sendo essa falta um signal de dissidencia punivel pelo banimento da terra. A questão da divisa que se originou no Ipiranga tornou-se caracteristica da nova situação e certamente por isso a data de 7 de setembro marca a da emancipação politica.

Entretanto, a independencia já se havia consummado com as proclamações de 1º de agosto de 1822. N'uma d'ellas declarava-se guerra barbara por todos os meios e recursos contra o desembarque de forças militares portuguezas, declaradas intoleraveis no Brasil; na outra, redigida por Ledo e que começou por uma phrase tirada de uma das proclamações da revolução franceza (*Acabou-se já o tempo de enganar os homens..*) o principe declarava-se defensor da «liberdade e independencia» das provincias e pedia que o grito de união dos brasileiros echoasse do Amazonas ao Prata. (1)

Igualmente se não fora o antagonismo de raças, que ainda hoje pesa, um dos elementos da revolução, a historia imparcial poderia assignalar como verdadeira data da emancipação colonial aquella em que D. João VI pisou o solo brasileiro, 22 de janeiro de 1808, na qual se quebraram todos os laços da dependencia portugueza; esta data ligaria a nossa emancipação á mesma causa geral que produzia a da America latina, á acção de Bonaparte. Pelo refugio de D. João VI, na America, ainda evitamos o duplo desastre da fragmentação do territorio e constituição de pequenas republicas de governo instavel.

Alem d'isto, que significação poderia mais ter o 7 de

(1) N'esse momento a autoridade do Principe só era reconhecida nas "provincias colligadas" isto é, do Rio até Montevidéo no sul, e no interior, Minas Geraes. Na Bahia, e em quasi todo o norte dominavam as forças portuguezas.

setembro no meio de tantas agitações e quando já havia sido decretada a reunião da assembléa Constituinte?

Como quer que seja, d'aquelle momento data a consciencia do passo definitivo que se havia dado. D. Pedro é feito Imperador do Brasil, acclamado pelas camaras (12 de outubro) e depois coroado segundo os estylos e o exemplo de Napoleão, heroe predilecto do principe, a 1 de Dezembro.

A guerra contra a metropole tornou-se inevitavel. O Brasil preparou as forças que podia, engajou mercenarios de terra e mar, entregando a esquadra libertadora a Lord Cochrane que tanto se distinguiu no movimento de emancipação da America latina.

Apertado em rigoroso sitio por mar e por terra, em paiz já infenso ao dominio lusitano, o general Madeira teve que evacuar a Bahia aos 2 de julho de 1823 embarcando com a tropa e grande numero de negociantes portuguezes que por suas idéas reaccionarias não teriam garantias de vida se se deixassem ficar na cidade. Lord Cochrane libertou ainda o Maranhão e o Pará e com a defecção das forças em Montevidéo em todo o Brasil foi arvorado o pendão auri-verde da Independencia (Novembro de 1823).

No mesmo anno em que se consummavam estes acontecimentos, abria-se (na data considerada do descobrimento do Brasil) a 3 de Maio, a **Assemblea Geral Constituinte**. Compunha-se ella presumivelmente dos homens notaveis do paiz os quaes na verdade não eram numerosos nem de merito excepcional; mas havia entre os deputados alguns de illustração ou de talento pouco commum, os irmãos Andradas, Silva Lisboa, Carvalho e Mello, Carneiro de Campos; ignorantes quasi todos das praxes parlamentares, inda novas por quasi todo o mundo, e muito imbuidos de mal entendida philantropia que facilmente degenerou em anarchismo. A ausencia de partidos tornava difficil a direcção da Assembléa e o deputado Antonio Carlos, irmão de José Bonifacio, era a pala-

vra mais emphatica, para não dizer eloquente, que exercia maior prestigio, sendo que estava entre os que mais contribuiam para a confusão geral. Emquanto José Bonifacio esteve no poder como ministro, Assemblea e governo viveram na maior harmonia. Quando porem os Andradas passaram-se para a opposição, a discordia tornou-se inevitavel, porque elles eram no fundo facciosos e prepotentes e só se aquietavam quando a seu sabor dispunham da auctoridade.

No poder e na fala de abertura recitada pelo Imperador, pediam limitações á demagogia com uma constituição onde não entrassem os desvarios theoreticos da metaphysica politica como o demonstravam os desastres das constituições da França, Hespanha e mesmo Portugal; pediam uma constituição sabia e justa e digna do Brasil e do Imperador. O que fosse uma constituição sabia e justa ninguem de certo o sabia. Mas d'ahi a pouco na opposição são os primeiros que se fazem demagogos violentissimos.

Quando respondendo á fala de abertura, alguns opponentes timidamente extranharam que os constituintes podessem ser suspeitos de elaborar uma constituição indigna do paiz, os Andradas defenderam calorosamente a palavra imperial e d'esta vez com razão porque tratava-se de uma constituição democratica monarchica mas nao republicana, segundo o recente mas já triste exemplos das republicas da America hespanhola.

Apoz um projecto nativista barbaro de suspeição contra os portuguezes residentes e que teve um defensor em Antonio Carlos, a situação do ministerio enfraqueceu-se; os Andradas cairam do poder, no meio da indifferença da gente seria do paiz. O novo governo (Carneiro de Campos e Nogueira da Gama) enveredaram pelo caminho egualmente errado da reacção, em favor dos portuguezes, sem considerar a existencia e o prestigio dos falsos ou verdadeiros nativistas. Os Andradas, pois, no seu jornal o **Tamoyo** (nome da tribu dos indios do Rio alliados de Ville-

gagnon e inimigos dos portuguezes) rompendo em resoluta e anarchica opposição ganharam grande popularidade e n'isso ainda eram ajudados por outra folha, a *Sentinella*, onde se pregavam idéas radicaes como as do *Tamoyo*, lisonjeando as paixões dos descontentes e as inclinações vulgares do poviléo. Na Assemblea ligando-se aos patriotas e aos antigos opposicionistas que combateram por exaggerados, creavam todos os tropeços ao governo e fizeram logo passar a lei de que a constituição não dependeria do *veto* imperial, idea que já havia feito partidarios entre os elementos ultrademocraticos das provincias e approvada n'uma reunião de patriotas em Porto Alegre. O Imperador respondeu que sem querer augmentar o poder que já tinha, não toleraria comtudo maiores usurpações.

N'esse particular ninguem procurou a conciliação, pois ninguem estava disposto a ceder. Appareceu a 30 de agosto o Projecto da Costituição com todas as liberdades reclamadas pelos opposicionistas radicaes e patriotas, elaborado sob o influxo e direcção dos Andradas. Por outra parte, sentindo accordar o sangue de seu orgulho real contra a audacia de homens novos que a exploração de outros conduzia, começou o Imperador a favorecer os portuguezes e sobretudo os soldados e officiaes prisioneiros da Bahia que de novo foram reintregues nas fileiras, para oppor-se pela força material contra a acção das novas forças da tribuna e da imprensa facciosa de que não dispunha.

Assim iam as cousas quando um periodico a *Sentinella* publicou um artigo violento contra os officiaes portuguezes da guarnição, sob o pseudonymo de—*O brasileiro resoluto* que se attribuiu a um boticario açorinho David Pamplona (1) que foi aggredido em seu domicilio e maltratado e quasi morto por dous officiaes de Artilharia. Esta selva-

(1) Desde esse tempo entre os nativistas mais exaggerados contam-se alguns portuguezes.

geria tornou-se logo uma questão de partido e em vez de queixar-se ás auctoridades de que talvez nada esperava, o offendido dirigiu-se á Assemblea Constituinte.

Antonio Carlos propoz que os offensores fossem immediatamente banidos do imperio; á agitação da Assemblea juntou-se a da imprensa opposicionista que redobrou de violencia contra a soldadesca lusitana e attribuindo o crime ao Imperador antevia-lhe a sorte miseranda de Carlos I e de outros reis que pagaram no patibulo a traição á patria. Na assemblea, o povo invadia as galerias e pensava-se em transformar a Constituinte em Convenção.

O Imperador tomou prompta deliberação e fez escrever á Assemblea exigindo a expulsão dos Andradas; mas o acto não teve apoio no ministerio que, temendo entrar no caminho da reacção, se demittiu. As tropas portuguezas vieram a S. Christovão por impulso de livre fidelidade, e dedicação, rodeiar e garantir o Imperador ameaçado por qualquer golpe de mão da demagogia.

A Assemblea dominada pelo povo que a invadira e excitada por Antonio Carlos, tolhida a acção dos moderados que não se animavam a oppôr cousa alguma, declarou-se em *Sessão permanente* pelo perigo que corria, e pediu ao governo explicações pelo apparato d'aquella força, na tarde de 11 para 12 de novembro, chamada a *Noite da Agonia*.

Toda essa memoravel noite esteve reunida a Assemblea em sessão; alguns davam tudo por perdido e sem remedio; outros, os exaltados, criam no levante do povo para sustental-os ou vingal-os. Amanheceu o dia 12 e n'elle veio por exigencia da assemblea prestar explicações o ministro do Imperio. Afinal á 1 hora do mesmo dia approxima-se a tropa do edificio onde deliberavam e d'ella destacando-se, entrega um official ao Presidente da Constituinte um decreto em que o Imperador declarava «ter convocado aquella assemblea afim de salvar o Brasil

dos perigos que lhe estavam imminentes... mas que havendo ella perjurado na defeza da patria e da sua dynastia havia por bem dissolvel-a».

Ao sairem os deputados, foram presos Antonio Carlos, Montezuma, Martim Francisco, e egualmente José Bonifacio então já em seu domicilio, e ainda outros. Foram logo embarcados e deportados. Passeiou o seu triumpho pelas ruas o Imperador por ventura com os mesmos applausos d'aquelles que, horas antes, povoavam as galerias da Assemblea.

Este acto de força do Imperador com quanto agradasse à populaça do Rio não era de natureza a provocar a sympathia e ainda menos o applauso. Logo a imprensa opposicionista desapparecia e já ninguem se julgava seguro; olhavam todos anciosos para as provincias onde o favoritismo nos seus inicios não havia ainda destruido o espirito publico.

Não era de certo a intenção do Imperador, pela dissolução da constituinte, retroceder ao absolutismo; ao contrario, a pesar da sua educação incompleta e de sua inexperiencia, elle sempre foi o que um poeta mais tarde chamou o *Rei da liberdade* (1) epitheto bem merecido do soberano que deu a constituição a dous paizes. Pensou pois em reunir uma commissão que elaborou immediatamente a carta constitucional do Imperio, que foi brevemente acclamada e jurada pelos povos do Rio e pelo Imperador (25 de março, 1824) e mais tarde pelas camaras municipaes.

Essa Constituiçao onde os radicaes viam garroteada a liberdade nas malhas do despotismo, era obra da sensatez e do mais puro espirito liberal.

Em Pernambuco rebentou a revolução a 24 de julho. A outhorga de uma constituição excluia o principio theo-

---

(1) José Bonifacio, o moço.

rico de que ella devia ser a representação da vontade nacional. A dissolução da Constituinte pareceu pois um attentado sem nome; por toda a parte excitou a reprovação e mesmo no Rio, os exaltados tentaram assassinar o Imperador e a elles se attribue o incendio do theatro no dia do juramento da Carta que ahi tivera logar, De qualquer modo o partido federalista, antipathico ás constituições monarchicas, e que existia embora indisciplinadamente por todo o Brasil, em Pernambuco onde era mais forte e mais robustecido pela tradição, não perdeu o ensejo de manifestar-se. Um dos patriotas da revolução de 1817 Manoel de Carvalho Paes de Andrade poz-se á frente da reacção republicana e publicando um manifesto contra o grande «traidor» a quem se attribuia o plano de reintregar o Brasil no antigo regimen colonial, proclamou a **Confederação do Equadôr** nome a cuja senha deviam agora unir-se os estados do norte que adherissem á federação e á republica. As adhesões foram mais palavrosas que effectivas desde Alagoas ao Ceará; em Pernambuco mesmo um lavrador de grande prestigio (o Marquez do Recife) arvorando a bandeira imperial formou o nucleo dos voluntarios monarchistas que fizeram juncção com as forças do general F. Lima e Silva enviadas do Rio e de combinação com a frota de Lord Cochrane bloqueiaram o Recife. Os republicanos foram afinal batidos; o presidente da confederação Paes de Andrade conseguiu salvar-se refugiando-se a bordo de um navio de guerra inglez. Assim terminou a *Confederação do Equador*.

3.

A abdicação.

Muitos foram os acontecimentos que encheram de vida e agitação o reinado de D. Pedro I. Não só a guerra da independencia preoccupava todo o paiz onde ainda o prestigio dos portuguezes que não haviam adoptado a nova ordem de cousas era grande e apoiado na força, mas ainda havia que combater as rebelliões e a anarchia oriunda da diversidade ou antagonismo de opiniões que sempre caracterisa esses momentos.

Afinal houve inteira submissão por toda a parte onde deveria havel-a. Um trecho porém do nosso territorio indevidamente conquistado á raça differente, a *Provincia Cisplatina*, com o auxilio dos governos de Buenos Aires que ahi fomentavam as revoltas e com a mediação da Inglaterra conseguiu libertar-se do dominio imperial constituindo-se em republica independente, a Banda Oriental do Uruguay. A guerra para submettel-a era impopular e foi essa uma feliz solução apesar de que as ultimas victorias foram nossas.

Na politica interior continuavam as antigas difficuldades.

«As camaras brasileiras creadas pela constituição, diz Rio Branco (1), reuniram-se pela primeira vez em 1826; em todo o reinado

---

(1) No admiravel resumo de *Le Brésil* por Levasseur.

de D. Pedro I a opposição composta de liberaes monarchistas partidarios do systema parlamentar inglez, do uns poucos federalistas e republicanos, formaram a maioria da camara dos deputados. Faziam-se então no Brasil os primeiros tentamens do systema representativo e se era o imperador joven ainda, impetuoso e inexperiente, por egual careciam os partidos, e a imprensa, de educação politica. O ministerio Paranaguá, no poder desde 1823 e o de seu successor, o Visconde de S. Leopoldo (16 de Janeiro de 1827) compunham-se de senadores ou de pessoas que não faziam parte do parlamento. A 20 de Novembro de 1827 o Imperador organisou em fim um ministerio parlamentar com o deputado Araujo Lima (Marquez de Olinda); mas com a exoneração dada ao ministro da guerra por occasião da revolta dos batalhões estrangeiros que foi logo e energicamente reprimida, o ministerio todo se demittiu. Dois membros dos mais influentes da camara, Costa Carvalho e Vasconcellos recusaram a incumbencia de novo gabinete, missão que foi em fim confiada ao deputado Clemente Pereira, logo abandonado dos liberaes. Esse ministerio como o seguinte de Paranaguá (4 de Dezembro de 1829) encontraram viva opposição da Camara e da imprensa.

Multiplicavam-se os jornaes federalistas e republicanos, e muitos candidatos d'esses dous partidos triumpharam nas eleições de 1830. Ministros e senadores que se mostravam dedicados ao Imperador eram taxados desde logo de absolutistas.

A 19 de março de 1831, D. Pedro, cuja maior pecha era a de haver nascido portu-

guez, e que já não tinha a popularidade do outro tempo, procurou governar com um ministerio liberal (F. Carneiro de Campos); os rancôres entre brasileiros e portuguezes eram ainda demasiado vivos para restabelecer a concordia; e quando estes ultimos fizeram manifestações imperialistas, não houve evitar sanguinolentos conflictos nas ruas. Formou então o Imperador um gabinete exclusivamente composto de senadores (ministerio Paranaguá)».

Este ministerio, todo tirado da facção aulica, e composto de homens (marquezes de Inhambupe, de Baependy, do Aracaty, de Paranaguá, Conde de Lage e Visconde de Alcantara), que passavam por servos humilissimos da vontade imperial, antes que representantes de qualquer opinião, muito desagradou ao povo. Grande ajuntamento formou-se no Campo de Sant'Anna, do povileu que alguns demagogos excitavam á revolução.

Não querendo impopularisar-se, o Imperador deixou de aproveitar a indecisão das tropas para dominal-as e á frente d'ellas dissolver a arruaça, e conservou-se inactivo.

Uma deputação popular veio fallar-lhe em S. Christovão, pedindo a restituição do antigo ministerio. «*Tudo farei*, disse D. Pedro, *tudo farei para o povo; nada porem pelo povo*».

Ao receber a resposta, o povo declarou-se em revolução e a ella adheriram pouco lealmente os tres irmãos Lima e Silva, generaes de muita popularidade, e que deviam a fortuna ao Imperador.

Foi mandado então o major Miguel Frias

aos paços de S. Christovão, á meia noite, para buscar a decisão imperial.

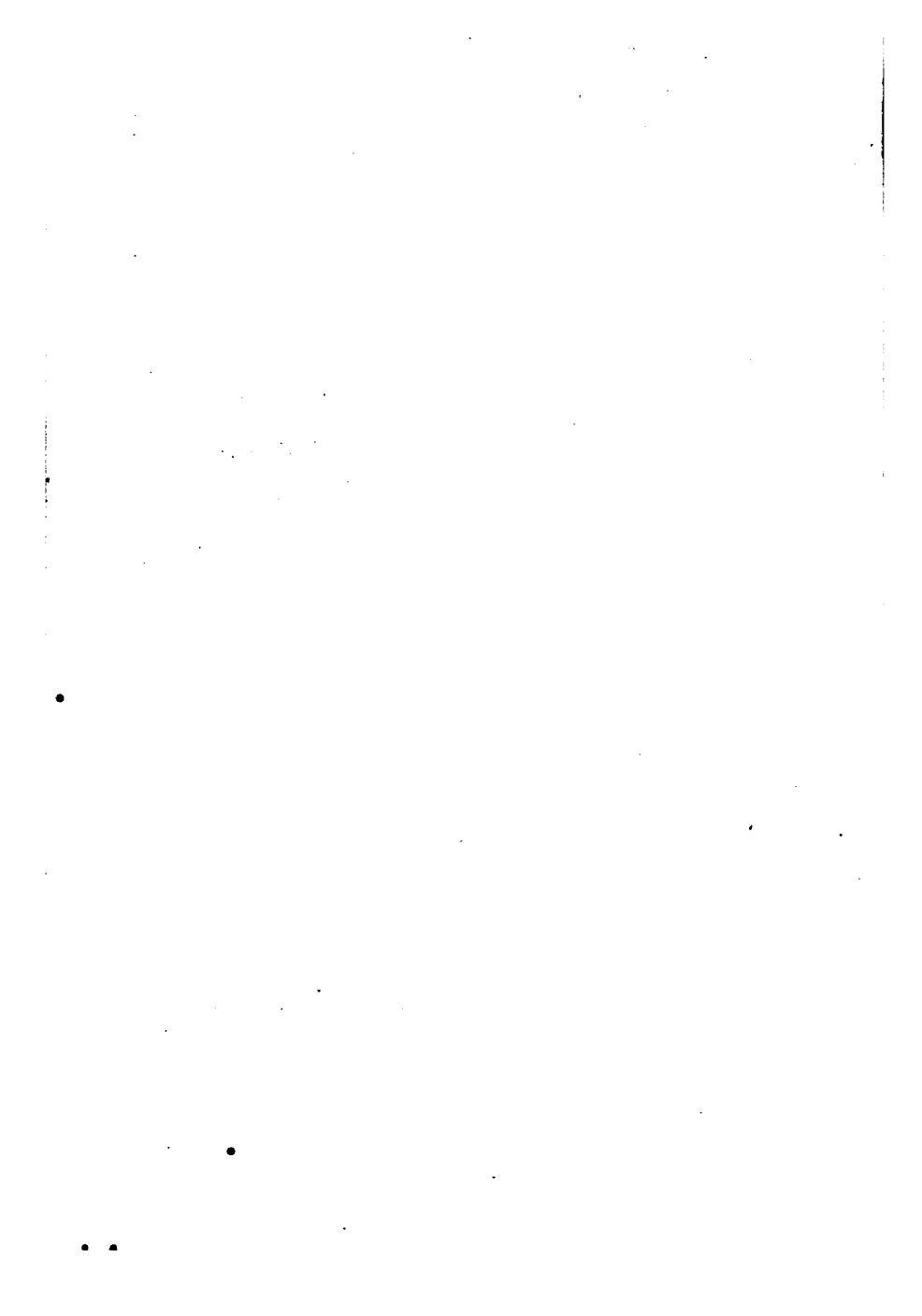
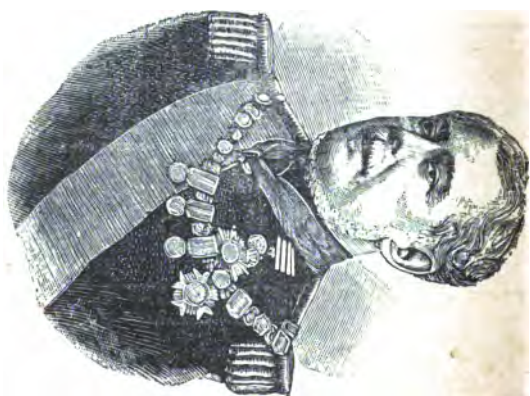
Com calma, frieza e indifferença recebeu o Imperador a noticia da infidelidade de suas tropas: «Não quero, disse, que ninguem se sacrifique por minha causa».

Duas horas depois, e sem ouvir o conselho dos seus ministros, escreveu o seu acto de abdicação: «*Usando do direito que a Constituição me confere declaro que hei muito voluntariamente abdicado na pessoa do meu muito amado e prezado filho, o senhor Dom Pedro de Alcantara*. Boavista, 7 de Abril de 1831».

Escolheu José Bonifacio para tutor do imperador infante e ao romper do dia embarcou com a familia, excepto os principes, na náu ingleza *Warspite*, d'onde poude saber de longe e com alegria das festas da acclamação do novo imperador nos paços do Senado.

4.

O Sete de Abril e Evaristo da Veiga.

«A intervenção militar na revolução de 7 de abril, diz Joaquim Nabuco, era summamente injusta por quanto o melhor amigo do exercito era o Imperador. Pedro I, quaesquer que fossem as suas faltas, tinha em relação ao exercito uma comprehensão muito mais clara da sua necessidade e do seu papel do que a legislatura cuja hostilidade o derribou. Ao liberalismo brasileiro a efficiencia

D. PEDRO II

DUQUE DE CAXIAS

militar do exercito parece sempre secundaria; a sua funcção primordial consagrada a 7 de abril e em 15 de novembro é a grande funcção civica libertadora. No primeiro reinado ninguem levou a mal sinceramente o mallogro das armas brasileiras no Prata, a serie dos insuccessos ligados aos nomes de cada um dos generaes para lá mandados. O historiador do reinado (Armitage) attribue mesmo aos nossos desastres militares os mais salutares effeitos na ordem civil. Segundo elle, a constante má fortuna das armas brasileiras produziu o resultado de desanimar as vocações militares e de inclinar as energias da geração nova para as carreiras civis, o que preservou o Brasil de uma completa anarchia...

«Não havia sinceridade na alliança da opposição com o exercito. A propria defecção d'este será severamente julgada mais tarde pelos que se serviram d'elle para os seus fins. Pouco depois da revolução, o partido que havia aproveitado a acção do exercito em 7 de Abril só tinha um desejo: dispersal-o, dissolvel-o, deportal-o para os confins. A grande reputação da Regencia será a de um estadista, o padre Feijó que revelou a maior firmesa de caracter na repressão da anarchia militar, a qual sobreveiu, como se devera esperar, do pronunciamento do campo. Baseia-se sempre em alguma equivocação, e por isso é ephemero, o pacto politico do exercito com partidos extremos e elementos revolucionarios. Foi essa a primeira grande decepção do 7 de Abril: a do *exercito*, condemnado, licenciado pelo partido que elle tinha posto no poder.

«A segunda decepção foi a dos *Exaltados*, dos homens que haviam concebido, organizado, feito o movimento, e que no dia seguinte tambem foram lançados fóra como inimigos da sociedade pelos *Moderados* que só se manifestaram depois da victoria. Para aquelles a revolução foi uma verdadeira «*journée de dupes*». A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possivel fazel-as,

e com elles é impossivel governar. Cada revolução subentende uma lucta posterior e alliança de um dos alliados, quasi sempre os exaltados, com os vencidos. A irritação dos exaltados trará a agitação federalista extrema, o perigo separatista que durante a Regencia ameaça o paiz do norte ao sul, a anarchisação das provincias.

«Outro desapontamento foi o dos patriotas. A força motora do 7 de abril, a que deu impulso ao elemento militar, foi o resentimento nacional. Em certo sentido o 7 de abril é uma repetição, uma consolidação de 7 de setembro. O Imperador era um *adoptivo* suspeito de querer reunir as duas corôas (de Portugal e Brasil...) O fermento politico da revolução foi secundario; a excitação real, calorosa, foi o antagonismo de raça, então facilmente exploravel. O tope nacional concorreu mais para a revolta da tropa do que as excessivas declamações da opposição. O exercito não era mais aquelle cuja exacerbação, sete annos depois, levara D. Pedro, *apezar da sua timidez*, na expressão do padre Feijó, a dissolver a Constituinte e desterrar os Andradas, acto que aquelle uma vez qualificou de *violento, mas necessario* e como tendo dado paz e tranquillidade ao paiz por dez a doze annos...

«A maior decepção de todas, porém, foi a da nação. A abdicação tinha-a profundamente surprehendido, quando ella esperava do Imperador sómente uma mudança de ministerio ou antes o abandono de uma camarilha que lhe era suspeita. Os espiritos não se tinham preparado para solução que não anteviam, e como sempre acontece com os movimentos que tomam o paiz de surpreza e vão além do que se desejava, as esperanças tornaram-se excessivas, os espiritos abalados pelo choque exaltaram-se, e deu-se então este facto que não é nada singular nas revoluções: os mais ardentes revolucionarios tiveram que voltar, a toda a pressão e sob a inspiração do momento, a machina para traz e para impedil-a de precipitar-se com a velocidade adquirida. Foi esse o papel de Evaristo sustentando a todo o transe a

monarchia constitucional contra os seus alliados da vespera. Os revolucionarios passavam assim de um momento para outro a conservadores, quasi a reaccionarios, mas em condições muito mais ingratas do que a do verdadeiro partido conservador quando defende a ordem publica, porque tinham contra si pelas suas origens e pela sua obra revolucionaria o resentimento da sociedade que elles abalaram profundamente. Foi essa a posição do partido moderado que governou de 1831 a 1837 e que salvou a sociedade da ruina, é certo, mas da ruina que elle mesmo lhe preparou.» (1)

Essas bellas palavras provam a quasi inutilidade da aventura de 7 de abril que a propria prudencia dos revolucionarios salvou retrogradando ainda em tempo.

O elemento, o agente exterior ao menos da agitação foi a imprensa.

Deve-se fazer datar do primeiro imperio a liberdade da opinião. E' certo que já vinha de mais tempo a imprensa; n'ella só tinham agazalho, com tudo, a opinião do governo ou a materia indifferente ao curso das idéas politicas; tal foi a imprensa e foram os raros jornaes do tempo de D. João VI na Bahia ou Rio; apenas uma revista impressa no estrangeiro (O *Correio Braziliense* de Hippolito da Silva) ousava ainda na era do absolutismo defender os interesses da liberdade na America. Com a independencia porém e desde o tempo da Constituinte os jornaes de opposição multiplicam-se e é impossivel imaginal-os mais aggressivos, apaixonados e virulentos.

Não era porém a virulencia uma qualidade exclusiva dos exaltados, era-o por egual dos reaccionarios e governistas; o governo sem ser despotico era mais do que convinha arrogante. Uns e outros ambicionavam a dictadura intellectual de suas parcialidades, qual defendendo as con-

---

(1) Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Imperio*, tomo I, 26 e seg.

veniencias da America, qual a perfeição dos institutos europeus. Estes viam n'aquelles theoristas inexpertos que as paixões da mocidade transviavam.

Eram assim, pois, os orgãos da imprensa. De todos porem aquelle que maior influxo exerceu foi a *Aurora Fluminense* de Evaristo da Veiga.

«No meio dos homens notaveis do primeiro reinado e da regencia entre os que figuraram distinctamente e notavelmente influiram (diz um seu eminente biographo, Silvio Romero) teve Evaristo da Veiga certas qualidades que foram só d'elle; era o mais novo, o que não tinha tradições, o que não possuia titulos academicos, o que appareceu mais inesperada e rapidamente, o que morreu mais moço, mais a tempo e mais a geito; foi o que nunca sahiu do Brasil.[1]

«Bem como na ordem litteraria era preciso que individuos sahidos do povo e inspirados no seu sentir levantassem o brado contra o servilismo do pensamento, assim na esphera social era mister que um homem sahido das classes populares, em nome da simples justiça e bom senso do mesmo povo, se fizesse adorado d'este, desse batalha aos poderosos do dia, e desmantelasse as malhas do velho servilismo politico. Este é o significado da acção social e politica de Evaristo, e tanto basta para dar-lhe importancia immensa. Ha outra consideração a juntar que vem completar esta nota: a arma de que se serviu e o rumo que deu á sua doutrinação foram os mais acertados e poderosos para o tempo: a arma foi o jornal e o rumo o liberalismo da Constituição.»

Esses traços caracterisam com grande vigor a physionomia do publicista; todavia o seu tardio liberalismo constitucional foi já um traço da madureza. A sua calma tinha qualquer cousa de postiço e era mais um artificio do toucador do que da sua physionomia propria.

Evaristo da Veiga quiz com a *Aurora Fluminense* fundar um jornal escripto com simplicidade, sem a affec-

tação bombastica das folhas opposicionistas e demagogicas, mas tambem sem a mentira e o servilismo das folhas officiaes. Queria antes ser sincero que brilhante. A sua intenção comprehendendo que vivia n'uma nacionalidade de inexperientes, era vulgarisar por extractos e traducções as idéas dos economistas e philosophos politicos inglezes e americanos, mal conhecidos e peior interpretados. Essa formula de actividade intellectual estava entre nós na moda d'essa época; compunham-se anthologias do liberalismo europeu e norte americano, onde fracções de pensamentos fortes desprendidos das soluções em que pousavam, agora agiam como venenos violentissimos.

As hyperboles dos brasileiros que Eschwege notava no reinado de D. João VI são agora quintessencias politicas.

Evaristo foi um d'esses manipuladores. Ao começar o seu jornal não se encostou a facção alguma das que disputavam o poder, e com quanto fosse elle antagonista do despotismo imperial, a sua principal intenção era a de ser independente. A folha, unica no seu genero, ganhou logo enorme circulação e tornou-se a primeira de todo o paiz; a linguagem de Evaristo, elegante e ás vezes ironica, tornou-se, desde ahi o padrão de estylo dos jornalistas que depois d'elle vieram.

A sua eloquencia (e era quasi o unico dote de escriptor que possuia) carecia de imaginação, mas tinha agudeza e certa ironia fascinadora.

Era porem original em tudo isso, porque ainda cousa original e nova era a imprensa politica do paiz. Pouco a pouco vae sendo a victima das suas mesmas armadilhas, e o agitador vae-se transformando em orgão da moderação.

Foi de qualquer modo esse homem quem conteve a onda demagogica que se desencadeara com a revolta de 7 de abril e que teria abismado o imperio se o jornalista pozesse a sua penna ao serviço do radicalismo, e das ambições federalistas, flagello da America do sul, que despovoava então e ainda hoje, o novo Mundo com a epidemia

lethal da guerra civil. Evaristo da Veiga oppoz-lhe a acção das sociedades e classes que por todo o paiz sustentavam a unidade nacional.

Tal foi o jornalista e o homem politico que no dizer do escriptor citado «nunca fez parte do governo e morreu pobre».

5.

A Regencia.

Com a abdicação do Imperador, coagido pela indisciplina militar, desencadeiou-se a anarchia por quasi todos os pontos do paiz. Os partidos exaltados, que o freio da auctoridade a custo continha, ameaçavam subverter a nova nacionalidade, quando, por feliz inspiração, senadores e deputados se reuniram e escolheram uma Regencia interina (Marquez de Caravellas, Brigadeiro Francisco de Lima e Silva e Campos Vergueiro), que tomou a peito a manutenção da ordem.

Exaggeradamente dizia o novo governo no — Manifesto á Nação — que os inimigos d'elle eram «tão poucos e tão fracos, que não mereciam consideração; mas que velava sobre elles como se fossem muitos e fortes».

Com grande trabalho iniciou o governo a pacificação na Bahia, onde sob pretextos de antigas desforras, os nativistas massacravam os portuguezes; egualmente agiu em Pernambuco e em Minas.

Quando eleita regularmente pelas duas camaras a Regencia Permanente Trina (Brigadeiro F. Lima e Silva, Costa Carvalho é Braulio

Muniz), continuaram com maior vigor os tumultos militares no Rio, que o ministro da justiça, Diogo Antonio Feijó, revelando grande capacidade politica e energia, conseguiu reprimir, dissolvendo os corpos de linha amotinados, creando a *Guarda Nacional* e com esta submettendo um corpo de artilharia sublevado.

Nas provincias a situação ainda era mais sombria, e longas e duradouras revoltas as enluctaram; no Pará, as tropas amotinadas depunham os commandantes, aprisionavam ou assassinavam os governadores, com o auxilio faccioso de todos os desordeiros, e só ao cabo de quatro annos poude o brigadeiro Soares Andrea, com 1,000 homens, apoiado em forças navaes, restabelecer a ordem e o prestigio da auctoridade; em Pernambuco, a discórdia durou outros tantos annos, o povo teve que pegar em armas para abater a soldadesca, e a guerra civil dos *Cabanos* só poude ser debellada pela intervenção piedosa do bispo; no Maranhão, os anarchistas tentaram eliminar a *elite* da sociedade, expulsando os magistrados, o presidente (Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy) e o commandante das armas; no Ceará um restaurador, Pinto Madeira, que considerava nullo o acto da abdicação, perturbou a provincia com os seus asseclas, que se renderam afinal a Labatut; até no remoto Mattó Grosso a anarchia cobrava o tributo de sangue.

Nunca o Brasil atravessou periodo tão difficil e calamitoso, e se o coração do paiz, S. Paulo, Minas e Rio, não lhe désse o nu-

triente alimento da paz, como na guerra da independencia, é certo que naufragaria.

Os politicos do momento reflectiam nas correntes dos seus partidos a mesma instabilidade social. Havia os *Exaltados*, que mais proximos estavam dos sediciosos; os *Moderados*, que sustentavam a regencia; e os *Restauradores*, que anceiavam reconstituir o passado e que era de certo o partido dos homens mais eminentes da epoca (José Bonifacio, Cayru, Paranaguá), cujo prestigio entretanto a revolução havia demolido em proveito dos homens novos.

Os processos da revolução, em geral, não comportando a prudencia dos homens experimentados, espontaneamente caem nas mãos dos homens novos sem ligação com o passado. E a um regimen novo tanto mal fazem os reaccionarios como os exaltados.

Na propria côrte, o governo teve que bater uma revolta de exaltados e outra dos restauradores.

Não conseguindo comtudo tirar a José Bonifacio o cargo de Tutor do joven imperante, alma de um dos partidos rebeldes, a Regencia apresentou a sua exoneração (30 de Julho de 1832), que não foi acceita pelas Camaras; mas a politica geral tomou um novo rumo desde que se accentuou a supremacia do partido moderado. A expressão mais cabal d'essa politica encontra-se no *Acto Addicional* que satisfez ao espirito local pela creação das assembléas provinciaes e aboliu o Conselho de Estado e reforçou a auctoridade do Governo central, reduzindo os Regentes a um unico; com grande prudencia poude-se obstar

a fragmentação do territorio, que o seria pela adopção de presidentes electivos das provincias e outras propostas radicaes que não acharam approvação.

No fundo, o que abrasava essa epoca era a questão de toda a America entre federalistas e unitarios. A regencia resolveu esse grandioso *desideratum* por uma sabia transacção com as doutrinas extremas.

O partido restaurador, depois de destruidos os seus orgãos, a *Sociedade Militar* e a imprensa, preso José Bonifacio, desappareceu da scena politica com a morte de D. Pedro I (1834).

—

A experiencia logo demonstrou, apesar do trabalho insano realisado, que não se havia vencido o federalismo e a indisciplina das tropas e a rebeldia dos turbulentos.

A eleição de 1835 entregou a segunda Regencia ao homem de maior energia do tempo, o senador **Diogo Antonio Feijó.**

A guerra civil e a lucta parlamentar absorveram o estadista, cuja popularidade não deixou de soffrer com tamanho golpe.

A revolução federalista do Rio Grande do Sul, rebentou a 10 de Setembro de 1835. O caudilho dos revolucionarios Bento Gonçalves com seus asseclas expelle do territorio as auctoridades legaes e domina a provincia, até que afinal é batido e preso (Outubro de 1836), e enviado para o Rio de Janeiro. Os seus camaradas então proclamam em *Piratinin* a republica e proclamam seu presidente o prisioneiro do Governo central; o principal

chefe dos legalistas rio-grandenses, B. Maciel, a cujo prestigio e força o governo devera a victoria, passou-se para os republicanos, tomou *Caçapava* com toda a guarnição e deu grande importancia á rebellião.

O presidente prisioneiro, Bento Gonçalves, transferido do Rio para o *Forte do Mar* na Bahia, evadiu-se e voltou para o Rio Grande.

O poderio dos separatistas tomou proporções taes que nem esse nem o governo subsequente conseguiram annullar ou sequer restringir, e só no tempo do governo pessoal de D. Pedro II, poude o grande pacificador barão de Caxias, em 1844, submetter os revolucionarios, que depuzeram as armas e aceitaram a amnistia imperial.

—

Na lucta parlamentar e politica o facto de maior amplitude foi a creação do partido conservador, formado pela alliança dos restauradores reaccionarios com os liberaes moderados, o que foi obra de Bernardo de Vasconcellos (1) e Araujo Lima (Marquez de Olinda). O novo partido triumphou nas eleições de 1836 e Feijó demittindo-se chamou ao governo o chefe da opposição Araujo Lima.

Desde então regularisam-se as duas correntes politicas, *conservadora* e *liberal*, que deram ao governo parlamentar do segundo reinado a belleza e esplendor da opinião livre, como ella existe nos paizes mais cultos. A Ca-

(1) Quando ministro fundou o *Collegio de Pedro II* (1837) hoje *Gymnasio Nacional*.

mara torna-se então preponderante segundo as praxes inglezas que ficam sendo o modelo de nossa vida constitucional.

Em 1840, o partido liberal pediu a declaração da maioridade do imperador. O governo da regencia ainda era bastante forte para resistir a essa violação constitucional, ainda que a guerra civil do sul e as agitações proprias dos governos electivos o impopularisassem. D. Pedro tinha apenas quinze annos de edade, mas demonstrava madureza de animo e qualidades excepcionaes, e queria de facto assumir as redeas do governo. Aproveitando essas disposições os liberaes conseguiram fazer passar nas duas Camaras reunidas a declaração da maioridade (23 de Julho de 1840).

A Regencia com seu governo electivo e democratico, com a fragil sympathia de um partido sem tempera despotica e infenso ás asperezas da lucta, sem apoio e com a animadversação declarada do exercito, sitiado entre os restauradores e os exaltados sem mendigar o favor d'essas extremas parcialidades, e antes combatendo-as, foi de certo a era da maior virilidade na historia politica do Brazil.

E' grandioso o espectaculo de tantas vocações que surgem, o escrupulo moral, a grandeza heroica e o desinteresse de todos os seus vultos que só o amor da patria inspira e inflamma.

As primeiras e bellas palavras da Regencia: «Devemos temer de nós mesmos, do enthusiasmo sagrado do nosso patriotismo, do amor da liberdade e pela honra nacional que nos poz as armas na mão», exprimem os compromissos que de facto ella realisou. Defendeu a

honra da Nação e conteve o patriotismo dos exaltados que previdentemente temia, e a si mesmo se corrigiu, fazendo concessões prudentes em vez de encarreirar no declive da reacção.

Atravez de todas as temperaturas conservou a mesma solidez e inteireza do seu programma de justo meio entre os que contavam demasiadamente com o passado ou com o futuro.

Vinda a revolução de 7 de Abril, não quiz a Regencia amplial-a formando a republica, nem tão pouco diminuil-a proclamando a restauração.

A sua grande obra, pois, foi a Reforma constitucional que salvou o imperio e a unidade da grande patria, em cuja producção dólorosa perdeu a popularidade do momento para ganhar a admiração das gerações vindouras.

6.

O Segundo reinado

Ainda depois de declarada a maioridade de D. Pedro II numerosas guerra civis que vinham das agitações anteriores ensanguentaram o paiz n'um periodo de nove annos de 1840 a 1849. Poz-lhes termo com grande sabedoria o Imperador servido pelo máis glorioso general do imperio o **Duque de Caxias** a cuja prudencia e valor se deve a submissão de todos os dissidentes.

A opinião do soberano era de que essas rebeldias não passavam de equivocações sanaveis com o tempo e com a generosidade do governo, que em todos os casos acabava concedendo ampla amnistia.

Assim terminaram a revolta de S. Paulo com o combate de Venda Grande e a de Minas com o de Santa Luzia (1842) e em 1845 a revolução republicana do Rio Grande do Sul.

D'ahi por diante, estabelecida a paz no interior, o Brasil realisou grandes e rapidos progressos, com o florescimento de todas as liberdades publicas e privadas e o esplendor das leis e da justiça.

Os dotes de espirito do soberano, que já se revelavam na epoca da maioridade pouco a pouco iam se expandindo á medida que com a edade o seu caracter se fortalecia na experiencia dos homens e das cousas.

Democrata, simples e modesto, mas sem perda da distincção pessoal, generoso e desinteressado, sem affectação grangeiou melhor que a popularidade a sympathia respeitosa da multidão.

A opinião universal a respeito do soberano fal-ó o prototypo das virtudes sociaes. Era-o sem duvida na sua vida privada e publica; mas, no ponto de vista constitucional, a opinião dos politicos que com elle serviram, nem sempre lhe foi favoravel. Accusavam-n'o de exercer demasiado o influxo pessoal que decorria naturalmente da sua condição de imperante cujas ideas proprias a todo o transe fazia prevalecer. A opinião melhor esclarecida verifica que, de facto, frequentes vezes o Imperador dissentia dos seus ministros porque não pertencendo aos partidos comprehendia com maior isempção os interesses nacionaes.

Estava nos seus altos deveres e mesmo no espirito fundamental da instituição destruir todas as ambições das parcialidades ou cotejal-as com a porção minima da opinião politica, a outra maior que a imprensa, o espirito da epoca e outros signaes imponderaveis e delicados revelavam. Assim elle não raro desgostava os politicos para, na maioria dos casos, favorecer a opinião. Comtudo poderiam, entre as suas falhas, notar-se alguns resaibos de resentimentos pessoaes; da edade madura em diante

muito mais vasto foi o esquecimento de todas as offensas, e o perdão até de algumas villanias.

Não lhe faltam todavia grandes culpas.

A maior do segundo reinado (que entretanto não o impopularisou) foi rehaver criminosamente a tradição, já esquecida no primeiro, da supremacia militar e politica nos pequenos Estados do Prata já de si mesmos infelicitados pelo flagello da corrupção e das tyrannias. Essa teve um echo universal e durante toda a guerra do Paraguay onde julgavamos representar a civilisação, entretanto toda a civilisação e o mundo todo só tinha sympathias pelos nossos inimigos.

Outra culpa foi a de abandonar o exercito ao menosprezo que era proprio de seu temperamento de democrata e philosopho e sua aversão ás cousas militares, aversão que desde os tumultos da soldadesca na Regencia passou ao animo de todo o povo politico.

Para resgatar essas e outras culpas bastava-lhe o ter sido no seu tempo aqui, como só nos paizes saxonios, illimitada a liberdade da opinião.

Em 1851-52 o Brasil com a esquadra e o exercito, alliado aos governos de Montevideo, de Entre Rios e Corrientes, conseguiu destruir no sul a tyrannia de Rosas, vergonha da civilisação, que pelo terror, pela degolação das suas victimas que se computam em mais de vinte mil, com as sociedades das *mashorcas*, durante vinte annos atormentou as populações do Prata. Com a derrota de *Monte Caseros* o tyranno refugiando-se a bordo de um navio inglez, deixou a terra de que fôra o flagello.

Das intervenções da politica imperial nos estados do sul, é esta quasi a unica desculpavel, mas foi o germen de outras mais criminosas.

7.

Guerra do Paraguay.

Depois de largo periodo de paz em que é preciso assignalar entre outras conquistas do progresso a *Suppressão do trafico* (1850) e as primeiras linhas de navegação a vapor transoceanicas e fluviaes e o telegrapho, que fortaleceram e consolidaram tanto e melhor que exercitos a unidade do governo e da nacionalidade, o Brasil é arrastado de novo á politica (muito pouco justificavel, dissemos) de supremacia sobre os estados do Sul.

Os Estados do Prata foram para nós durante muito tempo e é possivel que ainda o sejam, visinhos pouco leaes e incommodos, e com cuja amizade não se podia contar attenta a perpetua instabilidade e desmoralisação dos governos de senhores ou tyrannos sob os quaes viveram.

De vez em quando os nossos interesses que são grandes n'essas regiões se viam envolvidos nas malhas dos partidos que com o costumado escandalo disputavam o poder.

N'essas republicas em geral, o partido opposicionista só alcançava o triumpho pela revolução; a esse recurso violento vinha o Brasil offerecer outro peior, o do appello á invasão estrangeira. A civilisação e as idéas liberaes nunca poderiam servir de pretexto e ainda justificar a immoralidade d'esta conducta.

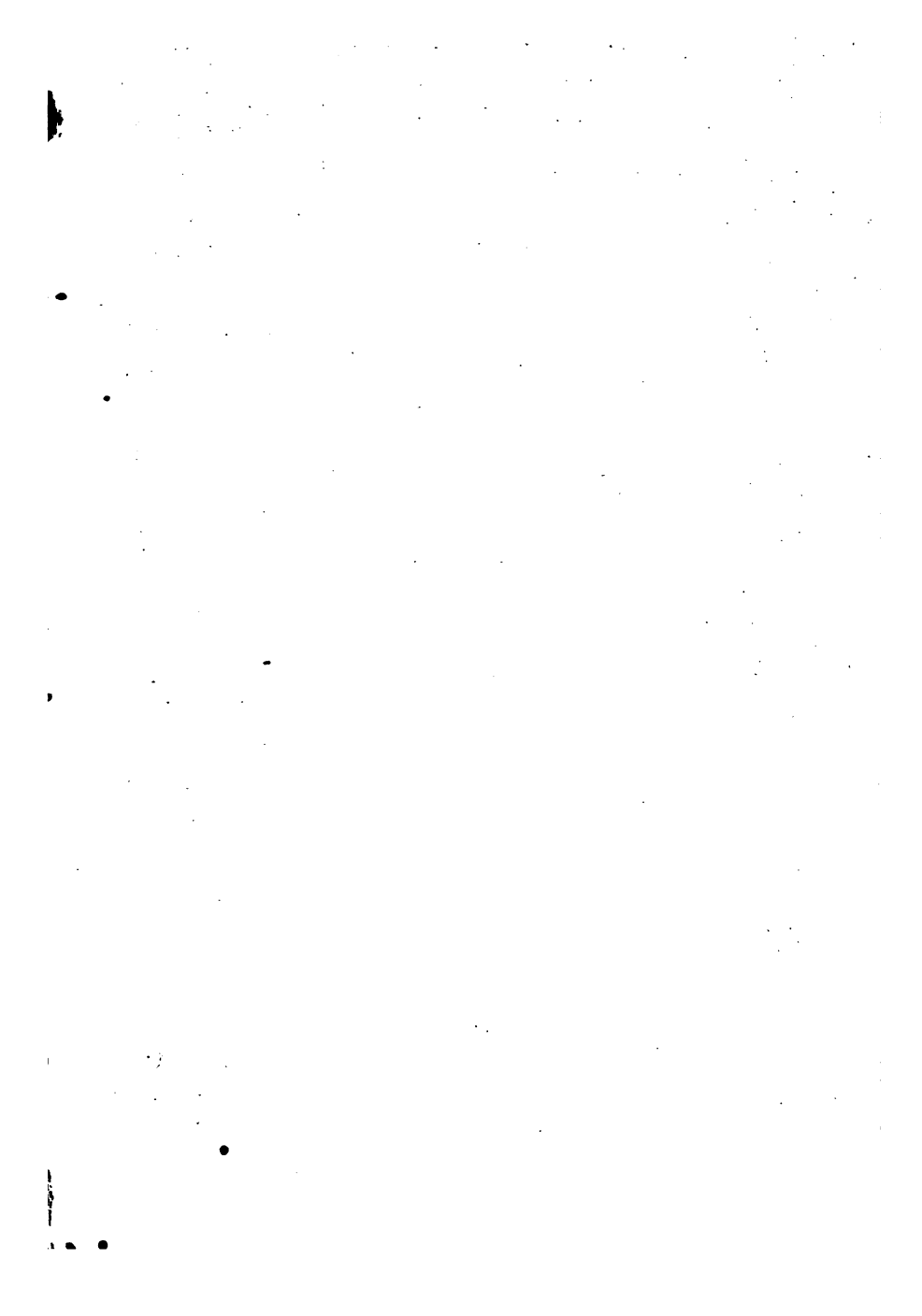
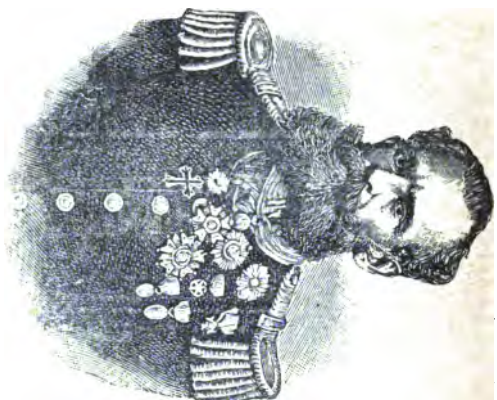
Com razão desejavam esses [illegible] o advento da republica no Brasil, esperando com ella politica differente da imperial.

Por não serem satisfeitas justas reclamações brasileiras junto ao Governo de Montevideo, então do partido *blanco*, o Brasil declarou a guerra e invadiu a republica, de alliança e concerto com o partido *colorado*, explorando assim em seu proprio proveito as dissidencias domesticas do estado visinho.

A aggressão foi intempestiva, injusta e inesperada, quando ainda se ultimavam as negociações diplomaticas. O Brasil transpoz a fronteira e não foi inquietado; o almirante Tamandaré entretanto ataca o vaso de guerra unico da republica, o *Villa del Salto*.

O exercito une-se a um general grosseiro e inhabil, o *libertador* Flores, typo d'esses demagogos platinos que vivem de preiar os campos e as fazendas e passam melhor com a guerra do que com a paz ou mesmo o triumpho.

Mena Barreto e o general Flores invadiram *Paysandú* (1865) e em seguida marcharam contra Montevideo que sitiada por terra e bloqueiada por mar pela esquadra do almirante Tamandaré, teve que capitular (28 fevereiro 1865). Dous mezes apenas durara a guerra; o general Flores, chefe dos *colorados* e amigo do Brasil foi feito presidente da Republica.

Com essa pouco digna e humilhadora intervenção do Brasil houve um estado do Prata, o *Paraguay*, que sentindo-se ameaçado, se declarou contra o Brasil. Não se havia descuidado a pequena republica de preparar-se para a guerra que antevia certa; o Para-

M. DEODORO DA FONSECA

Fundador da Republica

GENERAL OSORIO

Marquez do Herval

guay desde longos annos vivia sob o regimen absoluto, mau grado a exterioridade de algumas formulas republicanas, e os seus habitantes coagidos, sob ferrea disciplina, obedeciam cegamente aos seus dictadores. Em falta de virtudes tinham o fanatismo religioso e politico segundo os proprios exclusivismos de sua cultura nacional infensa a todo commercio com o resto do universo. A lei marcial ou o estado de sitio estava sempre em perenne vigor no Paraguay.

Com a guerra ao Brasil, o dictador Francisco Solano Lopez, que não tinha maiores defeitos que os seus congeneres visinhos, sobreexcitado pelas inevitaveis derrotas e pelas necessidades que impunha o seu orgulho de salvar o paiz ou succumbir com elle, tornou-se de facto o tyranno execravel que a lenda no Brasil perpetuou. O dictador suspicaz e cruel com os morticinios e supplicio de suas victimas perdeu a aureola de heroismo que lhe concederia a historia.

Lopez, sem declaração de guerra, depois de aprisionar um vapor brasileiro invadiu o Brasil pela provincia de Matto Grosso; indefesa, a provincia rendeu-se a 10.00 paraguayos não sem gloriosa lucta, e os proprios vencedores não se animaram a tomar a capital Cuyabá, ficando todavia em poder d'elles toda a região do sul (dezembro de 1864)

O exercito do Lopez era de 80.000 homens senão bem equipados, ao menos reunidos sob rigida disciplina. D'esses, 30.000 invadiram a Republica Argentina sob o commando do general Robles e occuparam Corrientes. Essa

violação de paiz neutro atirou a Argentina aos braços do Brasil. A diplomacia brasileira habilmente aproveitou a situação fazendo assignar em Buenos-Aires o tratado da **Triplice alliança**, entre a Argentina, Uruguay e Brasil alliados contra o Paraguay.

Esse tratado equivalo para o Brasil á victoria mais importante d'esta guerra: se porque não moderou a antipathia universal combatendo a republica ao lado de outras que não seriam suspeitas, abriu aos exercitos brasileiros os unicos caminhos praticos essenciaes á offensiva.

O mundo não deixava entretanto de perceber quam precaria era a sorte das tres republicas que ao lado do Brasil figuravam de satellites da sua politica exterior.

Procuraram logo os paraguayos destruir a esquadra brasileira que estacionava na boca do Riachuelo e oito vapores descendo o rio a toda força rebocando *chatas* lançaram-se pelo meio da esquadra; travou-se então a batalha naval em que Barroso (Barão do Amazonas) ganhou immorredoura fama, 11 de Junho de 1865.

Quando as tropas paraguayas sob o commando de Estigarribia invadiram o Rio Grande, D. Pedro II correndo ao theatro da guerra assistiu á rendição do inimigo em Uruguayana.

Em abril de 1866 ainda não haviamos tomado a offensiva; os exercitos alliados eram de 33.000 brasileiros do commando de Osorio, 2.000 uruguayos do general Flores e 11.000 argentinos de Mitre, a quem cabia o commando em chefe. Acamparam em Corrientes na margem esquerda do Paraná onde estacionava

a esquadra brasileira; em frente (Passo da Patria) na margem direita, acampava Lopez com forças ainda maiores e protegido pelos alagadiços e trincheiras.

Com mil difficuldades poderam os brasileiros atravessar o rio, protegidos pela esquadra; os couraçados e canhoneiras obrigaram Lopez a recuar o seu acampamento para além das linhas fortificadas entre Humaytá e Curupaity.

Uma vez passado o rio e com a victoria de Estero Bellaco, os alliados avançando a marcha, acamparam perto de Tuyuty, em frente ás trincheiras de Sauce e Rojas.

Alli em verdade ficaram immobilisados, porque, com a falta de animaes, mortos á fome, a cavallaria estava a pé; ainda conseguiram bater as tropas paraguayas que vieram atacal-os, sob as ordens de Resquin, Barrios e Dias.

O terreno encharcado, inhospito e pestilencial augmentou a desordem e a molestia nas fileiras. Os proprios generaes entraram a discordar apoz alguns insuccessos; Flores pensava em retroceder, Osorio adoeceu e demittiu-se do commando.

Aqui experimentaram os alliados alguns desastres, até que, com a vinda do 2º corpo brasileiro (do Conde de Porto Alegre) e de combinação com a esquadra de Tamandaré, tomaram o forte de *Curuzú*, onde perdemos mais de vinte mil homens e um encouraçado, o *Rio de Janeiro*, destruido por um torpedo e onde a heroica guarnição paraguaya preferiu succumbir a render-se.

Curuzú era apenas obra avançada de *Curupaity*.

Depois da tomada de Curuzú, surgiram divergencias e discussões; comtudo, o general Mitre ordenou o assalto de *Curupaity*, que foi uma derrota (1).

Este desastre produziu grande consternação; entre os officiaes aggravou as antigas dissidencias. Flores e Tamandaré incompatilisados retiraram-se; e só o heroismo da nação levantando novas legiões, dando novo commando á esquadra com Inhauma e appellando para a gloria do antigo pacificador, Caxias, poude de novo erguer o espirito de disciplina e conduzir as nossas armas á victoria.

D'aqui em diante, o Brasil quasi que exclusivamente supporta a responsabilidade da guerra: os contingentes argentinos chamados em parte e a todo o momento para suffocar as rebelliões da republica, vão successivamente sendo reduzidos.

Depois do desastre de Curupaity que produziu extranha e profunda impressão nos povos alliados, o marechal Caxias com o commando das forças brasileiras, agora avolumadas de voluntarios e patriotas, abre uma serie de victorias difficilmente ganhas, e condul-as ás proximidades de Humaytá. A occupação de Tayi, acima de Humaytá, pelos alliados, cortavam a communicação dos Paraguayos com o interior e capital, aos quaes não

(1) Eram 9,000 os argentinos e 10,000 os brasileiros. As perdas foram para os alliados de mais de 4,000 homens fora de combate.

era menos incommoda a occupação de Tuyuty, que Caxias tornara a base das operações.

Esse novo plano, de seguir uma curva interior ao rio que não occorrera a Mitre, de qualquer modo sitiava Humaytá pela collocação d'esta fortaleza entre dous pontos occupados pelos nossos.

Travou-se então a segunda batalha de Tuyuty, onde, depois de derrotarem o contingente argentino, os paraguayos (superiores em numero) tiveram que debandar ante o assalto das forças brasileiras, deixando em campo o terço do seu effectivo.

Na madrugada de 19 de fevereiro de 1868, a esquadra brasileira sob o commando do glorioso almirante Inhauma, forçou a passagem da inexpugnavel Humaytá, sob terrivel bombardeio. Esse feito naval, por assim dizer decidiu dos destinos da guerra Desde esse momento Lopez abandonou a fortaleza que elle julgava invencivel e foi atravez do Chaco organisar novas linhas de fortificações em Tebicuary; n'esse caminho acompanharam-n'o mais tarde as tropas, que sitiadas e não podendo mais resistir, evacuaram Humaytá, em debandada cujos destroços foram obrigados a render-se (Lagôa Iberá).

Caxias então abriu caminho atravez do Chaco, protegido pela esquadra que o acompanhava pelo rio acima. São ganhas as victorias da ponte de Itororó, tomada e retomada varias vezes, e a victoria de Avahy, (11 de dezembro) sobre as forças de Caballero, em campo raso; e Lomas Valentinas, onde os paraguayos viram Lopez pela primeira vez no meio d'elles procurando talvez, com a morte, pou-

par-se o espectaculo da ruina da patria.
Durou 6 dias (de 21 a 27 de dezembro) o ataque ás linhas de Lomas Valentinas, que afinal cahiram em nosso poder. Custou-nos a victoria o termos metade de nossas forças fóra de combate, mas foi aniquilado o exercito paraguayo.

Lopez achou a salvação na fuga.

Caxias proseguindo tomou Angustura e logo depois entrou em Assumpção que deserta e abandonada não offereceu resistencia ao exercito triumphador.

Podiamos ter ahi parado com todas as vantagens do triumpho.

Caxias declarou que a guerra ahi havia terminado e, como estava doente, voltou para o Rio.

Estava terminada com effeito a guerra e a capacidade de lucta regular do inimigo.Infelizmente o nosso egoismo de vencedores, desconhecendo a sentença humana de Caxias, preferiu exigir o supplicio da heroica nacionalidade.

Effectivamente tambem nos incitava a essa viole ncia a loucura de Lopez que preferia sacrificar toda a nação antes que submetter-se. Retirando-se para a cordilheira de Ascurra, Lopez reuniu antigos elementos esparsos e outros novos cerca de 16000 homens com 110 canhões, e formou um novo exercito. Então tomara o commando dos alliados o Conde d'Eu, esposo da princeza imperial D. Isabel. Agora renascia a lucta, menos brilhante, porem cheia de difficuldades pois o theatro da guerra era o interior e o sertão virgem do Paraguay. Os alliados tomaram *Pirebebuy*,

a nova capital de Lopez, bateram Caballero com o grosso das forças inimigas em *Campo Grande*. Estava arruinada a resistencia paraguaya que apenas se limitara agora a pequenas sortidas com os fragmentos do exercito vencido.

Começou uma guerrilha feroz de surprezas e emboscadas á caça do misero dictador. Barbaro epilogo que não deixava de empannar o brilho das nossas grandes victorias.

Expedições parciaes foram lançadas á cata do tyranno fugitivo. Uma d'ellas a do General Camara surprehendeu Lopez em Cerro Corá, ás margens do *Aquidaban*, quasi na fronteira de Matto Grosso. Lòpez tinha apenas uns poucos soldados fieis que o acompanhavam; não quiz entregar-se e foi morto por um dos nossos soldados (1° de março de 1870).

Já por esse tempo funccionava em Assumpção um governo provisorio de paraguayos organisado por Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) que decretou a emancipação dos escravos da republica.

8.

A Abolição e a Republica.

Em todo o seu reinado sempre D. Pedro II procurou incutir nos seus ministros o sentimento de que era necessario fazer alguma cousa em favor da emancipação dos captivos.

—

Fomos dos ultimos povos a fazer a emancipação dos escravos; a questão era entre nós mais difficil que n'aquelles que, apenas um seculo para cá e na Europa, fizeram a abolição.

Nos paizes coloniaes, nas possessões tropicaes européas, a escravidão durou até os meiados do seculo; e até nos Estados Unidos, onde a vida industrial já poderia compensar a ruina da lavoura, e onde a população escrava era relativamente duas vezes menor que a nossa, a abolição custou o sacrificio da mais cruel e monstruosa das guerras civis.

A lei que entre nós desde 1831 aboliu o trafico, só veiu a ser cumprida em 1850 (Eusebio de Queiroz). Mas a suppressão do infame commercio não extinguiu a escravidão.

A guerra civil dos Estados Unidos veiu de novo relembrar a questão, e mostrar ao mesmo tempo que só com meditada prudencia e successivas reformas poder-se-iam evitar as atrocidades hediondas da guerra da seccessão.

A politica do Imperador era a da emancipação gradual. Com sympathia approvou elle um projecto do conselheiro Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente) (1866) que correspondia ás suas vistas; mas os governos d'então não queriam assumir a responsabilidade da reforma e em todo o caso pediam que fosse adiada para quando terminasse a guerra do Paraguay. Em 1867, o Conselho d'Estado approvava as differentes disposições d'aquelle projecto, excepto a que fixava a emancipação total para 31 de dezembro de 1899.

Acabada a guerra parecia-se protelar a reforma cujo principio era completar a suppressão do trafico de 1850, tornando livres os recem-nascidos. Mas triumpharam os desejos do Imperador que organisou um gabinete com Pimenta Bueno (29 de Setembro de 1870) dando-lhe o ensejo de representar a opinião no momento em que ella ia manifestar-se pela reforma; mas Pimenta Bueno timido e sem experiencia das tempestades politicas resignou o poder que coube então ao Visconde do **Rio Branco**. A 28 de

Setembro de 1871 foi votada a grande lei, no mesmo dia sanccionada pela princeza.

Era assim entre nós applicada a forma da abolição já decretada em varios paizes e mesmo em Portugal no tempo de Pombal.

Com essa lei estava acabada a escravidão; mas alguns espiritos liberaes e outros exaltados proseguiram na campanha da abolição que queriam o mais breve ou immediatamente. Formou-se então um partido abolicionista, a que se alliaram os homens da imprensa das cidades, litteratos e politicos, oradores e escriptores. Começaram as concessões dos governos que se tornariam impossiveis desde que não soubessem transigir. Vem então o projecto Dantas, que não se transformou em lei; a lei Saraiva-Cotegipe de 1885 que não podia satisfazer os abolicionistas. Por iniciativa privada as provincias do Ceará e Amazonas libertam-se da escravidão negra (1884); agricultores do sul e do norte dão o exemplo libertando os seus escravos. E em alguns logares os escravos abandonam o trabalho.

A princeza imperial então regente emquanto o Imperador convalescia de grave molestia na Europa, encarregou de organisar novo ministerio ao senador Joao Alfredo, e do qual veiu fazer parte outro senador, um dos grandes fazendeiros que tinham tomado a iniciativa de emancipar os seus escravos. Na tribuna da Camara notavel abolicionista recebia o ministerio, dizendo que d'esse momento em diante cessava a voz dos partidos. Foi assim proposta a lei da abolição immediata da escravidão (1888, **13 de Maio**) recebida com os applausos quasi unanimes, da nação.

Entretanto essa lei, mais que todas humana e christã, ameaçava o trabalho e feria gravemente os interesses dos agricultores; ainda havia no Brasil mais de setecentos mil escravos que representavam o valor approximativo de quinhentos mil contos. A humanitaria reforma produziu pois innumeros descontentes entre aquelles que represen-

tando a fortuna publica, eram por isso mesmo os esteios da Monarchia conservadora, instituição a custo tolerada pela população das cidades e mal soffrida pelos exaltados radicaes que estavam quasi todos, como era natural, entre os abolicionistas.

Muitos dos agricultores passaram-se ao partido republicano ou ficaram indifferentes ao ataque das instituições; e quando outros descontentamentos surgiram nas fileiras do exercito e a imprensa republicana com habilidade os aprofundou, umas e outras forças reunidas levantaram-se em revolta e depondo as antigas instituições proclamaram a **Republica** (15 de novembro de 1889).

Nota A.

(Pag. 13 e seguintes)

Primeiras explorações. Não citamos pelas razões dadas senão uma unica de Americo Vespuccio. Mas ha certeza de duas de Vespuccio dos annos 1501 e 1503, respectivamente commandadas por *André Gonçalves* e *Gonçalo Coelho* (pg. 15); ainda devem ser citadas as de *Fernando de Noronha* (que descobriu a ilha d'este nome) a de *João Coelho* que reconheceu a costa N. do Cabo de S. Roque ao Maranhão; ambas de 1503. A expedição de 1505 *(D. Nuno Manoel?)* descobriu o rio da Prata e percorreu a costa meridional até a bahia de S. Mathias, na Patagonia. D'ahi em diante contam-se as esquadras que arribam para refrescar nos portos do Brasil, as da India, de Affonso d'Albuquerque e Tristão da Cunha; as hespanholas de Solis e Pinzon (1508), ainda uma vez Solis (1516) Magalhães (1519) Garcia e Caboto (1526). Deste ultimo anno é afinal a expedição de *Christovão Jacques* (V. **Barão de Rio Branco** — *Le Brésil par Levasseur).*

Bibliographia.

Foram muitos os materiaes de que dispuz durante a composição d'este livrinho. O mais importante foi a collecção da *Revista Trimensal do Instituto Historico* e depois d'ella, as obras dos nossos antigos escriptores e chronistas. Dos escriptores modernos apenas mencionarei aqui os que são vivos e de cujos trabalhos uma

ou outra contribuição me aproveitou; são elles Joaquim Nabuco, Rio Branco, Ramiz Galvão, Silvio Romero, José Hygino, Araripe Junior, Alencar Araripe, Oliveira Lima, Capistrano de Abreu, José Verissimo, Teixeira de Mello, Homem de Mello, Th. Sampaio, Zeferino Candido, Felisbello Freire, L. Azevedo, Moreira Azevedo, Padre Galanti, Mattoso Maia, G. Studart. e outros.

Em algumas cousas segui o pouco conhecido mas excellente livro de Handelmann *(Geschichte von Brasilien)* que me parece ser a melhor historia do Brasil depois da de Southey; a de Varnhagen ainda que a mais exacta e erudita não tem os attractivos da verdadeira historia, e o seu autor é alheio a toda a emoção que não seja puramente critica, a de verificar datas, notar e descobrir os desacertos ou falhas dos que lhe desagradam.

Seguimos á letra as indicações de Martius sobre a legislação a respeito dos indios *(Reise im Brasilien*, III S. 925-935) e do trafico de escravos (*Ibidem* II, S. 664-570, e os admiraveis conselhos da sua dissertação : *Como se deve escrever a historia do Brasil* (na *Rev. Trim. do Instituto,* t. 6).

ERRATA

—

PAG.		CORRIGA-SE PARA
12	Invenção de S. C.	Invenção da S. C.
35	se enfraquece	logo se enfraquece
36	prevalecer	a prevalecer
39	d'esse momento	n'esse momento
39	Orenoco	o Orenoco
41	leterado	lettrado
45	o mundo, desfez-se	o mundo. Desfez-se
55	quanto podiam	quanto podia
60	morigerada	um pouco morigerada
84	buscaram afinal	buscam afinal
85	com as quaes	com o qual
85	governado	governador
90	propaga	se propaga
116	monopolisar	monopolisando
117-121	2 (capitulo)	8.
127	imaginação de crimes	realisação de crimes
155	intercambio das mercês	intercambio das mérces.
157	No primeiro	Nos primeiros tempos
160	formouse	formou
188	(nota) Amazonas	Amazonia
195	commette	commettia
197	rebentaram ahi	rebentam ahi
204	apenas occupa	apenas occupam
220	(nota) Yond	Youd
246	a tal sentença	tal sentença.

Poder-se-iam ainda corrigir alguns outros erros insignificantes Estes mesmos que aqui se notam, raras vezes prejudicam o sentido.

ALFREDO SOARES. Elementos de Trigonometria 1 vol. cart. 4$000
ANTONIO TRAJANO. Arithmetica Primaria 1 vol. br $500
DITO. Arithmetica Elementar 1 vol. cart .... 1$500
DITO. Arithmetica Progressiva 1 vol. cart .... 4$000
DITO. Chave da Arithmetica Progressiva 1 vol. br .... 1$000
AZEVEDO COIMBRA. Pontos de Arithmetica 1 vol br....... 2$000
BENSABAT. O Francez sem Mestre em 50 Lições 1 vol. cart... 10$000
DITO. O Inglez sem Mestre em 50 Lições 1 vol. cart. .... 10$000
DITO. O Italiano sem Mestre em 50 Lições 1 vol. cart...... ... 10$000
DITO. Grammatica Ingleza (Theorica e Pratica) 1 vol. cart.... 8$000
BENTO JOSÉ DE OLIVEIRA. Nova Grammatica Portugueza 1 vol. enc.. 3$000
BRUNSWICK. (Methodo de Ahn) Curso da Lingua Franceza 1 vol. cart... .... 4$000
DITO (idem). Curso da Lingua Ingleza 1 zol. cart........... 4$000
DITO (idem). Curso da Lingua Hespanhola 1 vol. cart......... 4$000
DITO (idem). Curso da Lingua Italiana 1 vol. cart .... 4$000
CASTILHO (A. F.) Tractado da Metrificação Portugueza 1 vol. cart .... 3$000
CLAIRAUT. Elementos de Geometria trad. por José Feliciano 1 vol. cart.. 6$000
DUARTE. Geometria Pratica 1 vol. enc......................... 8$000
EDUARDO DE LIMA. Principios Geraes de Algebra Elemetar 1 vol. cart.. 5$000
DITO. Curso Médio de Arithmetica 1 vol. cart.. .... 2$000
ESPINEY. O Allemão sem Mestre 1 vol. cart .... 10$000
GALVÃO. Syllabario Portuguez 1 vol. cart .... 1$000
JOÃO DE DEUS. Diccionario Prosodico 1 vol. enc............. 12$000
JULIO RIBEIRO. Grammatica Portugueza 1 vol. cart........ 5$000
LEMOS (Maximiano). Elementos de Botanica 1 vol. cart...... 6$000
DITO. Elementos de Geologia 1 vol. cart........................ 6$000
DITO. Elementos de Zoologia 1 vol. cart......................... 6$000
M. M. JARDIM. Arithmetica Elementar 1 vol. cart........... 1$000
MONSENHOR REIS. Cathecismo da Doutrina Christã 1 vol. cart .... 1$000
OLLENDORFF. Novo Methodo. para aprender a ler, escrever e fallar a Lingua Ingleza em seis mezes 1 gr. vol. enc.......... 8$000
PEDROSO (Consiglieri). Compendio de Historia Universal 1 vol cart.. 6$000
PREFUMO. Grammatica da Lingua Italiana 1 vol. enc........ 4$000
RAPOSO BOTELHO. Compendio de Historia Universal 1 vol enc.. 10$000
RODRIGUEZ. Grammatica Hespanhola 1 vol. cart.......... .. 2$500
SAAVEDRA. Rudimentos de Chimica Experimental 1 vol. cart. 5$000
DITO. Rudimentos de Physica Experimental 1 vol. cart........ 6$000
DITO. Zoologia Elementar 1 vol. cart.......................... 7$000
SALLABERRY. Lição de Geographia Geral 1 gr. vol. cart.... 6$000
SALAMONDE (Abbade). Cartilha da Doutrina Christã 1 vol. enc.... .... [illegible]$000
SEVENE. Nova Grammatica Franceza 2 vols. enc.... .. .. 3$000
VASQUES. Elementos de Arithmetica Commercial 1 vol. br.. 2$000